

Mais de 1 milhão de exemplares
vendidos na Europa

Monika Peetz

*As mulheres
de terça-feira*



Casa da Palavra

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

Ficha Técnica

Originalmente publicado em alemão com o título Die Dienstagsfrauen, by Monica Peetz. © 2010 Verlag Kiepenheuer & Witsch GmbH & Co. KG Underlying direitos licenciados pela corporação ARD/licenciado pela

Degeto Film GmbH

Copyright © 2013 Casa da Palavra

Todos os direitos reservados e protegidos pela Lei 9.610, de 19.2.1998.

É proibida a reprodução total ou parcial sem a expressa anuência da editora.

Este livro foi revisado segundo o Novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Direção editorial

Martha Ribas

Ana Cecilia Impellizieri Martins

Editora: Fernanda Cardoso Zimmerhansl

Editora assistente: Beatriz Sarlo

Copidesque: Carolina Rabelo

Revisão: Lilia Zanetti

Capa: Marianne Lépine

Foto de capa: © David Franklin/Getty Images

© Fotolia

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

P421m

Peetz, Monika

As mulheres de terça-feira / Monika Peetz ; [tradução Peterso Rissatti]. - Rio de Janeiro : Casa da Palavra, 2013.

Tradução de: Die Dienstagsfrauen

ISBN 9788577343676

1. Romance alemão. I. Rissatti, Peterso II. Título.

13-1876. CDD: 833

CDU: 821.112.2-3

CASA DA PALAVRA PRODUÇÃO EDITORIAL

Av. Calógeras, 6, 1001 – Rio de Janeiro – RJ – 20030-070

21.2222 3167 21.2224 7461

divulga@casadapalavra.com.br

www.casadapalavra.com.br

Para Peter Jan, Lotte e Sam

1

—Vai logo, Tom! Levanta a bunda daí! – gritou Luc. – As clientes vão chegar a qualquer momento.

O dono do Le Jardin enxotou seu novo garçom sem dó. A cada instante, choviam ordens sobre o jovem.

Eu disse cinco copos.

Essa louça não.

Onde ficam as flores?

Eu tenho que cuidar de tudo sozinho?

Tom não entendeu bulhufas. Por que Luc fazia tanto alvoroço? Não tinha ninguém no livro de reservas que justificasse essa atitude.

– Não temos nenhuma reserva para a mesa da lareira.

Luc parou um instante, como se aquela fosse a observação mais idiota que já tinha ouvido na vida.

– Você olhou o calendário?

– Claro.

– E?

– Hoje é terça-feira.

Luc aumentou a voz:

– A primeira terça-feira do mês. Isso significa...

– Algum feriado francês? – Tom arriscou.

Luc respirou fundo. Talvez tivesse sido um erro dar uma chance a um jovem desempregado que acabara de largar a escola. A única experiência gastronômica de Tom vinha de sua mais tenra idade. Certa vez, um idiota movido pelos hormônios participou da concepção do rapaz no restaurante do clube esportivo TSV Euskirchen. Infelizmente, esse idiota era o próprio Luc. Por isso, foi difícil dizer não quando, cinco semanas antes, a ex despejou o infeliz produto de seu caso amoroso na soleira da porta. O rejeitado tinha 19 anos e era a cara da mãe. Na opinião de Luc.

– Minhas clientes mais fiéis fizeram reserva para as oito, como toda primeira terça-feira do mês. Eu ainda era garçom quando elas começaram a vir.

Luc se empolgou e seu sotaque de Colônia denunciou que ele de francês nada tinha, sendo “Luc” apenas um nome artístico. No entanto, a proximidade com o *Institut Français* contribuía para não mudar nada na orientação do restaurante.

Tom continuava sem entender.

– E daí?

Luc suspirou uma segunda vez. Aos 65 anos, já precisava começar a pensar num sucessor. Mas como deixar claro para um filho tolo o que havia de tão especial nessas cinco mulheres? Havia quinze anos frequentavam seu estabelecimento. No começo, todas as terças-feiras, depois uma vez por mês.

Era um dia chuvoso e sem muito movimento e Luc estava prestes a fechar quando as cinco, ensopadas e aos risinhos, chegaram à porta do restaurante. Cinco mulheres que não poderiam ser mais diferentes umas das outras: Caroline, a advogada fria, esportiva, de rosto talhado com traços clássicos; Judith, pálida, magra e transparente; Eva, a médica durona recém-formada; Estelle, indiscutivelmente uma cidadã do mundo; e a mais nova, Kiki, que estava terminando a escola, luminosa como uma borboleta colorida.

Foi Caroline quem convenceu Luc a abrir algumas garrafas. A eloquente advogada tinha, na época, a última palavra. No entanto, foi ideia de Judith sair para beber algo após o curso de francês.

– Quero aproveitar minha noite livre até a última gota – explicou. Mais tarde ficou claro que Judith havia mentido ao ex-marido, Kai, dizendo que seu chefe exigiu e estava pagando um curso de francês para ela. Sabia que seu marido pedante ia para a cama pontualmente às 22h30 e não perceberia que, a partir daquele dia, todas as terças-feiras ela chegaria cada vez mais tarde. O curso de francês marcou o começo do fim daquele casamento. Judith mentia para Kai sobre os cursos e continuava a se encontrar com as amigas. Passou-se uma pequena eternidade até as amigas encherem Judith de coragem para acabar de uma vez por todas com seu casamento infeliz. Com os anos, Luc observou como, de uma secretária

insegura, surgira uma mulher que, com a ajuda do esoterismo e da sabedoria oriental, buscou o próprio caminho.

Luc acompanhava o passar dos anos das mulheres de terça-feira. Foi testemunha de como Caroline, jurista talentosa, transformou-se numa famosa advogada criminalista; como Eva, médica apaixonada, pendurou o jaleco e constituiu uma família; e como a estudante Kiki cresceu. Em quinze anos, tudo mudou. O Le Jardin também cresceu e passou de lugarzinho recomendado por amigos a ponto de encontro da moda, e Luc, o garçom, passou a ser proprietário. Apenas a luxuosa Estelle, a mais experiente das mulheres de terça-feira, permaneceu fiel a si mesma. Era importante que notassem sua riqueza, sua segunda residência em St. Moritz e suas habilidades no golfe. Luc achava que ela já havia nascido num terninho Chanel.

– As cinco mulheres que vieram aqui faz pouco tempo.

A ficha de Tom finalmente caiu. O rosto todo iluminou-se.

– Aquela mais nova também vem? A de pernas compridas e saia curta?

– Kiki? Tire os olhos de Kiki! – alertou Luc.

– Mas ela parece bacana.

Luc sabia bem. Kiki não era bacana. Kiki era maravilhosa. Alegre, frenética, cheia de energia, bem-humorada e apaixonada. Afirmava que “falta de sexo dá espinha”. Queria aprender francês pois, na viagem que fez após terminar a escola, apaixonara-se perdidamente por Matthieu, de Ruão. Achou que daria um novo impulso ao relacionamento se pudessem ao menos conversar. Infelizmente, logo após quatro horas de “Francês para Iniciantes”, percebeu que Matthieu gostava mesmo era de falar da ex-namorada. Deixou-se consolar por Nick. E por Michael. Kiki sonhava com um relacionamento sério, mas amava mais o sexo que os homens que dele participavam.

“O bom de ser solteira é que posso me concentrar na vida profissional”, tentava se convencer. Era solteira, agora faltava apenas uma carreira de verdade. Seu emprego atual, no renomado estúdio de design Thalberg, não trouxe o tão esperado sucesso. Kiki fazia parte da equipe de designers que trabalhava para Johannes

Thalberg. Mente criadora e fundador da empresa, ele desenhava móveis, luminárias, acessórios de sala e cozinha, às vezes também a decoração completa de lojas e hotéis. Kiki ainda não havia conseguido se destacar no grupo de designers, mas acreditava no amanhã. Cada dia, um novo dia.

– Agora conta – pressionou o jovem garçom.

Luc poderia contar muitas coisas, não apenas as histórias dos homens de Kiki. As cinco mulheres nem sonhavam o quanto Luc conhecia de suas vidas. Observador, sabia até das tradicionais viagens de muitos dias das mulheres de terça-feira. Não surpreendia que anedotas a respeito das viagens anuais aquecessem, finalmente, as rodadas de terça-feira, levando a regulares explosões de gargalhadas.

Na primeira viagem, isolaram-se nas montanhas do Reno a fim de estudar para a prova de francês. O fim de semana de estudos das mulheres de terça-feira foi um grande sucesso; a prova, nem tanto. Kiki e Estelle nem apareceram. Na época, Kiki estava ocupada com a linguagem corporal francesa e Estelle concluiu que uma casa de veraneio na França era *out* e no Algarve era *in*. Por que então continuar a aprender francês? O estômago da jovem médica, Eva, revirava de empolgação, de modo que passou grande parte do tempo da prova no banheiro do *Institut Français*. Mais tarde souberam que a empolgação dizia menos respeito à prova do que a seu novo calculador de ciclo fértil, que ainda não sabia usar direito. Justamente por isso David, seu primogênito, estava a caminho. Sete meses depois, nasceu com mais de quatro quilos e 57 centímetros. Por causa dele, Eva nunca mais foi a mesma. Nem com os exames de francês, nem com a vaga de assistente no Hospital do Coração de Paris. Até hoje guarda o contrato assinado: “Símbolo da vida que eu quase tive”, dizia.

Judith fez a prova como devia e não passou. A quantia gasta em terapia para tratar o medo da prova, afanada secretamente do orçamento doméstico de Kai, poderia ter sido usada de forma muito mais razoável. Apenas Caroline, advogada formada com louvor, passou na prova, com nota máxima, obviamente. Ela brilhava com

seu francês perfeito. Embora Luc acompanhasse a carreira da moça pelos jornais, para ele nunca ficou claro por que precisava do idioma: nenhum criminoso perigoso com o qual a advogada criminalista já se envolvera sequer tentou assaltar o Louvre, sequestrar um avião da Air France ou explodir a torre Eiffel. Mesmo o marido de Caroline, Philipp, clínico geral em Lindenthal, preferia passar as férias na Itália. Nenhuma vez os dois filhos de Caroline precisaram de ajuda com o dever de casa de francês. Como os quatro filhos de Eva, os de Caroline não tinham problemas na escola.

Luc poderia ter contado histórias ao seu curioso filho por horas a fio. No entanto, sua boca era um túmulo. O dono do restaurante era esperto o suficiente para nunca deixar as mulheres perceberem o quanto revelavam involuntariamente. Luc era acompanhante e admirador silencioso das mulheres de terça-feira, que faziam do Le Jardin seu confessionário.

A mesa estava posta com perfeição, o *chef*, preparado, as velas, queimadas pela metade.

– Onde elas estão?

Inquieto, Luc controlava o horário. Quinze para as oito.

Era muito comum que grupos do *Institut Français*, que ficava nas proximidades, viessem ao Le Jardin. Incomum era que dali surgisse uma amizade para a vida toda. Absolutamente estranho era, contudo, que a mesa das mulheres de terça-feira ficasse vazia naquele dia.

Quando Luc fechou seu restaurante pouco antes das onze, sem que Caroline ou uma das outras aparecesse, ele sabia que alguma coisa estava errada. Mais errada que qualquer coisa que tivesse visto nos últimos quinze anos.

2

—Precisamos cancelar com o Luc.

Alguns dias antes, as amigas ainda falavam sobre isso. Quando a terça-feira chegou, nenhuma pensava mais a respeito.

Arne, atual marido de Judith, estava no quarto andar do Hospital Sankt Josef, em Colônia. Quarto andar. Com essas duas palavras de pouca importância, os médicos e enfermeiros descreviam quase amigavelmente a ala dos leitos de morte. Tudo ali era atenuado. A luz, as vozes, e principalmente as esperanças. No quarto andar esperava-se pela morte. Arne aguardava havia seis dias. E com ele, Judith e as amigas de terça-feira, que se revezavam.

A doença de Arne foi como uma corrida de montanha russa. Cada arranque para cima revelava-se uma ilusão. Depois da subida, vinha a queda em ritmo alucinante. As notícias ruins chegavam numa sequência rápida:

Inoperável.

Exames de sangue ruins.

A quimio não adianta.

Apenas questão de tempo.

Por dezenove meses foi assim. Dezenove meses em que Arne e Judith evitaram o tema morte sempre que podiam. Judith tentou afastar o pensamento de que Arne logo não estaria mais a seu lado. Ainda assim, o fim deveria chegar.

— Devemos garantir que sempre uma de nós esteja ao lado de Judith — encorajava Eva ao dividir as amigas em turnos, cobrindo as 24 horas do dia. Contudo, foi ela a primeira a falhar. Lene, sua filha de 13 anos, bagunçou o cronograma da mãe ao cair de bicicleta e perder um pedaço do dente. Era impossível para Eva deixá-la sozinha nessa situação.

“Você pode me substituir?”, escreveu Eva numa mensagem de texto para Caroline.

“Vou despachar um processo rapidinho”, prometeu a advogada criminalista, que estava no meio de uma audiência.

Pouco antes de o revezamento acontecer, Eva precisou se despedir. Assim aconteceu aquilo que todas queriam ter evitado: Judith estava pela primeira vez totalmente sozinha no quarto andar. Consigo e com medo.

– Faremos para a família uma despedida tão discreta quanto possível! – prometeu a enfermeira robusta, com forte sotaque do leste europeu. De vez em quando, trocava as infusões e trazia para Judith um chá com suspeito cheiro de rum.

– Ilegal, mas bom – murmurou com ar conspirador. – Medo, solúvel em álcool.

– Muito obrigada, enfermeira...

Como era o nome dela? Judith gostaria de tê-la chamado pelo sobrenome, mas não conseguia ver sentido algum na sequência bizarra de consoantes que ondulava para cima e para baixo no enorme peito tcheco da enfermeira.

– Os tchecos são extremamente avarentos com vogais – Arne brincou no primeiro dia, num momento de surpreendente clareza. – Eles deveriam negociar a liberação das vogais com os finlandeses.

Judith sorriu, cansada.

– É verdade – insistiu Arne, com voz fraca –, pegue a palavra sorvete. Os tchecos dizem *zmrzlina*. E os finlandeses? *Jäätelöä*.

Judith não tinha ideia se era verdade. Entendia bem apenas por que Arne fazia aquilo: mesmo no leito de morte, tentava animar Judith, até perder as forças.

Indefesa, Judith precisou assistir Arne, cada vez mais magro, afundar nos travesseiros, o nariz cada vez mais pontudo, a respiração cada vez mais leve. Suas mãos tremiam como se quisessem sair voando. A cada minuto, desaparecia o homem grande e forte pelo qual se apaixonara perdidamente havia cinco anos, apesar da barba que fazia cócegas e da predileção por camisas de flanela xadrez.

– Parece que vai pegar uma guitarra e cantar sobre uísque, mulheres e pistolas – sussurrou Estelle, alto demais, para as amigas, quando o encontraram pela primeira vez.

– Tenho um rosto achatado e um péssimo gosto para roupas. É coisa minha – retrucou Arne, também malcriado.

O mesmo sentiu por Judith. Ela era “coisa dele”. Sessenta e três dias depois de tê-la encontrado em uma livraria, entre a prateleira de feng shui e budismo, casaram-se em um barco no rio Reno.

– Tudo corre, como o rio – anunciou Arne. – E é assim que gostamos.

As amigas de Judith não foram as únicas atropeladas pelos acontecimentos.

– Que grande prazer conhecer a Julia – gritou alegre uma tia robusta vestida de lilás. Exalava o aroma de naftalina e água-de-colônia.

– Ela se chama Judith – corrigiu Caroline pela enésima vez, já que não faltaram tias de Arne.

O rosto da senhora corou tanto que combinou com o tom de lilás.

– Não faz mal – interrompeu Estelle. – Também conhecemos Anton há poucos dias.

– Arne – advertiu a tia, sem se dar conta da piada de Estelle.

– Foi tudo tão repentino – as pessoas confirmavam mutuamente, chegando então ao “Quem imaginaria?”.

– Eu – disse Judith. – Soube desde o primeiro momento que envelheceria com Arne.

E agora o destino a levava ao quarto andar do hospital.

Lá fora, pela primeira vez em dias, o sol surgiu por detrás das nuvens. Nas enfermarias, começava o horário de visitas e, no quarto andar, o tempo parecia passar lentamente. Cinquenta e nove minutos até que a enfermeira aparecesse novamente, dez minutos para o chá, três minutos para arrumar o travesseiro de Arne, treze segundos até a gota com a solução de morfina se dissolver e escorrer pela mangueira transparente.

Onde estava Caroline? Todas as quatro amigas eram bem-vindas. A companhia era reconfortante. Eva trazia potinhos com guloseimas,

Estelle, uma fofoca quentinha, Kiki, o bom humor e uma brisa de frenesi. Esse agito era bem melhor que o silêncio mortal no qual se esperava pelo fim.

Um barulho veio do corredor: eram os agentes funerários. As pessoas os ouviam de longe. As camas da enfermaria rangiam. As macas dos agentes, contudo, rolavam sobre rodas de borracha macia no linóleo. Ouvia-se apenas esse zumbido fino, além dos passos pesados dos parentes que deixavam o quarto do falecido. Uma ou duas horas depois, vinha a turma da desinfecção, com seus carrinhos de limpeza chiando agudos. Então, novamente uma cama rangia. Judith ouviu algumas vezes, nos últimos dias, essa canção fúnebre. Talvez fosse pior que a respiração de Arne.

Antes de Arne ficar doente, eram milhares as vontades de Judith. Agora, tinha apenas uma: poder ouvir a voz dele mais uma vez, seu riso solto, sentir ainda uma última vez as mãos em sua pele. Uma vez mais. Por favor.

Judith não sabia como continuaria a viver sem Arne. Não conseguia imaginar que sairia do quarto andar para uma casa vazia. Como dormiria novamente na cama em que tinham deitado juntos? Ela nunca gostou daquele móvel grande e desajeitado que ocupava quase todo o quarto.

Que estranho. Judith logo festejaria seu quadragésimo aniversário e nunca havia comprado uma cama própria. Aos 17, deixou na casa dos pais o beliche que dividia com o irmão, oito anos mais novo, e mudou-se para a casa de um namorado. Kai tinha 27 e era dono de um colchão largo de oitenta centímetros. A cada movimento, ela raspava o braço na parede, que mais parecia um ralador. Kai tinha misturado serragem com a tinta branca.

– Papel de parede prensado genuíno é muito caro – ele afirmava.

Judith amava tapetes de parede em cores quentes, mas a casa era de Kai. Também era dele o dinheiro e a visão de mundo. Além do papel de parede prensado, a economia e as alianças de casamento. Mesmo no sexo, Kai amava os cálculos. Beijava sempre primeiramente uma diagonal até chegar ao umbigo e avançava em

paralelo com as palmas da mão até a coxa direita, como se tivesse aprendido de cor num livro de autoajuda sexual. Após alguns anos a seu lado, Judith ficou tão congelada por dentro que fugiu para Wolf, dono de um colchão d'água. Mais tarde, fugiu para Arne. Kai colocava jornais no banco do carro quando chovia. Arne dançava descalço pelo parque e lavava os pés em poças d'água.

– Teoricamente – Arne sussurrou com esforço. Judith deu um pulo de susto. Há dias o silêncio dominava o quarto e agora vinha uma palavra.

– Teoricamente – murmurou Arne novamente, levantou a mão e a deixou cair, exausto. O que Judith também presenciou, aproximando-se da boca de Arne, e nela permaneceu essa única palavra: “Teoricamente!”

No leito de morte, Thomas Mann exigiu seus óculos, Goethe, mais clareza e Jesus, segundo a lenda, não pediu mais nada. “Está consumado”, teria anunciado na cruz antes de voltar ao seu Pai celestial. Aos ouvidos de Judith parecia que cinco especialistas em marketing tivessem por muito tempo meditado sobre quais últimas palavras seriam mais eficientes numa crucificação. A última mensagem de Arne era esta sua última palavra: teoricamente.

Não fazia sentido. Seu primeiro marido, Kai, representava a teoria. Arne era quem aproveitava a vida na prática, um otimista incurável que ajudava tudo que estivesse entre o céu e a terra. Não fosse a doença, teria peregrinado para Lourdes, para a gruta de Nossa Senhora?

A porta abriu-se com tudo e arrancou Judith de seus pensamentos. Caroline. Finalmente. Finalmente! Aliviada, afundou a cabeça no ombro da amiga. Mesmo que a advogada não fosse alguém para quem abraços eram corriqueiros. Judith simplesmente se alegrou por não estar mais sozinha. Caroline acariciava as costas da amiga com suavidade:

– Sinto muito mesmo, Judith.

– Eva precisou ir embora por causa da história do dente de Lene. Ela caiu de bicicleta.

– Quando aconteceu?

A compaixão soava na sua voz. Caroline normalmente era a primeira a criticar quando Eva era tão monopolizada pela família.

– Ontem à tarde, quando voltava da escola. Mas o dentista quis dar uma olhada hoje de novo.

– Judith, estou falando de Arne.

Caroline fulminou Judith com um único olhar. Eram esses olhos alertas, espertos, íntegros que causavam medo nos adversários judiciais. E, às vezes, também em Judith. Buscando ajuda, virou-se para Arne e descobriu o que Caroline percebera à primeira vista. Arne tinha parado de respirar. A pele fina que recobria o rosto esquálido reluzia cinzenta. Foi-se silenciosamente, como se não quisesse assustar Judith.

3

Arne Nowak faleceu no início da noite de terça-feira. Deixou a mulher, Judith, uma casa com três quartos na Blumenthalstrasse, uma dúzia de camisas de flanela e uma bomba-relógio. No entanto, Arne tinha consciência de que estava preso ao quarto andar. Nesse estado de semiconsciência sombria para o qual a morfina o deslocava, lampejava sem clareza o pensamento aterrorizante: o diário, um Moleskine preto, ainda estava no armário. O local era seguro enquanto vivesse, mas disso ele esqueceu.

Seu otimismo inalterável pregou uma última peça: Arne recusava-se a acreditar que sua hora havia chegado. Cada dia convencia a si mesmo e a Judith de que o tumor ainda daria mais algum tempo. Toda noite orava pela prorrogação. Por que não queimara aquelas anotações suspeitas? Judith nunca deveria saber o que ele fez. Nenhuma mácula poderia perturbar a lembrança dos anos que passaram juntos.

Que seria quando Judith encontrasse o caderninho? Que seria quando ela contasse às amigas? O que aconteceria quando mostrasse as anotações a elas? Dez olhos veriam melhor que dois. Estelle tinha uma queda por escândalos, Caroline tinha um faro infalível para mentiras. Uma vez no quarto andar, ele não conseguiu mais vislumbrar as consequências caso a verdade viesse à tona. Não apenas para Judith, mas também para as amigas.

Teoricamente...

“Teoricamente você pode começar a jogar fora minhas coisas, você não precisa se incomodar com as tranqueiras antigas.” Ele diria.

O pensamento desapareceu antes que fosse concluído.

“Teoricamente”, ele começou, então perdeu o fio da meada e a concentração. Por um momento, acreditou precisar fazer algo importante; no próximo estava lá apenas o cansaço. Um véu de

languidez cobriu todas as preocupações. A boca estava seca. Para ele, tanto fazia. Não tinha vontade sequer de respirar.

Às vezes, uma palavra penetrava na névoa, às vezes sentia a mão de Judith na sua. Com esforço, abria as pálpebras, via os olhos úmidos de Judith e voltava a esquecê-los no próximo segundo. Nada permanecia e era impossível corrigir qualquer erro. Às vezes, nem sabia mais onde estava. Tudo tinha um cheiro muito estranho, de dias deixados para trás havia muito tempo, de cigarro. Os velhos cigarros Eckstein nº 5. Ele logo reconheceu a marca, seu avô fumou essa coisa após a guerra. "O diário, talvez o avô pudesse... eu deveria..." passava pela cabeça dele. Então, nada mais passou.

Arne Nowak morreu com a sensação difusa de ter esquecido algo importante. Ele tinha razão.

4

Foi um enterro digno e, em seguida, um jantar impressionante no Le Jardin. “A chatice da morte, o discurso”, Arne teria reclamado. No entanto, os convidados estavam satisfeitos. O remorso corroía apenas Judith.

A sensação de não ter feito o melhor durante o tempo que estiveram juntos crescia nela como um tumor. Judith castigava-se com acusações. Estragou tantos momentos na vida a dois. Sentia falta dos primeiros dias felizes com Arne: café da manhã na cama, almoço na cama e à noite dormir juntinhos sobre as migalhas de pão. Como gostaria de reclamar novamente sobre a sujeira na cama!

Seis meses após a morte de Arne, Judith teve a sensação de que havia chegado ao fundo do poço absoluto. Sem o contrabaixo, sem o barulho característico dos chinelos e dos papéis que deixava por toda a parte, a casa parecia estranha. Não tinha coragem de jogar fora as coisas de Arne, que agora eram inúteis: um gancho vazio atrás da porta, um criado-mudo órfão, uma prateleira inútil no banheiro. Judith não tinha nada com que pudesse preencher as lacunas que Arne havia deixado.

Até aquele dia, ainda não tinha ousado tocar no guarda-roupa. Com cuidado, empurrou a porta para o lado. A mão deslizou suavemente sobre o casaco de couro, a jaqueta de veludo que usava na livraria, com apliques ovais de couro nas mangas e, por fim, as camisas. Aquelas peças de roupa de gosto duvidoso, tão vergonhosas no passado, agora traziam uma lembrança tão doce. Com delicadeza, puxou uma das peças de flanela marrom, verde e laranja. Algo caiu. Um objeto. Um caderno. O diário de Arne.

Na capa preta, Arne havia colado com fita adesiva um santinho: à beira de um riacho, cercada de ovelhas, uma menina rezava para a aparição de Maria. Judith conhecia a história que se escondia por trás da imagem. A menina era Bernadette Soubirous, filha de um

moleiro, para quem mais de 150 anos atrás aparecera a Virgem Maria. Lá, onde a pequena teve suas visões, estende-se hoje a via de peregrinação de Lourdes. Lá, milhares de romeiros buscam diariamente cura e fortalecimento. Peregrinos como Arne.

Arne havia começado seu caminho para Santiago de Compostela dois anos antes do diagnóstico de câncer. Dois mil e quatrocentos quilômetros separavam a porta de sua casa em Colônia do portal ocidental da imponente catedral espanhola que abrigava o túmulo do apóstolo Tiago, o Maior. Arne dividira o caminho em etapas que precisavam de duas a três semanas para serem cumpridas. Professor de uma escola profissionalizante, tinha mais férias que Judith, que na época do casamento trabalhava na recepção de um centro terapêutico em Colônia, indicando aos visitantes o caminho para fisioterapeutas, ergoterapeutas, *dançaterapeutas*, *jogoterapeutas* e fonoterapeutas, todos reunidos sob o mesmo teto. Após a morte de Arne, Judith pediu demissão, contrariando o conselho das amigas.

A viagem de peregrinação de Arne estava planejada para muitos anos. Registrava meticulosamente as estações de sua viagem em um diário. Às vezes, Arne mostrava a Judith uma página: um desenho, um poema, um cartão-postal que colava em suas etapas. Judith havia esquecido que o caderno existia. Agora, parecia o legado mais importante do marido. Imersa, folheou as páginas sobre a viagem de peregrinação.

Judith sequer percebeu que o telefone tocava, de tão agitada que ficou pelo reencontro com os pensamentos de Arne. Página por página, andou com ele pelo Caminho de Santiago até o texto ser interrompido no meio da frase. Após receber o diagnóstico de câncer, Santiago de Compostela virou algo inalcançável. Arne alterou a rota. Seu objetivo e sua esperança ficaram apenas em Lourdes, que corria num trecho paralelo ao do Caminho de Santiago. O caderno preto de anotações o acompanhou também nessa última viagem, para a qual escolhera a praia de Narbonne como ponto de partida. Na época, havia planejado 430 quilômetros até Lourdes, divididos em dezessete etapas. O branco virginal das últimas cinquenta páginas e a realidade trágica por trás dele atingiram

Judith como um raio. Arne esperava encontrar a cura na fonte de Bernadette. Nunca chegou a Lourdes. Totalmente exausto, interrompeu a viagem. Seis semanas depois, estava morto.

Nos meses após a morte de Arne, Judith ficou presa a um estado de prostração. Na maioria dos dias conseguia apenas o mais essencial: Inspirar. Expirar. Inspirar. Expirar. Agora estava mais do que claro o que devia fazer.

5

Caroline estava preocupada. O processo mal tinha terminado quando discou mais uma vez o número de Judith. Tentou falar com a amiga a tarde toda. Era novamente a primeira terça-feira do mês e Caroline queria ter certeza de que Judith não esqueceria o compromisso. Ela não podia faltar de modo algum, pois decidiram a viagem anual.

Uma colega advogada a cumprimentou pelo processo vencido. Caroline quase não percebeu. Tinha uma sensação de pressão no estômago. Se Judith não aparecesse no Le Jardin, seguiria imediatamente para a Blumenthalstrasse.

Passos pesados interromperam sua linha sombria de pensamento. Estelle sempre afirmava que era possível ouvir a diferença entre sapatos caros e baratos pelo barulho do passo. Plástico rangia. Aqui soavam como solas de couro caras: sapatos de advogado. De fato, o representante da parte vencida, Paul Gassner, tentava freneticamente alcançá-la. Isso porque ela tinha acabado de arruinar seu dia e seu relacionamento com o cliente. A propósito, não era a primeira vez. Gassner era charmoso, mas Caroline não estava a fim de uma revisão do caso. Tinha pressa em chegar ao Le Jardin e tentou dispensá-lo o mais rápido possível:

– O juiz proferiu a sentença a nosso favor, não temos o que discutir.

O advogado não se deixou abater. Ao contrário, sem qualquer aviso, apresentou uma proposta para ela.

– Sra. Seitz, quando a senhora vai se juntar a mim? Formaríamos uma equipe fabulosa!

Da forma como ele falou, fez parecer uma oferta imoral. Queria um encontro com ela? Deus do céu. Era casada, muito bem casada.

– Como o senhor sabe, sou comprometida. Profissional e pessoalmente.

E ponto.

O advogado não se deixou impressionar.

– Minha cara Caroline – tentou Gassner novamente –, sejamos sinceros. Não somos mais jovencinhos. Se a senhora quiser decolar novamente, esse é o momento certo.

Que audácia sem tamanho! Mas Caroline não deixou nada transparecer. Aprendeu em muitos processos criminais a não falar com total franqueza. Enquanto já fervia por dentro, permanecia tranquila por fora:

– Quem disse ao senhor que quero mudar minha vida?

– As crianças fora de casa, sem netos em vista. Seu marido tem o consultório, os congressos, o esporte, e a senhora? Uma vez ao mês o encontro com as amigas do curso de francês. Não pode ficar apenas nisso.

De repente, Caroline parou. Aquilo ecoou em sua cabeça. Como um estranho podia saber dessas coisas? Aonde queria chegar? Havia um ar de compaixão na voz de Gassner? Por um momento, ela esqueceu até mesmo sua preocupação com Judith.

– Não leve a mal se fiz toda essa investigação. No fim das contas é preciso saber quem trazer para o próprio escritório! – explicou o Sr. Bonitão Atrevido, com um sorriso insolente.

O olhar de Caroline disse tudo: não parecia se sentir valorizada sob a espionagem de alguém. No entanto, o homem mantinha um sorriso safado no rosto. Claro, se considerava o George Clooney da advocacia de Colônia. Caroline também sorriu, charmosa:

– Onde posso encontrar o senhor?

– Para mulheres inteligentes e boas notícias, estou disponível dia e noite.

Com a certeza de que conseguira uma chance com Caroline, Gassner rabiscou seu número particular em um cartão de visitas.

– A senhora pensará na minha proposta?

– Não! – disse Caroline, curta e grossa. – Mas quando eu precisar de informações sobre a minha vida e minha situação, entro em contato com o senhor.

Arrancou o cartão de visitas das mãos dele e o deixou para trás, perplexo.

Quando entrou no carro, um sorriso satisfeito iluminou seu rosto. Caroline gostava de ser cortejada, mas o colega não precisava saber disso.

– O advogado da parte contrária quis te aliciar?

As mulheres riam solto enquanto Caroline contava a história na mesa da lareira, meia hora depois.

– Como se eu fosse mesmo me envolver com alguém que me espiona – Caroline terminou assim a história.

Sentiu-se mais leve ao ver que Judith acabava de entrar no Le Jardin. A amiga parecia mais pálida e transparente que da última vez. Mas estava lá. Caroline ficou tão aliviada que esqueceu o advogado.

6

Nesse meio-tempo, Tom presenciou sete vezes a primeira terça-feira do mês. Sete vezes pôs a mesa da lareira, sete vezes tentou em vão chamar a atenção de Kiki.

Havia muito não precisava mais pensar sobre qual cardápio era adequado para quem. A salada era de Judith, que mal reagia quando servia a ela o prato feito com tanto carinho. Caroline, que se sentava à ponta da mesa como se tivesse a presidência, sempre observava Judith. As batatas assadas, os feijões, o bife, nada fazia com que ficasse satisfeita. Algo estava estranho com Judith. Mas o quê?

Estelle não percebeu nada. Com apetite voraz, destrinchava sua lagosta com molho espumante de estragão e crustáceos. Normalmente, Luc não colocava nenhuma firula luxuosa no cardápio. Para Estelle, fazia uma exceção mensal. Ela agradecia com generosas gorjetas e recomendações em seu círculo de conhecidos, que transformou o Le Jardin num sucesso. Mais que os pratos requintados, Estelle interessava-se pelos envoltivos amorosos. Divertia-se com a história do advogado:

- Caroline tem um admirador secreto.
- Tudo puramente profissional, Estelle.
- Quem contou para ele sobre nosso curso de francês? Já faz quinze anos – surpreendeu-se Eva.

Caroline também estava perplexa:

- Ele sabia até mesmo sobre os compromissos de Phillip. Melhor que eu!

Kiki suspirou fundo:

- Isso nunca aconteceu comigo. Ainda preciso agradecer quando consigo fazer o design de uma caneca de plástico para o Thalberg. Nunca ninguém quis me aliciar desse jeito.

Nesse momento, Tom flambava o prato de Kiki. Tentou impressioná-la com uma chama espetacular. Ela nem prestou atenção.

Decepcionado, Tom virou-se para Eva, que ainda segurava o cardápio. Enquanto as outras já estavam comendo havia muito tempo, Eva ainda não se decidira. Nervosa, puxava para baixo seu pulôver curto demais. Como suas amigas conseguiam sempre estar com a aparência tão perfeita? Para Eva, bastava apenas jeans, suéter e um rabo de cavalo.

– Fígado, talvez eu devesse comer fígado. Frido ama fígado.

As amigas rolaram os olhos para cima. Difícil acreditar que Eva fora, no passado, a mais ambiciosa do quinteto. Quinze anos de casamento com Frido e quatro filhos depois, ela não sabia mais do que gostava. Eva cozinhava e pensava apenas pelos outros.

– Quero o mesmo que ela – disse, para finalizar os serviços de Tom. Eva apontou para Judith que, de cabeça baixa, empurrava para lá e para cá algumas folhas de alface solitárias e minúsculas cenourinhas. Não precisava levantar a cabeça, pois sentia que, naquela noite, Caroline não lhe desviava a atenção, com aquele olhar marcante que conhecia desde o hospital. Esse olhar do qual não era possível fugir, que obrigava a pessoa a falar.

– Está tudo bem comigo... de verdade... estou saindo muito mais... apenas essa semana não cheguei a sair... troquei a grama do túmulo – murmurou. Judith não conseguia esconder que as lágrimas estavam prestes a brotar.

– Posso fazer algo por você? – perguntou Caroline.

– Chega de perguntas, Caroline, por favor. Senão vou chorar de novo e não quero mais chorar... – a voz dela tremia.

Havia seis meses as amigas viam como Judith se torturava. Era hora de fazer algo. Elas se esforçavam para animá-la.

– Vamos ao que interessa: para onde as mulheres de terça-feira vão viajar este ano?

Luc cutucou seu filho:

– Preste atenção no que vai acontecer agora!

De fato, mal Caroline falou essa frase e um tumulto começou. Estelle foi a primeira a falar o que queria:

– Quero dormir sob as estrelas. Nem precisam ser muitas. Cinco estrelas no hotel, duas no restaurante.

Kiki tomou a palavra de imediato:

– Preciso de cidade grande. Quero sair, ir para a farra. Solidão eu já tenho em casa. Vai chegar o dia em que apenas as operadoras de celular e sites de compra vão me dar parabéns pelo meu aniversário.

– Para mim, está tudo certo – rebateu Eva. – Eu acompanho.

Luc riu:

– Isso vai durar no mínimo uma hora. Então Caroline dá a voz de comando e a gente serve o champanhe de reconciliação.

Caroline tentava colocar ordem no evento com propostas concretas:

– Há pouco tempo, um cliente me contou algo sobre uma pousada na Áustria. Dá para fazer trilhas ótimas. E a quadra de tênis...

As outras nunca saberiam o que havia com a quadra de tênis, pois a opinião de Estelle já decidiu:

– Pousada? Isso me cheira a quarto duplo. Não vou a lugar nenhum com quarto duplo. Nem minha casa tem quarto duplo.

– Este ano eu não vou.

Judith havia refletido durante todo o jantar sobre como dar a notícia às amigas. Sua recusa desapareceu em meio às vozes.

– A pousada oferece diversas possibilidades. Não precisamos todas as vezes...

– Este ano eu não vou! – Judith repetiu tão alto que todas se assustaram. Silêncio envergonhado na mesa. Todas as quatro olharam espantadas.

– Que você disse? – questionou Caroline.

– Não vou com vocês.

De todos os lados voaram comentários para Judith.

– Como assim?

– Por quê?

– Você é quem mais precisa sair de casa.

– Que ideia é essa?

– Claro que você vem com a gente.

No restaurante, havia tempos todos os outros clientes tinham parado de comer. Com curiosidade flagrante, olhavam as mulheres em sua discussão acalorada.

– Encontrei o diário de Arne – Judith tentou justificar sua decisão. A perplexidade entre as mulheres de terça-feira era grande.

– Que isso tem a ver com nossa viagem?

Hesitante, Judith explicou o que quis dizer:

– Arne mantinha um diário, apenas quando viajava. Para o Caminho de Santiago. Contudo, queria ir para Lourdes. Por conta da água milagrosa.

Os olhos dela se encheram. Sua voz ficava cada vez mais baixa.

– Se ele tivesse chegado... essas, essas páginas brancas no diário de Arne, isso é o pior!

– Não entendo o que isso tem a ver com a nossa viagem – disse Caroline, balançando a cabeça.

Judith deu mais força à voz:

– Não tenho tempo de ir com vocês. Vou fazer o caminho de Arne até o fim.

Finalmente, a revelação. Estava claro para Judith o que significava aquele ato para a turma. Nunca uma das amigas falhara na tradição conjunta. Seria a primeira vez em quinze anos que não estariam todas na viagem anual.

Com cuidado, Judith abaixou a cabeça. Esperava que as amigas fossem lhe jogar tudo na cara, o mesmo que já havia dito para si mesma milhares de vezes.

Seis meses, Judith! Não chegou a hora de você voltar a viver?

Aos poucos você precisa se separar de Arne.

Judith! Olhe para a frente! Não para trás!

Você já tentou se confessar?

Esse foi o padre do enterro de Arne que se intrometeu em seus pensamentos. Por que Judith deveria se confessar? Para que se concentrar nas coisas que as pessoas fizeram na vida? Era o que ela odiava no catolicismo. Constantemente as pessoas sentiam-se culpadas. Por tudo possível. E pelo impossível também.

“Bobagem. O catolicismo perdoa tudo. Isso acalma imensamente”, responderia Arne.

Judith travava esse diálogo interno incessante com seu falecido marido. A todo o momento ela refletia sobre como poderia não pensar em Arne. Ao menos por uma hora ou apenas por cinco minutos.

– Eu acho – Judith levantou novamente a voz – que só vou encontrar paz quando terminar o caminho dele. O diário de Arne precisa ter um fim.

Ela tentou novamente fazer com que as amigas compreendessem. Mas como poderiam entender os problemas de Judith? Jamais ousou contar para alguém sobre seu sentimento de culpa. E sobre muitas outras coisas que a torturavam.

Caroline tentou interpretar as palavras de Judith.

– Você quer peregrinar até Lourdes?

Judith confirmou com a cabeça.

– Pelo mesmo caminho que Arne seguiu.

– Como isso funciona? Na peregrinação as pessoas vão a pé ou precisam se arrastar de joelhos? – perguntou Estelle e ganhou por isso um chute enérgico na canela. Disciplina não era seu forte.

– Não precisa me chutar, Eva. É uma pergunta legítima. Ou não? Judith?

Judith não respondeu à observação anárquica de Estelle:

– É meu jeito de me despedir, terminando o capítulo de Arne. Eu apenas preciso, não sei ainda como...

Tentou ser forte, mas as lágrimas não paravam de correr pelo rosto. As mãos de Judith tremiam quando pegou o copo, que caiu. O vinho tinto se espalhou sobre a mesa como uma poça de sangue.

– Eu vou. Eu acompanho você. – Caroline tomou uma decisão relâmpago. – Acha que vou deixar você andar sozinha pelo deserto? Do jeito que está?

Judith ficou tão surpresa que parou de chorar.

– Faria isso por mim?

Caroline confirmou com a cabeça. Conhecia a amiga muito bem. Judith, indecisa e descrente, vivia na impureza, no provisório,

começava algo aqui e ali e desde a morte de Arne, não mais. Peregrinação, catolicismo, louvor à Maria, curas milagrosas: tudo bobagem, acreditava Caroline. E, apesar disso, cuidaria para que Judith levasse sua ideia a cabo. As pessoas não têm problemas, resolvem problemas. Se precisar, com peregrinação.

– Também vou – juntou-se Kiki. Suspeitava que essa fosse uma ideia alcoolizada. Mas às vezes era necessário tomar medidas radicais para se conseguir algo. – Talvez seja possível não pedir apenas cura na gruta, mas também um homem bacana. Estou a ponto de comprar um gato para não jantar mais sozinha.

As amigas riram. Sabiam melhor do que ninguém: o problema verdadeiro era que Kiki não podia nem queria se prender. Havia pretendentes o suficiente e camas alheias também, mas ela nunca permanecia mais do que alguns meses.

A solidariedade das amigas aqueceu o coração de Judith. Sentia-se um pouco mais confortada. Os olhos de Caroline viraram para Estelle.

– Alguém mais?

Estelle evitava qualquer contato de olhar. Ai, meus saís. Peregrinar. Ela contratava uma pessoa até mesmo para passear com o poodle. Por que caminhar noventa minutos às margens do Reno se podia voar para Londres e fazer comprinhas no mesmo espaço de tempo? Em vez de responder, inspecionou as garrafas de vinho. Era o que faltava. Todas estavam vazias?

Tímida, Eva levantou a mão:

– Se todas estiverem de acordo, também vou. Precisava mesmo fazer mais esporte.

Pela centésima vez, puxou o pulôver curto sobre suas formas arredondadas óbvias para, no próximo segundo, pescar um pedacinho de carne do prato de Caroline. Típico de Eva. Primeiro comia apenas salada e, no final, todo o resto. O mau costume que, também mantinha em casa e trouxe, com o passar dos anos, dez quilos de sobrepeso e um remorso crônico. No dia seguinte, com certeza, começaria a dieta do abacaxi. E como hoje não importava mesmo, deu fim ao resto de lagosta nadando no molho de estragão.

Estelle se abanava com a carta de vinhos. Na verdade, queria apenas chamar a atenção de Tom, o garçom. Para Caroline, isso bastava como voto positivo:

– Estelle também vem conosco. Aceito por unanimidade. Vamos peregrinar até Lourdes.

– Como? – o rosto de Estelle empalideceu sob a base cuidadosamente aplicada. Seu olhar mostrava uma tensa consternação. Caroline nem se deu conta. Nesse momento, todas as atenções eram de Judith.

– Não podemos aliviar sua preocupação, Judith. Mas podemos fazer o caminho com você.

Judith via os rostos animadores. A afeição incondicional a emocionou. Muito provavelmente, nenhuma delas seria amiga caso se conhecessem hoje. Mas quinze anos vividos juntos tornam todas as diferenças menos importantes. Raramente Judith havia sentido seus laços de forma tão intensa como nesse momento.

Estelle ainda não havia se recuperado do choque quando Tom chegou à mesa da lareira. Luc olhava satisfeito, como seus movimentos haviam ficado perfeitos. Em apenas seis meses, conseguiu transformar Tom em um verdadeiro garçom. O jovem tinha talento. Não era de surpreender. Puxou o pai.

– Posso servir o champanhe agora? – perguntou Tom, educadamente.

Estelle conseguiu apenas grasnar.

– Acho que preciso de um médico.

7

O grande BMW com adesivo de médico freou de repente. O marido de Caroline, Philipp, ainda de jaleco, desceu do carro. Não precisou procurar muito tempo pela mulher, pois as portas da garagem estavam totalmente abertas. Entre bicicletas, bancada de ferramentas e caixas de mudança, Caroline buscava equipamentos adequados para uma peregrina novata. Tênis de caminhada, garrafas térmicas, saco de dormir, capa de chuva, mochila... Onde estava a maldita mochila?

Seis semanas se passaram após a decisão de seguirem juntas para a peregrinação. Começariam no dia seguinte e Caroline não havia feito a mala.

Ao menos Philipp trouxe suas encomendas:

– Adesivo protetor de calcanhar, unguento, bandagens, spray antisséptico e um galão de dez litros. Se a água de Lourdes funcionar, o consultório vai lotar.

Caroline jogou num canto o galão de gasolina que Philipp entregou a ela.

– Vai tirando sarro de mim, vai!

– Lourdes? Peregrinar pelo Caminho de Santiago? Desde quando você leva isso tão a sério, Caroline?

– Não vou peregrinar. Vou acompanhar Judith. Se eu achar a mochila.

Caroline abriu uma das caixas de papelão. Parou, emocionada. Bem em cima estava uma camisetinha de beisebol.

– Olhe, essa foi a primeira que compramos para Vincent.

Embaixo da roupa escondiam-se brinquedos antigos de Vincent e Josephine, seus filhos, que havia muito tinham crescido. Mas revirar lembranças não era para Philipp.

– Para que você guarda essas velharias?

– Para os seus netos!

– Netos? Sou muito novo para virar avô!

– Philipp! Vincent e Fien já passaram dos 20. Vai acontecer, cedo ou tarde.

Philipp não respondeu. Pensativo, observou a imagem que olhava para ele de um velho espelho recostado num canto. Rápido, arrumou os cabelos levemente grisalhos e aspirou com exagero.

– Se eu encolher a barriga, fico bem razoável. Não pareço mesmo o vovô Philipp.

Caroline envolveu o marido nos braços.

– Eu fico com você mesmo com barriga.

Queria puxá-lo para si, abraçá-lo, ficar perto dele, mas Philipp se soltou de uma vez.

– Achei!

Triunfante, ergueu a mochila empoeirada.

Um sentimento de decepção tomou conta de Caroline. Um momento breve que desapareceu tão rápido como chegou.

– Nos vemos ainda? Hoje à noite?

– Tenho plantão. O colega com o bebê faltou de novo.

Caroline hesitou. Que colega? Que bebê? Precisava saber de quem ele estava falando? Talvez estivessem os dois muito presos às obrigações profissionais. Estava decidida, no futuro, a colocar Philipp em sua agenda de compromissos.

– Quando eu voltar quero um fim de semana a sós com você. Sem plantão para amigos...

– ...sem papelada de trabalho na cama – Philipp a interrompeu. – Sem ligações de criminosos no domingo de manhã, sem bolo com sua tia Gertrude, sem mulheres de terça-feira.

Caroline odiava esse clima petulante dos últimos meses. Mas ela não queria brigar. Não pouco antes da viagem.

– Ficamos os dois livres. Depois da peregrinação – rapidamente ela mudou de assunto.

Philipp a beijou na testa.

– Combinado.

Philipp mal havia saído quando o olhar dela recaiu sobre o velho espelho. Qual era o saldo naquele momento? Examinou sua imagem

com atenção. Provavelmente ainda caberia, sem problemas, no vestido de casamento, registrou com alegria. O colega advogado estava muito enganado. Estava satisfeita com sua vida. Dois filhos bem criados, seguindo seu caminho de forma consciente, reconhecimento na profissão, um marido carinhoso que levava a sério a carreira dela tanto quanto a própria. E o mais importante: continuavam a fazer sexo. Um pouco mais de tempo para eles e a vida seria perfeita.

8

Mais tempo! Ansiosa, Eva queria mais duas horas. As mulheres de terça-feira haviam combinado de ir juntas para o aeroporto. Caroline seria a motorista e buscaria cada uma delas. Eva era a primeira em sua rota.

A mochila pronta já estava no hall de entrada. No entanto, Eva corria pela cozinha espaçosa e equipada com perfeição, colando os últimos *post-its*: panelas, pratos, copos, despensa, tudo foi sinalizado para a família que não sabia o que eram sacolas, pacotes e cozinhar.

Da mesa, os três adolescentes de Eva viam a agitação enfurecida da mãe com tédio. Ao lado, Frido Pai, cujo título ele próprio se dera. Após Eva ter assumido a tarefa de dar nomes aos filhos David e Lene, no terceiro filho Frido insistiu que era sua vez. E foi Frido Júnior. Na pressa do cartório, não lhe ocorreu nada melhor. Foi sua última tentativa de enfrentar a eficiência dos planos familiares antecipados de Eva. Quando vinte meses depois a pequena Anna completou a família, a divisão dos papéis estava definida. Eva tinha sob sua asa os departamentos de família e eventos sociais, enquanto a função do marido era a de ministro do trabalho, finanças e economia.

Aos 43 anos, Frido era membro da diretoria de uma seguradora, proprietário orgulhoso de uma casa própria com um generoso jardim, confortável para todos, e desconhecia completamente o cotidiano da própria família. Com cuidado, folheou as instruções manuscritas de muitas páginas que Eva empurrara.

– Segunda David tem tênis e Frido, serviço de coroinha?

Eva confirmou com a cabeça. Não deixar nenhuma dúvida, prometeu a si mesma. Programaram dez dias de caminhada, ida e volta. As mulheres de terça-feira nunca ficaram tanto tempo longe.

– Apenas na sexta-feira a reunião de pais de Lene será difícil, e talvez quarta-feira.

– Quarta-feira? Sem chance, tenho reunião do conselho.

Reunião do conselho era para Frido um tipo de estado crônico. Reunião de pais, levar crianças a compromissos, premiação no clube de tênis, braço quebrado. Havia anos, Frido tinha reunião do conselho. Não que ele não estivesse disposto a cuidar da família. Estava apenas ocupado.

– Arranje uma ajuda, Eva – pregava Frido insistentemente. Mas Eva não teve quatro filhos para empurrá-los para uma babá romena.

– Isso se chama divisão de tarefas – defendia-se Eva rapidamente quando as amigas levantaram a sobrelha.

– Isso chama escravidão – comentava Estelle, seca. A amiga mimada era o exemplo clássico de mulher que sempre colocava coisas demais na mala e deixava o peso para os outros. Estelle não trabalhava, Estelle delegava. Suas tarefas na rede de farmácias da família, os cuidados com a casa, sua vida. Até o vibrador na gaveta de seu criado mudo que, como gostava de comentar, ganhava de longe de seu marido.

Eva poderia se espelhar no exemplo de Estelle, mas não era assim. Pelo contrário, tentava apagar seu sentimento de culpa borbulhante com ação.

– Já aprontei a comida. Sopa de peixe tailandês, bistecas fritas, massa com três recheios, vegetariano para Lukas, queijo para Lene, carne moída para todos os outros.

Ela abriu as portas do refrigerador no qual um exército de potes cuidadosamente rotulados esperava pela batalha. Frido observou o freezer como se fosse, no mínimo, a oitava maravilha do mundo. Não ocorreu a ninguém que Eva merecia um elogio por seus serviços familiares contínuos. Nem mesmo à própria Eva.

– Você tem certeza de que quer participar disso? – insistiu Frido.

– Não, não tenho – quase respondeu Eva.

Mas Anna, a filha mais nova, a quem era fortemente apegada, veio em sua defesa:

– Por mim, mamãe, você deve peregrinar. Não faz mal que eu seja a única sozinha na aula de culinária com mães e filhas. De verdade.

Carinhosa, a menina de 9 anos envolveu nos braços o pescoço da mãe.

Quando Caroline chegou para buscar Eva, a mãe das quatro crianças estava totalmente esgotada. E isso antes de ter percorrido sequer um centímetro da tal peregrinação.

– Talvez eu possa mudar a reserva do voo e chegar depois.

– Eva, sempre tem alguma coisa. Torneio de tênis do David, concerto de Lene, reunião do conselho...

– Aula de culinária de mães e filhas! Imagine o que vai acontecer se, no meio, Frido for para a reunião do conselho. Porque ele precisa assar um bolo na escola.

Eva parecia realmente desesperada. A compaixão de Caroline havia chegado ao limite.

– Quer ouvir a verdade, Eva? Você poupou seus queridos durante tantos anos que eles não sabem sequer reconhecer as próprias meias.

Eva sabia que Caroline tinha razão, e mesmo assim se sentia uma egoísta.

– Frido vai se sair muito bem, Eva. Logo ele se acha na imensidão de trabalho que você deixou para trás.

– Que você quer dizer com isso?

Caroline respirou fundo. Todo ano era a mesma coisa. Primeiro, discutiam uma eternidade antes de chegarem a um consenso sobre local e data. E então Eva, Kiki e Judith pensavam em outra coisa totalmente diferente.

Coisa demais para fazer.

Não consigo ficar longe.

Sinto muito.

Caroline conhecia essas desculpas de cor. Sempre era uma grande confusão até a partida. Quando havia partida.

Primeiro, cada filho precisava ser abraçado e beijado dos pés à cabeça, então o marido e, novamente, os filhos. Apenas quando a família se colocava em posição na frente do portão do jardim para os

acenos chorosos, o passo decisivo era dado. Caroline deu um grande suspiro. Já tinha uma das amigas no carro. Agora faltavam três.

9

A única, além de Caroline, que não se perguntava se devia ficar em casa era Estelle.

– Peregrinar é o novo pretinho básico – explicou ao marido, com total convicção. – Sou a única que não se transformará numa iluminada?

Estelle tinha outro problema: um *closet* de 25 metros quadrados e nada para vestir. Depois de ter se recuperado do primeiro choque, partiu imediatamente para a ação. Para Estelle, isso significa ligar para alguém que pudesse assumir a tarefa por ela.

Duas horas depois, seu *personal shopper*, um entendido de verdade, estava no bairro nobre de Hanwald. Estelle morava numa rua na qual não havia casas, apenas propriedades. As instalações da mansão eram tão exageradas quanto Estelle. Um pouco pomposas, um pouco carregadas, um pouco douradas e com cobras demais. As cobras estavam mesmo em todas as extravagâncias: estátuas, cordões, penduricalhos, almofadas e padronagens Versace brilhantes, em pratos de sobremesa e lençóis.

– Tenho que agradecer tudo ao meu pai – explicava Estelle com gosto. – Faro para o dinheiro e sentido para gastar.

Estelle endeusava o pai, Willi. Fugitivo da Prússia Oriental, construiu patrimônio após a guerra como comerciante de entulho. Arriscando a vida, recolhia peças de ferro, colunas e outros metais misturados aos escombros para levá-los para a reciclagem. Juntar, identificar, separar, processar, esse havia se tornado seu lema de vida. Estelle ampliou em um componente: mostra o que você tem. De quê adianta ser rico se ninguém souber?

– Precisamos de um *look* – anunciou o *personal shopper* antes mesmo de a porta fechar – que dê uma reviravolta irônica na imagem empoeirada de escoteiro dos peregrinos.

Ele conhecia as preferências de Estelle. Sempre que grandes eventos sociais estavam prestes a acontecer, ela corria em busca de seu auxílio. Agora, uma combinação para o caminhar contemplativo pelas trilhas de peregrinação centenárias era demais. Mas ele nunca admitiria: em tempos de crise de crédito, não podia se dar ao luxo de perder sua cliente mais fiel. Não passou pela cabeça de nenhum dos dois que era possível entrar numa loja de esportes e acertar em cheio no departamento de “Trilhas e Caminhadas”.

– Tenho uma reputação a zelar, minha querida! – sussurrou empolgado o *personal shopper*, começando a busca.

No dia da viagem, as amigas podiam admirar o resultado de tanto esforço. O enorme portão automático, que protegia a mansão de Estelle de olhares indesejáveis e de testemunhas de Jeová, abriu-se com um zumbido. Automaticamente, holofotes se acenderam. Estelle causava sempre a sensação de uma entrada triunfal. Mas dessa vez, Caroline e Eva, ao buscar Estelle, ficaram sem fôlego.

– O importante é avaliar o *look* pelos detalhes – recomendou o *personal shopper*. Sua assinatura figurava em todas as peças: calça cargo que acentuava as formas (o maior orgulho dele era a vieira de Santiago, uma grande concha de cristais Swarovski brilhando no bumbum), jaquetão com uma boa dúzia de bolsos multifunção com aplicação de pele, e para as costas uma mochila elegante e dourada de marca. Além disso, Estelle trazia seu poodle. Debaixo do braço. Seu cãozinho de colo.

– Não digam nada – gritou Estelle. – Sou uma mistura de Robin Hood e Simba, o leão.

Caroline caiu na gargalhada. Amava em Estelle o fato de conseguir rir de si mesma com vontade. Apesar disso, gostava mais ainda de rir dos outros. A língua ferina de Estelle garantiria bons papos para os longos dias de peregrinação, desde que pudesse se livrar do poodle, que cobria a dona com lambidas.

Esperava-se que a despedida do marido redondo e careca, que encaixou a bagagem de Estelle no porta-malas, fosse significativamente mais fria. Um beijo oco. Mas o rei das farmácias,

com certeza uma cabeça menor que Estelle, puxou a mulher e a beijou com uma paixão que deixou Caroline e Eva vermelhas de vergonha.

– E eu sempre pensei que para Estelle o importante fossem só as cinco farmácias – murmurou Caroline.

– E isso num casamento tão longo – suspirou Eva.

Quanto mais intenso o beijo ficava, mais parecia claro para ambas que a história do vibrador era exagero. Mas assim era com tudo que Estelle fazia e dizia.

– As pessoas precisam exagerar para serem entendidas – enfatizava, rígida e determinada, que a citação era de Mao. Judith não podia dizer que era a única conhecedora da filosofia oriental.

Quem sabe a que ponto de intimidade Estelle e seu rei das farmácias não teriam chegado se não fosse a bicicleta que quase atropelou os dois. Kiki, a última a ser buscada, havia chegado.

– Ficaria mais fácil se você não precisasse passar lá em casa para me buscar – desculpou-se, olhando para Caroline.

Como sempre, parecia um pouco afobada. Sobre a calça de caminhada, usava um vestidinho curto e uma mochila colorida. Embora já tivesse 35 anos, agia como uma garota. No cesto da bicicleta havia coisas soltas que ainda precisava colocar na mochila.

– Preciso fazer algumas coisas no caminho – defendeu-se, antes que alguém pensasse em fazer alguma pergunta desagradável. – De última hora as coisas no estúdio ficaram um pouco...

Freneticamente, Kiki procurou pelo eufemismo adequado para o que havia lhe acontecido no trabalho. E decidiu que não era o momento correto de entregar o segredo para as amigas.

– Ficaram um pouco corridas – terminou assim a frase.

Caroline, sacudindo a cabeça, olhava para tudo que estava entrando na mochila. Câmera, papel, lápis, o caderno de desenho, fita adesiva, uma tesoura.

– Parece que você está fugindo.

– Isso é um interrogatório? – retrucou Kiki para Caroline.

Caroline e Eva olharam-se desconcertadas. Precisava haver um bom motivo para Kiki deixar na casa de Estelle a bicicleta que

utilizava todos os dias. A amiga estava se comportando de forma muito estranha. Por que Kiki reagiu com tanta agressividade?

– Ela está numa idade difícil – comentou Estelle. – Mas quem não está?

Pela primeira vez, uma leve dúvida rondou Caroline: talvez tivesse sido melhor ter ficado em casa esse ano. Por toda a vida, Caroline invejou pessoas que conseguiam uma boa desculpa. Mas ela não conseguia. Caroline era pontual e ficava até o último minuto. E assim devia ser.

Juntas seguiram para buscar Judith, que de última hora tinha decidido ir ao cemitério novamente. Naquele momento, estava diante do túmulo de Arne, carinhosamente enfeitado, e teve de encontrar forças para deixá-lo. Parecia perdida na enorme camisa de flanela xadrez de Arne que vestia.

– Não sei se vou conseguir fazer essa peregrinação – Judith confessou a Caroline, que havia se encarregado de desgrudá-la de lá.

– Você não vai me deixar sozinha com as meninas. Não pode fazer isso comigo – respondeu Caroline.

Judith tinha suas dúvidas:

– Você acha que vou conseguir? Peregrinar? Todos os quilômetros? A pé?

Caroline pegou uma vela do túmulo de Arne e a botou na mão de Judith.

– Vamos levá-la para Arne até Lourdes. É quase como se ele mesmo estivesse peregrinando.

Caroline colocou a mochila de Judith nas costas, passou o braço no dela e a levou para a saída do cemitério, onde as três amigas aguardavam.

Havia momentos na vida nos quais tudo se encaixava, obedecendo a um todo, grande e razoável. Aquele não era um desses momentos. Quando as cinco mulheres se acomodaram no avião, a bomba-relógio chamada Arne já estava acionada. O mecanismo explosivo

estava ativado. Pequenos sinais, avisos aconteceram. Elas ignoraram cada um deles e brindaram com o champanhe barato da empresa aérea.

- À peregrinação das mulheres de terça-feira!
- A Lourdes e à Virgem Maria!

10

—A mamãe!

Quando o avião se aproximou da costa francesa do mar Mediterrâneo, Frido e sua filha mais nova, Anna, estavam sentados na cozinha à noite e brindavam com suas canecas de achocolatado. Na página oito das anotações de Eva estava escrito que achocolatado ajudava a dormir melhor.

Logo no primeiro gole, Anna sacudiu a cabeça.

— Acho que mamãe faz achocolatado com leite.

Frido afirmou com a cabeça, sério. Dirigia um departamento com 230 funcionários, mas era pedir demais que preparasse um achocolatado. Já havia custado muito para acender o fogão.

— Ao menos está quente — comentou Frido, dando um bom exemplo e tomando de uma vez a horrível beberagem.

Anna apertou os olhos e o imitou.

Lá em cima, Super Mario comemorava em um volume que apenas adolescentes achavam socialmente aceitável. Os três maiores estavam reunidos no quarto de David e disputavam corrida no Wii. Isso porque Frido já os mandara para a cama havia horas.

— Não consigo dormir se a mamãe não me der um beijinho de boa-noite — comentou Anna, tristonha.

Frido gostaria de ter respondido “Eu também”. Mas isso não consolaria sua filha.

— Acho que podemos ver onde mamãe está.

Finalmente, surgiu um sorriso no rosto da menina.

Juntos, Anna e Frido marcaram no laptop o caminho que as cinco mulheres pretendiam tomar. O caminho do Piemonte dos Pirineus.

— De Colônia elas voaram até Montpellier. Vão passar a noite lá. De manhãzinha, pegam o ônibus até aqui.

Frido fez uma cruz no ponto de partida. Colocou o mapa no blog de Anna. Agora ela podia marcar todos os dias o avanço das mulheres de terça-feira. Anna olhava perplexa para a tela do computador e para o pai.

A cruz estava num espaço vazio, terra de ninguém.

– Não tem nada aí!

– Tem sim, Anna, deve ter algo.

Era o que ele esperava com ardor. E que houvesse uma antena de celular. Frido teve a sensação desconfortável de que a preparação de achocolatado não seria o único obstáculo que o aguardava nos próximos dias.

Elas não imaginaram que seria assim. Algumas escarpas nuas que faziam parte do Massif de la Clape, uma rua vazia, um ponto de ônibus abandonado. Cinco rostos espantados encaravam a manhã francesa. Tinham chegado ao ponto de partida da peregrinação. Judith insistia em começar pelas proximidades da praia de Narbonne, onde Arne iniciou sua última etapa de peregrino. Especialmente nos primeiros dias, anotou muitas coisas no diário e Judith esperava reencontrar todos os detalhes. Após o dia três, elas pulariam algumas etapas com transporte público para concluir a pé o trecho de St. Liziers até Lourdes. Dez dias de programação cheia: planejaram 250 quilômetros de caminhada. E agora estavam no início: cinco mulheres da cidade grande no meio do nada.

Caroline trazia um chapéu, Kiki, um lenço de menina, Judith, uma expressão de sofrimento, Eva, o costumeiro rabo de cavalo e Estelle, um óculos de sol imenso e sofisticado. Até perceber que com ele não era possível ver nada. Então, arrancou a peça do nariz e confirmou que não se tratava da lente escura. Não se via nada porque não havia nada para ver. Além da paisagem, claro. Aliás, paisagem era o que não faltava.

No horizonte, distanciava-se o ônibus intermunicipal que havia deixado as cinco ali. O barulho do motor diminuía. O calor crescente de junho fazia o ar tremular, as cigarras cantavam, um pássaro batia as asas, um besouro remexia as folhas que cobriam o solo seco. Em algum lugar ao longe, um cão de guarda latia. Não se via viva alma.

– Ao menos esse Caminho de Santiago não é tão tumultuado como aquele da Espanha.

Caroline foi a primeira que retomou a fala. O primeiro choque começava a desaparecer. Enquanto Kiki registrava a cena memorável com sua câmera digital que custara uma pequena fortuna, Judith já procurava na margem da estrada até encontrar o que buscava.

Numa pedra castigada pelo tempo, estava pregada uma vieira de São Tiago, o sinal inequívoco de que haviam chegado ao Caminho de Santiago.

– Arne deve ter começado sua última jornada aqui – sussurrou Judith, emocionada.

Caroline entendia muito bem o que aquele momento significava para a amiga. Decidiu fazer de tudo para que a viagem fosse um sucesso.

– Que estamos esperando?

Enroscou seu braço com o de Judith. Entraram no caminho tão animadas que as vieiras de São Tiago penduradas nas mochilas balançavam felizes para lá e para cá. Pela primeira vez desde a morte de Arne, Judith estava feliz. Sentia-se bem e fazendo a coisa certa: ir em frente, levantar os ombros e andar, apenas andar. E ficar novamente próxima a Arne. Nesse início havia uma magia, algo quase sagrado.

Havia pessoas que tinham o dom de estabelecer contato com algo mais elevado e divino durante a peregrinação. Judith queria ser uma dessas pessoas. Estava aberta para aquilo. Exatamente como Arne, dedicaria-se conscientemente ao Caminho. Unir-se à Criação e ser de novo uma unidade em si mesma.

– Onde está o nosso sherpa?

– Que sherpa?

– O carregador de malas! Uma viagem espiritual cairia muito melhor se alguém me libertasse das cargas mundanas.

Caroline apenas sorriu.

– Você sabia onde estava se metendo.

Estelle permaneceu impassível.

– Foi uma tentativa, não foi? – anunciou e começou a andar. Puxava com toda a seriedade uma mala elegante com rodinhas enormes na parte traseira.

– Design personalizado. Yves fez de um jeito que ficou a minha cara – ela explicou para Kiki, que olhava com curiosidade.

– Tração quatro por quatro. Poderia ter sido feita por mim.

– Achei que você era responsável pelos copos e pratos descartáveis.

– Até hoje eu era. Mas está acontecendo uma concorrência interna na empresa. O estúdio Thalberg tem um pedido gigantesco para o exterior. Imaginem, vamos desenvolver vasos para a Ikea! Quem ganhar a concorrência interna poderá ver seu design no mundo todo, em centenas de filiais. É minha chance.

Estelle quase teve dó de Kiki. Era só essa nova missão que a deixava tão nervosa? Havia anos Kiki batalhava incansavelmente por sua carreira. Não era a primeira concorrência interna que contava com empolgação. Mas até agora, nenhuma de suas obras tinha dado certo. Também, como seria possível? Kiki desenhava utensílios domésticos: talheres descartáveis, pratos de plástico, palitos de coquetel, produtos de plástico sem nome, produtos massificados, coisas por trás das quais ninguém supõe que haja um designer. Mesmo assim esperava, um dia, descartar os descartáveis. Os pedidos e os homens. Mas no estúdio de Thalberg, nesse meio tempo, jovens designers se estapeavam. Eram estagiários que mal haviam passado da fase das espinhas, mas bastante motivados, cheios de ideias e prontos para dar um chega para lá em Kiki de uma vez por todas. Dessa vez, tinha que funcionar:

– Design é como esporte – explicou para Estelle. – Com 30 anos, você já está pendurando as chuteiras.

Estelle se perguntava para onde alguém iria no mundo do design quando já passara havia muito dos 30, como Kiki. Mas Kiki já estava falando de novo.

– Você não acredita como nossos estagiários são diferentes – reclamou. – Correm o dia inteiro com suas garrafas de água e digitam sem parar em seus telefones. Vão para festas apenas para postar as fotos na internet no dia seguinte – revoltou-se Kiki. – São conectados.

Não mencionou que tentou, diversas vezes, se enturmar com os colegas jovens e que fez uma conta no Facebook. Logo na informação pública do relacionamento, surgiram dúvidas. “Complicado” foi a primeira alternativa que de alguma forma descrevia sua situação. Em algumas semanas, Kiki tinha mais ex-namorados reunidos em sua página do que amigos. Mas depois piorou. Quando recebeu uma mensagem dizendo que um certo

Matthieu de Ruão queria entrar em contato, foi a gota d'água. Por nada nesse mundo queria dividir seu "complicado" com Matthieu, tampouco participar da feliz vida conjugal com a ex-agora-esposa-mãe-de-duas-filhas-lindas. Queria menos ainda ser observada por seus jovens colegas de trabalho, com os quais rapidamente se conectara.

– Você envelheceu, querida – constatou Estelle sem charme algum, chegando ao cerne dos problemas de Kiki. Na eterna cobiça pelo amanhã, Kiki acumulou sem querer um bocado de passado. E assim, crescia nela, aos poucos, a consciência de que possivelmente nunca mais teria uma grande carreira no design. Mesmo que entregasse um desenho espetacular. Sacava a câmera, pronta para fotografar tudo que pudesse servir de inspiração para a coleção de vasos. As cores peculiares do sul da França, o cheiro da manhã, os ruídos leves da natureza, tudo podia ser um estímulo para uma ideia sensacional. Dessa vez, daria certo.

Eva ainda estava no ponto de ônibus e fuçava em seu celular.

– Já estou indo – gritou para as amigas.

Não precisava de testemunhas para seu telefonema. Sabia que as amigas gostavam de rotulá-la de supermãe. Mas, antes que ela pudesse se libertar e aproveitar a viagem com tranquilidade, precisava saber se tudo corria bem em casa.

Tensa, Eva apertava as teclas, sacudindo o telefone. Chegou a subir numa pedra pequena e segurá-lo no ar. A tentativa de obter contato com o quartel-general em casa fracassou. Sinal zero.

As amigas viraram-se para ela. Eva acenou.

– Já vou, já vou.

Com pressa, agarrou a mochila, jogou-a nas costas e imediatamente inclinou-se para trás. Será que tinha colocado um pouco a mais de peso ali? As companheiras já desapareciam por trás de uma curva quando começou a andar, resmungando. Um, dois, três, quatro. O calor oprimia, a mochila pesava, o tênis não. Finalmente tinha dado cinco passos. Se um passo tem setenta centímetros, quando eram necessários até Lourdes? Quando o número se iluminou na tela do telefone (na função de calculadora),

desejou nunca ter começado a calcular. Quatrocentos mil passos até Lourdes! Isso porque já tinha descontado o trecho que percorreriam de ônibus e táxi. Nunca conseguiria.

Eva não imaginava que por trás da próxima curva já teriam uma pausa. Involuntária, pois com a primeira bifurcação surgiu a desavença.

– Temos que ir para a direita. Então se chega automaticamente ao mosteiro – anunciou Judith. Estelle tentou ler a descrição do caminho no diário de Arne sobre o ombro de Judith, que se virou bruscamente.

– Que segredo tem aí no diário? – revoltou-se Estelle.

Judith não respondeu. Diferente do que Arne temia, ela tratava o diário como sua relíquia pessoal. Não havia nada de espetacular no que Arne escrevera sobre o mosteiro. Relatou em todos os detalhes como foram atenciosos os monges beneditinos ao recebê-lo com pão, queijo de cabra e vinho caseiro. Nos horários de missa, os cantos gregorianos preenchiam o ar. Judith mal podia esperar para entrar nesse mesmo convento no qual Arne encontrara refúgio. Quem sabe os monges até se lembrassem de um peregrino que parecia um vaqueiro do velho oeste.

– Não siga o caminho da esquerda e pegue o trecho menos utilizado ao leste – Caroline estilhaçou os pensamentos da amiga, lendo em voz alta um livro, um guia de peregrino. Ela nunca confiava que outra pessoa soubesse o que era para fazer. – Então vamos à direita.

– Esquerda.

E agora? Os dedos de Judith e Caroline apontavam em duas direções completamente opostas.

Por fim, Eva chegou, suando e arfando.

– Respira fundo – sussurrou Kiki para ela.

Judith e Caroline estavam frente a frente com seus livros nas mãos como lutadores de box em um ringue, esperando por um sinal para começar o primeiro round. A raiva tomou conta de Judith: que ideia foi essa de Caroline se intrometer dessa forma?

– Para mim é importante seguir o mesmo caminho de Arne!

- Mesmo que seja o caminho errado.
- Arne escreveu que, quando você percorre o Caminho de Santiago, não pode planejar. Precisa estar aberta para as coisas que vai encontrar.

Os olhos das outras três moviam-se entre Judith e Caroline, como numa partida de tênis.

- Estou aberta para tudo, contanto que a gente siga pelo caminho correto.

– É o meu caminho. Arne me incumbiu dele.

– Esse é o Caminho de Santiago, centenário, bem marcado. Arne não foi o primeiro que andou por ele.

– Você vai me seguir e não o contrário! – Judith repreendeu Caroline com tal veemência que era impossível reconhecer aquela pessoa magrinha e delicada. Seguiu a direção que Arne indicara no diário, sem se importar com Caroline e suas objeções.

– Viemos até aqui para apoiar Judith – completou Kiki, com um gesto de desculpas para Caroline. As outras fizeram o mesmo.

– Provavelmente, Arne conhecia um atalho – justificou Eva.

Estelle também se pôs a caminhar:

– Mosteiros acolhedores exercem uma atração irresistível sobre mim.

As rodinhas da mala estalavam sobre o chão pedregoso.

Por conta própria, Caroline tinha ido a uma agência de viagens especializada em peregrinação. Lá, informou-se e conseguiu um guia. O único que continha esse trecho estava em francês. Por fim, tratava-se de um dos Caminhos de Santiago menos percorridos. Sabia que Judith estava errada e fez ainda uma última tentativa de convencer o grupo:

– Precisamos percorrer hoje no mínimo 28 quilômetros. Se já no início começarmos pelo caminho errado, nunca chegaremos em Lourdes.

Nenhuma das mulheres reagiu. Tinham escolhido o lado de Judith.

Caroline ficou para trás, indignada. Cinco minutos após o início da peregrinação, as mulheres de terça-feira estavam diante de seu

primeiro teste de resistência. Cedo demais para arriscar tudo, decidiu Caroline.

Com ar furioso, marchou atrás das quatro amigas. Passou por uma pedra com uma vieira de São Tiago, quase totalmente coberta de grama. Apenas a seta saía de dentro das folhas verdes, apontando para a direção contrária.

12

Quem inventou esse negócio de peregrinação? Era o pensamento que rondava a cabeça de Eva. Tinha desistido de contar os passos. No caminho sem fim e sem sombra pelos vinhedos que formavam a paisagem montanhosa suave, a questão era sobreviver ao passo presente e juntar forças para o próximo. A carga de seus pecados era pesada. Não era de se estranhar, pois Eva os cometia principalmente à noite, na geladeira. Nas refeições, ainda conseguia se conter. Quando a cozinha estava arrumada, a roupa toda estendida no varal e os quatro filhos em seus quartos, não havia mais forças para resistir a qualquer tentação. Talvez devesse cozinhar menos. Sem sobras não haveria tentação. Mas Eva amava a ideia de ter uma casa aberta onde os convidados-surpresa sempre encontravam um lugar na mesa farta.

Provavelmente, era um legado da própria infância. Quando adolescente, Eva não ousava convidar ninguém para ir a sua casa. Nunca conseguia saber se sua mãe entraria de repente no quarto com seu ousado traje dos anos 1960, pularia na cama e assustaria seus amigos com palavras como: “Meu nome é Regine, sou a coroa da Eva.” Regine não se considerava apenas a melhor amiga da filha, mas também a encarnação da juventude eterna. Insistia para que a filha e os netos a chamassem pelo primeiro nome. Isso não impedia Anna de pular no pescoço de Regine e falar empolgada: “vovó”. Nesse sentido, Anna era teimosa. Para ela era claro: Regine logo teria 70 anos e era sua avó. E uma vovó a gente chama de vovó, ponto final. Eva tinha total confiança de que a nova geração tinha um futuro maravilhoso pela frente.

Regina acharia fantástico que Eva estivesse no caminho do autoconhecimento.

– Três semanas na Índia, então aguento mais onze meses em Colônia – tinha o costume de dizer.

Quando criança, Eva tinha a sensação de ser parte de algo que Regine apenas tolerava com esforço. As excursões de Regine para Ashram significavam, para Eva, ilhas de felicidade, pois passava esse tempo com Lore, sua avó. Seu catálogo de regras rígidas, que incluía a missa dominical, era para Eva um programa benéfico. Amava a confiança, o suspense e até as proibições. E também a igreja. Eva ficou feliz quando soube que Frido era membro praticante da comunidade católica. De pronto, sentiu-se à vontade na família do marido, que a recebeu carinhosamente. Conhecia famílias como a de Frido apenas da televisão. Infelizmente, Regine se encheu da Índia após cinco férias em três anos e continuou sua busca por si mesma em Colônia. Se Eva ao menos tivesse conhecido o pai. Mas Regine nunca revelaria sua identidade.

– Quem se interessa por uma pequena família burguesa – defendia a mãe quando Eva voltava a insistir no assunto.

– Eu – admitia Eva, cuidadosa.

Mas Regine nunca quis ouvi-la.

Era de arrancar os cabelos: em vez de aproveitar as visões e os panoramas fascinantes de uma paisagem desconhecida, continuava a se torturar dolorosamente, refletindo sobre sua mãe. Isso por que havia abandonado Regine havia muito. Eva esforçava-se todos os dias para lidar com a vida de forma diferente da mãe. Às vezes, tinha a suspeita de que valorizava mais a ideia de uma casa aberta e receptiva, na qual seus filhos poderiam convidar amigos sem medo, do que realização dessa ideia em si. A casa liberal às margens do parque, comprada alguns anos antes, estava sempre cheia de vida. A quadra de esportes da área verde era a atração para as crianças da região. A casa se transformou no primeiro endereço quando os amiguinhos precisavam ir ao banheiro, beber algo, fazer um curativo, telefonar, usar a bomba da bicicleta, ir de novo ao banheiro. Eva controlava tudo. Talvez fosse a única moradora de Colônia que deixava a porta de casa aberta para que não precisasse atender a campainha cada vez que tocasse.

Seguir. Sim. Seguir. Mais um passo. E outro. Quantos tinham no caminho? Eva olhava do solo empoeirado e via luz no fim do túnel. O caminho de cascalhos, aos poucos virava uma subida. Eva tinha

certeza: de lá de cima era possível ver o mosteiro. Até os monges têm telefone hoje em dia. Por fim, poderia ligar para casa. Reuniu coragem. Os espíritos que permaneceram se anunciavam. Ainda conseguiria o último trecho. A primeira etapa já estava quase para trás. Não era tão difícil peregrinar. Mais alguns passos.

Quando seu olhar passou do morro verdinho para o vale que parecia tão vazio quanto o caminho que percorrera, Eva reconheceu que tinha cometido apenas um erro na peregrinação: ter dito sim para essa aventura maluca.

13

—Não é maravilhoso? – comentou Kiki sobre a visão fascinante do mar Mediterrâneo e a praia de Narbonne, que estavam às suas costas.

Ao contrário de Eva, que murmurava e resmungava a cada passo, a caminhada não trazia nenhum problema para Kiki. O local de trabalho dela ficava longe do centro da cidade, numa antiga área industrial. Os antigos galpões de tijolos à mostra, onde antigamente a carne era dividida entre muitos, abrigavam atualmente grandes empresas de mídia e design. Kiki pedalava até lá, com qualquer clima. Doze quilômetros para ir, doze para voltar. Sem contar as visitas aos clientes vez ou outra. Também nesses casos ela ia quase sempre de bicicleta. Kiki estava bem preparada para uma peregrinação.

O calor lhe acariciava a pele. Cheirava a abundância, verão, pinheiros, tomilho e alecrim. Para Kiki, dava no mesmo se Deus ou o *Big Bang* era responsável pelo espetáculo de luzes, cores, sombras e cheiros. Outros podiam quebrar a cabeça com isso. Estava feliz por estar longe de Colônia, onde não apenas o clima estava mais nublado que claro.

Kiki não contou nada às amigas, que não faziam ideia. Nem de seus problemas no estúdio, tampouco das notícias ruins que chegavam até ela em casa toda segunda-feira na forma de extratos bancários. Kiki trabalhava sessenta horas por semana para ser pobre como Jó. O estúdio Thalberg partia do princípio de que a menção de sua renomada empresa no currículo era recompensa suficiente para os funcionários. Se Estelle não tivesse feito um empréstimo para ela, a viagem anual de Kiki iria por água abaixo.

– Por que você aguenta a exploração do Thalberg? – perguntou Estelle, crítica, pois Kiki não conseguia largar seus cadernos de rascunhos nem mesmo durante a peregrinação.

– Uma vaga de trabalho no Thalberg é como a elevação para o céu dos designers – entusiasmava-se Kiki.

Ficou muito orgulhosa quando, seis anos antes, pudera apresentar seu portfólio na entrevista de emprego e provar seu talento para Thalberg, designer, diretor de arte e astuto homem de negócios. Thalberg, que diversas vezes foi aclamado pelas revistas como “designer do ano”. Thalberg, cujos esboços eram exibidos nos principais museus de design do mundo. Ou seja, esse Thalberg acreditou no talento dela. Achou os desenhos vívidos, inovadores, engraçados e sensuais. Quando ouviu a palavra emprego fixo, o elogio soou tão alto em sua cabeça que não prestou atenção ao valor do salário mensal. Muitos designers dariam a vida para trabalhar com Thalberg. Kiki tentava equilibrar o orçamento com aquilo que Thalberg pagava por sua vida.

– Thalberg é um fenômeno – Kiki defendia sua decisão. – A gente consegue aprender muito com ele. Vocês precisam ver como ele transforma uma ideia mediana em um esboço brilhante com alguns rabiscos.

Prudente, não comentou que o último esboço mediano que ele pegou dessa forma era dela. Aqueles talheres de plástico idiotas para a companhia aérea! Já na fase de desenvolvimento, ela ficou bem perto de se matar com um de seus protótipos de faca. Infelizmente eram muito cegos, quebradiços, porosos e, acima de tudo, feios.

– Claro que você não sabe qual é o padrão da classe executiva de hoje – Thalberg a humilhou diante de toda a equipe.

– Como poderia – berrou Kiki. – Com o que o senhor me paga, posso no máximo pagar uma empresa aérea baratinha. E lá servem pãozinho seco.

Claro que ela não disse isso, pois Thalberg já tinha passado para a próxima estação de trabalho, onde seu colega que desenvolvia os pratos correspondentes não havia chegado a um resultado melhor.

“Design é como *decátlon*. É necessário aprender a aguentar a troca rápida entre altos e baixos”, aprendera na faculdade. Kiki não aceitaria mais derrotas. Finalmente, queria ter sucesso. Criar algo

que a destacasse do exército de designers que trabalhava para Thalberg.

Tudo podia ser base para sua coleção de vasos. A cada metro da peregrinação, Kiki descobria algo interessante. Uma videira nodosa que contava a história de colheitas passadas, uma formação rochosa especial onde um lagarto tomava sol, orquídeas selvagens na beira da estrada, a ave de rapina que subia majestosa pelas encostas de calcário do Massif de la Clape.

– É um abutre que espera os peregrinos que ficam para trás – suspeitava Estelle com olhar compassivo para a resmungante Eva. Estelle não tinha nenhum senso para as belezas naturais.

– O que você já está fotografando de novo? – quis saber Estelle, perplexa, quando Kiki se curvou sobre um pedaço amassado de papel que havia muito ficou no sol.

– Olhe essas cores desbotadas. Como se estivessem se dissipando – Kiki enalteceu sua descoberta, bem sabendo que modelos diluídos somente chegariam a Estelle se viessem da coleção de Emilio Pucci ou Missoni.

Kiki fotografava tudo: o pedaço de jornal velho, as libélulas, cujas asas refletiam a paleta de cores.

– Thalberg gosta de motivos naturais.

– Johannes Thalberg gosta apenas de si mesmo – alertou Estelle, que encontrara com o chefe de Kiki algumas vezes no clube de golfe.

Não estava de todo errada. Mas isso vinha das origens de Thalberg, que fora criado numa pequena cidade no estado de Hesse. O lugar era dominado por fábricas de sapato. Todos os adultos trabalhavam lá, exceto os Thalberg, que eram donos da fábrica. Thalberg crescera em meio aos empregados e desde muito cedo aprendera a enfatizar as diferenças sociais. O chefe de Kiki misturou-se a outros círculos, onde o dinheiro encontrou o jovem espírito empreendedor. Numa área na qual todos se tratam com informalidade, Thalberg mantinha distância de seus funcionários.

O trabalho dos vasos era a chance de Kiki de ser promovida para a liga superior e mostrar seu poder a Thalberg e à imprensa, que faria matérias sobre o grande pedido da Ikea. Ela já via os artigos diante

de si: "Design divino", estaria lá em letras imensas e vermelhas e, logo abaixo, a história do surgimento de seus desenhos. "As ideias surgiram durante minha viagem de peregrinação", essa frase caía bem num entrevista para a revista de decoração *Belas Casas*. "Não sou religiosa", ditaria para a jornalista impressionada, "mas minha peregrinação para Lourdes marcou a virada da minha carreira".

Seria mais ou menos assim. Contanto que lhe ocorresse algo que valesse o título "Design divino".

O foco da câmera encontrou um inseto verde brilhante. Estava pendurado com a cabeça triangular para baixo em uma planta e esperava que uma presa descuidada se aproximasse.

– Um louva-a-deus – reconheceu Caroline. – São raros até no hemisfério sul.

Kiki sempre se surpreendia com o conhecimento que Caroline tirava da cartola.

Estelle revirou os olhos:

– Louva-a-deus? Típico do Caminho de Santiago. Até os insetos são católicos aqui – Estelle já tinha visto paisagens o suficiente. Indignada, completou: – Deveríamos ter chegado ao lendário mosteiro de Arne faz tempo.

– Não devíamos não – esclareceu Caroline claramente. – Estamos indo na direção errada.

Falou alto para que Judith, que seguia sozinha à frente, pudesse ouvir.

Judith estava exausta. Não era por causa do sol, que aos poucos chegava ao seu ponto mais alto e diluía as cores. Não era por causa do que via e sentia. O que inquietava Judith eram as coisas que não via. O córrego com água fresca, o parapeito da ponte onde Arne se machucou, o banco antiquíssimo à sombra, um pinheiro atingido por um raio cujo tronco crescia novamente: Judith buscava em vão por todos os detalhes que Arne anotou em seu diário.

“Você precisa olhar direito”, reclamou consigo mesma. Mas como poderia absorver a paisagem com tantos comentários às suas costas?

– Se não encontrarmos o mosteiro – disse Estelle – tenho algumas ideias. Minha assistente fez uma busca na internet com todos os restaurantes da região.

Ela puxou algumas folhas impressas de sua mochila e citou, se deliciando, os cardápios do restaurante mais próximo.

– Patê de cervo com pistache, caranguejos de água doce marinados em molho de vermute. Nem vinte quilômetros daqui. Poderíamos fazer um agradinho para nós mesmas.

– A peregrinação precisa doer. Senão, não adianta – Kiki ensinou à amiga. – No fim do caminho, você será redimida de todos os pecados.

Se havia algo que interessava mais a Estelle do que a boa comida eram as boas histórias. Não era do seu feitio fazer rodeios. A vida era muito curta. O melhor era ir direto ao assunto:

– Mais uma história de homens que não deram certo?

Kiki balançou a mão, retorquindo:

– Quando chegarmos em casa, o problema terá acabado.

– Problemas que somem no ar? – comentou Caroline num feliz cantarolar. – Meus criminosos também acreditam nisso e nunca resolvem nada. Se não me escutam, ficam perdidos...

Judith entendeu bem que o comentário de Caroline era para ela. Queria ser tão eloquente quanto a amiga ou rápida como Estelle. Arne certamente teria uma resposta divertida na manga. Sempre conseguia aliviar tensões com uma piada.

Um ruído penetrante rompeu seus pensamentos turvos. O telefone de Eva tocou. Ela atendeu aliviada. Finalmente um lugar no qual havia sinal.

– Frido! Como estão as coisas? Fiquei tão preocupada.

Mas a ligação estava tão ruim que Eva precisava gritar para se fazer entender. Judith e as outras foram obrigadas a ouvir toda a conversa. Não era difícil imaginar o que fazia Frido estar no outro lado da linha.

– Frido, eu já cozinhei os molhos.

Suas instruções eram rápidas e precisas. Judith ficava surpresa em ver como Eva era paciente com Frido.

– No freezer, não na geladeira.

– E a gaveta do meio?

– Etiqueta vermelha.

Falar e caminhar ao mesmo tempo era difícil para Eva. Ela tentava tomar ar. Enquanto Judith lançava uma prece rápida e muda para os céus, Kiki lançou uma aposta:

– Dez euros que Frido não consegue fazer nenhuma refeição.

Estelle retrucou:

– Até meu poodle sabe onde está a comida dele.

Tensas, observavam a evolução da conversa.

– Exato! E agora você precisa esquentar tudo – ensinava Eva.

Estelle temia o pior:

– Espero que ele saiba usar o micro-ondas.

Mal tinha acabado a frase, quando Eva gritou, indignada:

– Frido, não no micro-ondas, né?

– Você devia cozinhar qualquer dia, Estelle – riu Kiki.

Estelle reagiu com revolta fingida:

– Eu cozinho sim. Ninguém faz chá melhor do que eu.

Judith leu muito sobre peregrinações. Em nenhuma das histórias houve um peregrino que ficasse pendurado no telefone e desse uma aula para aqueles que ficaram em casa sobre o uso do micro-ondas

e a perda de antioxidantes e as consequências ruins resultantes dele, como arteriosclerose, câncer ou catarata. Nesse meio tempo, o rosto de Eva tinha adquirido a cor de um tomate.

– Eu sabia que seria difícil para Frido – sussurrou para as amigas.
– Mas não tinha ideia de que ele se comportaria como um analfabeto.

Balançando a cabeça, tirou a mão do microfone e mudou para o tom de esposa paciente:

– Você precisa esquentar o molho em banho-maria. Pegue uma panela e ponha água, uma baixa. Não, não a vermelha. Isso. Cinco a sete minutos. Sim, eu espero, claro.

Judith não ouvia mais. Tinha descoberto algo lá na frente que parecia ser uma ponte. A pinguela sobre o riacho tinha um corrimão totalmente enferrujado que se projetava perigosamente. Suspirou aliviada. Devia ser o pedaço de ferro no qual Arne machucara a mão direita. Estavam no caminho certo. Quando passou a mão com cuidado pelo metal afiado, soube por que havia se lançado nessa aventura.

Estranho como sentiu algo totalmente diferente quando olhou para a pontezinha. O corrimão de metal afiado e escondido se estendia pelo caminho. Judith ficou radiante de não ter dividido com suas amigas os detalhes do diário.

15

Não dava mais. Precisavam urgentemente de um descanso. Exausta, Judith deixou-se cair nas sombras de um pinheiro exuberante.

Kiki arrancou seus sapatos de caminhada e massageou os dedos maltratados. Redimir-se de pecados dava trabalho, ainda mais para as extremidades.

– Meus pés estão dormentes – lamentou.

Estelle, que havia esticado braços e pernas na grama como se fosse fazer um anjo na neve, torcia o nariz com nojinho:

– Do jeito que estou cheirando, parece que já estou morta.

Mesmo Kiki, que estava acostumada a procurar e ver o lado bom de tudo, estava com os nervos à flor da pele.

– Estamos há horas andando em círculos – reclamou com olhar acusador sobre Judith.

Estelle comentou o que Caroline havia horas pregava:

– Definitivamente é o caminho errado.

Judith evitava olhar para Caroline. Claro que tinha perguntas, claro que ela havia percebido as incoerências. Mas dizia respeito apenas a Arne e a ela. Tentou salvar o que devia ser salvo:

– E daí? O mais importante é o que acontece dentro de você.

Estelle livrou-se dos tênis. Bolhas. Bolhas horríveis. Carne viva!

Judith continuou, impassível:

– Arne diz que o caminho da peregrinação provoca sentimentos inesperados.

– Vontade de matar, por exemplo – completou Estelle.

– Você precisa seguir com consciência, Estelle – esclareceu Judith com brandura. – Então o corpo se acostuma de forma natural ao novo ritmo de vida. Só assim você vai se redescobrir.

A ladainha esotérica e essa voz sussurrada, embebida em compreensão, foram a gota d'água para Estelle:

– Quem diz isso? Arne, o profeta? Vamos ver.

Curiosa, Estelle tentou agarrar o diário que estava na grama. Antes que ela pudesse pegá-lo, Judith puxou o caderno para si com violência. O legado de Arne não pertencia a nenhuma delas.

– Só queria saber quais desafios espirituais ainda me aguardam – defendeu-se Estelle.

Impotência e raiva fervilhavam em Judith. Por que trouxe as amigas para o Caminho de Santiago? Deveria fazer a peregrinação sozinha. Mesmo sem o envolvimento das mulheres de terça-feira já era difícil seguir as trilhas de Arne. Os comentários cáusticos das amigas, a crítica muda e o matraquear incessante ao fundo envenenavam a atmosfera. Distanciou-se um pouco do grupo e tentou concentrar-se no motivo pelo qual tinha ido à França. Queria dar um fim digno ao diário de Arne com um capítulo final.

Com cuidado, abriu o livro e tirou a tampa da caneta-tinteiro de Arne. Desde a infância, quando Judith rabiscava o caderno da escola com sua caneta-tinteiro Pelikano, nunca mais tivera uma dessas na mão. A herança antiquada de Arne era um modelo fora de linha. No sentido mais verdadeiro da palavra. Em vez de botar no papel frases e aforismos sábios e bem-escolhidos, o que Judith deixou no diário de Arne foi uma mancha úmida em azul-cobalto. Judith sentiu as lágrimas brotarem. Eram sempre as pequenas coisas que a tiravam do prumo. Uma canção no rádio que ouviram juntos, uma carta da Volvo que convidava Arne para a apresentação de um novo modelo, os potinhos secos de leite que Arne sempre enchia para atrair o gato do vizinho para a varanda deles. E agora essa mancha horrorosa no diário. Arne tentaria ler algo positivo do borrão, do mesmo modo como previa o futuro nas nuvens quando passaram as primeiras férias juntos no mar Báltico.

– Sou um leitor de nuvens treinado – afirmou, convincente, garantindo que as nuvens pareciam um bolo. – Anos doces e fartos nos esperam – sussurrou em seu ouvido.

E Judith acreditou nele. Até tudo mudar.

Ela não queria continuar pensando naquilo. Precisava se libertar das coisas que aconteceram. Não queria mais sentir saudades de Arne. Muitas pessoas escreviam diários para se lembrar. Judith queria escrever para esquecer. Das nuvens e de tudo o que veio depois. Não era preciso muita imaginação para reconhecer o que significava aquela poça de tinta. A mancha parecia uma nuvem de tempestade. Os deuses estavam prontos para lançar seus raios sobre ela.

Mais que depressa, Judith folheou o diário até o início. Quinta-feira, 17 de junho. Parou novamente. O que deveria escrever sobre a primeira parte da peregrinação? Obedecia às indicações de Arne no diário. E, apesar disso, estava desnorteada. Judith se convenceu de que era apenas o cansaço que a deixava sem palavras.

16

—Sei do que precisamos – gritou Eva, animada. Resmungou e compreendeu com um olhar que as amigas ainda estavam em pé de guerra. Judith estava sentada em posição de lótus, um pouco distante das outras, as palmas das mãos voltadas para o céu, os olhos fechados.

– Ela faz mais teatro para o falecido Arne do que para os vivos – comentou Estelle sobre o comportamento estranho da amiga.

– Ela perdeu o marido, Estelle. Deixe-a exagerar, ela pode – Eva saiu em defesa de Judith. Preocupava-se com a amiga. Judith era a mais dramática de todas. Desde os tempos de Kai, preferia falar dos problemas a resolvê-los. Desde a morte de Arne, tinha ficado silenciosa. Quando Judith não queria mais falar, era um sinal de alerta.

Eva tirou das costas sua pesada mochila. Naquele momento, em Colônia, havia uma refeição quentinha na mesa. Assim, conseguia se acalmar para cuidar de si mesma e das amigas, que precisavam de ânimo. Para surpresa de suas parceiras de peregrinação, Eva fez surgir da mochila, como num passe de mágica, um piquenique fabuloso. E um forro de mesa ultrafino, que Kiki reconheceu emocionada como um de seus primeiros projetos para o estúdio Thalberg. Logo não se veria mais nada da estampa. Sobre o forro de mesa, uma profusão de gostosuras: azeitonas, salaminho, queijo, folhados recheados ao lado de biscoitinhos de parmesão, minimuffins com tomate seco e bolo de cenoura com nozes. Irresponsável no que diz respeito à técnica de peregrinação era levar isso tudo na bagagem. Mas naquele momento sua arma secreta significou a salvação do bom humor.

– Entendo o Frido. Eu também não deixaria você ir embora. Você é o máximo – suspirou Estelle.

Eva ficou envergonhada. Não lidava bem com elogios.

– São só umas coisinhas. Nada demais – tentou diminuir seu feito. Mas ela se ocupara dias e dias com o planejamento e a preparação do piquenique. Sem falar em todo o esforço de arrastar até ali a pesada mochila.

Eva arrumava as delícias nos pratos de plástico que trouxe, servia e se alegrava quando as outras gostavam dos quitutes. Após tantas horas de caminhada, um lugar simples à sombra parecia o Paraíso. Preguiçosas, as mulheres de terça-feira se esticaram todas, curtiam as comidinhas gostosas e deixaram o olhar vagar sobre os montes. Rochas nuas elevavam-se do verde exuberante, o vento soprava no calor do meio-dia e as cigarras ciciavam sua eterna canção. Havia um cheiro de poeira seca, alecrim e férias. A alegria tomava o lugar da exaustão. Estavam viajando. Longe de Colônia, uma cidade com a qual se podia encher meio livro para descrever sua feiura.

Poderia ter sido um piquenique idílico se Judith não tivesse se separado do grupo e se não houvesse a tecnologia moderna, com qual é possível encontrar qualquer pessoa em qualquer situação. Quando Eva quis pegar seu primeiro bocado, o celular tocou. Como sempre, atendeu de pronto. O sentimento angustiante no estômago de que em Colônia algo pudesse não estar em ordem não a deixava em paz.

– Alô, Lene. Como? Nota três em matemática? Que aconteceu? – Eva suspirou. As pequenas catástrofes também conseguiam desequilibrar sua grandeza.

Eva tinha apenas começado a consolar Lene quando sobre ela recaíram os olhares de desaprovação que as amigas lhe lançaram. Por que olhavam com tanto desprezo? Não podiam entender. Estelle tinha dois enteados adultos que viviam bem longe, os filhos de Caroline foram naturalmente bem criados, Kiki continuava a busca pelo pai dos seus filhos e Judith pensou tanto na possibilidade de ter um que o tempo acabou passando para ela. Nenhuma das mulheres de terça-feira fazia ideia de como era levar quatro crianças para a escola. Regine sempre dizia que era culpa da falta de uma

intervenção prematura. Quando perdemos um período importante no desenvolvimento infantil, ficamos para trás automaticamente. Regine tinha razão. Como deveria ter feito? Levar quatro crianças pequenas para aulas de musicalização, natação para bebês e aulas de chinês. Sem esquecer os testes de inteligência no caso de problemas escolares. Às vezes, tinha a impressão de que era a única mãe a não acreditar que notas ruins e falta de vontade de ir à escola era resultado de uma inteligência mais alta. Abaixo da média, assim chamavam no pátio da escola. Lene estava apenas na puberdade e às vezes era preguiçosa, só isso. Mas por isso deveria deixar sua filha na mão? Apenas por que estava numa peregrinação? Não queria ser como Regine, que desaparecia por semanas sem se preocupar com nada. Era desesperador. Desde que chegara à França, pensava na mãe a cada cinco minutos.

—Quando conheci Eva, ela queria fazer doutorado no Hospital do Coração, em Paris. Então, ela casou com Frido, teve um filho atrás do outro e nunca terminou o curso de francês – resmungou Estelle.

Caroline respondeu de boca cheia:

– Você também não.

– Eu tentei, de verdade. Cheguei a pensar que tinha talento. Até eu tentar comprar uma passagem de ônibus na primeira vez em que estive na França.

Estelle fez uma pausa dramática, sua especialidade.

– E então? – perguntou Kiki, impaciente.

– Não sei o que eu disse, mas o motorista deve ter entendido “tire as calças”.

Elas caíram na risada. Nem mesmo o olhar acusador de Judith conseguiu deter o estouro de gargalhadas.

– E por isso você está aprendendo polonês agora – Kiki cutucou Estelle.

– Claro, só assim eu consigo me entender com a empregada. Ela sempre diz a mesma frase e eu não entendo bulhufas.

Caroline entrou de novo na conversa.

– Nesse meio-tempo você conseguiu saber o que significa a frase?

Estelle imitou um sotaque polonês:

– Não tenha medo, meu marido conserta isso.

E, de novo, explodiram em gargalhadas.

– Vocês não podem simplesmente ficar quietas? – gritou Judith para as amigas.

Caroline prendeu o riso. Estelle e Kiki se entregaram sem pudores ao humor pentelho.

– Talvez seja uma reação alérgica à paisagem – comentou Estelle.

– Todo o pólen, o ar puro, com certeza não fez bem.

Na versão de Judith, a situação era esta:

– Para vocês é tudo uma grande diversão. Mas não para mim. Quero absorver o lugar como Arne experimentou. Imaginei com tanta beleza e... e... e agora nem sei mais onde estamos.

As lágrimas rolavam. A exaustão e o desespero que haviam crescido dentro dela nas últimas horas finalmente a tomaram de assalto.

– Eu queria ser forte – confessou.

O riso se esvaiu em rostos perplexos. Kiki mordida o lábio inferior, com indecisão. Sentia-se culpada. Estelle, nem tanto. Muitas vezes tinha se irritado com o fato de Judith cobrir o falecido marido com uma aura sagrada. No passado, precisaram ouvir muitas vezes que Arne a sufocava com seu amor. Mas Judith se esquecera disso havia muito. Para alívio de Caroline, Estelle guardou para si outros comentários. Mesmo ela sabia quando parar.

Caroline apenas pegou o braço de Judith. Não tinha o mínimo interesse em saber mais sobre o que quer que fosse. Com certeza não quando deixaram para trás quinze anos juntas e ainda tinham 430 quilômetros de caminhada até Lourdes pela frente. Quatrocentos e vinte e sete, para ser mais exata, pois Caroline sabia exatamente onde estavam.

– Talvez a gente não saiba qual caminho Arne percorreu, mas sabemos aonde ele queria ir.

Judith mal reagia. Estava no fim de suas forças.

– Não faz sentido. A peregrinação só piorou as coisas – soluçou ela. – Queria mesmo voltar.

Caroline pegou seu guia do peregrino.

– Exatamente o que precisamos agora. Algumas centenas de metros daqui está a rodovia. É o caminho mais curto para voltarmos à rota. Apenas alguns quilômetros.

Teatral, Estelle fez que iria cair:

– Onde está o médico que pedi para chamarem?

Dizem que, com os anos, os cachorros ficam parecidos com seus donos. Para os fazendeiros e seus animais parece valer a mesma regra. Não ficou claro quem se surpreendeu mais ao encontrar na estrada de cascalho as cinco senhoras solitárias, com aparência de cidade grande, totalmente suadas: o fazendeiro ou as ovelhas que olhavam de cima para baixo, dispostas sobre o reboque do trator. Não precisaram trocar uma palavra. O fazendeiro entendeu, sem nenhuma explicação, que aquela cena pedia um ato cristão de amor ao próximo. Sem falar nada, abriu a porta da carroceria e empurrou as ovelhas para o lado. Com um gesto simples, convidou as cinco peregrinas exauridas a entrar em seu reboque.

Judith embarcou e com isso deu o sinal que por hoje estava pronta para esquecer o diário e suas instruções. Caroline e Eva seguiram-na. Até Kiki desistiu de outra discussão sobre remissão dos pecados. Todas as quatro eram da opinião de que já haviam feito o bastante para o primeiro dia de peregrinação. Algo quase grandioso! De qualquer forma, o suficiente para desistir.

Apenas Estelle estava em dúvida. Nunca se podia saber em que medida a vingança estava disseminada entre as ovelhas francesas. Elas podiam ser parentes do cordeiro com o qual havia se deliciado na noite anterior em Montpellier. Cordeiro com geleia de cebola. Parecia uma eternidade. Como uma lembrança de uma vida passada, de uma vida bela. Aquele reboque sujo parecia pouco convidativo. Mas havia escolha? O pensamento horrível de ter de seguir apenas um metro ali deu o ímpeto para mostrar coragem e declarar guerra à sua fobia de fazendas. Enquanto Estelle tentava encontrar um lugar seguro o mais longe possível das ovelhas, Eva sentou-se confortavelmente com as pernas cruzadas no chão do reboque. Feliz, se dedicou às sobras do piquenique.

O veículo balançante pôs-se em marcha. O vento soprava o cheiro forte de ovelha no rosto de Estelle. Da cabine do trator soava a música chiada de um rádio. Com a melodia simples, mas feliz, a vida invadiu as mulheres.

– Nós traduzimos esse pedaço no curso de francês – gritou Kiki. Estelle conseguia lembrar-se vagamente de ter visto os jovens coristas franceses na televisão. Provavelmente em uma época quando o apresentador Rudi Carrell era o herói dos sábados à tarde.

Kiki começou a tagarelar e a cantar. Tudo continua como antes, dizia a letra. Nada mudou.

Até Judith deixou-se embalar pela canção hilária. Assumiu o refrão junto com Eva e Estelle. Kiki era responsável pela voz solo e as estrofes. Não sabia a letra com perfeição. Por isso, ressoava com gestos largos e dramáticos. Apenas Caroline evitava, gargalhando:

– Nunca consigo alcançar o tom certo.

Para ela, bastava ver suas garotas. Enquanto cantavam felizes, o trator com reboque arava as paisagens montanhosas, passando por alguns romeiros dispersos que provavam que não eram elas as únicas que buscavam esse solitário Caminho de Santiago.

Estelle estava feliz: talvez o reboque de trator fosse o melhor lugar para convencer-se da singularidade e da beleza da paisagem. E o melhor lugar para sentir que estavam unidas de verdade. Caso se conhecessem hoje, a amizade não aconteceria de jeito nenhum. Mas, após quinze anos, podiam dizer verdades que, em outra situação, causariam homicídios.

Nada mudou. Ficaria assim para sempre, aconteça o que acontecer.

Estelle deixou os pés maltratados balançarem sobre o canto do reboque. Alguém acarinhava sua nuca suavemente. Quando virou a cabeça para o lado, viu dois olhos úmidos de ovelha mirando apaixonados as aplicações de pele em sua jaqueta. Como Judith disse:

– Na peregrinação, as pessoas descobrem novas facetas de si mesmas.

Estelle percebeu que seu gosto para roupa fazia sucesso entre as ovelhas.

Rangendo, o trator freou à frente da primeira hospedagem, o albergue de Santa Maria. Tinham conseguido. Deixaram para trás a primeira etapa. Sem palavras, da mesma forma como quando embarcara as amigas, o fazendeiro desceu a rampa após o desembarque das peregrinas.

O ambiente do vilarejo lembrava a Idade Média. Nas estreitas vielas apertavam-se casas espremidas de dois andares, feitas de pedras naturais rústicas em cinza, ocre e amarelo pálido. As fachadas corroídas mostravam uma luta sem fim contra a deterioração. Parecia que sempre tinham de remendar e limpar um lugar que acabara de ser consertado.

Caroline estava contente de ter chegado. Na viagem pelo vilarejo, o reboque havia passado muito perto dos muros das casas sem que o fazendeiro considerasse necessário diminuir o ritmo. As marcas nas paredes mostravam que nem todo motorista conseguia manter a distância correta dos muros. Talvez por isso fossem poucas as janelas. Quando havia, eram pequenas. O tamanho parecia mais orientado pelo espaço disponível do que pela simetria.

As fachadas de pedra não eram muito convidativas, pois as poucas janelas estavam bloqueadas por venezianas e persianas. Discos de antenas nos telhados comprovavam que ali não acontecia muita coisa. As pessoas traziam o mundo para o vilarejo via satélite.

O albergue de Santa Maria ficava numa praça com uma pequena igreja, uma charcutaria e uma pequena tabacaria, onde não se conseguia apenas notícias do grande e vasto mundo, mas também as fofocas quentinhas do lugar. E a fofoca da vez se voltou para as cinco mulheres do grande e vasto mundo que se perderam no vilarejo.

Caroline observou cuidadosamente a estátua talhada em madeira da padroeira local na porta do albergue, num nicho cavado no muro de tijolos grossos. Maria estava representada como uma mulher em trajes brancos, o vestido esvoaçante preso com um cinto azul. Em cada pé, uma rosa dourada. Exatamente assim a filha de 14 anos do moleiro, Bernadette de Soubirous, havia descrito Maria em 1858, após a santa ter aparecido para ela numa gruta. Caroline leu a história na internet e bem de passagem verificou que no mundo secular, nos resultados da busca pelo local de peregrinação em Lourdes, se encontrava também a filha de Madonna, que recebera o mesmo nome.

Para Caroline, a história de Bernadette não pareceu muito esclarecedora. A mensagem da aparição para a menina foi a seguinte: "Não prometo fazê-los felizes neste mundo, mas com certeza no outro." Claro que não se questionava alguém como Maria, pois um acontecimento desta natureza não precisa de qualquer verificação posterior.

A mania profissional de Caroline de precisar comprovar afirmações com base na plausibilidade não pôde ser deixada de lado. Histórias vagas deixavam a advogada nervosa. Histórias vagas significavam trabalho, complicações, revisões e surpresas desagradáveis na sala de audiências. Vozes que sopravam algo no ouvido lembravam principalmente os clientes que não queriam assumir qualquer responsabilidade por sua vida.

Foi uma coincidência estranha que a aparição misteriosa em Lourdes tivesse ocorrido exatamente quatro anos antes do dogma da concepção imaculada de Maria ser aceito. Sou a Imaculada Conceição, respondeu a mulher que flutuava diante dos olhos de Bernadette na parede da gruta quando a menina perguntou seu nome.

Caroline ainda não entendia uma coisa. A Imaculada Conceição não se referia de fato a Jesus. Tratava-se da própria Maria. No dogma, Pio IX fixara como princípio da crença que não apenas Jesus era fruto do nascimento virginal. Pelo ato de misericórdia divina, Maria também foi livrada desde o primeiro momento do pecado original. Mesmo que a gravidez da avó de Jesus, Anna, tenha sido

totalmente natural. Caroline franziu a testa: sexo normal? E, apesar disso, uma concepção imaculada? Para entender algo assim, era preciso ser bem católico.

Um advogado contrário, de qualquer forma, não a desafiaria com tal argumentação aventureira. Mas assim era com a religião. Ou se acredita ou não se acredita. Caroline não acreditava numa palavra da história de Bernadette. Nem que a água benta de Lourdes era aquilo que prometia. Tinha lido que em pesquisas científicas não detectaram nenhum composto mineral extraordinário na água da fonte. No uso comum, aquilo que foi pesquisado era chamado de água mineral. Mas se as pessoas acreditavam na história de Bernadette ou queriam nomear seu albergue com o nome dela, para Caroline dava no mesmo.

O grito de júbilo de Judith tirou-a de seu transe de pensamentos.

– Santa Maria! Voltamos para a rota de Arne.

Radiante, Judith pulou do reboque. Mal podia acreditar na sorte inesperada.

– Vamos dormir lá onde Arne passou a noite. Talvez não seja o trecho exato que ele percorreu, mas estamos de volta para o caminho dele. Vocês vão achar o máximo – prometia ela às amigas.

– Arne amou. Eles têm uma adega de vinhos, camas muito macias, banheiros amplos. O ideal após um longo dia de peregrinação. Arne não queria mais ir embora.

A modulação de sua voz tinha voltado. A insegurança que se espalhou por Judith durante a primeira etapa se dissipara. Elas chegaram ao trecho de peregrinação de Arne, e Judith estava pronta para assumir novamente a liderança.

Até o momento em que Ginette, dona do albergue e envelhecida por uma vida sob o sol do sul, abriu para elas a porta rangente do quarto. Caroline não precisava mais inspecionar o albergue. Um olhar bastava para acabar com a última dúvida: algo não estava de acordo com o diário de Arne. E esse algo era mais do que um pequeno erro na indicação do caminho.

—A cama de cima é minha — anunciou Kiki, fazendo festa. Com empolgação, lançou-se com sua mochila no beliche próximo à janela bloqueada. As outras ainda não estavam recuperadas do choque. Luxo que nada. O quarto tinha uma aura de cela humilde de mosteiro. E não era apenas pelo crucifixo imenso que enfeitava o aposento.

Uma lâmpada de neon iluminava impiedosamente os tristes detalhes das instalações: três beliches, uma cadeira, uma mesa manca, um guarda-roupas com seis cabides e portas que não fechavam. Tudo de fórmica. Nas camas, cobertores de algodão flanelado que possivelmente passariam por peças do período pré-guerra para um colecionador.

— Uma amiga faz bolsas desse tecido. Vende igual pão quente — entusiasmou-se Kiki. Não tinha tempo, tampouco vontade de se preocupar com a mobília de um quarto de hotel. Tanto fazia o que Arne escreveu em seu diário. Kiki estava ansiosa por iniciar o primeiro desenho. Tinha visto tantas formas e cores interessantes, absorvido o som da paisagem. Os ruídos e a música eram importantes para ela. No primeiro semestre, virou motivo de piada na faculdade de design quando tocou um CD na sua primeira apresentação de produto para demonstrar qual sensação queria capturar com um projeto de sofá.

Todos os outros haviam feito, detalhada e demoradamente, móveis de espuma de poliuretano pintados com carinho. Na época, já existiam aparelhos que produziam modelos tridimensionais a partir de projetos digitais.

Kiki tinha bom humor. O dia tinha lhe brindado com tantas impressões boas. Agora precisava transformá-las em desenho. Ali conseguia trabalhar melhor que no estúdio em Colônia, onde sempre

estava cercada de colegas que a distraíam de seu trabalho. Ali era quieto. Até demais.

Judith, que transbordou de entusiasmo ao chegar ao albergue, perdeu a fala quando olhou o quarto com seis camas.

Estelle desapareceu no térreo para procurar uma boa bebida. Voltou com uma garrafa de vinho.

– A única coisa que consegui encontrar naquilo que chamam de adega – comentou enquanto enchia os copos.

Caroline ergueu seu copo:

– Um brinde a essa bela porcaria. Exatamente como Arne – declamou em tom festivo.

Não tinha a intenção de ofender, mas Judith sentiu-se imediatamente atacada. Sua expressão ficou petrificada, mas Caroline pareceu não perceber.

– O vinho nem é tão ruim – elogiou.

– Que é isso, Caroline? – retrucou Judith.

– É possível que Arne não percebesse mais as coisas como elas realmente eram? – Caroline tentou aliviar a situação. Ela não queria briga. Mas Judith estava na rota do embate.

– A doença era no estômago, não na cabeça.

Kiki suspirou. Às vezes Caroline era péssima com seu amor mórbido pela verdade. O que seria se Arne tivesse descrito exatamente o caminho e as acomodações? Elas tinham um teto sobre a cabeça, tinham saúde, ainda restavam dez dias livres na França e o vinho estava ótimo. Que mais queriam?

– Pare com isso, Caroline. Deixe Judith com a imaginação dela. – Kiki queria ajudar a amiga, quando Caroline prosseguiu:

– Você não acha estranho que os dados no diário não batam com nada? – ela continuou a cutucar.

Kiki não era a única que sentia que as coisas desandariam. Eva pôs-se entre as briguentas e serviu mais vinho. Visivelmente alerta, tentou apaziguar a briga antes que estourasse de verdade.

– Há muitos caminhos e todos levam a Santiago de Compostela.

Judith empurrou Eva para o lado.

– Provavelmente o dono mudou – rebateu Judith, truculenta.

Estelle inspecionava sua cama com as pontas dos dedos:

– Ninguém troca esse cobertor há uns sete meses.

Estelle estava preparada para todas as eventualidades. Sacou logo um inseticida da mala.

– Aonde você quer chegar? – perguntou Judith.

– Você acredita mesmo – justificou-se Caroline – que Arne achou que isso era luxuoso?

– Após um dia de peregrinação? Definitivamente, sim! – intrometeu Kiki, divertida. Ela disse exatamente o que queria dizer. Tinha se acomodado em sua cama na parte de cima do beliche e colou na parede alguns dos desenhos que havia feito para seus vasos durante o caminho, achando tudo ótimo. Exceto pelo bate-boca das amigas. Nas camas de baixo, a briga continuava. Caroline não desistia, muito menos Judith:

– Arne estava à beira da morte, sabia que iria morrer. Assim cada momento parecia um presente. Cada encontro com a criação, uma maravilha. Mesmo com a mais ínfima criatura.

Um cheiro penetrante espalhou-se pelo quarto e tirou o fôlego de Judith para continuar sua fala. Com o inseticida, Estelle espirrou para o além uma pequena criatura e sua grande família que se escondiam atrás de sua cama. Até ela percebeu a consternação das amigas. Culpada, olhou primeiro para Judith, e então para o massacre que havia perpetrado contra os bichos rastejantes.

– Podíamos nos converter ao budismo – propôs Estelle, cheia de remorso. – Eles acreditam na reencarnação.

Judith saiu do quarto batendo a porta. Eva foi atrás, não sem antes dar uma bronca em suas companheiras de peregrinação.

– Isso foi totalmente desnecessário – sussurrou ela. Não ficou claro sobre o que falava. Sobre Caroline com suas perguntas ou sobre Estelle com seu humor anárquico.

– Muito bem – Kiki cumprimentou Caroline com o dedão levantado.

– Agora Judith tem de novo um motivo para soluçar a noite toda.

– Se eu não dissesse nada, amanhã a gente andaria novamente na direção errada – Caroline se defendeu.

Mas Estelle estava pronta para botar mais lenha na fogueira:

– Você não teve uma vez um cliente que falsificou um diário inteiro?

– Hitler? – perguntou Kiki.

Caroline gargalhou:

– Estelle está falando do arrombador em série. Ele achou que podia escrever um álibi para si mesmo.

– Quem sabe o que Arne tinha para esconder?

21

Caroline pensou o dia todo como poderia fazer para que Judith obedecesse menos às informações duvidosas do diário de Arne. No fim, decidiu-se espontaneamente pelo método mais rígido.

Logo depois, culpou-se por não ter conseguido formular sua intenção de forma mais diplomática. Num banco diante do albergue, bebia um copo de vinho e olhava a vida noturna do vilarejo. Os últimos raios de sol lançavam um dourado morno sobre as fachadas cinzentas. Era um calor reconfortante. Nas ruelas, alguns jovens seguiam duas meninas que davam risadinhas e se empurravam com gestos meio brutos e gritos altos. Na igreja, reuniam-se os homens mais velhos do vilarejo para o bate-papo do começo de noite. A todo o momento, os olhares se voltavam para Caroline. Ela não percebeu nenhuma vez.

Caroline estava triste consigo mesma. Por que reagira com tanta grosseria? Invejava Kiki por seu talento para aceitar as coisas. Não fazia nenhuma pergunta desnecessária. Era provável que, para ela, não importasse se chegassem a Lourdes, a Timbuktu ou a lugar nenhum. Aproveitava o dia e o que o acaso trouxesse. E, mesmo assim, era ambiciosa no que fazia. Por que Caroline não conseguia ver a vida de forma mais descontraída? Kiki foi amada. Já Caroline era, em todos os casos, valorizada, com frequência temida, às vezes abertamente combatida.

Na vida profissional, saía-se bem: montar tática, aguardar, dizer a coisa certa na hora certa. Por que na vida pessoal não funcionava?

– Por isso a gente tem amigas. Para se recuperar do trabalho – confortou-se Caroline. As mentiras faziam parte do seu cotidiano como o amém da missa. Dia após dia, era confrontada com declarações falsas e meias verdades, com desculpas e retóricas. O Direito mantinha os mentirosos protegidos. *Nemo tenetur se ipsum accusare* (ninguém é obrigado a acusar a si mesmo), era o nome

disso. Quanto mais enfrentava mentiras na sala de audiência, mais alérgica ficava a elas na vida pessoal.

Em vez de provocar Judith ainda mais com perguntas desconfortáveis, Caroline voltou seus pensamentos ao marido. Tentou ligar para Philipp a noite toda. Arne havia sido seu paciente. Possivelmente tinham conversado sobre a última peregrinação. Philipp tinha celular, mas utilizava apenas em caso da mais extrema urgência e raramente o carregava. Não gostava dessas tecnologias modernas, tampouco da expectativa de ser encontrado a qualquer momento fora de suas consultas marcadas e dos plantões. E também não gostava nada das tarifas.

Caroline ligou quatro vezes para o consultório e quatro vezes recebeu a mesma resposta cantada da recepcionista: "O doutor Seitz está em visita domiciliar."

Parecia que Colônia inteira sofria de alguma epidemia que impossibilitava os pacientes de comparecer ao consultório de Philipp.

Não era incomum que ficassem dias sem se falar. Não eram daqueles casais que mantêm uma linha telefônica exclusiva. Caroline estava longe de ser o tipo de mulher que tentava garantir com ligações, mensagens de texto ou e-mails que o marido ainda estava vivo e a amava. Mas, naquele momento, se irritou por não conseguir falar com ele. Esperava tanto que Philipp pudesse ajudá-la.

Bufando, Caroline recostou-se. O calor estava cada vez mais confortável. De uma janela aberta soava em alto e bom som o *Jornal de 20 heures*, que havia algum tempo era apresentado por uma mulher e não pelo ícone dos noticiários franceses, Patrick Poivre d'Arvor, que Caroline acompanhara durante todo o curso de francês. Crianças chutavam bola entre duas latas de lixo e festejavam a cada gol, como se tivessem marcado o ponto que daria à seleção francesa o título mundial. Uma voz chamou-os para jantar. Ficaram os senhores sentados em um peitoril no muro da igreja, comentando os acontecimentos do dia. Estranho, pensou Caroline, nas praças dos vilarejos sulistas apenas homens ficam sentados. Mas também entre

as mulheres de terça-feira a mistura não dava certo. Ficava complicado sempre que os homens chegavam.

Com arrepios, Caroline lembrou-se da primeira comunhão do primogênito de Eva, David, que mereceu uma grande festa. Grande festa para Eva significa convidar não apenas suas amigas e agregados, mas também toda a imensa família de Frido e sua excêntrica mãe. Ela ainda lembrava como se surpreendeu quando encontrou Regine pela primeira vez nessa festa. A mãe de Eva estava perplexa, pois a filha venerava uma tradição familiar contra a qual ela lutou com muito empenho. “É culpa da vovó Lore”, anunciou, ainda na porta de entrada. Seu tom deixava claro que não era um elogio de jeito nenhum. Entre Regine e a família católica fervorosa de Frido, que compareceu à comunhão de David com todos os filhos e filhos dos filhos disponíveis, houve uma troca terrível de “elogios”. No meio dessa confusão, estavam as cinco amigas e seus companheiros.

Enquanto Kiki partia primeiro o coração e depois o nariz do irmão mais novo de Frido (ambos sem querer), Estelle e seu rei das farmácias se arreponderam muito por terem perdido a oportunidade de trazer um grande frasco de ritalina para distribuir entre todas as crianças presentes. Ou para Regine, que havia escolhido justamente Philipp para rever seu trauma católico de infância. Não conseguia compreender o fato de sua filha, que havia criado para ter a cabeça aberta, obrigar seu neto David a algo tão dogmático como uma comunhão.

– Veja a confissão – berrava Regine na orelha de Philipp para vencer a gritaria das crianças. – Quando criança, precisei me desculpar até mesmo pelos pecados dos quais nem me lembrava mais. Sempre esse medo. Deus já sabe o que você terá para confessar antes de você cometer o pecado.

Mal Philipp conseguiu fugir de Regine, grudou em Kai, que corrigia a pobre Judith a cada três frases. “Isso que você está dizendo está certo só em parte” parecia ser a frase favorita dele. Três dias depois, Judith deu entrada no divórcio.

Depois da tarde de comunhão ter acabado com Eva quase tendo um colapso nervoso, ela anunciou que festejaria cerimônias religiosas no futuro apenas com o núcleo da família. Os companheiros de suas amigas também não tinham lembranças muito boas daquela tarde. A partir de então, quando possível, ficavam longe dos encontros das mulheres. Para elas, estava ótimo.

O único marido que insistia em participar dos encontros de terça-feira era Arne. Sempre levava Judith ao Le Jardin e não ficava apenas em uma tacinha de vinho, mas às vezes permanecia até o fim da noite. A sorte de Judith: Arne era realmente sincero e bom com ela. Seu azar: queria provar isso para ela 24 horas por dia. Caroline sempre se surpreendia em como os dois eram simbióticos. Mas, depois de Kai, qualquer alteração era um progresso. Judith não era uma mulher forte. Se Judith não achasse um ombro para se encostar, ficava arrasada. Estranho que não tivesse percebido isso bem antes: Judith, que em todos esses anos havia escapado de um homem para o outro, vivia pela primeira vez sozinha desde a morte de Arne. Não era surpreendente a dificuldade em se orientar na nova vida.

Mesmo contra a vontade, Caroline tentou novamente encontrar Philipp. Nesse meio-tempo, a recepcionista já tinha ido para casa. Em vez dela, a secretária eletrônica atendeu: "Consultório do Dr. Philipp Seitz. No momento não podemos atender. Em caso de emergência, por favor procure o pronto-socorro mais próximo."

Irritada, Caroline desligou. Não precisava de um médico de emergência. Precisava de Philipp. Naquele momento desejou que seu relacionamento fosse um pouco mais parecido com o de Judith e Arne.

A rua havia esvaziado, as luzes nas casas tinham sido desligadas. No nicho do muro crepitava uma vela. A Virgem Maria sorria para ela, plácida. Caroline tinha motivos para rir. Então foi ela que convocou as pessoas a peregrinar até a gruta de Lourdes. "Dizei aos padres que devem vir até aqui em procissão e construir uma capela", comunicou Maria a Bernadette em sua 13ª aparição. Após a 18ª, Maria desapareceu e deixou as pessoas somente com aquilo que

trouxera à tona. Maria conclamou, Arne comeu milho e Caroline levou a fama.

Desanimada, baixou o telefone. Esperava que seu sétimo sentido para mentira estivesse enganado. Tinha de haver um motivo pelo qual nenhuma informação desse diário batia. Um motivo racional.

Kiki sentou-se na cama de cima como num trono e começou a desenhar. A viagem de peregrinação trouxe uma ótima desculpa para não desenhar direto no computador. Havia estudado em um tempo no qual se ensinava com lápis, régua e papel. A informatização da área a pegara desprevenida. Desde então, havia conseguido adquirir noções do assunto. Continuava alheia à autoconfiança que os designers mais jovens traziam consigo no trabalho com programas de desenho informatizado. Quando as coisas ficavam difíceis, apanhava secretamente o lápis. Então sentia-se como seu avô, que ainda considerava Charles Aznavour o melhor cantor e Peter Frankenfeld o rei do humor alemão: um dinossauro à beira da extinção.

O olhar de Kiki pousou sobre as amigas. Registrou tudo com a câmera: o sono de Judith, o criado-mudo com a vela tremeluzente diante da foto de Arne, ao lado da qual repousavam flores frescas e um copo cheio de vinho. Judith havia montado seu altar para Arne também na França. Dormia tranquila. Eva, no beliche à frente, parecia estar em coma. Há horas não se movia nem um centímetro. Mais um clique. No visor surgiu a foto de Estelle, que dormia com uma máscara azul. Os pés cheios de esparadrapos se projetavam para fora do cobertor.

Kiki sorriu. Estelle a odiaria por essa foto. Repassou as imagens registradas. Os acontecimentos do dia passavam por ela ao contrário. Havia registrado tudo: as expressões desanimadas das amigas ao entrar no quarto, Eva no meio das ovelhas, o piquenique maravilhoso, o louva-deus, a primeira foto do grupo, o champanhe no aeroporto de Colônia, a partida. Como um choque, surgiu uma imagem: Kiki de braços dados com Max, um homem grande com rosto de traços clássicos, cabelos loiros bagunçados e um sorriso

feliz que não deixava nenhum vinco em seu rosto. Com 23 anos, ninguém tem rugas.

Emocionada, Kiki percorreu as lembranças digitais: um casal apaixonado e com vontade de viver em uma barraca, no salto de trampolim, com metade do corpo nu no espelho de um banheiro. Momentos tranquilos e felizes, registrados com o *timer* da câmera ou com braço esticado. Kiki observava, sorridente, os cliques ridiculamente hilários, até perceber o que estava fazendo naquele instante. Começou a apertar a tecla de apagar com força. O jovem feliz se desintegrou em milhares de pixels. Max desapareceu do cartão de memória da câmera como desapareceu da sua vida. Passou. Ninguém saberia o que havia acontecido entre eles.

Minutos depois, Kiki cochilou sobre seu trabalho e sobre as lembranças de Max. Ouviu vagamente dois gatos que chiavam raivosos numa luta por território. Ao longe, bateram onze badaladas no pequeno relógio da igreja. A luz diante da foto de Arne se extinguiu, silenciosa. Tudo estava calmo e pacífico até o toque de telefone de congelar o sangue romper com a paz celestial. O toque característico também era tão conhecido como odiado pelas mulheres de terça-feira. O telefone que tocava, claro, era o de Eva.

Caroline já havia comentado ao deitar-se que o espaço entre a cama de cima e a de baixo havia sido feito para pigmeus e não para advogadas altas de Colônia. Infelizmente seus reflexos incorporaram quase nada do reconhecimento da noite anterior. Caroline levantou-se e bateu contra o estrado da cama de cima.

O telefone de Eva continuava a tocar impiedosamente. O som penetrante era uma relíquia de um tempo em que telefones ficavam no corredor, num volume alto para que se pudesse escutar pela casa toda. Mas os bons e velhos tempos ficaram para trás. Os telefones há muito não ficam mais num lugar fixo, mas ficam de preferência onde ninguém os encontra.

Entre inúmeros pedidos de desculpas, Eva se despregou de sua cama, fugindo. Desde o início, não queria dormir em cima. Primeiro porque não tinha ideia de como poderia subir a escada com razoável elegância, depois por que tinha medo de precisar sair à noite.

Desajeitada, despencou para a cama de baixo. Com todo seu peso, esbarrou no braço de Judith, que gritou de dor.

Onde estava o interruptor? Onde estava o maldito telefone? A única coisa que encontrou de pronto foi o canto pontudo do criado-mudo. Com o joelho, infelizmente. O vinho derramou sobre seus pés descalços. Eva gritou, Caroline resmungou e Kiki jogou um travesseiro. Apenas Estelle continuava a sonhar tranquila e não percebeu nada. O que não a impediria de, na manhã seguinte, durante o café, declarar copiosamente que não havia pregado o olho.

No fim das contas, foi Caroline quem tateou e encontrou o telefone de Eva. Pegou a coisinha escandalosa e lançou com toda a força pela janela. Lá fora, ouviu-se um grunhido suíno indignado. Caroline tinha acertado na mosca.

Ginette havia abrigado muitos hóspedes durante a vida. Nas décadas em que gerenciava o *Auberge Sainte Marie*, aprendeu a avaliar as pessoas. Quando pouco antes da meia-noite uma mulher exaurida e gordinha de shorts de dormir, camiseta e pés descalços surgiu diante dela, apontou com um gesto simples para o telefone no corredor.

Eva mal conseguia discar o número de Colônia de tanto que tremia. Era uma mistura de frio, cansaço e exaustão que havia atacado todas as fibras de seu corpo. Anna atendeu de pronto.

– Você disse que eu podia ligar dia e noite – desculpou-se com a mãe, que havia adivinhado. Claro que a ligação tarde da noite era de Colônia, de casa.

– Que foi?

– Mamãe, tem um lobisomem no meu quarto – tremia a voz da pequena.

Um lobisomem. Óbvio. Todo mundo sabia que era mais fácil combatê-lo se estivesse na França. Frido havia deixado Anna assistir filmes com os filhos maiores?

– Anninha, por que você não falou com o papai?

– Papai não acredita em lobisomem. Como ele vai achar?

Simple assim. Se a pessoa não acredita em lobisomens, pode dormir sossegada, mesmo que esteja apenas a dez metros do potencial perigo.

– E seus irmãos?

– Eles estão rindo da minha cara.

Eva sabia muito bem que não se tratava de um lobisomem. Anna sentia falta da mãe, como ela sentia falta da filha e de toda a família. Mas isso não conforta ninguém nessa situação.

– Sabe, Anna, o que a vovó Lore cantava para mim quando eu não conseguia dormir? – Eva agachou-se no chão de pedra,

recostou-se na parede fria e sussurrou uma pequena melodia. Tinha uma voz bonita e suave. Ginette, que limpava a cozinha, parou e ficou ouvindo, emocionada. Como lá longe, em Colônia, uma menininha ouvia. Anna não conseguia falar. A tristeza deu um nó na garganta de Eva. Ela sabia que Anna também estava emocionada.

– Também estou com saudades. De todos vocês. Vai para minha cama e dê um beijo no papai por mim. Durma bem.

– Mamãe, você está chorando? – quis saber Anna, sem acreditar.

Eva enxugou as lágrimas do rosto e afirmou:

– Não, não. Eu não choro.

Quando pôs o telefone no gancho, seu olhar pousou sobre um pedaço de papel amarelado: ao lado do telefone estava pendurada a tabela de horários da linha de ônibus local. As letras grossas e cor-de-rosa anunciavam que havia salvação. Eram apenas algumas palavras que brilhavam nos olhos de Eva: Saída para o aeroporto às 8h15.

O sol levantou-se com vagar por trás das montanhas, mergulhando os muros cinzentos das casas em um dourado morno. Uma lambreta solitária roncava alto pelas ruelas estreitas, dois galos faziam disputa de canto. E Eva ainda não sabia o que fazer. Duas almas moravam em seu peito e trocavam farpas verbais.

– No segundo dia a caminhada melhora – dizia uma.

– Caminhar, pelo amor de Deus. Nenhum metro a mais. Por favor, nem pensar – falava a outra.

– Anna vai dar conta. A única que não dá conta é você.

– Você precisa ir para casa. Esqueceu de anotar como funciona a secadora de roupas.

– Outras mães também conseguem. Caroline, por exemplo. Por que você não?

– Quer desistir? Ser a única?

– Você é uma perdedora.

– Eva, acorde!

Não eram mais as vozes internas. Era Caroline que a acordou com suavidade.

– Como assim? Já? – murmurou Eva. Em algum lugar entre as palavras de encorajamento e autoincriminação desesperada, ela deve ter adormecido.

– São 7h30. Se partirmos logo depois do café, vamos terminar o trecho mais difícil antes do calor do meio-dia – disse Caroline, tentando animá-la.

Esgotada, Eva afundou-se novamente no travesseiro. Como suas amigas conseguiam? Caroline estava toda em forma com tênis, Judith fazia suas orações matutinas diante do pseudo-altar escangalhado de Arne e até Estelle já estava maquiada.

– Eu já vou – prometeu para as amigas que, famintas e com sede de café, desapareceram na direção do salão de café da manhã.

Talvez a expressão “calor do meio-dia”, talvez a imagem de precisar fazer algo extenuante. Quando a porta bateu atrás das amigas, ela sabia o que devia fazer. Aeroporto, para casa, o pensamento era muito tentador.

Com dificuldade, Eva esticou suas pernas doloridas. Desastrada como sempre, desceu da cama de cima. Como um saco de farinha, despencou e descobriu que não era a única a quem faltava o espírito peregrino logo pela manhã. Kiki, que trabalhara durante grande parte da noite, voltou a dormir logo após Caroline chamá-la.

Clandestinamente, Eva juntou suas coisas com cuidado ansioso para não fazer barulho. A cada peça que desaparecia no fundo da mochila, seu coração ficava mais leve. Ingenuidade pensar que era possível fazer uma peregrinação dessas sem uma preparação coerente e treinamento regular. No dia seguinte, ela se matricularia numa academia em Colônia. Em alguns anos, quando as crianças estivessem maiores, começaria uma segunda tentativa com corpo astral fortalecido e bem-treinado. Era o lugar errado na hora errada. Para as amigas, ela era apenas um fardo e um eterno pé-no-freio.

Nervosa, deu uma olhada no horário: faltava pouco para as 8h. Hora de fechar o capítulo “peregrinação”. Botou a mochila nas costas e, como de costume, pendeu o corpo para trás. Contra a cama de Kiki. O terremoto médio que sacudiu o beliche manco não conseguiu tirar Kiki de seu sono saudável.

Nas pontas dos pés, Eva esgueirou-se para fora do quarto e desceu as escadas rangentes. Com alguns passos, estaria na saída. Mas o azar era seu companheiro inseparável. As portas do salão de café da manhã estavam bem abertas. Pior ainda: as amigas tinham uma visão direta da mesa para o corredor.

Assustada, Eva escondeu-se em um canto escuro onde uma poeira de décadas esperava para subir pelo seu nariz e ajudar a provocar um delator ataque de espirros. Tinha energia suficiente para sair correndo. Mas não tinha forças para defender sua decisão perante as amigas.

As mulheres de terça-feira estavam convencidas de que havia um bom motivo para os franceses não usarem uma expressão específica

para o café da manhã. A refeição matutina era descrita simplesmente como *petit déjeuner*, como o *pequeno almoço* dos portugueses, e era preciso se acostumar. Estelle ruminava descontente a baguete com queijo cremoso, Caroline bebia *ricoré*, essa mistura curiosa de café e chicória, e Judith dispensou tudo. Ela se debruçou sobre um mapa, comparando-o com as anotações do diário de Arne.

Oito e duas da manhã. Eva hesitou: devia correr o risco de ser pega no caminho para a saída? Estava claro que suas amigas não a deixariam ir embora tão facilmente. Da mesma forma, estava claro que não aguentaria a avalanche verbal de argumentos. A saída dos fundos era a única opção. Ligaria para Caroline do aeroporto. Eva apostou tudo num lance. Com uma frase decisiva, estava na porta lateral, abriu de uma vez e espremeu-se para sair.

Fora! Conseguiu! Com olhos fechados, encostou-se na porta que se trancou atrás dela. Esperou para ver se algo se movia do outro lado. Tudo estava calmo. Respirou fundo, abriu os olhos e percebeu que seus problemas haviam apenas começado.

Eva não era apenas mulher, mãe, cozinheira, enfermeira, motorista, lavadeira e empregada. Para seus quatro filhos, Eva também era uma talentosa ajudante na lição de casa. Pouco antes, havia ajudado Frido Jr. quando ele precisou se dedicar à origem das expressões idiomáticas para a aula de alemão. O surgimento da expressão alemã *Schwein gehabt* (literalmente *ganhei um porco*, significando *ufa, dei sorte!*) era muito interessante. Em uma das teorias, a expressão teria se originado de um costume da Idade Média de se dar um porco ao perdedor nas festas esportivas como prêmio de consolação. A partir daquele momento, Eva considerava essa versão como a mais verossímil de todas. Pois era exatamente o destino que estava reservado para ela naquele segundo dia de peregrinação. Eva tinha sofrido uma derrota. Agora, recebia o porco. Chamava-se Rosa, como anunciado na placa do portão, e surgiu grande e poderosa diante de Eva. A saída lateral não havia sido pensada para hóspedes que fugiam secretamente. Era o acesso ao chiqueiro enlameado de Rosa. Como basicamente Rosa tinha fome e parecia que já tinha saqueado diversas vezes a cozinha, a porta na lateral do chiqueiro não tinha trinco. O espaço fazia divisa diretamente com a rua. Se Eva chegasse até lá, precisaria ir para a direita, passando pela entrada do albergue. De lá, eram cerca de cem metros até o ponto de ônibus. No entanto, diante dela estava Rosa. Eva estava presa e a rota de fuga, bloqueada.

O relógio bateu 8h03.

Eva deu um passo cuidadoso e afundou até o tornozelo na lama fedorenta. A monstra suína grunhia enraivecida. No prato, o bicho parecia muito mais lúcido.

– Vai... *allez*... some... *disparez*.

Rosa não se mostrava impressionada com a voz trêmula de Eva. Curiosa, trotava sobre suas pernas curtas e magras cada vez mais perto. Uma meleca viscosa brilhava em seu focinho.

– Nunca mais como porco. *Ç'est promis*. Juro – suplicava.

Por que não terminou aquele curso? Provavelmente, o bicho entendia apenas comandos em francês. O focinho macio da porca batia úmido e escorregadio contra a mão de Eva. Fechou os olhos e gemeu baixinho para si mesma. Seria justo ao menos dar sorte nessa situação.

Ela precisava. Fugir. Da. Porca. Agora. Tinha pressa. A única arma que estava à sua disposição eram suas provisões. Todos os alimentos, as bolachinhas, os embutidos, os *cream crackers* que tinha comprado à noite no supermercado para aumentar os mantimentos se transformaram em munição. Seria mais fácil passar por um porco satisfeito? Desesperada, lançou à empolgada Rosa toda a sua provisão para alimentá-la. Até a última migalha.

O ônibus já havia chegado ao vilarejo. A sonora buzina soava pelas vielas estreitas.

Quando Eva deu um passo à frente, Rosa a agarrou. Pensou que havia mais guloseimas escondidas na mochila. Eva gritou seu desespero a plenos pulmões:

– Mais. Mais. Mais. Nunca é o bastante. Já dei tudo. Agora me deixa ir embora! Bicho idiota. *Fous le camp!*

A porca bateu em retirada como se a disparada de xingamentos a tivesse horrorizado. Eva não conseguia acreditar como isso aconteceu. Rosa deu passagem. Eva botou a mochila nas costas, surpresa pela sua vitória repentina, e pela primeira vez não pendeu o corpo para trás. Mais uma experiência.

Sem os quilos de provisões nas costas, ficou fácil escalar o portão. Estava na rua. Os velhos, que pareciam ter germinado no muro da igreja, esticaram os pescoços enrugados e empurraram os óculos para mais perto dos olhos cansados: finalmente, algo acontecia ali.

Com cuidado, Eva passou pela entrada do albergue como se estivesse atrasada de novo. A dona do albergue, que fumava na frente do prédio, pôs-se na frente dela. Do bolso de seu avental,

Ginette tirou o telefone imundo de Eva. A esperança de que ninguém havia percebido sua fuga explodiu como bolha de sabão.

– Há três tipos de peregrinos – comentou Ginette num tom ameaçador. – Os turistas, que vagam de experiência para experiência, os espirituais, para quem cada passo leva ao próprio coração...

O ônibus passou com tudo por elas em direção ao ponto. As portas se abriram. Eva vacilava entre pressa e cordialidade. Pegou o telefone, mas sem discurso religioso a dona do albergue não soltaria o aparelho. Frenética, Eva despejou os pretextos que havia fabricado.

– Autoconhecimento nunca foi minha praia. Minha mãe busca a si mesma até hoje. Tentou de tudo. Sobrevivência com Mao, dança esotérica, sexo tântrico. Sempre fiquei sozinha. Não quero ser esse tipo de mãe. Uma que peregrina enquanto a família precisa dela.

A dona do albergue entendeu. Com certeza, Eva pertencia à terceira categoria:

– E então vêm os indecisos, que na primeira adversidade buscam uma desculpa.

Em seu rosto pairava a decepção pela fraqueza de Eva. Ou Eva estava imaginando? Tanto faz. Ao menos pegara o telefone de volta.

Eva correu em direção ao ônibus, esmurrou a porta e, para seu grande alívio, o motorista deixou que entrasse.

Exausta, deixou-se cair no assento. Havia conseguido. Os poucos passageiros torceram o nariz pelo aroma de bosta de porco que Eva trouxe consigo para o ônibus. Ela nem havia percebido. Limpou desesperadamente o visor imundo de seu telefone. Vinte ligações perdidas, acusava a mensagem de boas-vindas. Todas de sua família. E três de Regine. A primeira mensagem era de David. Sem cerimônia, foi direto ao assunto: “Mãe, você tem alguma ideia de onde estão minhas meias de tênis?”, disse com voz repreendedora. “Eu deixei em cima do piano e agora elas sumiram.”

O imenso retrovisor refletia o rosto do motorista. Eva congelou. Sósias clandestinos existiam? A corrente de ouro e a camisa rosa do uniforme da linha de ônibus não conseguiam esconder o fato de que

o homem no volante era uma cópia exata de Frido. Com sorriso diabólico, o motorista sinalizou que estava pronto para conduzi-la até sua casa.

O ônibus deixou a praça do vilarejo. Sem Eva.

– É como com Rosa – explicou Eva à dona do albergue, que permanecia no mesmo lugar. – É preciso informar onde está o limite. Se não, eles devoram a gente até o último pedaço.

E botou o telefone na mão de Ginette:

– Se alguém ligar, eu perdi o celular. Muito idiota, mas é isso.

A dona do albergue riu, satisfeita:

– E daí sempre aparecem peregrinos que surpreendem a gente.

Eva estava radiante. Tinha acabado de se surpreender. E havia muito isso não acontecia.

—Fiquei com medo de você arrumar suas coisas e desaparecer sem falar nada – confessou Caroline quando Eva sentou à mesa do café da manhã. Por isso tinha se esforçado para entrar na sala com uma felicidade enfática. Como se a tentativa de fuga nunca tivesse acontecido. Era difícil esconder algo da advogada esperta.

– Venci meu espírito de porco – admitiu Eva – e a porca lá de fora. Que são contra o percurso de alguns quilômetros até Lourdes.

Eva comeu com grande apetite. Quem é peregrina também precisa comer. Pegou um pedaço da baguete e a esfarelou em sua xícara imensa, acrescentou muito açúcar, despejou sobre tudo o *ricoré* com leite e mexeu calmamente com uma colher. Sentiu aquela papa tão macia na boca que não conseguiu evitar de pensar numa dentadura. A mistura era quente e doce e, com certeza, contava com inúmeras calorias que ela, como por magia, carregaria pela próxima etapa.

Na cozinha, Ginette curvou-se sobre o diário de Arne que Judith lhe mostrava. A gerente do hotel sacudia a cabeça, enérgica. Assim como a cozinheira e o entregador de bebidas, que foram consultados rapidamente. O diário circulou, o mapa desenhado foi examinado, virado e descartado. Não conseguiu tirar mais do que um dar de ombros perplexo dos hóspedes que conheciam o lugar.

Cabisbaixa, Judith foi até Caroline.

– Talvez você tenha razão – admitiu ela com um sorriso fracassado. – O mais importante é que a gente chegue em Lourdes.

Caroline desenterrou suas anotações.

– Já escolhi o trecho para hoje – revelou às amigas.

Judith confirmou com a cabeça, com lábios apertados. Eva olhava para uma e para outra, cheia de preocupação. Sem parar, aconteciam conflitos entre elas. Quando haviam concordado em

algum assunto? Era esse silêncio que a perturbava, como se alguém olhasse fixamente o para-brisa trincado depois de uma pedrada. A rachadura era clara, mas o que não estava nítido era se e para que lado aumentaria.

Caroline levantou-se. Era hora de partir. Olhou em volta, procurando. Onde estava Kiki?

As pernas nuas bronzeadas, a figura bem proporcionada, a visão tentadora. Kiki não tinha problema em pular seminua pelo jardim onde suas roupas secavam. Nem tinha tanta pressa assim. Também, para quê? Nenhum porco se interessava por ela. Nem mesmo Rosa, que estava deitada, boba e satisfeita, na lama.

– Foi com esse bicho idiota que você teve problemas? – Kiki perguntaria mais tarde, perplexa, quando Eva contou a história. Mas sempre era assim com Kiki. Tinha o dom invejável de ver o lado positivo de tudo. Logo após acordar, foi até a janela e deixou o olhar pairar sobre os telhados. O sol fez cócegas em seu nariz, na parede sobre a cama estavam pendurados esboços muito promissores e Colônia estava bem longe. O que mais poderia querer?

Kiki tinha acabado de pegar as roupas do varal quando dois braços a envolveram pela cintura. Virou-se e tomou um baita susto. Diante dela estava um jovem com cabelos loiros bagunçados e olhos que brilhavam de felicidade. Era o homem que na noite anterior ela havia apagado da sua memória virtual. Era Max. E, como sempre, seu bom humor beirava o des pudor.

– Está feliz?

Nenhuma explicação, nenhum comentário, absolutamente nada. Apenas:

– Está feliz?

A pequena Bernadette provavelmente sentiu-se assim diante da aparição da Virgem Maria. Mas a aparição diante de Kiki era bem carnal. Max conseguiu, numa fração de segundo, o que os quilômetros de caminhada do dia anterior não tinham conseguido: um sentimento de fraqueza geral tomou conta dela. Seus joelhos pareciam pudim, seu pulso subiu para a altura da ponta de uma montanha-russa e seu cérebro esvaziou-se. Com uma batida, todo o sangue foi drenado da região que torna possível o pensamento, pois

descera urgentemente para fazer surgir, como por encanto, manchas vermelhas febris no rosto.

– Max – desengasgou. Não conseguiu formular nada mais complexo no primeiro choque. Percebeu que ainda estava de calcinha no jardim. Com rapidez, deslizou para dentro do vestido.

– Você fez muito bem em fugir do estúdio. Num ambiente novo é que se conseguem as melhores ideias – comentou Max.

No momento, Kiki tinha mais perguntas banais que *insights* criativos. Como Max soube onde encontrá-la? Não havia dito a ninguém no estúdio onde passaria as férias.

– Quem te contou?... Nem nós sabíamos onde iríamos dormir – gaguejou ela, desesperada.

– A filha da sua amiga, Eva, colocou tudo no blog dela. Com horários exatos, inclusive.

O celular de Max tocava com insistência. Revirou sua bolsa-carteira. Não pegou o celular, mas a folha impressa que deveria explicar como havia chegado até ali. No mapa que Frido preparou com Anna e publicou na internet, estava desenhado minuciosamente o caminho de Eva. Kiki ficou boquiaberta. Havia muito percebido que Eva dificilmente conseguia se desprender da família. Mas os dois, ao contrário, podiam perfeitamente se separar. Nem tiveram que se esforçar tanto. Apenas Max não percebeu.

– Eu disse que estava tudo acabado.

Max a corrigiu. Objetivamente. Sem qualquer acusação na voz.

– Você me escreveu uma mensagem de texto. “Não dá. Sinto muito. Kiki.” Quatro palavras vagas.

– Não tinha mais nada para dizer – defendeu-se Kiki.

Max permanecia calmo. A amigável serenidade deixava Kiki insegura. Nem em sonhos imaginou que a situação que já era demais em Colônia fosse envolvê-la com tanta força na França.

Paul Simon conhecia *Fifty ways to leave your lover*. Talvez ela devesse ter pensado com mais atenção sobre 49 alternativas antes de decidir-se pela solução rápida via mensagem de texto. Kiki não queria conversas sobre término de relação, essas em que nos deixamos levar, tão chorosos, a frases como “Podemos ser amigos”.

Não queria quebra-quebra e, acima de tudo, não queria sexo de despedida. Queria que o caso com Max terminasse antes que fosse tarde demais. Suspeitou que seu comunicado o desagradaria. Como ele a ignorou, e Kiki ficou arrasada.

– Não acredito em uma palavra sua – ele riu, sem pudor. – Em nenhuma. Não dessa “Kiki”. A Kiki que conheço não fugiria sem mais nem menos.

Kiki ficou nervosa. O que ele queria ali? Por que viajou atrás dela? O toque insistente e penetrante do telefone de Max a deixava ainda mais nervosa.

– Atende logo! – ela estourou.

– É meu pai – explicou Max, sucinto. – Ele sempre fica irritado quando não sabe onde estou.

Cada frase, uma nova bomba.

– Você fugiu? Sem falar com ninguém? – Kiki tentava reunir o que acabara de ouvir em um todo razoável.

O telefone parou de tocar. Kiki sentia o pânico crescer.

– Explico tudo quando voltar. Isso se até lá eu tiver entendido tudo – prometeu Max.

Kiki não respondeu mais nada. Por trás da cerca do jardim surgiram quatro rostos curiosos. As outras estavam prontas para a etapa daquele dia. Caroline balançava a mochila de Kiki.

Quantos segundos restavam antes que precisasse explicar às amigas a presença de Max? O que poderia dizer em sua defesa? Max estava errado. Ela passou horas polindo aquela mensagem de texto. E quis falar cada uma daquelas quatro palavras. Principalmente a parte do “Não dá”.

28

—O que Kiki está aprontando lá fora? – indagou Caroline. Da cerca do jardim, observavam como Kiki falava com um jovem, insistente e nervosa, gesticulando como se quisesse espantar uma nuvem de moscas. Não restava um pingão da atitude descontraída que surpreendeu Caroline na noite anterior.

– O que ela está aprontando? – adiantou Estelle. – Brigando. Com Max Thalberg.

Estelle gostou de ver os olhos arregalados das amigas. Até Judith esqueceu por um momento suas preocupações.

– Thalberg? Do estúdio Thalberg?

– Como Thalberg para quem Kiki trabalha? – Caroline também quis saber.

– O sucessor do trono em pessoa. Max vai assumir a companhia assim que terminar a faculdade em Londres.

Eva tinha sua própria maneira de ligar os pontos de uma história.

– Provavelmente tem a ver com trabalho. Kiki deve ter terminado alguma coisa.

– Você também acredita na concepção imaculada? – Estelle tirou um sarro da amiga.

Somente então Eva se deu conta:

– Você tá dizendo que Kiki... mas ele é muito... quantos anos ele tem?

Caroline foi direto ao ponto:

– Idade suficiente para ter cartão de crédito, jovem o bastante para aprontar todas.

Estelle deixou-se levar por pensamentos totalmente diferentes. Seu olhar pousou sobre o rapaz com visível deleite:

– Eu entendo Kiki. Se eu fosse dois anos mais jovem... – Não completou o pensamento. Sabia também que seria o suficiente para deixar Eva chocada.

– Piadinha, Eva. Adoção não é minha praia – sorriu Estelle.
– Chega de tagarelar – ordenou Caroline e agitou a bolsa de Kiki.
O sinal da partida.

– A beleza da peregrinação é que as pessoas entram em contato muito facilmente com as outras – blefou Kiki quando agarrou a alça da mochila. Seu riso soava falso. Por nada no mundo queria confessar que o jovem ao seu lado era seu amante, que viera atrás dela numa atitude embaraçosa. Apesar disso, se sentiu obrigada a dar uma explicação.

– Este é... – começou, forçada, fez uma pausa e virou-se diretamente para o visitante-surpresa, na esperança de que Max não a desmascarasse. – Como é mesmo seu nome?

– Max Thalberg – Estelle deu uma ajudinha para Kiki. – Poderia ter ao menos gravado o nome, já que dormiu com ele.

Kiki ficou boquiaberta. Na verdade, ela podia imaginar que Estelle não conhecia apenas seu chefe, mas toda a família Thalberg.

– Max é uma lenda no clube de golfe, desde que roubou o cortador de grama e, passando pelo buraco sete, jogou-se na lagoa dos patos – esclareceu Estelle.

Max sorriu, atrevido.

– Eu tinha 9 anos.

Eva irritou-se com outra coisa.

– Se Kiki trouxe o namorado, eu poderia ter convidado o Frido – ela interrompeu, ofendida.

Kiki defendeu-se com grosseria da insinuação:

– Eu não convidei Max.

Estelle não achou tão dramático:

– Deixa pra lá, Kiki, o que importa é que você está feliz.

– E eu não estou feliz! – gritou Kiki e saiu pisando duro.

As outras a seguiram.

Por um momento, Max pendeu de uma perna para a outra. Então pegou sua bolsa e as seguiu a uma distância respeitosa.

“O caminho de Santiago presenteia os peregrinos com encontros emocionantes, paisagens impressionantes e uma experiência espiritual especial”, leu Eva no guia do peregrino de Caroline. Naquele dia, ele presenteou as mulheres com um passeio pela Narbonne da Idade Média, que ficava a dezessete quilômetros de distância da praia de Narbonne, de onde haviam começado o caminho no dia anterior. Eva invejava os turistas, que navegavam por férias agradáveis com suas casas flutuantes no Canal de la Robine. Passavam seus momentos de lazer nas famosas catedrais, em cafés ensolarados, ruínas romanas e no cotidiano francês. Eva preferia bater perna o dia todo no mercado, admirando as barracas com produtos locais, todos aqueles legumes, frutas, temperos, carnes e frutos do mar reluzentes. Contudo, após o desastre do dia anterior, o caminho de Santiago preparou um cronograma rígido para as mulheres de terça-feira e um trecho pouco brilhante: o que seguia era uma via marginal muito movimentada e nivelada. Por trás das fábricas à esquerda corria a autoestrada A61 com quatro pistas, que ligava o Mediterrâneo ao Atlântico. Aquele calor! Aquele fedor! Era o tipo de via na qual se entrava apenas para testar as pernas e ter as forças roubadas. Apenas Estelle parecia feliz. Na pista expressa reta como uma régua, uma mala com rodinhas comprovou ser o único acessório de um verdadeiro peregrino.

Eva conseguia ler nos lábios apertados de Judith que a palavra autoestrada provavelmente não constava do diário de Arne. Caminhões passavam zunindo, jogando poeira seca e descarga de escapamento no rosto. O proprietário de uma bodega, que por um motivo incompreensível se chamava La barracuda e de acordo com a placa oferecia “saladas, batatas fritas, *paninis* e grelhados”, assoviou para elas com malícia. Os trabalhadores da oficina mecânica ao lado puxaram seus bonés oleosos para ter uma visão melhor do inusitado

grupo de damas. As expressões variavam entre curiosidade e diversão gozadora. Os rostos irônicos revelavam que naquele trecho não se encontravam muitos peregrinos em cujas mochilas balançavam vieiras de São Tiago. Provavelmente ainda eram capazes de entender que alguém peregrinasse até Graceland, a última casa de Elvis. Mas andar até o túmulo de um apóstolo que morreu havia mais de dois mil anos?

Eva podia imaginar bem qual era a imagem delas no momento: cinco mulheres mimadas, com ótimas condições, que peregrinavam, pois já tinham feito e visto tudo no mundo. Quem sabe, talvez tivessem até mesmo escolhido conscientemente as instalações do *Auberge Sainte Marie*. A esperta Ginette, que entendia perfeitamente o que movia os peregrinos, ofereceu a suas hóspedes exatamente aquilo que buscavam: tribulação, pouco conforto e muita inconveniência. Eram o tipo de experiências que curariam em casa com uma boa taça de vinho tinto caro.

Típico, pensou Eva. Se fosse peregrinar, então nunca seria na estrada principal na direção de Santiago de Compostela, onde os peregrinos faziam parte da paisagem. Ela se arrastaria por uma rota secundária, desconhecida, mal sinalizada. Talvez fosse sintomático em sua vida. Parecia estar percorrendo a trilha secundária havia bastante tempo.

Para as amigas, não importava que fossem olhadas com admiração. Estelle parecia estar prestes a dar um autógrafo ao atendente gozador do Le barracuda.

Eva ficou aliviada quando cruzaram a autoestrada sobre uma ponte e o concreto cinzento foi trocado por montes quase sem vegetação. Por trás deles, Narbonne e o ruído da autoestrada desapareceram. Os típicos arbustos baixotes da *garrigue* deram lugar a uma região florestal. No caminho, dançavam as sombras das árvores que oscilavam na brisa de verão: ciprestes altíssimos e de um verde exuberante de um lado, árvores frondosas e farfalhantes do outro. Por quilômetros, nenhum vilarejo, nem cidade, tampouco observadores críticos. No caminho havia apenas o mosteiro beneditino de Fontfroide, onde não vivia mais nenhum monge; no lugar, um restaurante e uma garçonete muito jovem. As cinco

mulheres estavam quase sozinhas sob as abóbadas de rafia. Em uma mesa pouco à frente delas, almoçavam dois motociclistas italianos fugindo do cotidiano com motos Guzzi. Mais do que nos legumes frescos no prato, estavam interessados na atendente, que servia os grisalhos *easy riders* com a mesma fleuma que as cinco amigas. A comida estava fantástica.

A refeição começou com uma salada de folhas mistas com alfaces verdinhas, repolho e pétalas com muito azeite, limão e pão fresco. Em seguida, *steak* com batata gratinada e, de sobremesa, *sorbet* de morango. Judith ficou no omelete. Com muito esforço e sofrimento, as mulheres de terça-feira resistiram à tentação de pedir um vinho para acompanhar a deliciosa refeição. Não tinham chegado ainda à metade do trecho daquele dia. Provavelmente passariam ali o resto do dia se a empresa de ônibus *Spatz*, de Fulda, não tivesse despejado uma vigorosa trupe de aposentados no estacionamento do convento. Os pensionistas estavam, como informava a placa no ônibus, na excursão “Cátaros e Catalães” e exploravam de passagem o norte da Espanha, Andorra e sul da França. Tinham pressa: três países em nove dias, almoço em quinze minutos por favor e bebidas já. Rápido, rápido.

– Nessa idade, as pessoas não têm tempo a perder – Eva justificou a impaciência dos aposentados. No entanto, quando os primeiros começaram a reclamar em alto e bom som do serviço lerdo, as amigas fugiram mais que depressa. Para lá, onde ainda estava calmo e não encontrariam conterrâneos embaraçosos.

A cada passo, Eva relaxava mais e mais. Na paisagem solitária, onde não havia nenhum trabalhador e garçons ousados que pudessem observá-las em seu esforço suarento, caminhava como se estivesse livre. E também sem a mochila pesada. O orgulho se espalhava. Alegre, caminhava ao lado de Caroline após a pausa para o almoço. Atrás delas, Kiki, cujo rosto parecia dizer apenas uma coisa: “Não pergunte!”

Kiki não viu nada. Nem o mosteiro de Fontfroide que, como uma pintura, ficava encrustado numa depressão nas montanhas com vegetação densa, tampouco os belos vitrais coloridos que permitiam uma luz multicolorida mergulhar no interior simples do local, nem os claustros recobertos de verde com suas colunas duplas e arcadas, nem as roseiras. Kiki havia descoberto algo novo. Dessa vez em si mesma. Era o arrependimento.

Como aquilo pôde acontecer justamente com Max? Não havia sido amor à primeira vista? Como? Quando Kiki chegou em Thalberg, Max era um estudante comprido, cujos braços longos em torno do corpo magrelo e desproporcional balançavam como se fossem na realidade de outra pessoa. Os designers, com os quais falava ocasionalmente para pegar intimidade com a base da empresa, tinham-no como caso perdido. Trabalho manual para Max significava anotar na palma da mão dicas valiosas para a próxima prova de francês.

Kiki quase caiu da cadeira quando Thalberg anunciou, poucas semanas antes, que o jovem passaria suas férias semestrais no departamento dela. A crise de crédito atingira em cheio sua área: em muitos locais, as receitas haviam despencado, uma série de importantes clientes italianos pediram concordata, revistas de decoração que generosamente exaltavam os produtos foram descontinuadas. Em tempos em que a força de trabalho fixa era substituída por estagiários baratos, não era um bom sinal precisar incorporar no próprio local de trabalho o filho do chefe e o futuro diretor da empresa.

Kiki imaginou o que seria dela. Vira muitos estagiários chegarem e irem embora. Havia os tímidos que se calavam com grande respeito, os bajuladores que faziam tudo, contanto que o chefe incumbisse pessoalmente, e os carreiristas, cujo ego e a competência social

brigavam por espaço a cotoveladas. E havia os bons, que podiam ser perigosos para ela, pois seus desenhos eram vivos, inovadores e *sexy*. A que grupo pertenceria Max?

À primeira vista, Max agia com timidez. As pessoas esqueciam que estava lá, de tão reservado que era quando chegou. Mas isso durou até a sessão de *brainstorm* sobre a reestruturação de um hotel sofisticado nas proximidades da estação de trem. Thalberg queria sugestões de todos os funcionários.

Na equipe, estudaram a fundo o *briefing*. Os colegas se debruçavam sobre o público-alvo e a estrutura etária, sobre análises de mercado e as mais novas pesquisas sobre os efeitos das cores e tendências no setor hoteleiro. Um colega teve uma ideia ousada demais: quebrar o lobby acarpetado e reconstruí-lo com um projeto claro de linhas retas. Foi quando a música soou.

Max havia levantado e posto um CD no computador.

– É preciso desenvolver um sentimento para o ambiente antes de botar tudo no chão – explicou-se, sem qualquer constrangimento.

Em vez da teoria cinzenta, uma música suave e melancólica flutuou pelo estúdio. Um contrabaixo ao fundo, à frente saltavam toques de piano leves como pena. Um colega dava batidinhas no relógio, os estagiários se cutucavam sob a mesa de trabalho, rindo baixinho. Se Max não fosse filho do chefe, saberiam claramente que era perda de tempo e diriam na cara.

Kiki mergulhou na música. A canção soava como piso molhado, como noite solitária. Soava como uma mulher que, após uma noite inteira dançando descalça, flutuava pelo lobby do hotel, balançando nas mãos sapatos de salto alto, pedindo o último drinque no bar. A melodia era melancólica e, mesmo assim, especialmente alegre.

Atônita, Kiki olhava para a pilha de papéis sobre a mesa. Por catorze dias trabalhou lado a lado com Max, sem percebê-lo de verdade. Apenas naquele instante ela viu que o rapaz desproporcional transformara-se num homem bonito, vestido de forma bem casual, como se quisesse deixar claro que não se importava mesmo com o dinheiro de seus avós e com as caras camisas sob medida de seu pai. Pela postura, percebia-se que

deixara num canto o violoncelo comprado pela mãe e, em vez disso, praticara esportes. E ainda tinha senso para a música.

Kiki entendeu o que Max queria expressar com a música. A canção capturava perfeitamente a antiga atmosfera que tornava o hotel único. Será que a solução seria varrer tudo aquilo? Era um apelo sem palavras para, na transformação, ampliarem o charme mórbido e misterioso que o hotel emanava.

– Que música foi essa? – perguntou, quando os últimos toques soaram na sala e o último estagiário tinha voltado para o seu próprio computador.

– Jazz sueco – explicou Max. – *Um vestígio do verão*.

Kiki não precisava de outras explicações: eram os infelizes amores de férias que se materializaram na música. Ela também podia cantar uma canção sobre isso. Uma dos Poppys, por exemplo.

Quando buscou na mesma noite no YouTube por Jan Johansson – *Visa från utanmyra* –, e ouviu a música uma segunda vez, ficou claro por que a mulher no hall do hotel daquela noite estava tão feliz: provavelmente encontrara sua alma gêmea na festa que acabara de deixar.

Kiki sorriu discretamente pelas lembranças, até perceber que Caroline, marchando ao lado dela no caminho peregrino, a observava com atenção. Não disse nada. Mesmo assim, Kiki sentia-se obrigada a dar uma explicação:

– Sim, eu sabia quantos anos ele tinha quando tudo começou. Não, os problemas não se resolvem sozinhos. Sim, você tinha razão

– Kiki tagarelou, apressada.

Caroline ficou boquiaberta em face da reação ríspida:

– Ninguém te acusou de nada, Kiki.

Também, nem precisava. Kiki fez as acusações a si própria. Há pessoas que pensam que conseguem separar estritamente o particular do profissional. Kiki nunca entendeu isso: como é possível trabalhar com outra pessoa sem ter nenhum sentimento? Fazer o design de algo tem a ver com transformar sentimentos em objetos palpáveis.

Enquanto os colegas davam forma ao conceito de botar tudo no chão, Kiki e Max desenvolveram uma contraproposta. A partir de discussões sobre poemas e transparência, sobre cores vibrantes e tons de terra discretos, material e sensações, formou-se um painel de palavras exuberante. De gozações a elogios inesperados, de olhares furtivos a xícaras de café, passando por longos olhares e toques aparentemente acidentais. O pós-barba dele sobrepunha o cheiro estranho na sala de impressão, onde a *plotter* cuspiu o resultado do trabalho em conjunto. Suas cabeças se tocaram quando curvaram-se sobre a apresentação pronta.

Demorou três semanas até uma reação de Thalberg. Nenhum elogio, nenhum comentário. Apenas a informação secreta de que o chefe confiaria a ela a partir daquele dia as tarefas mais complexas. Recebeu um e-mail em que Thalberg a convidava para apresentar um projeto para a série de vasos da Ikea.

Max e Kiki comemoraram o sucesso com discrição no bar do hotel “deles”, onde um pianista fornecia a música de fundo para sussurros coquetes. Na despedida, ele a beijou na boca. Um segundo depois, pediu desculpas.

– Não precisa se desculpar – respondeu Kiki.

Foi o começo. O começo do fim. E o início dos seus problemas que agora a seguiram até a França. E não apenas no sentido figurado.

– Besteira que na peregrinação todas as preocupações desaparecem – reclamava Kiki. Tinha se virado e viu que Max ainda as estava seguindo. Não sabia se sorria ou chorava. O freio de emergência, que havia acionado depois de seis semanas de relacionamento às escondidas, tinha falhado.

31

—Para você tudo parece tão fácil – Kiki elogiou Caroline. – Você tem uma carreira, filhos, um bom casamento.

Caroline virou-se. Teria mesmo algo a dizer sobre o assunto “Philipp”.

– O Dr. Seitz viajou para uma especialização na Associação dos Médicos Domiciliares – explicou a recepcionista quando ela ligou naquela manhã.

– Como assim?

– Sempre acontece próximo ao dia 15 de junho, Sra. Seitz. Há dez anos – completou a recepcionista, não sem um tom de acusação latente na voz. – Ele deixou lembranças e disse que entra em contato assim que voltar.

Philipp havia ligado no dia anterior para a recepcionista, mas não para a própria mulher? Provavelmente porque era uma ligação local. Philipp sofria de uma grave fobia de taxas telefônicas. Desde que, sete anos antes, fora incomodado durante férias na Itália por uma paciente neurótica e precisou pagar centenas de euros de conta, ficou convicto de que ligações para celular no exterior levavam à ruína e que as empresas telefônicas eram bandidas, que as pessoas tinham de boicotar em todas as circunstâncias. As diminuições nas tarifas passaram despercebidas. Philipp utilizava seu celular apenas em caso de emergência absoluta. Ou seja, nunca.

– Caroline tem mesmo sorte com o marido. Philipp nunca foi tão dependente como Frido – concordou Eva, buscando ar para respirar. A caminhada ficava cada vez mais pesada para ela.

As amigas tinham razão: Philipp cozinhava, fazia compras e sabia onde estava o aspirador de pó e qual era sua utilidade. Levava suas camisas para a lavanderia e também levava os ternos de Caroline. Somente o quesito telefonar não era seu forte.

Caroline irritou-se com a história do seminário e com o comentário da recepcionista. Não conseguia entender. Será que não sabia que ele iria para o tal curso? Por que estava com a cabeça no tribunal e com as pernas na peregrinação? Provavelmente ele achou o seminário tão normal que nem pensou que fosse preciso informar. Ela já estava mesmo viajando.

Ela deixou os elogios de Eva e Kiki em seus lugares. Em vez de falar sobre seu casamento e a fobia telefônica de Philipp, preferiu mudar de assunto:

- Que crime Max cometeu para você ficar tão brava com ele?
- Ele queria me apresentar para os pais dele. No golfe de domingo
- explicou Kiki num tom dramático.

Caroline gargalhou:

- Isso é o que eu chamaria de real motivo para separação.
- Não há nada para oficializar. Nem mesmo para o pai dele. Foi um caso, um erro bobo.

– Max parece ver as coisas de outro jeito – comentou Eva ao se virar. Kiki e Caroline seguiram o olhar. Max tinha parado e caminhou calmamente na direção de Judith, que mostrava para ele a foto de Arne. Ela explicou, gesticulou e riu. Judith parecia tão solta como nunca mais se vira.

- O que Max está fazendo? – perguntou Kiki, irritada.
- Está fazendo o que tentamos em vão fazer há meses: alegrando Judith – reconheceu Caroline.

De fato, lá atrás ouviam-se risos contentes.

- Ele não pode fazer isso – protestou Kiki.
- Judith parece feliz quando consegue falar de Arne com alguém que não vai perguntar nada sobre o diário – retrucou Eva.

Seria melhor não ter dito aquilo, pois de imediato saiu do ritmo e perdeu o fôlego. Caroline a olhou de cima a baixo, crítica.

- Logo melhora – suspirou Eva. Multitarefa de peregrinação eram demais para ela. Tinha de fazer apenas uma coisa: andar ou falar.

– Max parece legal – comentou Caroline.

- Ele tem 23 anos – interrompeu Kiki. – Quando Max nasceu eu tinha 13 e dei meu primeiro beijo de língua. No Robert. O beijo mais nojento da minha vida. Precisei de um fim de semana inteiro para

me recuperar daquele encontro molhado. Passei meu primeiro trauma de relacionamento enquanto Max berrava pela chupeta.

Eva apenas riu.

– Quem liga para diferença de idade hoje em dia, Kiki? – retrucou Caroline, balançando a cabeça. A resposta de Kiki veio como um tiro de pistola:

– Eu! Eu ligo. Sou muito conservadora.

Mesmo sem falar, Eva não conseguia mais se manter no mesmo ritmo das amigas. Depois de Fontfroide, elas enfrentavam a longa subida para o *Mont Grand*. Os 145 metros de altura exigiam tudo de Eva. Ficou mais lenta até restar apenas a força para fingir que era de propósito.

Eva ficou para trás. Caroline e Kiki mantiveram o mesmo ritmo, sem interromper a conversa. Por um momento, Eva emparelhou com Judith e Max. Fiapos de conversa chegavam aos seus ouvidos.

– Arne e eu nos conhecemos em uma livraria esotérica – contou Judith. – Ele me observou o tempo todo. E então veio até mim com um livro na mão. Este combina com a senhora, ele disse. E tinha razão.

Eva sentia-se culpada quando percebeu como a voz de Judith soava alegre. De uma tacada, tomou consciência de que Max havia feito algo que elas nunca mais tinham conseguido: ouvir com atenção quando falava de Arne. De forma subliminar, esperavam que Judith, depois de tantos meses após a morte de Arne, encontrasse outro assunto. Com Max, as coisas tinham o ar da novidade. Não sabia de nada. Nem de Arne, tampouco da duração adequada do luto, e muito menos do diário.

– A senhora teve logo certeza de que ele era o cara certo? – quis saber ele.

Judith ficava tão emotiva com as velhas histórias que Max ganhou espontaneamente seu coração.

– Vamos deixar a senhora de lado, está bem? Meu nome é Judith.

– Max – disse ele.

Seu olhar pairou na direção de Eva, que estava exausta do mesmo jeito. Era impossível para ela falar. Conseguia apenas levantar o braço. Max, que havia uma hora estava envolvido nos segredos das mulheres de terça-feira, também sabia disso.

– E a senhora é Eva, não é mesmo?

Eva concordou com a cabeça. Ela imaginou o que Kiki e as outras teriam dito para apresentá-la. Como era possível descrevê-la? Ela mesma não sabia: com quatro filhos em cinco anos e meio, ela mesma se perdeu entre cama, berço e máquina de lavar. E

continuava ficando para trás. Também não conseguia acompanhar o ritmo de Judith e Max.

– Eu acho...

O que ela achava? Que estava jogando pérola aos porcos. E lembrou mais uma expressão animal de David cuja origem eles precisavam pesquisar. Essa foi fácil, mas o filho estranhou quando ela correu para pegar a Bíblia. Mateus, capítulo 7, versículo 6: *não deiteis vossas pérolas aos porcos*. Muitas vezes era como se sentia em casa, quando servia apenas para organizar, lavar, levar e trazer. Jogando sua vida fora.

“Acho que preciso parar” teria sido a resposta mais sincera.

Por trás dela aproximava-se o sacolejar penetrante da mala de Estelle. Em ritmo contínuo, ela passou por Eva.

– Me desculpe, Eva. Se eu breçar, saio do meu ritmo harmônico.

E logo Estelle foi embora. Eva tinha conseguido novamente. De novo, escorregou para a última posição. Um lugar que ela não deixaria mais nos próximos dias.

Dias e quilômetros passaram por Eva. O caminho continuava por florestas de pinheiros sempre iguais, cujas estruturas, nesse meio-tempo, conheciam por dentro e por fora, por bosques de oliveiras e vinhedos. Caroline, sempre terrivelmente bem preparada, mostrava às outras as belezas da região: igrejas com afrescos especiais, mosteiros atualmente habitados por filipinos. As inúmeras ruínas concedem a Caroline a oportunidade bem-vinda de comentar sobre o grupo religioso dos cátaros, que havia oitocentos anos mantinha seus conhecimentos secretos em castelos até o papa mandar excomungá-los. Os séculos passaram numa sequência veloz por Eva. Enquanto nas explicações de Caroline os cátaros foram excomungados, príncipes entronados, castelos saqueados e a vinicultura intensificada, Eva lutava contra si mesma.

O espírito estava disposto, a carne de Eva, fraca. A cada dia de peregrinação, crescia a percepção de que não era feita para esse tipo de penitência. Correr de um lugar para o outro, fazer malas, desfazê-las, fazê-las novamente, entre uma noite num chalé, num hotel, num albergue. Às vezes melhor, às vezes pior o quarto, a comida, o vinho, café da manhã e então correr novamente. Quando, no terceiro dia, entraram no vilarejo cinematográfico de Lagrasse, que parecia ainda estar no século XIV, Eva sentiu-se numa vila da Idade Média. Primeiro, o chão era todo de terra. Mal conseguia olhar de perto o mercado dominical de Lagrasse. A viagem de ônibus e táxi para Carcassone e, em seguida, para Franjeaux, que as cinco – e também Max – aproveitaram como pausa para descanso, foi bem menos aproveitada que no dia seguinte em Mirepoix. Sem forças, pendurou-se num bar sob arcadas de madeira e bebeu *Perrier Citron*, enquanto as amigas exploravam a praça quadrada, a igreja e as lojinhas nas casas de dois andares de enxaimel. Max descansava

tranquilo num gramado. Das sacadas das casas, belas mulheres e bestas horríveis espiavam Eva lá embaixo. Como era possível aproveitar qualquer coisa se precisava partir e continuar a caminhada no momento seguinte?

Andar. Andar. Andar. O caminho, as amigas e seus problemas desapareciam na semiconsciência da contínua sobrecarga corporal. Após os montes suaves das primeiras etapas e de uma viagem confortável de duas horas e meia de ônibus entre Mirepoix e St. Girons, o verdadeiro desafio esperava por Eva. Os Pirineus estavam diante dela. Ou melhor, apenas o sopé. Mas para Eva era o suficiente. Passos pesados a levaram ao Col du Portet-d'Aspet. Um monte que enervava muitos participantes do *Tour de France* e chegou a custar a vida de um ciclista italiano. Estavam no sexto dia. Adiante, restavam ainda mais de 150 quilômetros.

Uma canção infantil assombrava sem parar a cabeça de Eva.

Um dois, feijão com arroz. Três, quatro, feijão no prato. Cinco, seis, feijão inglês. Sete, oito, comendo biscoito. Nove, dez, comendo pastéis.

Com esse verso sem sentido, ela motivava os pequenos David e Lene quando as perninhas não queriam mais trazê-los de volta do jardim da infância para casa. Mais tarde, quando Frido Jr. e Anna já haviam nascido, renunciou a essa tática da caixa de truques chamada força de convencimento materna. Com quatro filhos, não conseguia mais acompanhar cada um com técnicas de encorajamento. Às vezes ficava impaciente, sobrecarregada por exigências vindas de quatro lados. E cansada. "Um, dois, três, quatro."

A paisagem montanhosa e muito arborizada cintilava, o caminho tremulava e o sol cozinhava os tecidos de seus músculos até amolecer. Eva virou a garrafa d'água. Não havia nenhuma gota. Nem uma única gota. Ela não conseguiria. Não era tão forte como as amigas que, como de costume, a esperavam na bifurcação. A Eva restava apenas a última salvação do peregrino: juntou as mãos e lançou uma prece urgente aos céus.

– Me ajude, São Tiago! Ajude uma pobre alma peregrina – gritou, não sem emotividade exagerada.

Claro que nada aconteceu. Depois de alguns poucos metros, deixou-se cair no chão seco e arenoso. De joelhos. Ela. Não. Conseguia. Mais. Talvez fosse necessário falar com o apóstolo num outro tom. Com desespero cada vez maior, repetiu seu apelo:

– *Cher St. Jacques, se apresse. Beam me up.*

E nada aconteceu.

Eva botou os dedões para cima. Um ato de desespero, pois na paisagem remota não havia um único carro. Em torno dela, apenas vastidão e isolamento. Em algum lugar, um cachorro latia, uma formiga rastejava sobre sua mão. Estava muito fraca para se defender. Tirou a mochila das costas e caiu para o lado.

Eva havia chegado ao fim de sua peregrinação. Imóvel, ficou deitada no chão como se tivesse chegado ao destino final. Os pássaros pipilavam sobre sua cabeça. Se piassem ainda mais alto, não duraria muito até que as aves de rapina percebessem que ali havia presas fáceis. Esperava a qualquer momento o voo de ataque de uma águia. Em vez disso, aproximou-se um ronco de motor. Freios chiaram. Eva levantou a cabeça com esforço.

Quando a poeira abaixou, uma minipicape vermelha brilhante de três rodas surgiu numa luz cegante. Na carroceria pequena, garrafas de Orangina bateram-se, tilintando, tomates e frutas do sul rolaram com a freada brusca. Uma cesta com baguetes caiu. Que era aquilo? Uma miragem que atraía os andarilhos para a loucura? Uma visão? A porta do passageiro abriu-se rangendo, como em câmera lenta.

Tudo aquilo lembrou Eva de uma cena dos faroestes que seus filhos amavam. Era o instante antes do grande confronto. O vento soprava areia e bolas de feno sobre a praça poeirenta do vilarejo. Os adversários mantinham-se escondidos. A música era ameaçadora. Sentia-se que algo estava prestes a acontecer. A tensão pairava no ar.

Mas não era um faroeste e Eva não corria perigo. Sem desperdiçar outro pensamento sequer, levantou-se com dificuldade, esticou suas juntas enferrujadas e foi até o carro. No banco do motorista, um

homem robusto com óculos de sol espelhados e barba por fazer. Embora o veículo mal alcançasse 40 quilômetros por hora, tinha a aura de um *easy rider* audacioso. À primeira vista, inspirava pouca confiança. Em Colônia, seria o momento perfeito para sair correndo e gritando. O homem pegou a mão de Eva e apresentou-se sem delongas:

– Jacques.

O rosto de Eva iluminou-se inteiro:

– Eu sei.

Sem hesitar, espremeu-se com sua mochila no veículo balançante. A naturalidade incrível com a qual entrou no carro pegou Jacques de surpresa. Tanto que deu uma gargalhada retumbante. Jacques tirou os óculos escuros e, por trás deles, surgiu um rosto amigável e bronzeado com inúmeras rugas de expressão. Enxugou as lágrimas dos olhos. Ainda rindo, esclareceu:

– Não posso fazer milagres, mas posso levar a senhora até o nosso hotel.

Eva concordou com a cabeça. Não esperava nada mais que isso. Debruçou-se para fora da janela, levantou os olhos para o céu e disse uma única palavra:

– Obrigada.

Eva rezava, Estelle blasfemava.

– Que negócio idiota – vociferava para si mesma. Estelle estava brigando com sua mala. Não tinham percorrido nem metade do trecho quando Estelle se encheu com os solavancos desagradáveis. Por isso, Yves havia pensado em tudo. Pouco peso, rodinhas móveis com tala larga para qualquer tipo de terreno, grandes e macias como de patins *in-line*. Na parte traseira, Yves tinha até mesmo escondido uma mochila. Estelle estava bem convencida de que, obviamente, não estava mais na idade de andar como uma mochileira pelo mundo. Para ser sincera, nunca esteve nessa idade. Na época em que seus colegas de faculdade buscavam a paz da alma com gurus hinduístas como turistas mochileiros, Estelle deitava-se apenas em camas feitas. Em casa e durante as férias. Nunca entendeu por que Kiki se entusiasmava com suas viagens sem dinheiro, preparação e planejamento. Ano após ano, Kiki carregava consigo suvenires de terras distantes. Matthieu havia fugido, o resto era na maioria das vezes de natureza material e desaparecia com as frequentes mudanças de Kiki. Um conjunto de taças para vinho que, a muito custo, importara do México nas próprias costas, pois tinha se apaixonado pelo vidro grosso com bolhas de ar, passou por um momento de brilho quando uma esposa ciumenta procurou Kiki em casa para confrontá-la. A polícia nunca acreditou em Kiki quando declarou não saber que seu novo amor era casado.

A alça retrátil da mala escorregava da mão de Estelle e se estatelava no chão. As rodinhas a toda hora agarravam-se em obstáculos. Ela se curvava, levantava novamente a alça e erguia com esforço a mala por sobre o galho grosso. Os ombros doíam, as bolhas na palma das mãos cresciam. A subida quilométrica e contínua transformava a mala em chumbo. Caroline tinha concreto

em sua mochila. No entanto, seguia alguns metros à frente. Estelle diminuiu o ritmo e ficou parada em uma rocha. Uma ova que “as rodinhas flexíveis fazem do transporte um prazer”. Aquilo era um sofrimento. Impaciente, estava trocando de mão quando uma buzina de carro estridente a tirou da pista. Atrás dela, aproximava-se uma minipicape enferrujada, uma das muitas que circulavam na região. O que havia de especial naquele transporte era a cabeça de Eva para fora da janela. A amiga, que nunca tinha olhado para outro homem desde Frido, estava sentada bem juntinha com um homem estranho numa minicabine de picape. E iluminada, como se a mãe de Deus a tivesse abençoado pessoalmente. Céus, o que Eva pretendia?

– *Auberge de la Paix* – gritou Eva para elas do carro, enquanto ele passava pelas amigas. – Oito quilômetros daqui.

– Assim não vale. Não é justo – reclamou Estelle.

Contudo, a picape já rumava na direção de Judith, que estava desolada, pois Eva ousara separar-se do grupo.

– Isso não tem nada a ver com a peregrinação – gritou para Eva com voz acusatória, o que não ofuscou em nada o bom humor da amiga. Ela pensou nas outras:

– Já organizei as camas. Também para o Max.

Nos últimos dias, Max havia se transformado em parte fixa do grupo peregrino. Do seu próprio jeito. Para ele era estranho estar no centro das atenções. Não se misturava, mantinha distância, às vezes ficava quase invisível por algumas horas. Contudo, mais tarde, quando subiam num ônibus, ele estava novamente lá. Permaneceu ao lado delas. E, naquele momento, acenava contente para Eva quando ela passou com o carro e se aproximou do pico.

– Jacques tem acomodações para nós – gritou Eva para Caroline e Kiki. – Espero vocês lá.

O carro se distanciou, a nuvem de poeira desapareceu, o ronco do motor perdeu-se. Restaram apenas o caminho e as mulheres que peregrinavam. Pedra por pedra. Passo por passo. Metro a metro. O silêncio reverente foi interrompido por um estalo metálico. E, então, os xingamentos de Estelle. Ninguém olhou para trás. Os barulhos característicos que acompanhavam a peregrinação pertenciam uns aos outros, como raio e trovão.

O pequeno veículo de três rodas balançava em ritmo tranquilo pista acidentada acima. Jacques explicava tudo: contava dos pastores, que cuidavam de seus negócios já havia catorze gerações, dos rastros de ursos que foram encontrados ontem, das ovelhas desgarradas e discussões encarniçadas. Na região, há mais associações contra os ursos que bichos vivos. Apesar disso, uma das criaturas que acabara de voltar para a natureza tinha sido morta a tiros por um caçador maluco.

Jacques poderia ter se fingido de louco e enganado Eva (para ser coerente com o caçador destrambelhado): ela ouviu apenas metade do que ele descreveu de maneira tão florida. A exaustão a fez ignorar a situação precária na qual estava. Havia se separado das amigas e se deixado sequestrar por um completo estranho, do qual sabia apenas o primeiro nome. Não tinha ideia para onde aquele caminho a conduzia e o que ia acontecer. Como uma adolescente com fome de viver, deixou-se levar impetuosamente por um desconhecido. Sentia-se maravilhosa assim.

Enquanto lá fora os ursos andarilhos eslovenos e os caçadores selvagens espreitavam, ela estava em segurança. Curiosa, olhava para o homem no banco do motorista. Exatamente como ela, não era mais um juvenzinho, mas ainda não era velho. A vida havia riscado em seu rosto inúmeras linhas de expressão. Era provável que Jacques tivesse enfrentado muito vento, intempéries e adversidades. Ela sentia a coxa dele, o calor que emanava. Não seria um erro tão grave e Eva teria encostado a cabeça no ombro forte dele, mas antes que pudesse levar a cabo um ato tão ousado, o veículo freou com um chiado agudo diante de um imponente prédio de tijolos cinza, de aura industrial. Os três andares do *Auberge de la Paix* foram construídos diretamente nos picos rochosos e dele era

possível ver um pequeno campo de oliveiras. As copas carregadas das árvores que se enraizavam no solo fraco e pedregoso contavam uma história de tradição centenária e trabalho duro. A porta de entrada mostrava a imagem gasta de uma pomba da paz com um galho de oliveira no bico.

– Antigamente as azeitonas eram picadas, moídas e espremidas aqui. Quando meus avós compraram o terreno nos anos 1960, o moinho estava em ruínas. Eles sonhavam com um ponto de encontro para a juventude do mundo. Por isso esse nome patético. E os dormitórios – explicou Jacques.

Um albergue da juventude? Com dormitórios? Para o entendimento dos povos? Pelo amor de Deus. Por que não tinha se informado exatamente para quais acomodações estava atraindo as amigas? Já deixaram para trás algumas noites desconfortáveis e mereciam de verdade algo melhor que acomodações comuns voltadas ao público jovem. Elas não ficariam muito felizes com o fato de se poder fazer festas durante a noite toda sem que um vizinho se sentisse incomodado.

Olhou em volta, crítica: roupas secavam no jardim, uma gaiola vazia balançava na coluna, os vermes perfuravam a madeira e as aranhas faziam suas teias incansavelmente. Por que deveria procurar outro lugar para pernoitar? Gostava do velho moinho de azeite de Jacques.

Enquanto ele carregava os suprimentos para dentro da construção, pediu para Eva sentar-se numa das cadeiras de vime que convidavam ao descanso sob a sombra de um plátano. Jacques deu a ela a seguinte missão:

– Encoste aí, não faça nada e aproveite.

Eva aproveitou a tranquilidade. Era o momento pelo qual ansiava havia muito. Havia muito não tinha tempo para si. Não precisava mais correr, não precisava preocupar-se com ninguém, nem cuidar das compras. Em Colônia, como indicavam suas ligações diárias, tudo corria sem acidentes com sua família. Frido mostrava ambições esportivas. Há tempos tinha desistido de imitar o perfeccionismo de

Eva. David comentara na última ligação que a mesa posta do jantar parecia a mesma que havia sido deixada pela manhã. O plano alimentar ambicioso dera lugar ao serviço de entrega de pizza.

– Fico feliz quando levo as crianças a tempo para a escola. E chego também na hora para o trabalho – confessou Frido. – Até cheguei bem tarde numa reunião do Conselho. E adivinhe o que aconteceu? Nada. O mundo realmente não acabou.

Eva riu ao telefone. Viu Frido literalmente diante de si, correndo pela cozinha no terno de três peças discreto do “dia de reunião”, em seus sapatos cuidadosamente engraxados e costurados manualmente, para cumprir o *parcour* matutino de forma pontual. Provavelmente fizera uma tabela de Excel no escritório para otimizar o processo. E fracassava a cada manhã com despertadores errados, leite derramado e as tranças de Anna.

– Lene diz que eu pareço a Píppi Meialonga depois de ser eletrocutada – comentou Anna. – Ah, papai se saiu melhor que ontem. – Apesar de precisar se acostumar com o penteado, parecia satisfeita. – É legal que papai tenha mais tempo para a gente – confessou para a mãe.

Por dentro, Eva parabenizava-se por ter dado a Frido a chance de provar ser um bom prendedor de cabelos e caçador de lobisomens. Talvez tomasse algo de Frido e das crianças quando organizava tudo. Era a loucura totalmente normal que acontecia em Colônia. Nada com que precisasse se preocupar.

Eva acomodou-se na cadeira de vime, fechou os olhos e esperou que a paz celestial se espalhasse dentro de si. Duma janela entreaberta e coberta com papel espelhado às suas costas, vinham ruídos que faziam supor que a cozinha estava logo ali atrás. As portas dos armários eram abertas e fechadas, louças batiam, uma faca picava em forte *stacatto* numa tábua de madeira, gordura estalava. Uma nuvem tentadora de aroma, na qual alho, tomilho e louro se uniam ao azeite, flutuou para fora. Isso interessava muito mais do que a ociosidade. Sentar-se, calar-se, pensar e desperdiçar o dia dado por Deus? Não era para ela.

Curiosa, Eva entrou na casa. Um corredor surpreendentemente alto, com colunas de madeira escuras e pesadas e assoalho de um vermelho terracota brilhante, levava na direção da cozinha. Nas paredes brancas caiadas estavam penduradas todas as ferramentas que mostravam a função original da construção. Fotos amareladas atestavam a história cheia de vicissitudes do moinho de azeite e seus donos.

Na virada do século, trabalhadores honestos e de aparência macilenta posaram na frente da casa, mais tarde eram soldados em uniformes da Segunda Guerra. As fotos em preto e branco estavam penduradas amigavelmente ao lado das fotos de cores esmaecidas do pós-guerra e de retratos atuais muito brilhantes. As famílias nas imagens – provavelmente os respectivos donos – ficaram cada vez menores com o passar das décadas, até serem substituídas nos anos 1960 por uma colorida comunidade hippie. Um menino nu com cabeleira despenteada mostrava a língua insolente ao fotógrafo. Ao lado, um casal diante de uma kombi pintada. Ela, multicolorida, com cabelos crespos amarrados com esforço por uma faixa, ele, de cabelos compridos, com um cocar americano e calças boca de sino. Era Jacques com seus pais?

Mais misteriosa ainda era a foto seguinte: em um lugar de destaque, estava um retrato de em grupo peculiar, mostrando Jacques no meio de uma dúzia de homens em longas togas vermelhas. Qual seria aquela estranha associação da qual Jacques fazia parte? Haveria ainda sociedades secretas nessa região? Os homens não pareciam muito santos. Talvez mais juízes do tribunal constitucional alemão que haviam combinado de se encontrar no carnaval de Colônia. No lugar dos babados brancos que as togas dos juízes supremos da Alemanha traziam, os homens da foto traziam um prato de argila redondo e vitrificado em uma fita verde em torno do pescoço.

– Os membros de *L'Académie Universelle du Cassoulet* – explicou uma voz às suas costas. Eva assustou-se. Jacques havia se aproximado dela. Estava tão absorta com as fotos que não o ouvira.

– *Cassoulet*? – perguntou ela. Sua voz soava diferente porque estava sob um pé direito alto? Ou era a presença dele que a deixava

nervosa?

– Especialidade da minha avó – comentou Jacques. – Ela veio de Castelnaudry. A Meca do *cassoulet*. Você poderá provar hoje à noite.

– O cheiro é delicioso. Posso ajudar? – quis saber Eva, entusiasmada. Sentir o aroma das panelas alheias era muito mais tentador que admirar as oliveiras na poltrona de vime. Talvez pudesse aprender algo novo. Em vez de responder, Jacques abriu a porta da cozinha.

“Cada passo, uma resposta”, dizia um website que pretendia tornar palatável o potencial peregrino daquela caminhada sem fim. *Que coisa mais kitsch*, pensou Caroline em casa. Agora, a frase ganhava um significado totalmente novo. Não era *kitsch*, mas loucura pura.

Para Caroline, cada passo abria novas perguntas e armadilhas. Os últimos dias haviam comprovado que quinze anos juntas não bastavam para compreender a essência de uma pessoa. Ou era esse o caminho? Será que os peregrinos traziam à tona características que escondiam no cotidiano? Três horas atrás, apostaria que Eva seria a última a subir no carro de um estranho, se deixando levar para um destino desconhecido.

“Cada passo, uma nova pergunta” deveria ser a frase. Não apenas Eva agia de maneira bem diferente. Também a postura de Kiki, com cada dia de peregrinação no qual conseguia não trocar nenhuma palavra com Max, parecia-lhe mais misteriosa. Tratava Max como se fosse um móvel ao qual se passa dia após dia sem prestar atenção. Caroline viu os homens de Kiki virem e irem. Nunca havia se comportado de forma tão estranha.

– *Viens ici! Viens ici! Vite. Vite. Vite!*

Vozes agitadas arrancaram Caroline de seus pensamentos. Duas trabalhadoras do campo gritavam e acenavam com empolgação. Seu francês era cortado e incompreensível. Em ações judiciais, pessoas como elas eram transcritas com a horrível expressão “histórico de imigrante”. As mulheres com histórico de imigrante brandiam tão nervosas os braços que Caroline e Kiki, andando bem próximas, supuseram intuitivamente que, no mínimo, um urso selvagem se aproximava, pronto para aceitá-las como almoço.

Sem entender o que estava acontecendo, Caroline e Kiki salvaram-se com um pulo corajoso sobre as tábuas da cerca que separava o caminho do campo, apenas para confirmar que a história da comunicação entre culturas estranhas é uma história cheia de mal-entendidos. Não havia perigo algum. Ao contrário: as camponesas queriam a qualquer preço fazer algo de bom por elas. Era óbvio: acreditavam que todos os peregrinos de Santiago eram pobres e mereciam caridade, e insistiam em impor a elas com muitas palavras e gestos suas razões.

As cinco amigas já haviam feito uma refeição no último vilarejo. Na padaria de um supermercado Intermarché, devoraram um imenso sanduíche com queijo grelhado que comercializavam sob o nome *croque monsieur*. Mas isso não importava para as trabalhadoras. Daquilo que Caroline conseguiu entender do palavreado entrecortado e colorido pelo dialeto, isso significava que as duas estavam convencidas de que ajudar peregrinos não era menos sagrado que se colocar a caminho de um local santificado. Deus lembrava-se dos bons atos. Se os peregrinos de fato estavam exaustos, famintos e necessitados, o trabalho ficava em segundo plano no mundo fantasioso das camponesas.

Nada ajudava. Após a padaria em Portet d'Aspet já ter aparecido como um caso de reestruturação culinária, precisavam agora morder maçãs azedas (que eram nada mais, nada menos que o alimento oferecido). As camponesas fizeram o sinal da cruz, satisfeitas. E Caroline e Kiki seguiram seu caminho. Cada passo, uma aventura.

O morder combinado na maçã não impediu Caroline de voltar ao assunto que havia dias lhe preocupava.

– O que não entendo na questão com Max...

– Você nunca para mesmo de perguntar. Devia ser advogada – riu Kiki.

Caroline não se deixou desviar do tema.

– Há anos você procura algo fixo – respondeu ela.

Kiki interrompeu de imediato.

– O que você acha que vai acontecer quando Max me apresentar ao meu chefe como nora?

Caroline foi curta e grossa.

– Vai calcular a diferença de idade entre vocês.

– Ele vai me demitir – corrigiu Kiki.

A advogada deu sua própria visão da situação:

– Sexo com incapaz? Não cola. Max com certeza é maior de idade.

Kiki não estava a fim de brincadeira. Sabia que as amigas viam de forma crítica seus términos de relacionamento. Mesmo assim, ela não era nem um pouco amoral. Apenas não era teórica. Era como no desenho. A maioria dos colegas tinham o produto pronto diante dos olhos. Kiki não: precisava desenhar, testar, ver coisas, pesar o material nas mãos. Precisava sentir antes de pensar e decidir. Como conseguiria saber que amava alguém se não testasse a relação? Para Kiki, era um verbo. Amar consistia em algo que era necessário experimentar e testar, como em artes e ofícios: ninguém se torna um bom confeitoiro simplesmente porque todo dia bota o nariz na vitrine da doçaria sem experimentar as delícias adocicadas.

– Você ama segundo o método heurístico de tentativa e erro. Você prova sistematicamente todos os homens e espera que o verdadeiro esteja entre eles.

Kiki conhecia tentativa e erro. Era bem familiarizada com eles. Mas o que era heurístico?

– É a arte de chegar a uma boa solução com conhecimento limitado em pouco tempo – explicou Caroline.

Disso Kiki entendia muito bem. Não sabia nada e o tempo corria atrás dela.

– Por que sempre eu? – reclamou. – Quando conheço um homem, com certeza é casado, obcecado pela carreira ou um notório renegado. E agora me apaixono por um adolescente.

De qualquer forma, era ridículo: como era possível alguém com 40 anos ter fantasias românticas com o amor? Lia-se em qualquer revista feminina que relacionamentos fixos tinham efeitos colaterais horrendos como meias de tênis sob o sofá, tubos de pasta de dente abertos e monotonia sexual. Como era possível achar um homem atraente quando se pode observar a limpeza devotada dos dentes ou o corte das unhas do pé? Não era surpresa que todas as comédias românticas param no momento em que o casal apaixonado está abraçado e murmura frases como: “Até que a morte nos separe.” Tudo que vem depois disso pode se resumir à expressão “trabalho de relacionamento”. Kiki era a campeã mundial de começos. O que ela não conseguia era continuar.

– Você ama o Max? – perguntou Caroline, cuidadosa.

A resposta de Kiki foi esquivada. Caroline não entendia realmente o que estava acontecendo.

– Se o Thalberg me mandar embora, nunca mais terei um emprego. Quem me contrataria? Com 40 você é velha demais e muito cara. Você precisava ver nossos estagiários. Desde a crise do crédito, eles fazem carreira num estalar de dedos e custam a Thalberg no total 300 euros ao mês.

– Você o ama? – insistiu Caroline.

Kiki ousou um olhar para Max, que peregrinava a pouca distância e piscou com atrevimento para ela. O rosto de Kiki manchou-se de vermelho. Caroline sorriu.

– Não. Claro que não – Kiki negou qualquer suspeita. – Não amo.

Ficou feliz que o telefone de Caroline tocou, trazendo um fim abrupto à conversa. Qual das duas estava mais aliviada? Kiki, que foi

libertada da sagacidade incorruptível de Caroline, ou Caroline, em cuja tela de celular brilhava o nome certo?

– Philipp. Finalmente!

—Ai. Ai. Ai! – ralhava Estelle. Cada passo era um sofrimento. Não eram os pés que a atormentavam. Para sua própria surpresa, havia encontrado um ritmo que lhe parecia fácil e correto. A caminhada permanente tinha se transformado em estado normal. Precisava apenas de um pouco de diversão. Para Estelle, isso significava ter alguém com quem conversar.

– Sozinha aqui comigo está tão chato – admitiu, e cumprimentava todo peregrino, andarilho ou pessoa em férias que cruzava seu caminho e dava a entender que dominava a língua alemã. Com muitos compartilhou o caminho por mais de hora.

Estelle amava histórias de vida. Ficou especialmente fascinada com um ex-ministro grisalho que peregrinava porque, após dois mandatos, tinha sido preterido não apenas pelo partido, mas também por sua família.

– Por oito anos não parei em casa. Nem o cachorro reconheceu que eu fazia parte da matilha – lamentou-se. Infelizmente, ela perdeu o ministro de vista numa pausa para comer.

Em vez disso encontrou, num mercadinho *8 à Huit* de um vilarejo, onde era possível comprar algo para comer e beber mesmo tarde da noite, um corretor de seguros que tirou uma folga dos destinos de seus clientes infelizes. Na esteira deste veio Hanna, cabeleireira recém-divorciada, que tinha ideias claras daquilo que esperava da peregrinação: queria encontrar Deus ou um novo marido. Da forma entusiasmada com que Hanna falava dos homens, para ela não havia diferença entre um ou outro. Estelle se arrependeu, pois nunca saberia o que acontecera com os dois. Em uma bifurcação do caminho, desapareceram sem deixar rastros. Com mais frequência eram vistos, contudo, casais de professores do centro-oeste da Alemanha que estavam de férias. Todos já haviam passado dos 50, ensinavam alemão e geografia e traziam rolos de papel higiênico e

folhas impressas com indicações artístico-históricas consigo. Encontravam-se, apresentavam-se, conversavam por dois quilômetros coisas muito pessoais e separavam-se com um sucinto “Tenha um bom-dia”.

Sou a única peregrina que não sofre de uma crise existencial fundamental, constatou Estelle após alguns dias. Não contava sequer com uma ínfima crise conjugal. Seu marido tinha muitas qualidades. Conseguia ganhar dinheiro, comprar, pendurar, retirar e mudar quadros de lugar, tapar buracos desnecessários de furadeira, estacionar o carro novo e levar café da manhã na cama. E ele ainda ria de suas piadas. O que mais ela queria?

Talvez por isso as pessoas façam a peregrinação felizes, pois percebem que os outros estão muito piores, supôs.

Não era assistir à sua própria vida, era a peregrinação que a levava à loucura. Era a mala que ficava presa em qualquer desnível. Eram as mãos que queimavam. Na mão direita ficaram visíveis os primeiros indícios de uma bolha de sangue.

Entre o povo andarilho, as bolhas eram um dos assuntos preferidos. Um dos professores aconselhou a atravessar a bolha com uma agulha com linha e dar um nó. Dentro de um dia, a linha sugaria a umidade e a pele secaria. Ajudaria e doeria um bocado. A mulher dele confiava na própria urina; Judith, em truques mentais:

– Você precisa concentrar-se na sensação corporal da dor e não nos sentimentos ligados a ela – explicou a Estelle na manhã em que ela agarrava a alça da mala com lamentações profundamente doloridas. Mas Estelle não estava em condições para tais truques mentais, não precisava nem tentar. Em vez disso, decorreu-se uma luta encarniçada durante três quilômetros entre a capacidade de sofrimento e a vaidade em seu íntimo. Confirmou que o catolicismo não era para ela. Mas isso já sabia desde os 12 anos de idade, quando passou uma breve temporada em uma escola católica para moças.

– O amor de Jesus Cristo mostra-se em sua disposição extraordinária para o sacrifício – inculcavam as freiras em sua nova aluna. A

disposição exigida para o sacrifício estava veementemente oposta à consciência de injustiça característica de Estelle. E não era justo quando a professora exigia dela que dividisse todos os seus doces com toda a turma. Até com a gorda da Baby Witte. Ao contrário de Estelle, a gorda Baby cantava todo domingo na missa e era a queridinha de todos os professores, com sua letra limpa e legível e sua respeitabilidade importuna. Estelle não queria dividir de jeito nenhum seus doces ganhos honestamente.

Mas gostava de dividir algo bem diferente. Sob suas condições, com uma pequena contribuição, Estelle deixava que as colegas de sala dessem uma olhada em livros muito especiais. Estelle mantinha um aluguel animado com os romances bem eróticos que sua mãe lia em segredo e mantinha escondidos no cesto de roupa para passar. Entre as roupas úmidas, os livros ficavam com o dobro do tamanho. Um golpe de sorte para Estelle, pois o preço de uma obra era orientado pelo seu tamanho. Infelizmente, a gorda Baby Witte tinha menos senso para o sensual do que para o pecado e a expiação. Denunciou Estelle, que foi suspensa pela escola de freiras por três meses inteiros.

Com isso, Estelle atraiu a ira das freiras, mas conquistou também de uma vez por todas a aprovação de seu pai, que reconheceu nela seu sangue singularmente empreendedor. Willi tirava dinheiro do entulho e o perdeu imediatamente em negócios infalíveis. Não conseguiu, durante toda a sua vida, ser escolhido para uma das posições importantes de sua associação carnavalesca. Os idiotas nunca aceitaram de verdade aquele comerciante de entulho com humor robusto, unhas cronicamente pretas e contatos dúbios. Com sua mulher não era diferente. A filha da casa mais nobre perdeu tudo na fuga para a Prússia Oriental, exceto a altivez adquirida. O sentimento de gratidão, pois Willi lhe salvara a vida quando ofereceu um teto e seu ombro forte, aumentou nos primeiros anos de um casamento sem filhos. Ela foi para a emigração interna e sonhava com um mundo de heróis românticos de mãos macias como pianistas.

– Estelle terá o melhor – decidiu o pai. Com a escolha de uma escola de elite, pensou que daria a Estelle acesso aos melhores

círculos. E na época, em Colônia, eles eram os católicos. Ele foi à escola pegar a expulsão pessoalmente.

– São as mãos, Estelle – dizia sempre e mostrava as palmas das mãos maltratadas e calejadas, cobertas de calos grossos.

Mais alguns dias de peregrinação e suas mãos estariam iguais às de um comerciante de entulho. Vinte anos de cremes, retoques e óleos jogados pela janela? Todas as máscaras de mão para nada? Não podia fazer como seu falecido pai.

Estelle havia chegado ao ponto crítico: após 150 quilômetros de agonia, estava totalmente exausta e disposta a qualquer concessão que a livrasse da criação indescritível de Yves. *Os equipamentos corretos são tudo*, Caroline havia alertado antes. Estelle precisou de uma porção de dias para reconhecer que as coisas mais importantes que ela precisava para alcançar Lourdes não cabiam na mala: paciência, perseverança e mãos sem bolhas.

Podia e não podia simplesmente se livrar das coisas. As camponesas vieram no momento certo. As duas mulheres olhavam, incrédulas, como Estelle levantava primeiro a mala, depois ela mesma por sobre a cerca. Se um OVNI pousasse diante delas, não teriam ficado tão abobalhadas.

Se Caroline ainda não conseguia se virar com aquela mistura de idiomas, Estelle botou a mão na massa. Colocou na mão das mulheres tudo aquilo de que acreditava poder se livrar. Adeus spray inseticida, até mais ver máscara de olhos e maquiagem. Tchau, mala estúpida. Em sua limpeza coerente, deu de cara com os papéis com as informações sobre os restaurantes da região. Não, ainda não havia chegado tão no fundo do poço. Restava ainda a esperança de que a peregrinação não seria apenas de sofrimento e privação. Talvez pudesse convencer as amigas de que uma refeição feudal num restaurante exclusivo seria um tipo de liturgia. Mesmo que, para tanto, precisassem aceitar um desvio na rota.

Céticas, as camponesas examinavam potes e tubos, cremes e máscaras de olhos. Obviamente acharam que Estelle era uma representante da Avon que andarilhava pela província com sua mala de amostras. Foram necessários gestos frenéticos até elas reconhecerem que podiam ficar com tudo. E de graça. Sem outro

compromisso de compra. As trabalhadoras fizeram o sinal da cruz. Não contavam que a recompensa de Deus fosse se materializar tão depressa. A mensagem de Maria de fazer apenas os fiéis felizes no outro mundo provou nesse dia ser apenas uma ameaça vazia.

Estelle apressou-se para alcançar as amigas o mais rápido possível, quando ouviu ao longe a voz de Caroline. Algumas palavras chegaram aos seus ouvidos: Arne. Viagens. Consultas. O restante era engolido pelo vento. Estelle estava grata por sua disposição ao sacrifício. O barulho das rodinhas que pulavam sobre o solo desnivelado havia muito teriam denunciado sua presença. Os pés de Estelle planavam sobre o caminho pedregoso, tocavam cuidadosamente o chão. Nenhuma pedra mais rolaria antes de ela se aproximar.

Caroline tinha se acomodado em um tronco. Falava ao telefone com Philipp sobre algo que interessava a Estelle mais que as histórias de vida de companheiros esporádicos de peregrinação. Sobre Arne.

—Tenho um dever de sigilo. Você sabe disso – soou irritada a voz de Philipp no telefone. Caroline não conseguia entender. Milhares de vezes ouvira o argumento na vida profissional: de médicos que queriam levá-la a uma declaração, de advogados adversários, de padres. Mas não de seu próprio marido. Finalmente ela encontrara Philipp e agora ele apelava para a obrigação legal de confidencialidade.

– Você não está falando sério – indignou-se Caroline.

– Brincadeira – aliviou Philipp. – Não posso te contar nada porque não sei de nada.

A evasão soava como uma grande mentira. Quando Philipp lançava mão de táticas e manobras, fazia isso muito mal. A conversa rumava para o desastre.

– Philipp, não faça isso. Em outra situação você falaria dos pacientes.

O trato com o dever de sigilo quase nunca era observado de forma tão estrita na mesa do jantar. Às vezes era necessário falar, embora fosse contra todas as regras. Principalmente no início da carreira, Caroline precisava de alguém com quem pudesse dividir os acontecimentos do dia. Falou quando foi confrontada pela primeira vez com fotos de cadáveres e, às escondidas, precisou vomitar, quando um cliente foi para cima dela com uma faca e quando foi convocada para ser defensora pública no caso Nele Bauer. Nele eram dois. Na época, com a mesma idade de Josephine. E estava morta. Os policiais encontraram a garota em seu berço, assassinada com oito facadas. A própria mãe de Nele, Stefanie, chamou a polícia. Embora prestasse queixa da agressão, desde o primeiro momento virou a principal suspeita. Caroline não acreditava na versão do grande desconhecido que conseguiu acesso à casa disfarçado de entregador de pizza e de repente esfaqueou a menininha. Stefanie

comentou entre lágrimas o histórico de drogas do ex-namorado e dos credores agressivos que a ameaçavam. Nenhum dos policiais acreditava na inocência da mulher. E, portanto, comportaram-se na investigação.

No processo, Caroline provou passo a passo que as provas foram obtidas, manipuladas e processadas ilicitamente. Era uma absolvição de segunda classe, “por falta de provas”, e Caroline serviu de alvo para os mais maldosos artigos da imprensa. Lutou para esclarecer que a demonstrabilidade de um crime era o calcanhar de Aquiles de uma legislação democrática. Foi difícil, pois Nele Bauer fez com que ela obtivesse dúvidas profundas sobre estar ou não do lado certo do direito. Quando voltou para casa e Josephine a envolveu nos seus bracinhos, ela caiu no choro.

Todo defensor público conhece esse momento no qual se ajuda alguém que no fundo se considera culpado a conseguir a liberdade. Stefanie Bauer marcou sua primeira vez. Sem Philipp, teria enlouquecido. Como ele poderia entender seu desespero se ela não tivesse contado dos ferimentos de Nele, do corpo magrinho, de como Stefanie agia com indiferença ao falar da filha. Philipp acompanhou o processo. Tinha todo o tempo do mundo, pois o primeiro artigo ruim, que tratava de Caroline e da questão de ela poder defender um monstro, deixou sua sala de espera vazia.

O caso de assassinato impune de Nele Bauer permaneceu como uma ferida aberta em sua biografia. Seus filhos cresceram e tomaram seus próprios caminhos profissionais. Josephine seguiu os passos do pai e estudou medicina, Vincent mantinha uma loja virtual próspera na qual comercializava camisetas e pulôveres.

Após o enterro de Arne, Caroline esteve em seu túmulo. O fato de a última morada de Nele também continuar a ser cuidada com carinho após tantos anos a tranquilizou. Caroline tinha certeza de que as flores frescas da primavera e o novo ursinho de pelúcia não vinham de Stefanie Bauer.

O estranho foi que Nele deu um impulso decisivo em sua carreira. Mal completara 30 anos e era a advogada criminal mais conhecida de Colônia. No fim, foram os artigos maliciosos que a incentivaram a

continuar. Com cada artigo sarcástico crescia sua resistência interior. Se o populacho irado, que a cobria de ameaças e boicotava o consultório do seu marido, ficasse responsável pela justiça, seria o início do fim do Estado de Direito. Seu casamento sobrevivera à tempestade, bem como o consultório. E agora Philipp vinha para cima dela com seu dever de sigilo.

– O que há com você? – perguntou, embasbacada.

– Você está vendo fantasmas – respondeu Philipp. – Tem muitos criminosos ao seu redor mentindo para você.

Quantas vezes Caroline tentou se convencer disso nos últimos quilômetros. O sentimento inquietante no estômago permanecia:

– Tem algo errado com o diário de Arne.

– E se tiver, o que você tem com isso? – o marido tentou encerrar o assunto.

– Judith é minha amiga. Quero ajudá-la.

– Arne morreu – Philipp lembrou Caroline. – Deixe as velhas histórias em paz, Line.

Ficava furiosa quando Philipp a chamava de Line. Fazia isso apenas quando esquecia de pegar a tempo as coisas dela da lavanderia, embora tivesse prometido de pés juntos, ou quando se candidatava para o plantão, embora soubesse que era aniversário da tia Gertrude no mesmo dia: nessas situações, ele a chamava de Line.

– Se você souber de algo, precisa me contar – insistiu Caroline.

A resposta dele afundou-se no barulho que cercava Philipp. Eram vozes e música.

– O que você disse? Está muito chiado. Onde você está? Estou tentando falar com você há dias. Philipp! Philipp?

A ligação caiu. Caroline desligou e discou o número freneticamente. Ocupado.

– Engraçado, as linhas telefônicas sempre caem quando a gente quer falar algo com o marido.

Caroline virou-se. Estelle estava em pé, recostada a uma árvore. Nem se deu ao trabalho de fingir que não estava ouvindo tudo.

– Você acha mesmo que Philipp sabe do segredo de Arne? – quis saber, sem cerimônia.

Caroline deu de ombros. Devia haver um motivo convincente para Philipp invocar diante dela o dever de sigilo. Nunca tinha acontecido antes. Por isso, mal podia imaginar que os maridos ficaram próximos com a doença terminal de Arne. Tão próximos que Arne revelou coisas que ele havia escondido até mesmo de Judith. Arne e Philipp eram tão diferentes.

– O cara fala muito – Philipp comentou após o primeiro encontro.
– E sempre sobre coisas desinteressantes.

Philipp era tímido demais para conseguir dividir com Arne ideias nebulosas sobre Deus, o mundo e tudo que pairava entre eles. Nunca ocorreria a Arne ler o futuro para Caroline nas nuvens. Preferia confiar em seus números trimestrais, na seção de economia do jornal *Frankfurter Allgemeine* e num consultor fiscal sério.

– A realidade não é calculável – Arne costumava afirmar. – Mesmo a altura da torre Eiffel varia em até quinze centímetros conforme a temperatura externa.

Philipp poderia responder algo sobre a expansão regular do aço, mas temia que Arne tivesse mais uma resposta ambígua.

E esses dois homens se aproximaram nos últimos meses de Arne? Caroline tinha mesmo a impressão de que Philipp evitava Arne, pois era seu paciente. Sentia-se culpada, pois tinha pedido a Philipp para ver o prontuário médico de Arne. Isso foi após o hospital ter desistido dele. Philipp também acompanhou Arne quando não havia mais o que fazer além de administrar analgésicos, acompanhá-lo em seu caminho difícil e apoiar Judith.

– Arne nunca foi assunto na nossa mesa de jantar – confessou Caroline com honestidade. Por que seria? Caroline não precisava perguntar a Philipp sobre Arne. Podia ler nos olhos úmidos de Judith como estava a saúde dele.

Nessa época, Philipp se distanciou.

– Tive consultas o dia todo, à noite não atendo – dizia ele como desculpa quando evitava os convites para visitar o casal. Odiava discutir descobertas laboratoriais em jantares agradáveis com amigos. Mas talvez esse isolamento tivesse um motivo totalmente diferente. Arne confiara algo a Philipp? Algo que o desagradava

tanto que ele se afastou de Arne e Judith? Por que não contou nada?

– É esse diário – concluiu Estelle. – Enquanto não soubermos o que tem nele, vamos tatear no escuro.

Caroline perguntou-se se neste caso tatear no escuro não era mais saudável. Era mesmo importante saber qual segredo Arne levava para o túmulo?

Se olhasse para trás, compreenderia que a conversa estranha com Philipp fornecera uma peça importante para o quebra-cabeça, mas não queria ainda formar um quadro com as outras peças. Permanecia isolada, um final falso. Por enquanto.

—Não acredito. Nossa corajosa Eva – surpreendeu-se Estelle. Após a etapa árdua, as amigas e Max reuniram-se no albergue. Ter alcançado um cume a 1.160 metros trouxe a todos um sentimento de comoção. Mal podiam imaginar que, em pouco menos de quatro semanas, os ciclistas do *Tour de France* sofreriam o mesmo trecho para baixo e para cima com suas bicicletas. Naquele momento, estavam sentados como galinhas no poleiro num banco de cozinha. Escaldavam os pés em cinco baldes de plástico idênticos, nos quais Jacques despejou água morna e agradável enriquecida com bicarbonato de sódio. Estelle sentia que tinha andado o dia todo sem chegar sequer um passo perto do seu grande destino. Os outros não estavam muito melhores que isso.

A única que dançava contente e recuperada pela cozinha era Eva. Ficou claro que estava flertando com Jacques, que servia vinho para ela várias vezes. Era um desses vinhos que, no máximo, seria usado para substituir o vinagre no âmbito normal do lar. Na cozinha de Jacques, o gosto era divino, exatamente como a comida que haviam feito juntos, num trabalho de horas a fio. Jacques insistiu em servir pessoalmente a primeira colher a Eva.

– O segredo para um *cassoulet* divino está na escolha dos legumes. Minha avó preferia os feijões brancos *lingot* – sussurrou Jacques enquanto levava a colher até a boca de Eva. As bochechas dela ficaram em brasa, pelo calor da cozinha, por tanto vinho, pelo homem ao seu lado. Eva, sempre responsável pelo bem-estar culinário, visivelmente aproveitava o fato de Jacques cozinhar para ela. O prato exuberante de feijões e carne era totalmente irresponsável no quesito calorias. Sua promessa de abdicar da carne de porco fora esquecida havia muito. Da mesma forma, esquecerá

tudo que fazia parte de sua vida, mesmo as amigas. Aquele era seu dia e não deixaria que nada nem ninguém estragasse a noite.

As tensões pairavam como nuvens tempestuosas sobre o grupo. A peregrinação agia como uma lente de aumento. Todos os conflitos, que podiam ser abafados no dia a dia pelo dinamismo frenético, aumentavam. Kiki ignorava Max ao máximo e desenhava obstinada. Judith lutava com as lágrimas, Caroline verificava o celular o tempo todo e Estelle fitava como uma cobra olha uma cobaia: bem acima da mochila aberta de Judith jazia o diário. Como gostaria de dar uma olhada nas páginas misteriosas! Judith protegia o caderno como se fosse o Santo Graal. Toda noite enfiava o diário embaixo do travesseiro. No entanto, Estelle viu sua chance. Judith estaria distraída durante a refeição. Podia pegar o diário emprestado, dar uma olhadinha deveria bastar.

Ela quis se levantar quando Eva empurrou para suas mãos um prato de *cassoulet*. A fome de Estelle era maior que sua curiosidade.

– Não diga que você ficou o dia todo na cozinha – surpreendeu-se Estelle.

Jacques não conseguia elogiar o suficiente sua ajudante:

– Eva ajudou com tudo: deixar os feijões de molho, cozinhar, retirar o *bouillon*. Cozinhar as coxas de pato na gordura, refogar as costelas de porco, fritar as linguças com alho, acrescentar toucinho e o Joelho de porco.

– No fim você colocou os feijões e as carnes na panela de barro, despejou *bouillon* sobre tudo e levou ao fogo – completou Eva, solícita.

– E isso levou o dia todo? – admirou-se Estelle. Na verdade, seu pensamento estava naquilo que aconteceu entre os dois além do cozinhar juntos. No entanto, em seu estado altinho, Eva estava imune contra qualquer insinuação.

– Claro que não. Você precisa cuidar do *cassoulet*. Durante o cozimento, forma-se uma crosta escura. Você deve rompê-la com cuidado, pois não quer esmagar os feijões. O *cassoulet* precisa ter sete crostas – explicou Eva como tinha aprendido.

Jacques botou o boné vermelho da associação na cabeça de Eva.

– Bem-vinda ao clube – disse Jacques, solene. – Pode se orgulhar, viu.

Eva deu risadinhas inseguras. Não sabia como lidar com a estranha atenção masculina. Ao menos ninguém conseguia ver que enrubescera. O rosto já estava vermelho pelo calor da cozinha e por muito vinho. Kiki fotografou a cena memorável.

Estelle nunca na vida pediria de livre e espontânea vontade um cozido tão grosseiro. Contudo, após a primeira colherada, decidiu que uma sopa de feijão era exatamente o correto para restituir as forças após um longo dia de caminhada na peregrinação exaustiva. Mais fenomenal que a comida era a metamorfose de Eva.

– Desde o corte do contato intenso com a família, Eva está mudada – sussurrou Caroline. – Tão solta como eu não via há anos.

Judith levantava suspeitas sobre a transformação singular de Eva:

– A peregrinação traz à tona o que está escondido.

Estelle interrompeu antes que Judith se perdesse novamente em uma palestra espiritual.

– Estranho. Não senti nada. Na verdade, bem no fundo, sou totalmente superficial – trombetou, bem alegre.

– Tem gosto, tem gosto de... – Eva buscou uma comparação coerente, desistiu rindo e deu mais uma garfada. Comia junto com as amigas e com apetite irrefreável. Apenas Judith, como de costume, remexia a comida.

– Posso fazer um omelete para você – ofereceu Jacques.

Judith concordou com a cabeça, preocupada.

– Omelete, claro. Obrigada.

Havia dias não se alimentava de outra coisa.

Elle n'aime pas ce qu'on mange ici, resmungava o pessoal dos restaurantes que elas visitaram. “Ela não gosta do que comemos aqui.” De pronto, a pessoa transformava-se num estranho quando não comia nem carne nem peixe. Restava apenas omelete.

O remexer infeliz de Judith dava nos nervos de Estelle. Era uma penitência especial que Judith se impunha? Autoflagelação? Ou somente um grande teatro? Como poderia ter a oportunidade de dar uma olhada no diário se Judith não se deixava distrair pela comida e pela companhia? Como se fosse proibido desfrutar de algo que Arne não podia mais experimentar.

Após duas, três bocadas por educação no omelete, Judith levantou-se calada, pegou o diário e a mochila e desapareceu.

– Isso não pode continuar assim – sussurrou Estelle para Caroline.
– Precisamos fazer algo.

Não ficou claro o que passava pela cabeça de Estelle.

A capela de peregrinação, que ficava separada do albergue, incrustada no meio da paisagem pastoril, recebeu Judith com cheiro de incenso e a parafina morna das velas. O cantarolar monótono de um grupo de peregrinos franceses reunidos para a oração noturna encantava a igreja. Sem qualquer entonação, oravam mecanicamente um ciclo infinito de ave-marias.

Je vous salue, Marie pleine de grâces; le Seigneur est avec vous.

*Vous êtes bénie entre toutes les femmes
et Jésus, le fruit de vos entrailles, est béni.*

*Sainte Marie, Mère de Dieu, priez pour nous pauvres
pécheurs,
maintenant et à l'heure de notre mort.*

A ladainha interminável formava uma cortina monótona que preenchia a igreja com uma aura de mistério. Judith havia transformado em um costume procurar junto com Eva a igreja local à noite. Para ela, isso também fazia parte da peregrinação. Arne seguira esse ritual e Judith queria fazer o mesmo.

– Nossos ativistas católicos – zombava Estelle quando voltavam a desaparecer numa igreja. Isso porque Judith não era católica, nunca fora. Invejava Eva pela fé inquestionável e natural que mantinha. Ela mesma sentia-se mais espiritualista que religiosa. Espiritualista e em busca.

Judith esperava muito por um sinal. A cada passo que dava, almejava o momento mágico no qual se instalaria a sensação especial com a qual tantos peregrinos se entusiasmavam. Esperava ansiosamente pelo encontro com um tipo de entidade superior que

lhe desse força para reunir sua vida, que estava estilhaçada em milhares de pedaços.

Ela não ousava compartilhar com as amigas os assuntos espirituais. Como falar disso com a cética Caroline? Para a advogada, contavam apenas os fatos verificáveis. A única que estava acessível a perguntas religiosas era Eva. Mas como perguntar algo assim?

– E aí? Como é? Já teve uma experiência divina?

Soava como a pergunta imprópria de sua avó que a perseguia com seu eterno “Ah, Judith, você já tem um namorado fixo?”. E isso apenas para denunciar para a mãe no primeiro “sim”: “A menina é muito jovem para ter um namorado”, se indignava.

Possivelmente a pergunta sobre Deus era tão particular como a pergunta se e com quem fazia sexo. Judith estremeceu por dentro. Como podia pensar em sexo na igreja? Se o momento mágico não queria se instalar, era culpa dela. Não estava aberta o suficiente. Toda vez seus pensamentos rumavam para a direção errada.

Talvez fosse por essa capela de peregrinação que a sensação de cura e paz na alma não surgia. Da mesma forma que na catedral de Mirepoix, essa igreja também tinha representações suntuosas da crucificação, martírio e morte. Desde criança, Judith temia o lado mórbido da Igreja Católica. Como única criança sem confissão religiosa de sua série, logo a submeteram à aula de educação religiosa católica. E dela fazia parte a odiosa visita às igrejas.

– Judith é uma criança medrosa – foi registrado numa avaliação escolar. De fato, temia tudo e todos. Os insetos que seu irmão menor jogava em sua cama, esquecer o texto do poema quando estava diante da classe, as vozes altas dos pais que brigavam o tempo todo. O pior, contudo, eram as visitas escolares às igrejas: todas as representações da paixão esculpidas em pedra, mármore e pinturas de parede, as relíquias pavorosas da vida passada por trás dos vitrais, os túmulos, criptas e cadáveres embalsamados.

Por milagre, Bernadette também jazia incorrupta num sarcófago em Nevers, como se tivesse falecido no dia anterior. Graças a Deus, Borgonha estava bem longe, e assim nenhuma das amigas teria a

ideia de fazer uma visita à defunta. Bastava para Judith o cartão-postal com a imagem de Bernadette colada por Arne no diário. Bernadette jazia tranquila em seu hábito, as mãos juntas em oração, num sarcófago. Judith horrorizava-se com a imagem. As veias do antebraço brilhavam, as unhas eram quase cor-de-rosa, o rosto, levemente bronzeado. Judith tinha compaixão por essa mulher angustiada. Enfraquecida por desconfiança, incompreensão e hostilidade, Bernadette adoeceu de tuberculose óssea e morreu aos 35 anos. De que adiantou ser canonizada em 1934? De que adiantou 63 das milhares de curas que aconteceram na fonte terem sido reconhecidas oficialmente como milagres? Judith achava muito alto o preço que Bernadette pagou por seu encontro com Maria. As aparições eram um espetáculo. Após o caso ser reconhecido, até dez mil curiosos reuniram-se na gruta para observar Bernadette. Nem todos estavam a favor dela. Foi chamada de mentirosa, escarnecida, desacreditada e caluniada como histérica. Mais tarde, quando se refugiou no convento, não pôde mais falar sobre suas experiências. “A Virgem Maria serviu-se de mim como de uma vassoura”, constatou, austera. Segundo o costume, foi deixada, abandonada, num canto.

Je vous salue, Marie pleine de grâces; le Seigneur est avec vous.

Vous êtes bénie entre toutes les femmes...

O sermão ao fundo continuava e se repetia. Talvez a oração ajudasse. Para Arne ficou claro que a origem e o objetivo da vida residiam fora dele mesmo. “As pessoas deviam perguntar menos e orar mais” era seu credo.

Insegura, Judith juntou as mãos para a oração. Não era necessário ser católico para saber as palavras do rosário. Comprou uma vela votiva e tentou rezar enquanto a acendia. Tinha as palavras preparadas na cabeça.

*Ave Maria, cheia de graça
O Senhor é convosco.*

Bendita sois vós entre as mulheres...

Por que as palavras não queriam sair da boca? “Rogai por nós, pecadores.” Em vez disso, as lágrimas riscavam seu rosto. Uma mão fria pousou em seu ombro. Judith assustou-se. Um homem havia se separado do grupo francês e, despercebido, aproximou-se.

– Posso fazer algo por você, irmã? – falou ele. Sua voz penetrante soou estranha. Judith balançou a cabeça.

– A única pessoa que poderia me ajudar está morta.

– A peregrinação é como uma guerra consigo mesma – respondeu o homem. – Sangue, suor e lágrimas. E apenas você pode ganhar a guerra.

Judith não tinha certeza se havia algo para ganhar.

– Meu marido morreu. Eu já perdi.

A resposta do peregrino veio rápido e cortante como um estalo de chicote.

– Não tem a ver com ele, mas com você e seus erros.

Judith virou a cabeça para o lado. Quem era esse consolador obscuro? Pelo véu das lágrimas, reconheceu um homem pequeno, atarracado, cabelos ruivos bem curtos. Tinha olhos azuis e profundos, fundidos nas pupilas e cristalino. Não era apenas a mão fria que tocou em seu ombro que a fazia arrepiar. Eram esses olhos nos quais não se encontrava apoio. Afogava-se neles.

Instintivamente, Judith deu um passo para trás, a mão caiu de seu ombro.

– Meu luto é falso. Minha peregrinação, falsa. Por que todos acham que podem criticar minha vida?

Irritada, fulminou o homem misterioso com palavras estranhamente bombásticas. O peregrino permaneceu impassível com a explosão. Não se moveu de sua tranquilidade.

– O difícil não é o caminho. O difícil é a pessoa se encontrar consigo mesma.

Ele se aproximava com cada palavra. As sombras das velas davam à sua expressão algo demoníaco que a apavorava.

– E a verdade que a pessoa encontra em si – continuou, com o rosto contorcido –, nem sempre é agradável. Sem confissão não há

salvação.

Judith sentiu-se incomodada. Que eram aqueles alertas obscuros? Queria apenas ir embora.

– Não tenho ideia do que o senhor está falando – terminou, com medo, a conversa aterrorizante. O peregrino considerou a postura defensiva a prova de que tinha razão.

– Você sabe, irmã. Apenas não quer admitir.

Chega. O que esse cara está pensando? O que ele sabia dela? Não precisava ouvir aquelas coisas. Judith saiu apressada da igreja.

– Você pode fugir de mim – as palavras soaram frias em suas costas. – Mas não pode se esconder da verdade porque ela está dentro de você.

Longe. Apenas longe. Longe desse homem diabólico com suas profecias funestas.

Com um empurrão, Judith abriu com força a porta pesada da igreja. Um golpe de vento frio arrebatou as chamas das velas e as apagou com um golpe. O peregrino nefasto desapareceu engolido pela terra. Ouvia-se apenas o sermão fantasmagórico.

Je vous salue, Marie pleine de grâces; le Seigneur est avec vous.

Vous êtes bénie entre toutes les femmes...

Os franceses oravam como se nada tivesse acontecido. Ninguém percebeu nada de extraordinário. Ninguém além de Judith. Esperava com ardor que aquele não fosse o sinal pelo qual ansiava.

A guerra pela melhor cama fora deflagrada. No corredor estreito do albergue dominava o empurra-empurra animado pelos dormitórios. Além das cinco amigas, o grupo peregrino francês da capela estava lá e preparava um fim repentino à noite agradável na cozinha. Havia duas dúzias de peregrinos no corredor que queriam ser servidos e acomodados. Jacques esforçava-se de verdade para colocar ordem no caos. Ficou paralisado quando descobriu que não apenas Max e as mulheres haviam se misturado aos franceses, mas também Eva.

– Volto já. Não saia daqui – sussurrou no ouvido dela quando a invasão francesa começou e o obrigou a deixar a cozinha. Quando as amigas decidiram que também era hora de repousarem as cabeças peregrinas cansadas, ela as acompanhou. Esperar que Jacques voltasse? Onde isso iria parar?

– *Les hommes à gauche, les femmes à droite.* Homens à esquerda, mulheres à direita – Jacques dominou com a voz sua decepção e a confusão agitada de línguas. O corredor era um vai-e-vem. As mulheres de terça-feira arrependeram-se muito por terem ficado na cozinha entre vinhos e *cassoulet* e não se preocupado a tempo em reservar uma cama. Agora não restava alternativa senão se mesclar ao grupo francês.

Mochilas se enroscavam, cotovelos se batiam, barricas usadas como bastiões, dedos do pé espremidos. Eflúvios de suor, alho, incenso e álcool o suficiente pairavam pelo ar. Ou seria o prato exuberante de feijão mostrando seu primeiro efeito?

Jacques não se deixou impressionar. Com charme, convenceu duas senhoras idosas, que tinham os mesmos pais ou o mesmo cabeleireiro excêntrico, que os quartos individuais eram apenas para idosos com o pé na cova. Quando as senhoras gêmeas que ainda

reclamavam sobre a falta de conforto desapareceram no dormitório, sentiam-se tão jovens e atraentes como havia anos não acontecia.

– Hoje à noite vamos ter que ficar juntinhos – anunciou Jacques por sobre aqueles que ainda esperavam e, nesse momento, fitou Eva nos olhos. Estava claro que seu olhar era ambíguo.

– Não ouse aproveitar-se da situação – Eva ouviu uma voz. No entanto, ela não tinha vindo de seu íntimo, mas de Kiki, que a multidão havia empurrado inesperadamente para perto de Max. Teatral, ele tapou o nariz:

– Eu te amo, Kiki. Mas nem tanto assim.

– Agora entendo por que os peregrinos são contra os prazeres da carne – comentou Estelle. – O cheiro do suor peregrino transforma qualquer um em celibatário.

Ela tentava, com a respiração bucal sistemática, fugir do inferno de odores e, com um empurrão bem colocado, chegar para a frente. Apenas Judith parecia não perceber os cheiros penetrantes. Seu olhar pairava inquieto pelo grupo.

– O cara estava entre os franceses. Tenho certeza – lamentava ela.

– Por que você se deixa impressionar tanto? – perguntou Caroline. Não entendia por que Judith estava tão perturbada.

– Vocês precisavam ver. Os olhos faiscavam como se ele quisesse fazer algo comigo.

– Um tipo de talibã católico? – quis saber Estelle.

O pavor tinha abalado muito Judith. Estava pálida sob o bronzeado que tinha conseguido nos últimos dias e insistia que o homem ficara cada vez mais hostil.

– Ele me ameaçou!

– O que ele disse? – Caroline tentou ordenar a história confusa de Judith.

– Que mais ele deve ter dito – intrometeu-se Estelle. – Para o talibã existem apenas duas coisas: crime e castigo.

Judith encarou Estelle com olhos desesperados.

– Oi, sou eu – acenou Estelle. Eva não entendia mais nada.

– Judith está mais perturbada que em casa – sussurrou Caroline. E tinha acabado de tomar uma cotovelada pontuda de um andarilho francês bem-treinado e decidiu que esse tipo de batalha por um lugar era inadequado para ela. Debateu-se para sair da confusão e, paciente, esperou num canto até que o caos se dissipasse.

– *Les hommes à gauche, les femmes à droite.* Homens à esquerda, mulheres à direita – Jacques repetiu. Estelle e Kiki desapareceram aliviadas para a direita, Max, não sem sinal de tristeza por conta de Kiki, para a esquerda.

– O homem estava entre as velas – Judith ainda estava desorientada. – Como uma aparição.

Judith não conseguia compreender por que ninguém a levava a sério.

Eva apresentou uma explicação para o fenômeno estranho:

– É o caminho, Judith. É isso que o caminho faz com as pessoas – empolgou-se e seu pensamento rumou de volta ao seu salvador. – A caminhada é tão monótona que as percepções ficam automaticamente mais intensas. Mesmo os encontros mais corriqueiros transformam-se em algo mágico – murmurou e fitou Jacques. Cozinharam, riram e flertaram o dia todo. Ela saboreou os olhares curiosos dele, a maneira como pousava sua mão sobre a dela quando falava. Jacques não escondia que achava Eva atraente.

Nem Frido entrou na vida dela de forma tão tempestuosa como Jacques. Não era homem de corridas intensas e outras surpresas. Na escola, expulsaram-no da equipe de futebol, pois era muito lento no início e perdia todas as bolas. Frido não tinha fôlego para corridas curtas, mas provava, quando lhe davam chance, persistência e tenacidade. Não era rápido, nem era um amigo de ações impetuosas. Formulou o primeiro pedido de casamento de forma tão cuidadosa que esqueceu completamente de Eva. Mesmo assim, se casou com ele. Ficava triste em pensar que ele não conheceu a vovó Lore, que teria gostado dele. Teria gostado muito menos do fato de ela estar na França e não pensar nem um pouco em Frido, mas apenas no homem que estava no corredor e dividia a multidão como Moisés fez com o mar.

Eva tentou imaginar que tipo de vida Jacques levava fora do trabalho. Era um santo que caíra do céu ou tinha uma vida totalmente real? Talvez vivesse com seus pais sob o mesmo teto. Ativistas da paz de esquerda, grisalhos e curvados, que aqui e ali fumavam unzinho escondidos. Ou tinha sua própria família? Mulher e filhos que naquele dia, por acaso, visitavam os avós? Eva não perguntou e Jacques não contou nada. Passaram o dia juntos, sem passado e sem futuro. Jacques parecia ver de outra forma.

– Por que você não fica uns dias conosco? – perguntou para Eva, quando finalmente ela entrou na fila. – Poderia me ensinar o que vocês cozinham lá.

– Carne assada da Renânia – propôs Eva.

– Difícil? – perguntou Jacques.

– Demorada.

O rosto de Jacques brilhou:

– Perfeito.

Seu interesse acariciava o ego de Eva. E, no entanto, um casinho de férias era a última coisa que ela buscava. Sabia qual era o seu lugar. Com Frido, as crianças, as amigas. Não estaria mais ali quando no dia seguinte, ao meio-dia, ele voltasse de sua ida ao mercado.

– Vim com minhas amigas e vou continuar com elas. Agora eu consigo. *Saint Jacques* me salvou.

Eva sorriu para ele, tímida. No seu entendimento, isso significava uma declaração de amor impetuosa. Mas ninguém precisa viver todo amor. Pode-se mantê-lo quieto no coração. Lá, onde ele não fará mal.

Como se tivesse imaginado que a despedida poderia vir mais rápido do que esperava, Jacques puxou um antigo cartão-postal que mostrava o *Auberge de la Paix* da época do movimento Paz e Amor. No verso, anotou para Eva a tradicional receita de *cassoulet*.

– A academia ficaria feliz se você levasse a receita para casa.

A voz subiu pelas costas dela. Trêmula, abriu a carteira para colocar o cartão. Nos bolsos de plástico reluziam os retratos da família. Jacques pegou as mãos de Eva, puxou-a para si e a beijou:

– *Bon voyage*, Eva.

– Obrigada por tudo – sussurrou antes de desaparecer rapidamente no quarto. Estava satisfeita com o dia e com a receita que sabia estar segura na carteira, como lembrança e alerta. Ainda tinha o beijo nos lábios. Agora sabia o gosto do *cassoulet*. Tinha sabor de recomeço.

Jacques ficou no corredor e olhava Eva de longe. Quando se virou, percebeu que havia esquecido uma última peregrina: Caroline. Ela fingiu estar observando atenta os pôsteres baratos na parede.

– Eu não vi nada – gritou Caroline. – Não vi nem ouvi nadinha.

Jacques apenas sorriu. Lançou um olhar para o cômodo à direita. Então, apontou tranquilamente para a esquerda, onde pouco tempo antes Max havia desaparecido. De qualquer forma, Caroline soube depois, não havia quartos separados ali.

Cama desconfortável, espaço exíguo, companhia masculina. Junto com Max, Caroline aterrissou no dormitório dos homens. Na evolução do homem pré-histórico ao indivíduo moderno, dormir em grupo representou mais regra que exceção. Mas mesmo quando se compreende peregrinação como o retorno a formas de vida simples, o que acontecia com Caroline naquela noite representava um verdadeiro desafio. Com a visão de pernas masculinas peludas, antebraços envelhecidos e barrigas salientes, estava profundamente arrependida de ter se mantido educada na distribuição das camas.

Tentou, o mais furtivamente possível, tirar sua roupa. Quando percebeu os olhares telescópicos de seus companheiros de peregrinação, decidiu de pronto passar a noite com a roupa de caminhada, o que podia piorar a experiência olfativa que sofria com a peregrinação.

Antes do descanso noturno comunitário, as luzes todas se apagaram, o que levou diversos camaradas a protestarem e a acenderem de novo a iluminação do dormitório. Três vezes se fez a luz antes que, por fim, a calma chegasse. Caroline cobriu-se de imediato com o cobertor de lã e com os lençóis quando o murmúrio monótono da oração noturna se elevou. Quanta culpa no cartório poderiam ter essas pessoas que os rosários na igreja não haviam bastado para se purificar dos pecados? Ao contrário das expectativas, o sussurro suave tinha algo de tranquilizante. O caminho pesava nas juntas cansadas de Caroline. A satisfação de exigir algo do físico e chegar aos próprios limites esvaziava a cabeça. Um sentimento de felicidade inesperado espalhou-se agradavelmente pelo seu corpo.

Minutos depois, as portas do inferno se abriram. Algumas pessoas roncavam às vezes, muitas sempre, alguns por constipação, outros

pelo excesso de álcool. A espécie humana que tendia a se lançar numa aventura peregrina ronca sobremaneira. Para piorar, o vizinho de Caroline, na cama dezesseis, tossia o tabaco plantado nos pulmões maltratados por inúmeros cigarros. Não dava para aguentar.

Caroline parecia ser a única incomodada com a concorrência velada pelo novo recorde mundial de decibéis. Estudos comprovaram que mulheres dormem melhor quando não têm homem nenhum ao seu lado. A prática, por sua vez, parecia mostrar exatamente o contrário. Os senhores peregrinos dormiam, Caroline sofria. Por que não pensara num tampão para os ouvidos? Claro que estavam em sua *checklist*. E, obviamente, pensou sobre essa questão e decidiu levianamente que em um trecho secundário pouco popular do caminho de Santiago não poderiam encontrar um dormitório tão superlotado.

Irritada, puxou o travesseiro sobre a cabeça. Tentava desesperadamente dormir quando sentiu que alguém tinha se sentado na sua cama.

Após o ataque com faca, ela fez um curso de autodefesa. Juntamente com sua filha Josephine, da qual foi exigido por decreto materno que fizesse um curso de defesa pessoal. O curso chegou a um ápice inesperado de sua história comum: entre cotoveladas, joelhadas e pisadas violentas no peito do pé, panturrilha, joelho, coxa e genitálias, restou bastante tempo para mãe e filha conversarem e rirem. Deveriam ter pedido a Fien muito antes para entrar no curso de reciclagem. Agora era tarde. Não havia uma maneira sem risco de se defender. Caroline tentou lembrar onde estava o canivete, quando uma voz feminina sussurrou algo.

– Preciso te falar uma coisa.

O agressor noturno era Estelle. A luz que entrava do corredor pela frestinha na porta do dormitório bastava para Caroline ver que Estelle estava com algo nas mãos. Era o diário de Arne.

— Isso é roubo – indignou-se Caroline.

Estelle tinha outra visão das coisas:

– Autodefesa. No máximo.

As duas tinham se refugiado no banheiro comunitário no fim do corredor, o único lugar onde se podia conversar sem incômodos, desde que fossem ignorados a luz neon piscante, os azulejos laranja e um chuveiro pingando que anunciava, como um tambor mensageiro, que alguém precisava se renovar por completo.

– Não vou ajudar nesses atos clandestinos – decidiu Caroline. Suas palavras ecoaram no banheiro alto e azulejado. Se alguém cantasse algo ali, toda a casa ouviria. Mais um argumento: Caroline não tinha a voz correta para sussurrar, murmurar, sibilar e cochichar. Se dizia algo, dizia para que sua audiência de aposentados com dificuldades de audição, que não perdia nenhum caso de assassinato aberto ao público, pudesse entender algo.

– Somos amigas, não enganamos umas às outras – comentou ela.

– Ouça primeiro – exigiu Estelle energicamente.

– Você já leu – reconheceu Caroline. Estelle não deixou que a objeção indignada de Caroline a parasse, abriu uma página do diário e levantou a voz:

– Muitos dizem que os peregrinos bebem água e comem pão. No entanto, quando chegar a Jérôme após um longo e empoeirado trecho do caminho, não quero mais sofrer. Quero aproveitar o que a terra onde perambulei metro a metro produz em delícias.

– Isso era bem típico de Arne – disse Caroline. – Um pouco exagerado, pomposo, floreado. O próprio Arne.

– Não é bem isso – Estelle retrucou. Saboreava com prazer informações privilegiadas. Caroline sentia-se num programa de perguntas, em que não eram procuradas apenas respostas, mas

também perguntas. Havia muito esquecera que não queria saber nada do diário secretamente roubado.

– Que insinuações são essas? Do que você está falando, Estelle?

Caroline não conseguia esconder que decaía no tom ácido que usava com as testemunhas de seus interrogatórios cruzados. Mas ali não se tratava de um caso criminal. Era sua amiga Judith e seu falecido marido.

Estelle provou que seu sentido para a cena perfeita não a tinha abandonado nem na França. Exageradamente devagar e inconveniente, desenterrou os papéis do bolso da calça.

– Lembra das críticas dos restaurantes?

– Dos caranguejos de água doce no vermute? Claro. Tanto que você encheu com eles.

Estelle reagiu melindrada:

– Somos um grupo. Todos podem dizer suas ideias. E eu dou valor ao fato de meu corpo, com o qual eu gasto tanto tempo, esforço e dinheiro...

– Diga logo o que é – interrompeu Caroline, rude.

Estelle respirou fundo:

– O texto, essas formulações pomposas... – novamente ela fez uma pausa dramática.

– Estelle!

– Arne copiou – Estelle deixou a bomba cair.

– Como assim copiou?

– Esse texto do diário é idêntico ao das críticas de restaurante da internet.

Agitada, Estelle pousou o dedo indicador em um local determinado.

– Leia você mesma.

Caroline pegou a folha. As letras dançavam diante dos olhos.

– O que a terra onde perambulei metro a metro produz em delícias. Nenhum outro lugar tem gosto tão autêntico quanto Jérôme.

Arne nem se dera ao trabalho de mudar os nomes.

Estelle leu agora em coro com Caroline:

– A vida com Deus e como Deus na França consegue aqui um novo sentido. Quando as ervas de *garrigue* se unem ao delicado azeite, entende-se que delícias modestas podem levar ao reino dos céus.

Estelle interrompeu.

– Encontrei ainda outros lugares – continuou ela. – A história com os monges que o receberam de braços abertos: tudo roubado. Arne Nowak plagiou seu diário.

Caroline ficou sem palavras. Apenas as gotas eternas do chuveiro soavam no cômodo. O frio que os azulejos emanavam rastejava pelas suas costas acima. Teria sido melhor vestir uma jaqueta, mas não estava preparada. Nem para o chuveiro, nem para o frio, tampouco para aquilo que Estelle tinha revelado. Justamente Arne, que conseguia ler romances inteiros nas nuvens, lançou mão em seu diário de fórmulas pré-fabricadas?

– A peregrinação de Arne é uma invenção? – surpreendeu-se Caroline.

– Se fosse assim tão fácil – suspirou Estelle e pescou de um bolso escondido na capa do diário um bilhete enebado.

– Querido Arne, Samu vem às 17h de Angles. D. – Caroline decifrou o garrancho obscuro.

– Angles é próximo de Lourdes – Estelle já havia pesquisado. – Dois dias de viagem daqui.

– Isso quer dizer que Arne esteve nesta região?

– E, mesmo assim, mentiu no diário – concluiu Estelle.

Fazia algum sentido? Que motivo tinha Arne para mentir sobre sua peregrinação? Que se escondia por trás do misterioso bilhete?

O nome evocou nela uma vaga lembrança. Era como uma palavra que estava na ponta da língua e não queria sair. Estelle dera um passo adiante com suas trilhas de pensamento. Formulou com clareza o que devia ter acontecido:

– Precisamos encontrar esse Samu em Angles. E D.! São testemunhas importantes.

Caroline tinha consciência de que haviam ultrapassado uma fronteira incerta. A sensação vaga no estômago transformou-se em provas palpáveis. Mas que crime escondia-se por trás disso tudo? Que verdade Arne tentou encobrir? Quem sabia que avalanche tinham colocado em curso sem o menor cuidado? A lembrança que tinha do marido de sua amiga fora manchada.

O que poderia acontecer com a vida de Judith se isso estourasse?

Estelle respirou fundo:

– Pela primeira vez entendo o que você sente em seu trabalho.

Falava com empolgação. Caroline sabia muito bem para onde rumavam as coisas quando algo entusiasmava Estelle. Ela contaria tudo a Deus, ao mundo e a todos os outros.

– Não diga nenhuma palavra a Judith! – advertiu.

Estelle levantou, pateticamente, os dedos para o juramento:

– Minha boca é um túmulo.

Fez uma pausa significativa.

– Eu posso tentar, sim.

—Tenho certeza de que coloquei o diário embaixo do travesseiro, como toda noite. Hoje de manhã ele estava embaixo da minha cama.

Judith parecia exausta no café da manhã do *Auberge de la Paix*. Estelle estava calada. Sabia exatamente o que preocupava Judith. Tirar o diário debaixo do travesseiro foi brincadeira de criança, colocá-lo de volta no lugar mostrou-se tarefa complicada. Quando ela abriu a porta do dormitório, Judith estava acordada. Estelle apenas fugiu do destino ameaçador jogando o livro rapidamente embaixo da cama da amiga.

Decidida a permanecer acordada e devolver o livro ao seu lugar original, Estelle adormeceu suavemente. Até Judith chacoalhá-la.

– Acho que esse lugar é assombrado – sussurrou ela.

O encontro com o peregrino demoníaco ainda estava tão fresco que nem pensou que a peregrinação do diário podia ter um motivo bem profano. Estava convencida de que o moinho de azeite e a capela eram locais malignos.

Estelle calou-se enquanto Judith juntava rapidamente suas coisas. Calou-se no café da manhã quando Max quis saber onde Caroline esteve por tanto tempo durante a noite. Calou-se quando Judith exigiu uma partida rápida. Havia dominado a arte do calar-se. E, mesmo assim, apressou-se em dar um fim ligeiro ao estado incomum. A missão de Estelle era simples. “Vamos acabar com isso.” E cozinhar o galo não era para ela.

Nas etapas para Angles, marchava na frente de todos uma Estelle altamente motivada. Mesmo que isso significasse precisar lidar com ovelhas, bodes, vacas e cães selvagens que sempre se punham no caminho dos peregrinos. Quando espantou do caminho pela primeira vez uma cabra assustadíssima, sentiu-se como Indiana Jones que precisa sobreviver às aventuras na busca pela verdade. Seria hilário

se não envolvesse Judith. Ao lado dela, Eva caminhava com novo impulso e novos conhecimentos.

– Sabe o que é tão legal na caminhada? Pela primeira vez eu me sinto novamente eu – confiou à amiga.

Estelle concordou com a cabeça:

– Se o autoconhecimento parece com dor muscular, também estou no caminho certo.

Estelle virou-se, buscou o olhar de Caroline, que junto com Kiki caminhava logo atrás, e piscou para a advogada. Caroline devia saber que podia confiar em Estelle. Faça o bem e fale sobre isso, chamava-se nos círculos beneficentes de Colônia. De que adiantava o sacrifício se ninguém o percebia?

—O que há com Estelle? — surpreendeu-se Kiki. Ela compreendeu logo que algo não estava bem.

Caroline esquivou-se:

— Provavelmente, doença nervosa nos olhos.

— Tenho isso também — comentou Kiki com exasperação fingida. — Sempre que me viro, vejo Max Thalberg.

Cada uma carregava sua própria mala. A de Kiki chamava-se Max e andava sozinha. Ele não a importunava, não exigia nada.

— Gostaria que você soubesse que estou aqui — justificou-se ele, sucinto.

— Você não percebe que dá nos nervos das minhas amigas? Você perturba! — Kiki jogou na cara dele.

— Não — disse Max.

Kiki sabia que ele tinha razão. Max tinha se integrado perfeitamente ao grupo de peregrinas. E, para Judith, era um importante companheiro de conversas. Em segredo, Kiki admirava a paciência com que Max ouvia as histórias de Judith. Sua curiosidade parecia sincera. Suspeitava que ele soubesse totalmente por acaso de uma porção de coisas sobre o passado de Kiki.

— Por quanto tempo mais você vai fingir que Max não está conosco? Você precisa falar com ele — pressionou Caroline.

Kiki tratava Max como o vento. Ele aguentava esse tratamento com sorrisos complacentes e bom humor inabalável. Kiki ficava completamente sobrecarregada com a situação, pois estava tão ocupada em ignorar Max que não conseguia chegar a nenhum pensamento claro. Durante dias não conseguiu colocar um risco no papel.

Mesmo assim, tudo corria bem: a viagem de peregrinação deu a ela a chance única de voltar às origens de sua profissão. Quantos

artistas encontraram no sul da França sua verdadeira grandeza: Cézanne, Gauguin e Van Gogh mostraram como capturar as cores claras do sul. Foi um presente poder trabalhar ali.

Você só fala bonito! Mas não consegue nada, lamuriava-se uma voz histérica no seu íntimo. *Você não faz seu trabalho. Como no estúdio. Você teria terminado muito antes em Colônia. Em vez disso, você nem abriu o catálogo sobre o tema acessórios de casa.*

Está certo, confessou Kiki, sem rodeios. Não era do seu feitio discutir com sua voz interior. Por que ficar discutindo? Sabia que a voz tinha razão. Mas havia uma diferença essencial entre elas: a voz contava apenas com os fracassos. Kiki, exclusivamente com as possibilidades: *Todas as agências compraram o mesmo catálogo. Os designers o aprendem de cor e todos chegam aos mesmos desenhos.*

Você e suas desculpas, Kiki. Como sempre, Kiki, a voz continuava a se lamentar. *Você deixou a última possibilidade fugir, Kiki. Não acredita mesmo que conseguirá em sete dias, o que outros...*

Quatro dias. Eu ainda tenho quatro dias, Kiki interrompeu a voz.

Você desperdiçou seu tempo com Max em Colônia. Perde tempo aqui. E agora é tarde demais, a terrorista íntima forçava imagens cada vez mais terríveis. Era bom que Kiki não pudesse vê-la. Provavelmente tinha olhos arregalados pelo pânico, agitava nervosa os braços e tinha problemas cardíacos.

No fim você não tem nada. Nem carreira, nem homem, nem nada. Era sua última chance.

– Cala a boca – Kiki pôs a censora interna na linha. – Seu blá-blá-blá idiota não ajuda a gente em nada.

– Eu não disse nada – defendeu-se Max, surpreso. Kiki estava tão mergulhada em seu monólogo que não percebeu Max bem perto dela.

Estelle, que mostrou talento de surgir no local mais interessante na hora certa, se intrometeu:

– Não ligue, Kiki. Nesta região é normal que as pessoas ouçam vozes. Em geral elas murmuram algo como “Eu sou a Imaculada Conceição”.

Caroline puxou Estelle:

– Kiki e Max não precisam da sua moderação ao vivo – repreendeu. Seu olhar para Kiki tinha uma mensagem certa e no seu rosto ela podia ler: “É agora. Faça logo.”

Ela precisava. Ela devia. Ela podia falar com Max. Agora. Mas como? Como podia dizer de uma vez por todas que não tinham futuro? Kiki tinha o melhor trabalho do mundo, estava bem perto do sucesso. Não podia encarar nenhum erro. Nem a Max.

– Como alguém pode ser tão teimoso – ralhou com o jovem.

– Não sou teimoso – respondeu Max, tranquilo. – Apenas sei o que faz bem para mim. Ao contrário de você.

Kiki buscou ar.

– Com 23 anos eu tinha três casos em uma semana. Com 23 anos eu não sabia de nada.

Max fez seu gracejo:

– Por isso esperei você crescer.

Como assim? Max não era apenas cabeça-dura. Era descarado.

– Eu não te amo – Kiki disse com firmeza. Nem mesmo a descompostura rude levava Max a uma reação raivosa. Ele sorriu, atrevido. Kiki precisou acrescentar:

– Você entendeu? Eu não te amo.

– Você está mentindo para você, Kiki. Para nós.

Não funcionou. Kiki deixou Max para trás e juntou-se com passo rápido a Caroline e Estelle, que a receberam com olhares questionadores.

– Discussões não são para mim. Prefiro me afastar – comentou ela.

Tinha algo realmente mais importante a fazer do que dispensar Max. Na pausa seguinte, retirou da mochila seu caderno de esboços com grande alarde. Deixou-se desviar muito da criação por conta de Max. Naquele momento, seguiu para a ordem do dia, que se resumia a um único ponto. Vasos. Agora. Imediatamente.

Com vigor, enfocou os contornos toscos no papel e viu surgir uma surpresa. Tudo que tinha visto nos últimos dias conectou-se numa imagem: como se estivessem vivas, linhas e cores fundiram-se e

formaram um modelo filigranado, forjado harmonicamente na forma. Por dias, Kiki apenas viu, espiou, cheirou e sentiu. Agora, o desenho apareceu sozinho no papel. Foi um desses momentos mágicos nos quais parece que outra pessoa conduz o lápis. Muitos colegas chamariam aquilo de "inspiração divina". Kiki não conseguia confiar nesse conceito. As pessoas precisavam escavar ideias. Com frequência eram necessárias centenas de horas tristes e vãs de ateliê antes de surgir uma imagem interna do nada. Um desenho que apenas naquele momento se podia assinar. Não era milagre, era trabalho duro.

A risada ressoou. Kiki olhou para cima. A realidade colocou-se entre ela e seu bloco. Na forma de Max. De novo.

Caroline riu. Ainda era cômico como Kiki se contorcia. Há muito Caroline percebera, todas as amigas sabiam: Kiki estava apaixonada. E não fazia outra coisa nos lindos e longos dias a não ser negar o óbvio. Ela se perguntava quando a própria Kiki descobriria.

Distraída, Caroline recostou-se. As cinco sentaram-se nas pedras acidentadas de um leito de rio erodido que corroía profundamente a paisagem. Era um momento perfeito. Os problemas do início ficaram para trás, Angles ainda estava à frente delas. Seria o instante ideal de parar o tempo. Tentou apenas aproveitar, assim como Max fazia.

Com o torso nu e barras das calças enroladas, Max estava às margens do rio, entalhava lanças e instruía Eva, Judith e Estelle na caça aos peixes.

– Pode-se ler no movimento da água quando uma truta está nadando. Você precisa calcular o tamanho dela e mirar um pouco antes do peixe – explicou Max.

Não fez um esforço exagerado para ser querido e aceito. Fazia aquilo que lhe dava prazer e contagiava as pessoas com seu entusiasmo. Com isso, atraía os olhares das peregrinas para si. E também o olhar de Kiki, que por trás de seu papel não tirou por um segundo os olhos dele. Mesmo Estelle chapinhava na água rasa e analisava com lança a postos se teria uma chance de sobreviver na vida selvagem como autoprovedora.

– Onde aprendeu isso? – quis saber ela, impressionada.

– Em lugar nenhum. Li tudo isso. Karl May.

– Karl May? – comentou Estelle em voz alta para que Caroline também pudesse ouvir. – Ele fingia apenas, como se tivesse vivido aquelas aventuras. Inventou tudo aquilo que está nos livros – disse ela, colocando mais lenha na fogueira.

Caroline perdeu o ar. Segredos eram moeda de troca para Estelle. Podia contar em três dedos quanto demoraria para Judith perceber que Estelle pegara o caderno escondido dela. Graças a Deus, Max fez um lançamento naquele instante. A água espirrou, sob a superfície um espetáculo pagão. Um peixe perfurado debatia-se por sua vida.

– Na mosca. Acertei na mosca – gritou Max. No tumulto pelo peixe capturado, a observação delatora de Estelle afundou.

– Nunca tinha pegado um peixe. Nem unzinho – alegrou-se Max.

– Típico dos sulistas – brincou Estelle. – Seguem o dia devagar e então vão descansar. Não é surpresa que é fácil pegá-los.

– Talvez Karl May tenha simplesmente pesquisado bem – gritou Judith, empolgada.

Caroline ouvia com atenção. Será que Judith suspeitava de algo? Será que sabia mais do que revelava? Resoluta, deixou as dúvidas persistentes de lado e deu ordens a si: aproveite. Agora. Pare por um momento. O quanto der. Angles estava longe. O início do verão era doce.

Pouco mais tarde, três peixes assavam em espetos de madeira sobre uma pequena fogueira que acenderam com galhos secos entre pedras. Também na peregrinação, o cuidado com os grelhados parecia ser coisa de homens. Mesmo Eva, que todo verão convidava as pessoas para um grande churrasco, entregou-se ao ócio. Ajudou a limpar os peixes e encher com as ervas que havia colhido às margens do caminho. O resto ficou a cargo de outros. Satisfeita, esticou-se ao sol e deixou que os outros cozinhassem.

– A refeição fica muito mais gostosa quando a gente se deixa surpreender – suspirou, fechando os olhos. A cada dia Eva ficava melhor em não responder a todo reflexo de ajuda quando se tratava de dividir tarefas.

Caroline saboreou o gosto de ervas nos peixes, o pão fresco e a calma do momento. O tempo parou de correr tanto. No modo de desaceleração indolente, todos os problemas desapareciam. Talvez fosse possível deixar tudo como estava? Ir até Lourdes, colocar a

vela de Arne na gruta e esquecer tudo. A quem interessava por que D. considerou necessário informar Arne que Samu o buscaria? A quem interessava o que Samu e Arne faziam juntos? Arne estava morto. E elas foram à França para dar um ponto final ao capítulo. Ela precisava apenas fechar o bico, esquecer o bilhete e as perguntas. O pensamento voou para longe tão rápido quanto chegou. Estelle virou-se para Caroline, dando outro de seus olhares misteriosos. Caroline respondeu com um gesto que ameaçou Estelle de uma rápida decapitação.

Um toque de celular agudo lembrou Caroline de repente que o tempo não havia parado. Existia ainda. Todos os problemas que ela deixara de lado. Mas dessa vez foi o telefone de Max, o mensageiro de notícias ruins.

—Você não vai ver quem te escreveu? – perguntou Kiki.

– É só meu pai – foi a resposta pouco empolgada. Max achava muito mais importante servir peixe a Kiki com uma reverência perfeita. A sensação de que algo de ruim acontecia em Colônia não deixava Kiki em paz.

– Talvez seja importante.

Em vez de uma resposta, Max botou o celular na mão de Kiki.

– Se você acha meu pai tão importante.

Kiki foi pega de surpresa.

– Leia – reforçou Max. – Não tenho segredos para você.

A mensagem na tela anunciava que chegara uma mensagem de texto de Thalberg. Normalmente, não passaria pela cabeça de Kiki fuçar o telefone alheio. No entanto, provavelmente também dizia respeito a seu futuro. Ela precisava saber se Thalberg estava informado. Kiki abriu a mensagem e viu seus piores temores ultrapassados. *MAX, DIGA ONDE VOCÊ ESTÁ! SUA MÃE ESTÁ DOENTE DE PREOCUPAÇÃO*, escrito em letras maiúsculas.

– Você ainda não ligou para Colônia?

Max negou com a cabeça e continuou comendo sem se importar.

– Seu pai vai me culpar que você sumiu assim, sem mais nem menos – advertiu Kiki.

– O que você tem a ver com meu pai?

– Você precisa responder para ele.

– Se você acha tão importante, escreve para ele – Max provocou Kiki.

– O que vai acontecer quando seu pai souber da gente? Ele nem vai olhar meus desenhos – explodiu Kiki. – O estúdio inteiro vai falar um monte de mim.

Sua voz aumentou. De soslaio, as mulheres observavam o que acontecia entre Kiki e Max. Descambaria em briga? Max registrou

imperturbável as acusações de Kiki, dando de ombros.

– Não me interessa o que os outros dizem.

Kiki desistiu. Era fácil para Max falar. Com 23 anos, Kiki também não dava a mínima para o que os outros pensavam. Com 20, o mundo está aberto, com 30 ainda é possível encontrar a saída de emergência, mas com 40 tudo fica mais estreito. Principalmente quando não se tem uma herança com a qual é possível relaxar. Para Max, tratava-se de outra coisa:

– A tarde no barco. A noite na tenda. Kiki, não era mentira quando você me disse que não queria imaginar uma vida sem mim. Somos um do outro.

O desespero crescia em Kiki:

– Não posso envelhecer com você. Eu já sou velha!

– O que tem essa diferençazinha de idade – retrucou Max. Nem formulou essa frase como pergunta. Para Max, era uma observação insossa. E não tinha nada mais a acrescentar. Virou-se e a deixou para trás. Kiki irritou-se. O que disse pareceu pingar nele como gota de chuva. Se Max não entendia, ela precisava assumir a iniciativa.

Eles já tinham partido havia muito e andavam por um trecho de floresta, e Kiki ainda cogitava os 160 caracteres que acalmariam Thalberg. Três quilômetros e meio depois, convenceu-se de que era melhor argumentar com o trabalho. A única coisa que conseguia impressionar Thalberg eram ideias inovadoras. Cento e sete metros depois, tinha superado a emergência por uma resposta e conjurou mais de oito palavras na tela.

Estou na França. Preciso de paz para alguns desenhos. Não sabia que estava preocupando vocês. Sorry. Max.

– Se isso te acalma – Max respondeu, curto e grosso, quando ela mostrou a mensagem.

– Isso deve acalmar seu pai – corrigiu Kiki. Quando apertou o “enviar”, tirou um peso das costas. Thalberg estava informado do paradeiro do filho. E seu nome não apareceu nenhuma vez.

Pouco depois, se deu conta de que teria sido melhor pedir aconselhamento a Caroline, que poderia alertá-la dos bumerangues

que são as mentiras e do erro principal que a maioria dos mentirosos comete: pensam apenas no momento de alívio e não naquilo que vem depois. Kiki não tinha um plano de longo prazo.

Ela já havia se mostrado um caso perdido no xadrez. Como poderia desenvolver estratégias para tantas figuras que se moviam no tabuleiro? Tinha um panorama apenas quando perdia metade das peças com uma abertura descabeçada. Em geral, estava exatamente a três jogadas do naufrágio. Planejar estrategicamente não era para ela. Preferia se deixar surpreender pelas consequências e ficava feliz assim. Dessa vez, exatamente vinte minutos. Então, recebeu a fatura na forma de uma nova mensagem de texto. Novamente em letras maiúsculas. *HOTEL QUER RENOVAR QUARTOS ANO QUE VEM. QUEM DE NOSSO PESSOAL VAMOS COLOCAR NESSE PROJETO?* Claro que Thalberg comprara um novo celular e não tinha ideia de como digitar letras minúsculas.

“Um dispositivo do qual se precisa ler o manual de instruções não está pronto”, ele gostava de ralar. Pregava a simplicidade. No entanto, as soluções simples nem sempre eram as melhores, como ficou claro naquele momento.

– Meu pai tem a tendência de monopolizar as pessoas – comentou Max. – A única possibilidade de fugir é se isolar de vez em quando.

Ele não fez o mínimo segredo de que se sentia exatamente daquele jeito e que via como tarefa de Kiki responder também dessa vez. Ela estava na estaca zero. Pior ainda: estava um passo mais próxima do abismo.

Eva não entendia mais a amiga. Havia horas Kiki se correspondia sob um nome falso com seu chefe, que não desconfiava de nada.

– Max vai desistir quando perceber que nós dois não chegaremos a lugar nenhum – justificou-se. – Ele volta para a faculdade e eu, para o trabalho. Como se nada tivesse acontecido. Até lá, estou mantendo Thalberg de bom humor.

Eva suspirou. Decidiu defender o lado de Max.

– Você quer acabar como eu? Durante minha vida, a frase que mais falei foi “se ao menos eu tivesse”.

Kiki não parava de apertar as teclas do telefone:

– Eu também. Se ao menos eu não tivesse me envolvido com Max.

Mas essa não foi a ideia de Eva:

– Meus “se ao menos eu tivesse” foram a coisas que eu NÃO fiz. Ido para Paris, apesar do Frido, trabalhado como médica, colocado Frido para fazer trabalhos de casa também, exigido um quarto próprio, assaltado menos a geladeira.

– Por que você não tenta com Max? – intrometeu-se também Caroline. Kiki não percebia mesmo que Max era especial? Divertido, gentil e *sexy*. Era insuportável testemunhar como Kiki renegava a si mesma. O que mais ela queria?

– Caroline tem razão – reconheceu Eva.

– Agora pode parecer bom e correto. Mas como vai ser quando eu tiver 60 anos? – Kiki defendeu sua posição.

Lá atrás, Estelle se enfiou na conversa.

– Um marido mais jovem economiza cuidados maiores no caso de doença.

Elas tentavam convencer Kiki de todos os lados:

– Imagine, você saberia hoje quem estará com você aos 60. Porque sua vida será previsível – alertou Eva.

“Assim como a minha”, ela evitou dizer. Kiki também entendera assim.

– Acho que você precisa de um amante, Eva – sugeriu Kiki.

Eva repeliu a ideia:

– Amo o Frido. Ele foi a melhor escolha que fiz. A questão é o que eu faço dessa escolha. Não preciso de um amante. Mas talvez eu possa voltar a aprender francês. Ou alguma outra coisa. Apenas para mim.

Há quanto tempo as amigas não ouviam algo assim de Eva: um “eu”. O “eu” ainda era mínimo, frágil e tímido, mas havia dado o ar da graça. Tinha a ver com a caminhada, que Eva sentia cada vez mais leve de um quilômetro para o outro. Com cada passo, deixava para trás um pedaço de remorso. Anna tinha cabelos rebeldes? Então tá. Lene esqueceu de aprender matemática, David não conseguia encontrar as meias de tênis no último momento? As crianças não tinham idade suficiente para se organizar? Frido Jr. também podia ir ao grupo de coroinhas sem fazer uso do seu serviço de chofer. Afinal, tinha uma bicicleta. E Frido? Conseguia aprender algo novo, como ela? Apenas para Regine não havia solução. O pensamento em sua mãe formava um bloco indigesto no estômago.

Bom que ainda tenho alguns quilômetros à frente, passou por sua cabeça. Tinha acabado de começar a fazer um balanço de sua vida.

– A gente tem bastante tempo para refletir quando caminha – explicou, desconcertada.

– Se você diz – comentou Caroline.

Alcançaram a meta do dia. A placa manchada na entrada do vilarejo mostrava claramente onde estavam: Angles.

Caroline engoliu com dificuldade. A leveza que sentira às margens do rio foi varrida num golpe. Conforme as apreensões sombrias, o vilarejo a recebeu com um silêncio repelente. Soprava um vento cortante, que balançava em ritmo irregular uma folha de janela solitária contra a amurada, prendia-se numa cortina de miçangas que levantava voo com um ruído leve, movimentava os varais de roupa onde sacudiam meias em fila. Ao lado, pimentas secavam. Um vaso plástico com flores frescas tombou. Em todo lugar, sinais de vida. Mas nem uma alma na rua, nem uma única janela iluminada. As conversas animadas, que acompanharam todo o caminho, calaram-se. Nas vielas estreitas, seus passos soavam ocos.

A única luz vinha dos faróis de um carro branco: liga, desliga, liga, desliga. O pisca alerta fornecia uma desculpa esfarrapada para o carro estar estacionado no meio do caminho. Quando passou ao lado do automóvel, Caroline percebeu que ao lado do carro havia uma estrela azul. Sob ela, quatro letras: S.A.M.U.

Foi como se tirassem vendas de seus olhos. Por que ela não percebeu isso antes? *Service d'Aide Médicale d'Urgence*. Samu. O serviço de atendimento médico de emergência.

– Não me surpreende que parecia tão familiar – sussurrou Estelle para ela.

Provavelmente tinha encontrado a abreviação em algum dos textos que traduziu no curso de francês. Estelle e Caroline concordaram com um rápido olhar. Sabiam o que e quem deviam procurar.

Judith parou, como todos os outros também. Ouviam dentro das vielas do vilarejo. O vento soprava de longe ruídos estranhos. Apenas tons únicos, depois uma melodia perturbadora e estranha. Era uma música castigada, agourenta, acompanhada por passos

pesados. Deviam ser muitas pessoas que se aproximavam num lento e misterioso marchar compassado. Com desconforto, as mulheres seguiram adiante. A música aproximava-se cada vez mais. A visão abriu-se para uma massa de pessoas. Todo o vilarejo estava reunido para a procissão. Música tradicional, ritual arcaico. Acompanhadas por música enviesada de instrumentos de sopro, figuras masculinas de postura lúgubre em marcha compassada com estranho balanço carregavam uma Maria de madeira pelo vilarejo.

O olhar de Caroline pairava buscando alguém pela multidão. De fato, entre os turistas bronzeados em suas roupas coloridas de feriado, peregrinos e moradores do vilarejo estava um homem forte, atarracado num uniforme branco de enfermeiro. Deve ser ele. Samu. De Angles.

– Você sabe o que vai acontecer se eu falar francês com ele – murmurou Estelle para Caroline.

Tem como voltar? Caroline vacilou apenas por um momento. Talvez aquele homem tivesse a chave para o segredo de Arne. Talvez fosse a única chance de conseguir uma resposta.

– Olha lá – gritou Estelle, agarrou Judith pela manga com agitação e apontou vagamente para um grupo de curiosos. Judith não entendeu bulhufas. Que havia de especial ali?

– O cara está com uma camisa da Tommy Hilfiger – salvou-se Estelle. Era uma mentira, mas não lhe ocorreu nada melhor com a pressa. Judith estava tão ocupada zombando da superficialidade de Estelle que nem percebeu que o lugar ao seu lado ficou vazio. Caroline havia saído à francesa, agradecendo Estelle em pensamento.

– *Excusez-moi, monsieur* – Caroline falou com o enfermeiro cuidadosamente, de soslaio. De perto, o homem de cabelos castanhos e frisados parecia quase quadrado. Era uma cabeça e meia menor que Caroline e transpirava força de todos os poros. Lembrou Caroline do leão de chácara de um estabelecimento duvidoso perto da estação de trem, que estava envolvido com rap e atos de violência e abusou totalmente da noção de “respeito” diante

do tribunal. O enfermeiro parecia não querer observá-la. Com cuidado, cutucou o ombro dele.

– *Excusez-moi...*

Não chegou mais perto, pois nesse momento a Virgem estava passando por eles. O enfermeiro baixou o olhar com reverência. Caroline fez o mesmo. Não queria irritar sem necessidade um homem que parecia tão irascível e colérico. Não estar familiarizada com os rituais católicos mostrou-se uma clara desvantagem. Quando olhou novamente para cima, viu-se completamente sozinha na calçada. Todos os outros se uniram ao cortejo e seguiam a *Madonna*. A multidão engolira o enfermeiro.

51

—Ali está a Caroline – interrompeu Judith. Apesar do esforço incessante de Estelle para distraí-la, descobriu Caroline na procissão. Os olhos de Judith apertaram-se. Procurava entender o comportamento bizarro da amiga advogada. Caroline se espremia entre fiéis para avançar para a ponta do cortejo. Judith achou mais que estranho:

– Onde ela vai? O que está procurando?

– Talvez tenha se transformado espontaneamente em católica – Kiki especulou.

Agora, todas olhavam para Caroline, que se curvava sobre um enfermeiro e falava insistentemente com ele.

– Talvez Caroline não esteja bem. Ela estava com uma sensação estranha no estômago – tranquilizou Eva.

Judith não estava nem um pouco convencida. Estelle ficou nervosa. Precisava encontrar uma explicação que soasse lógica, inofensiva. Com mil diabos, como poderia distrair Judith antes que ela descobrisse o que Caroline estava fazendo de fato? Era péssima com mentiras. Quase quis desistir quando os céus enviaram tropas para salvá-la. Descobriu duas idosas que pareciam gêmeas na procissão. Em torno delas, rostos bem conhecidos.

– Os franceses – ela gritou, contente. – Não são os franceses do albergue de Jacques?

Judith desviou o olhar. O pânico surgiu em seus olhos.

– Espero que o louco não esteja com eles – Estelle cutucou intencionalmente a ferida. Os franceses também as reconheceram. Noites conjuntas num dormitório contribuíam claramente para a compreensão dos povos. Felizes e agitados, acenavam para elas como se não estivessem numa procissão de Maria, mas na entrada das nações dos Jogos Olímpicos. Judith não era a única inquieta. Max temia o pior.

– Espero que eles durmam em outro lugar. Mais uma noite com os roncos eu não aguento – resmungou, trazendo a Estelle uma última ideia para desviar a atenção de Judith.

– Precisamos providenciar imediatamente um lugar para dormir. Quando a procissão acabar, não vamos conseguir mais nada – comentou Estelle. – Não quero acabar com os franceses em colchões num ginásio de esportes.

Judith balançou a cabeça, inquieta:

– Vamos pegar um bom hotel. Um onde não encontraremos nenhum grupo de peregrinos.

– O mais caro daqui – festejou Estelle.

Empolgada, puxou os papéis. Tinha ali uma dica de restaurante. Se os quartos fossem tão sofisticados quanto o cardápio, teria ganhado o dia. Secretamente agradeceu aos franceses pela sua numerosa aparição na procissão.

– Nós controlamos as finanças – Kiki sussurrou para ela. Não seria a primeira vez que salvava Kiki de uma situação aguda de emergência. Certa vez, Estelle precisou livrar Kiki de uma taxista na frente do Le Jardin que parecia uma lutadora e era imune ao charme da designer.

– Eu poderia jurar que ainda tinha uma nota – lamentou Kiki. – Ela não quer me levar de volta por 12,40 euros.

Estelle adiantava o táxi, a conta no Luc e às vezes também o aluguel. E agora até mesmo o hotel.

– Eu te pago depois – prometeu Kiki.

– Em parcelas, como sempre – Estelle assentiu com a cabeça. Ela sabia que não fazia sentido querer dar algo de presente para Kiki, pois era muito orgulhosa.

Estelle pôs-se em marcha. E Judith seguiu-a. Virou-se pela última vez. Não eram os franceses que a interessavam. Era Caroline que se envolvera numa conversa animada com um enfermeiro francês.

—O homem com camisas de flanela, o caubói. Arne!

Caroline assentiu com a cabeça. Demorou um tempo até o enfermeiro compreender de quem Caroline falava. Ele conhecia o homem. E muito bem.

– Busquei Arne com a ambulância e levei ele para Toulouse – confirmou ele. – De lá ele foi transferido para um hospital em Colônia.

Caroline entendeu apenas metade.

– Ele interrompeu a peregrinação?

O enfermeiro olhou para ela como se Caroline não batesse bem da cabeça.

– Arne? Peregrinando? Bobagem. Ele passava suas férias com Dominique. Como sempre.

Disse isso sem o menor pudor. Como se fosse algo natural. A frase ecoou na cabeça de Caroline. Férias. Como sempre. Dominique. Ela tentou juntar as palavras em algo que se integrasse naquilo que ela sabia sobre o amigo falecido. Tudo que ela conseguia era uma outra pergunta idiota: “Arne vinha para cá com frequência?”

O enfermeiro não queria estender a conversa com a senhora intrometida.

– Tenho um dever de sigilo.

Dispensou Caroline com um aceno e se uniu no fluxo universal de orações.

Sainte Marie, priez pour nous,

Sainte Mère de Dieu, priez pour nous

Sainte Mère toujours, priez pour nous...

Dever de sigilo. Caroline já tinha ouvido isso antes. Parecia uma eternidade. Dessa vez, não estava disposta a se dar por vencida.

– O senhor precisa me ajudar. Precisa ajudar nossa amiga. É importante – Caroline pressionou o homem.

O enfermeiro sentiu-se extremamente perturbado em sua meditação religiosa. Ela conseguiu despertar o lado colérico do homem.

– Onde a senhora pensa que está? – começou ele, ríspido. – Na parada da Disneylândia que realizamos para turistas alemães? A senhora vem aqui e faz perguntas. Quem é a senhora? Polícia secreta?

Os primeiros fiéis ao redor começaram a prestar atenção. Por precaução, Caroline calou-se. Se respondesse agora, provavelmente as feridas abertas da Segunda Guerra Mundial viriam à baila. No entanto, o enfermeiro já havia se sentido ofendido e estourou.

– Que vocês, alemães, pensam? Que são donos de tudo? Que podem fazer o que querem?

As pessoas em volta pediam que ficasse quieto. Uma briga começou. Alguns conterrâneos dele se intrometeram, tentando convencê-lo com gestos intensos. Caroline já se preparava internamente para a retirada pedida quando o enfermeiro fez algo inesperado.

– Pergunte para Dominique a senhora – gritou para ela. Rabiscou algo num papel, pôs na mão de Caroline e, por fim, desapareceu na procissão.

*Sainte Marie, priez pour nous,
Sainte Mère de Dieu, priez pour nous
Sainte Mère toujours, priez pour nous...*

Caroline ficou como se tivesse sido atingida na cabeça. Não tinha respostas. Apenas um endereço de Dominique. As perguntas eram possíveis apenas se a pessoa aguentasse as respostas. Quanta verdade Judith podia suportar?

Caroline amassou o papel com vigor, lançou-o numa lixeira e saiu dali. Cinco passos depois, virou-se. Enojada, revirou o monte de lixo e desamassou o papel. Suas mãos tremiam. Nesse momento, sentiu algo estranho. Um calor repentino subiu pela espinha e obrigou-a

literalmente a virar-se. A procissão havia feito uma curva pela praça do vilarejo e vinha de frente para ela. A figura dourada de Maria emanava uma luz que pairava sobre a cabeça dos fiéis. Uma magia misteriosa saía da *Madonna*. Por um instante, estavam ligadas. Nesse único e inexplicável momento, não era mais uma estátua de madeira que estava diante dela. Caroline podia jurar que Maria a olhava diretamente nos olhos.

Nervosa, fechou os olhos. Afastou de si o sentimento bizarro. Perturbações do sono podiam levar a alucinações. Era bem óbvio que isso valia também para sobrecarga física e espiritual.

Horas mais tarde, estava deitada numa cama confortável que merecia cada uma das cinco estrelas que categorizavam o hotel. Tiveram um jantar excelente – nenhuma outra palavra era mais precisa para descrever o menu de seis pratos – e beberam bastante. Ela não conseguia dormir. Estava deitada na cama junto à janela, olhava a noite escura e sem estrelas e esperava por um milagre. O milagre veio. Mas era um milagre falso. Não apenas para Judith, mas principalmente para Caroline.

Caroline não era a única que esperava por uma salvação maravilhosa.

– Meu sonho é que a senhora “passe de mágica” volte para Colônia – confessou Frido quando Eva fez sua ligação de todas as noites.

Eva não precisava de detalhes. O cansaço na voz dele era o bastante para imaginar como estava sua cozinha. Como as cozinhas parecem quando as pessoas não têm à disposição uma senhora “passe de mágica”: o lixo transborda, a lava-louças fica cheia, o tablete de sabão dentro dela, o botão de ligar esquecido. E, com muita sorte, encontram-se as meias de tênis nas caixas de bebida vazias.

Frido era um homem sensato, não precisava de bola de cristal para saber quem, até aquele momento, havia reduzido o trabalho para ele. A única coisa que o surpreendeu foi a quantidade de trabalho para ser feito.

– Como você consegue? – perguntou Frido, exausto.

– Sei lá – respondeu Eva. – Eu apenas faço.

– E essas reuniões eternas – reclamou ele. – Quando se tem a pressão do horário, a primeira coisa que se percebe é quantos monstros passam numa mesa de reunião. Tenho todos: o falador, o perguntador, o que não diz nada e o exibido. E aqueles que são responsáveis pelas decisões ficam calados.

– Contrate mais mães – recomendou Eva. Quem tinha crianças em casa esperando comidinha quente, um beijo de boa-noite ou ombros paternos para se apoiar, não tinha tempo para repetições infinitas, vaidades pomposas e decisões postergadas. Mas esse boato ainda não havia se alastrado até os níveis da diretoria. Frido apenas suspirou.

– Ficarei feliz quando você voltar para casa – confessou, num sussurro.

Eva calou-se. Algo havia mudado. Tinha se envolvido com a aventura da peregrinação apenas porque queria fazer algo por Judith e porque as amigas dela apoiavam. Naquele momento, caminhava porque lhe fazia bem. Não ousava contar isso ao fragilizado Frido. Sobre os momentos nos quais não se pensava em mais nada, mas apenas em sentir o chão se mover sob os pés, absorver o cheiro de giesta e zimbro, se misturar às sombras moventes, observar o jogo de nuvens e cores. Sentir as subidas e descidas do caminho, cada mínima diferença de altitude.

– Boa noite, Frido – desejou, em vez disso. Não tinha coragem de confessar como estava feliz em ter pela frente alguns dias de peregrinação. A verdade era que não interessava se sua cozinha em Colônia estava arrumada ou não. Via-se num ponto mágico de sua peregrinação: saiu de casa, deixou para trás seu cotidiano, mas não havia chegado ainda a lugar algum. Simplesmente estava a caminho. Ao sabor do vento.

São Pedro conspirou contra elas. Após ter trazido ao acaso alguns assentos livres num ônibus e uma viagem gratuita entre Montcaup e St. Bertrand de Comminges, agora tinham caído num confortável modo “bagaço”.

– As senhoras trouxeram a tempestade – alertou o motorista do ônibus.

No entusiasmo de terem reduzido bem as duas longas etapas que estavam diante delas, detiveram-se tempo demais nas catedrais mundialmente conhecidas. Em vez de iniciar as etapas rapidamente, maravilharam-se com a magnífica decoração em madeira e os imponentes bancos do coro.

Quando finalmente colocaram-se em marcha, era tarde demais. Nuvens escuras tingiam o céu e ofereciam um espetáculo único. Ao fundo, os picos dos Pirineus que se aproximavam cada dia mais brilhavam. Chuva e ventania se aproximavam.

Judith e Max seguiam na frente, as outras vinham logo atrás.

– E o que é isso? Vocês encontraram algo?

Curiosa, Eva pressionava Estelle e Caroline. Kiki também. Caroline virou-se horrorizada para Estelle, que fez um gesto de desculpas.

– Meu espírito foi forte, mas a boca é fraca.

O erro foi deixar as três dividirem um quarto na noite anterior.

– Agora fale! Que tem o diário? O que o enfermeiro contou? – quis saber Estelle. Tentou a noite toda chegar até Caroline.

Judith, que ficara desconfiada, não saiu do lado de Caroline durante o jantar. Ela, que normalmente era a primeira a desaparecer na cama, pedira até mesmo sobremesa. Mais tarde, insistiu em ficar com Caroline num quarto duplo. Depois de olhar para as velas, a foto e o copo de vinho com que Judith formava toda noite um altar improvisado, desapareceu o impulso de Caroline de contar tudo.

Antes, Caroline teria um ataque com isso. Antes, dez dias antes. Em Colônia, comia *fast food*, deixava-se aterrorizar pela internet móvel e e-mails rápidos e tirava no máximo um cochilo quando o trabalho sobrecarregava. Na peregrinação, tinha tempo para reagir. Nada tinha pressa quando se estava num percurso a pé. Dominique não vivia longe de Angles. Entre o albergue e Dominique havia duas elevações que queriam vencer. Era impossível fazer esse percurso em um dia. Caroline estava grata por esse adiamento da pena. Devia enfrentar aquilo que soubera no dia anterior.

– Parece que Arne passava as férias regularmente nesta região. Com alguém que se chama Dominique – explicou Caroline. Tentou soar o mais neutra possível. A notícia, contudo, caiu como uma bomba. Estelle entrou de imediato nas especulações:

– Talvez Arne tivesse uma segunda família, filhos, uma vida dupla misteriosa.

– Dominique pode muito bem ser nome de homem – advertiu Caroline.

Agitada, Eva balançava a cabeça. Não queria acreditar que Arne enganara Judith.

– Tudo isso pode não ser nada! Um engano.

Caroline castigava-se com autoacusações:

– O pior é que eu incentivei Judith a fazer essa viagem.

– Quem imaginaria uma coisa dessas? Arne adorava Judith – Eva comentou.

– E mesmo assim a traiu – constatou Estelle.

Então Kiki chegou ao ponto que realmente interessava:

– E o que fazemos agora? Contamos para Judith?

Como se ouvisse seu nome, Judith virou-se. De maneira estranha, sentiu que as conversas empolgadas às suas costas diziam respeito a ela. As quatro, que até então discutiam calorosamente, se calaram.

Sobre o que conversavam todo aquele tempo?, perguntava-se Judith. Havia dias tinha a sensação de que coisas estranhas estavam acontecendo.

– Sou o que menos sei das coisas por aqui – comentou Max. – Elas não compartilham os segredos comigo.

– Nem comigo – lamentou-se Judith.

Suas amigas ficavam a cada dia mais estranhas. Ela se sentia observada a todo o tempo e avaliada sem parar. Sabia que elas, no fim das contas, esperavam por se livrasse do luto e voltasse a ser a velha Judith. Estava feliz por Max ter se juntado ao grupo, pois sentia-se ligada ao jovem. Mas não como uma mulher sente-se ligada a um homem. Nunca poderia imaginar-se apaixonada por um homem mais novo. Era algo diferente. Max era o único que a encarava de forma imparcial. Desconfiada, Judith virou-se pela segunda vez. As quatro amigas deram ao mesmo tempo um sorriso irônico. Mais estranho não podia ser.

Uma rajada de vento tirou seu fôlego. Durante toda a etapa, Judith olhava preocupada para o céu. Com as primeiras gotas, acabou a esperança de que as nuvens passariam ao largo delas. Dentro de poucos minutos a chuva leve transformou-se num aguaceiro. Os Pirineus desapareceram nas nuvens espessas. Raios fendiam os céus. Riachos se encheram, arrastaram plantas e tornaram o caminho intransitável em pouco tempo. Quase não se via dez metros adiante.

Encontraram abrigo provisório numa cobertura de madeira, como os milhões de mosquitos que fugiam da chuva. Nem mesmo os caros chocolates Valrhona e as bananas que Max tirou como por encanto de sua bolsa-carteira tornaram a atmosfera confortável. Na natureza, a tempestade agia como uma força elementar. O vento agitava os

troncos frágeis, a chuva tamborilava incessante no telhado cheio de goteiras. Subiu um cheiro de palha úmida e apodrecida.

– Esse cheiro vai me dar uma alergia – reclamou Estelle, enquanto espantava os mosquitos.

Depois de quinze minutos, os raios ainda continuavam a cair. A chuva não parava.

– Não tem sentido esperar – comentou Caroline. – Logo vai escurecer.

A ideia de fugir pela rodovia diretamente para o próximo vilarejo provou ser um erro drástico. A visão era ruim, a via estreita. Todas as vezes que um caminhão buzinate zunia perigosamente próximo a elas, a água espirrava aos montes. Não fazia sentido. Precisavam se render ao caminho secundário, desproporcionalmente mais longo.

Com esforço, arrastaram-se caminho encharcado acima. O avançar na lama sempre é lento. Aqui e ali, Judith escorregava. Nunca haviam se sentido tão ligados à terra, nem olhado para o céu com tanta inquietação. Apenas de lá podia vir a redenção. A chuva estreitava o horizonte. Não era possível sequer imaginar a meta do dia. Por dentro, Judith blasfemava. Podia dizer mil vezes a si mesma que a chuva trazia consigo a limpeza externa que caminhava de mãos dadas com a interna. O romantismo peregrino e o entusiasmo religioso estavam longe naquele momento como os sussurros e segredos. O negócio era resistir a essa etapa.

Raramente surgia uma vieira de São Tiago que marcasse o caminho. A orientação era difícil, a água estava por todo lado. Corria sobre as mãos, fluía nas golas e nos sapatos. Nas capas de chuva arrancadas rapidamente das mochilas desenvolvia-se um ambiente vaporoso.

– Se não tomarmos cuidado, por baixo da cobertura plástica pode se formar um acúmulo de calor e um colapso do sistema circulatório – Eva recapitulou seu conhecimento médico.

Lágrimas de exaustão corriam pelo rosto de Judith. “É preciso peregrinar com todos os sentidos”, anotou Arne em seu diário. Nesse dia, era o sentido do absurdo que a acompanhava pelo caminho.

Da torre badalava o sino do mosteiro, de longe ecoava o canto suave dos monges. Oravam pela saúde de seus hóspedes que a chuva havia lavado por inteiro. Normalmente o mosteiro não abrigava turistas nem peregrinos, mas para as seis figuras congeladas que tremiam diante dos portais de St. Martin ao fim da tarde, o abade abriu uma exceção.

Tomaram chá quente e comeram um bolo marmorizado bem doce. Encheram os sapatos com literatura devocional cristã e botaram para secar numa estufa na cozinha. O banho quente limpou o resto de lama das juntas cansadas. Kiki foi a última que entrou no chuveiro. Não se incomodava pelo fato de ali ter apenas cabines úmidas que eram separadas apenas por meias paredes improvisadas. Para ela tanto fazia se o chuveiro ao lado dela estivesse ligado, até um cheiro curioso chegar da cabine ao lado. Um gel de banho com cheiro de ervas que conhecia muito bem. Um olhar de soslaio pela meia parede mostrava que seu nariz não a enganara. Na cabine ao lado corria espuma em torno de um grande pé masculino. Sem dúvida: Max estava tomando banho ao seu lado. Era tão intencional que ele ainda cantarolou inocentemente ali.

Kiki enrolou rapidamente a toalha no corpo e fugiu. Contudo, o quarto que dividia com Judith estava fechado. Não restou outra coisa senão juntar-se às amigas que lavavam suas roupas imundas no pátio interno do mosteiro em uma tina metálica.

– Judith está na capela – comentou Caroline. Ela já esperava Kiki para dizer o que devia ser dito. – Precisamos falar sobre o que descobrimos. Ou isso ficará entre nós para sempre – anunciou com voz firme.

O nervosismo cresceu. Principalmente em Eva.

– Por que vocês começaram com essa bisbilhotice?

Kiki também não conseguia ver aquele plano com bons olhos. Superestimaram o poder da sinceridade irrestrita.

“Querida, precisamos falar.”

Quantos relacionamentos se acabaram em discussões que seguiam essa frase desastrosa? Antes de falar, é necessário calcular primeiro o risco de machucar o outro. E a chance de mudança. O que melhoraria no caso de Arne com qualquer conversa?

– Judith ama o Arne dela. A gente precisa acabar com a lembrança que ela tem? Ninguém precisa saber de tudo – Kiki opinou.

Caroline estava irredutível quanto a sua opinião:

– Tenho certeza de que Judith desconfia de algo. Desde o início da viagem ela vem se comportando de um jeito estranho.

Estelle apoiava totalmente:

– Caroline vai falar para ela – decidiu antes que alguém pudesse pensar que já pudesse estar pronta para assumir essa função ingrata.

– Dizer o quê? – quis saber Eva, zombando. – Não sabemos quase nada sobre as viagens estranhas de Arne.

– Mas sabemos o que os homens aprontam no tempo livre – apontou Estelle.

– O que é isso? Uma festinha conspiradora para lavar roupa suja?

As quatro tomaram um susto. Mergulhadas na discussão, nem perceberam que Judith se aproximara. A conversa morreu de repente. Judith também entendia o que estava acontecendo.

– Não sou cega, surda ou maluca. Os olhares, os sussurros, as piscadelas de Estelle... posso participar do segredinho?

Silêncio. Prolongado. Eva, de qualquer maneira, não se sentia qualificada para aquela conversa, Estelle tentou fingir que na realidade vinha de Marte e Kiki descobriu naquele momento que o fundo de sua mochila era impermeável, o que infelizmente não se podia dizer da parte de cima. Seus desenhos cuidadosamente trabalhados nadavam num lago de água da chuva. Percebeu que seu futuro tinha ido por água abaixo. Cada traço que havia feito com

tanto esforço e reflexão se dissolvera na enchente. A ideia era apenas uma vaga lembrança que rodopiava sem rumo pelo espaço. Sabia que não conseguiria chegar uma segunda vez à obra de arte filigranada.

Um olhar para Judith bastou para Kiki entender que não era o momento certo para lamentações. Havia algo pior. E informar, como de costume, era tarefa para Caroline.

Por onde Caroline deveria começar? Nada no curso universitário preparava alguém para aquilo que fazia parte do ganha-pão cotidiano da profissão de advogado: a transmissão de más notícias. Na Idade Média, os emissários que traziam notícias ruins perdiam literalmente a cabeça. Caroline tinha toda uma série de más notícias guardadas para Judith. Começando pelo roubo do diário, passando pela quebra de confiança até as manobras esquisitas de Arne.

O caminho mais tranquilo para escalar um monte é aproximar-se do objetivo em vias sinuosas. Assim era também com informações desagradáveis. Com cuidado, a advogada aproximava-se da verdade.

– É sobre o diário, sobre o que Arne escreveu. – Fez uma pausa. Aprendeu isso com Philipp, que precisava dar diagnósticos negativos semanalmente em seu consultório. Pausas dão à pessoa tempo para acompanhar com a cabeça e formular suas próprias perguntas. Judith não tinha a menor ideia dessas teorias. Antes mesmo de Caroline chegar à primeira curva estreitíssima do caminho tortuoso, Judith lançou suas desconfianças:

– Você xeretou minha vida?

– Ouça primeiro.

Judith não precisava ouvir. Tinha formado havia muito seu próprio pensamento.

– O diário não foi parar embaixo da minha cama por magia. Também não havia nenhum peregrino que subiu atrás de mim. Você pegou de mim sem que eu soubesse.

– Fui eu – confessou Estelle, sincera. – Caroline não podia fazer nada para impedir.

– Foi um erro – admitiu Caroline francamente.

– Como vocês puderam fuçar nas minhas coisas? Que interessava para vocês o diário de Arne?

Judith tinha razão. Elas tinham cometido um erro e, para que a amizade tivesse um futuro, ele precisava ser corrigido. As mentiras precisavam cessar. Mentiras eram bumerangues. Voltavam e atingiam quem os havia lançado no mundo para se desviar do pior. Às vezes o bumerangue voltava de imediato, às vezes precisava de mais tempo. Caroline condenou um homem que após décadas foi tombado por suas mentiras. Uma equipe de casos arquivados analisou o assassinato de uma garota de 13 anos. Trinta anos se passaram desde o acontecido. Do suspeito filho do vizinho de outrora surgira um cidadão respeitável, pai de família virtuoso e funcionário público sem ficha na polícia. Meia vida se passou quando foi levado novamente ao tribunal. Involuntariamente, se transformou na melhor testemunha da acusação, pois não se lembrava mais das mentiras contadas antes às autoridades de investigação. A pessoa lembra-se da verdade mesmo após décadas. No entanto, o homem esquecera as mentiras muito tempo antes. Quando o bumerangue o atingiu, estava despreparado. Caroline não queria viver algo assim. Não com suas amigas.

Engoliu em seco e continuou a falar, pois precisava ser assim. Todas as cartas na mesa.

– Parece que Arne nunca peregrinou. Seu diário é uma colagem de textos da internet.

Judith gargalhou, irônica:

– Você nunca gostou de Arne, pois ele não se encaixava na sua visão racional do mundo.

Dentro de Caroline soou um alerta para se manter calma e ver essa resposta atravessada como era: uma tentativa desajeitada de empurrar a culpa para o outro. Uma tentativa de negar o que devia desconfiar desde que errou o caminho pela primeira vez no Massif de la Clape.

– Temos uma testemunha, Judith. Arne passava as férias aqui. Sempre. Com alguém que se chama Dominique.

Judith apertou perigosamente os olhos:

– Continue!

– Não sabemos de mais nada – confessou Caroline. – Temos o endereço de Dominique. E só.

Pronto, tinha falado. Caroline observava Judith com atenção: como processaria aquilo? As outras três realizavam uma inspeção rigorosa na ponta dos pés. Após um segundo de espanto, Judith irrompeu numa gargalhada. Ria de todo coração, como se tivesse sido liberta. Reação muito estranha.

– Entendo que precisa de tempo para se recompor – Caroline disse a Judith com cautela.

Judith continuava a rir. Nenhuma das amigas conseguia compreender o comportamento bizarro. Rodando o dedo indicador ao lado da cabeça, Estelle indicava: agora Judith havia pirado de vez.

– Pelas circunstâncias, se você quiser interromper a peregrinação, eu vou entender. Todas vamos – explicou Caroline.

Judith interrompeu as gargalhadas de repente. Seus olhos eram como dardos venenosos apontados para Caroline. Do ser pequeno e desprotegido que até então existia, brotou alguém que tinha força e uma fúria inacreditável nas entranhas.

– Caroline, a safra. Sempre uma palavra esperta na hora certa. Esse seu jeito de sabe-tudo me enoja.

As mulheres estavam em choque. Apenas Caroline permaneceu calma:

– Se você quer despejar sua raiva em mim, ótimo. Não tem problema.

A tentativa de não deixar a discussão aumentar fez Judith ficar mais agressiva.

– Você e sua arrogância de merda – Judith gritou para Caroline. – Que você tem a ver com os segredos de Arne? Se eu fosse você, cuidaria mais do seu casamento.

De repente, o silêncio. O susto. Assim que foi disparada, a frase ecoou no lugar. Até Judith parecia estupefata com aquilo que acabara de deixar escapar.

Caroline sentiu a insegurança crescer. Desde o telefonema, o pensamento sobre o comportamento estranho de Philipp não a deixara mais em paz. Não tinha falado a respeito com nenhuma das amigas. Não era o tipo de pessoa que revelava o que a atingia. Era difícil falar sobre sentimentos. Preferia resolver os problemas consigo

mesma. Caroline mexeu os ombros. Movimentar-se ajudava a abaixar o nível de adrenalina, ajudava a controlar a voz trêmula. Todos os truques de quando estava começando na profissão. Tinha colegas que confiavam em anti-hipertensivos. Caroline tentou uma vez usá-los num processo e perdeu. As pílulas não reduziram apenas a febre nervosa, mas também a sua concentração. Precisava da tensão para funcionar. Não na vida pessoal.

– O que você quer dizer? Do que está falando, Judith? – quis saber após recuperar um pouco do controle.

Judith se arrependeu. Seus cílios tremiam. Com movimentos nervosos, juntou suas roupas imundas.

– Desculpe. Não quis dizer nada. Falei por falar. Me desculpe, estou um pouco... – Judith tentou botar panos quentes na observação descuidada, enrolou-se ainda mais e fugiu no meio da frase.

– Eu sei. Peregrinar traz à tona o pior na gente – comentou Estelle, seca.

—Quero ficar sozinha – gritou Judith.

Kiki estava irritada. Ficou trancada para fora do quarto. Com frio e em pé num imponente corredor de mosteiro sustentado por arcos. As últimas luzes do dia reluziam pelas numerosas janelas. Estava passando um frio miserável. Não havia um isolamento moderno. O frio eterno corria das celas diretamente para o primeiro andar. Kiki pulava de um pé para o outro, estava descalça e ainda enrolada numa toalha.

Um pouco adiante, Max se recostou à parede fria e sorriu, irônico.

– Estou num quarto duplo. Duas camas confortáveis. Dois cobertores.

Kiki evitava o contato visual e batia na porta com força. O dia tinha sido um verdadeiro desastre. Não podia lidar com mais problemas.

– Judith, abre – implorava.

Max decidiu que dessa vez não a deixaria fugir.

– É apenas a idade que conta para você? – retomou ele o assunto da briga dos dois.

Kiki espancava a porta com a mão aberta. Os monges que estavam a caminho da última missa do dia viraram a cabeça para olhar. Uma mulher vestida apenas com uma toalha e um homem muito jovem tentando conquistá-la era algo que com certeza não viam todos os dias em seus santos recintos. Caminharam pelos corredores do mosteiro mais devagar que o habitual.

Max tentou novamente:

– Para que se prender a uma única característica ao escolher um parceiro? Se alguém procura um anjo e presta atenção apenas nas asas, pode chegar em casa com uma galinha para a canja.

Kiki riu. A imaginação dele a divertia.

– Nada contra galinha de canja – continuou Max. – Com alguns legumes pode ficar deliciosa.

Kiki se rendeu. Tinha percebido que não fazia sentido esperar no corredor até que Judith se acalmasse. Congelaria antes.

– Vou aceitar sua oferta, mas isso não significa nada. Não pense que mudei de ideia – alertou ela.

Max levantou a mão em sinal de compromisso.

– Não vou encostar em você. Por tudo que é mais sagrado para mim.

O brilho safado em seus olhos mostrava que para ele, provavelmente, não existiam tantas coisas sagradas assim. Kiki seguiu na ponta dos pés em direção a Max e, então, pisou na toalha que imediatamente foi ao chão. Max a levantou. Cuidadosamente, envolveu a toalha em torno dos ombros dela. Ele se aproximou. Ficou muito próximo. Perigosamente próximo.

– Anjos não têm sexo – esbravejou, rouca –, por isso vivem tão em paz.

De qualquer forma, Max não tinha nada de anjo:

– Quem quer ir pro céu? Só tem chato lá.

Tirou uma mecha de cabelo do rosto de Kiki. As pontas dos dedos acariciaram o rosto dela, tocaram seus lábios. Kiki tremia, seus joelhos cediam. Entre a chuva interminável que destruiu seus desenhos e a briga das amigas, seu espírito de resistência havia ido embora.

Em quinze anos, as cinco amigas tinham passado por desentendimentos, rachas e discussões, mas nada que se comparasse ao que acontecera nessa viagem de peregrinação. Elas sempre foram firmes como uma rocha e agora tudo afundava, não apenas os desenhos.

Exausta, Kiki deixou a cabeça afundar no peito de Max. A mão dele acariciava sua nuca. Ele recendia a gel de banho de ervas, verão, morangos vermelhinhos. Familiar e estranho ao mesmo tempo,

quente e sedutor. Kiki se rendeu. Fugira centenas de quilômetros da impossibilidade desse amor. Por dias a fio peregrinou diante dele, atrás dele e lado a lado, até o pescoço doer pelo esforço de desviar o olhar. Envolveu Max num abraço. A toalha caiu novamente. Estava seminua no corredor do mosteiro, esquecida da existência do mundo.

—Quando tiver perguntas sobre minha própria vida, eu aviso.

Havia muito tempo Caroline não fazia piadas desse tipo. Aquele era um momento propício.

Caroline voltou ao pátio interno. Cercada por muros de milhares de anos, sentia-se caída para fora do tempo. Às vezes, badaladas de sinos e orações ecoavam. O hábito de um monge se arrastava pelo claustro. Algumas galinhas assustadas bicavam a grama, um gato esticava-se, preguiçoso, num banco. O idílio era um contraste gritante com a confusão de seu interior. Estava sozinha. Apenas uma imagem de Maria em pedra, gasta pelo tempo, era testemunha de seu desespero.

“Eu me preocuparia mais com meu próprio casamento.” A frase rastejava por todas as reentrâncias do cérebro. Deixou que os fatos estranhos dos últimos dias passassem em retrospectiva diante de seus olhos. A despedida rápida e fria, os dias nos quais ela não conseguiu falar com Philipp, a conversa telefônica bizarra, o silêncio. Girava na mão um pedaço de papel que tirara da carteira. Era o cartão de visitas de seu colega. Desde o encontro no tribunal, quando propôs uma mudança de modo tão ousado, nunca mais tinham se encontrado. De vez em quando ele mandava uma mensagem de texto dizendo que sua oferta ainda estava de pé.

— Estou satisfeita com a minha vida — afirmava ainda algumas semanas atrás.

— Mas não pode ser tudo — ele disse. — Seu marido tem o consultório, os congressos, o esporte. E a senhora?

Havia muito seu marido levava a própria vida: era aquilo que seu colega realmente queria lhe dizer? Será que o advogado percebeu? Será que Judith percebeu algo que estava claro para todos? Se ao menos as pessoas tivessem a coragem de questionar a si próprias.

Por isso pairava aquele ar de compaixão na voz dele? Ela percebera o tom irritante do colega advogado e o ignorou.

Vaidade, confessou para si mesma. Sentia-se lisonjeada por alguém cortejá-la abertamente. O tom de flerte a divertia. As pequenas iscas que se escondiam nas perguntas do colega foram deixadas de lado, negligenciadas. Ignorou todos os sinais de alerta. Era difícil deixar algo escapar de Caroline. Apenas ela mesma conseguia fazê-lo.

Fitava o cartão de visitas como se a solução de seus problemas pudesse ser lida no número de telefone. A imagem de Maria concordava com a cabeça, quase despercebida. Caroline pensou que não importava se era apenas ilusão de ótica ou pura imaginação. A mulher de pedra tinha razão. Decidida, pegou o telefone e ousou dar um passo pouco convencional. Discou o número de seu colega, Paul Gassner.

– Eu sabia – soou uma voz empolgada no outro lado da linha. – Eu sabia que a senhora me telefonaria.

Não era surpresa para ele que Caroline, após semanas de hesitação, telefonasse. Para Caroline era muito mais. Como lhe passou pela cabeça confiar num completo desconhecido? Alguém que conhecia apenas *en passant* de seu ambiente profissional? Ainda tinha escolha. Podia fingir que a ligação era para dizer não de uma vez por todas. Podia soar inofensivo. Mas queria isso mesmo? Fechar os olhos?

– Não é sobre sua oferta – confessou ela. – É sobre mim.

Cuidadoso, Paul Gassner acompanhava.

– A senhora tem certeza de que eu posso ajudá-la com isso?

– Parece que o senhor sabe mais da minha vida do que eu.

Caroline esforçava-se para não olhar para Maria. Não precisava de nenhum sinal divino para saber que o correto era perguntar a si mesma e aos outros. Não queria ser como as mulheres que com frequência encontrava em processos: inocentes, cegas, surdas e resistentes à verdade. Conhecera mulheres que, apesar das confissões, queriam acreditar na inocência de seus maridos criminosos, pois de outra forma precisariam questionar sua própria

história pessoal. Não queria ser assim. Com cautela, tateava sobre aquilo que queria saber.

– O senhor falou algo sobre meu marido. Dos congressos e do esporte. O que o senhor queria dizer na verdade?

Insone, Eva rolava na cama. Havia tentado de tudo. Bebeu leite morno, contou carneirinhos, sussurrou a cantiga da vovó Lore, arriscou até ajoelhar-se. Nada ajudou. A sensação ruim que a briga deixou não diminuía com nenhum truque para dormir. Amanhã tudo estará esclarecido, esperava ela. Judith e Caroline precisavam apenas conversar.

Eva conseguia entender Judith. A traição de Caroline e Estelle era pior do que aquilo que o falecido Arne em algum momento pudesse ou não ter feito. Não era surpresa que Judith tivesse lançado insinuações ridículas. Era como um animal acuado num canto, que sem piedade morde para todos os lados. Por isso a resposta barata com menção ao casamento de Caroline. Não podiam ser outra coisa aquelas palavras obscuras que Judith disparou. Para Eva, Philipp e Caroline eram o casal perfeito. Estavam havia mais de vinte anos juntos, tratavam-se com respeito e podiam contar histórias sem se interromperem e estragar o clímax do acontecido. Uma retaliação, tinha que ser isso. “Tudo vai se esclarecer de manhã”, disse para si. Mesmo assim, não conseguia dormir.

Nervosa, acendeu a luz. A cela exagerava na frugalidade. Paredes brancas vazias, uma porta de madeira pesada, uma janela alta demais para permitir uma olhada para o jardim do mosteiro. A única distração oferecida era uma pilha da *Revista Lourdes*. O *jornal dos peregrinos do terceiro milênio* tinha apenas um assunto. A Lourdes histórica do tempo das aparições, as visões de Bernadette, milagres e enxurradas de peregrinos. A cada duas páginas, Maria era representada com seu véu branco, cinto azul e rosas douradas nos pés. “Penitência, penitência, penitência”, clamava a imagem de Maria. “Orai a Deus pelos pecadores.”

Eva não duvidou por nenhum instante que a história aconteceu daquela forma. Por que a menina mentiria? Quem teria sussurrado

para ela a frase complicada da 16ª aparição? *Que soy Immaculada Concepción*. Sou a Imaculada Conceição. Uma filha de trabalhadores iletrados não pensaria nisso. A água de Lourdes curou pessoas. Física e espiritualmente. A magia do lugar chegaria ao seu coração. Ela esperava.

“Penitência, penitência, penitência”, ecoava em sua cabeça sonolenta. Mas quem era aqui o pecador? Quem era o criminoso? Quem era a vítima? E qual o pecado?

“Cuidado com o que você lê antes de dormir”, sempre dizia a vovó Lore. Eva pôde comprovar que a história de Bernadette não era adequada para embalá-la num sono tranquilo.

Um barulho. Tinha trancado a porta? Provavelmente não. Em casa, essa tarefa cabia a Frido. Em geral já estava na cama enquanto ele bebia sua última taça de vinho na sala de estar.

Eva levantou a cabeça. Era difícil se orientar. Sem lua, sem vago brilho de um poste na rua, sem luz de casas vizinhas iluminando o quarto parcimonioso. Em Colônia, as cortinas ficavam abertas. Quartos escuros como esse pareciam uma câmara mortuária. Com isso teve pesadelos.

Não, Eva não se enganou. Passos aproximavam-se. Passos cuidadosos de alguém que não queria ser ouvido nem visto. A maçaneta moveu-se devagar para baixo. Uma dama misteriosa estava na soleira da porta. Trajava vestido e véu brancos. As vestes esvoaçantes prendiam-se na cintura com um cinto.

– Sou eu – sussurrou a imagem de Maria. Soava mais como Judith do que como a Imaculada Conceição. Estava enrolada num lençol branco. Apesar da cobertura que tinha enrolado no corpo, tremia como folha ao vento.

– Pensei que estava tendo uma visão – indignou-se Eva. – Nunca mais faça isso!

– Quero saber onde Arne esteve de verdade – disse Judith com uma voz surpreendentemente firme. – Você me acompanha? Até Dominique?

– Agora? No meio da noite? – surpreendeu-se Eva.

– São quatro quilômetros. Se sairmos agora, estaremos lá na hora do café da manhã. Não consigo mais esperar.

Algo não cheirava bem no tom bem-disposto que Judith mostrava. Primeiro a risada estranha quando Caroline revelou que algo não estava certo com o diário, agora essa determinação incomum.

– Você é a única que sempre esteve comigo. Sozinha eu não confio em mim – Judith tentou convencer a amiga reticente. Eva saiu da cama. Era ingênuo pensar que a tempestade se acalmaria sozinha. Não conseguia dormir mesmo. Era hora de esclarecer as coisas.

61

— Tem alguém aí.

Algumas celas do claustro adiante, Kiki levantou a cabeça do travesseiro e ficou ouvindo no escuro. No corredor, ouviu o ranger de uma porta, vozes abafadas e, em seguida, passos. Teve medo.

— Esse lugar é apavorante. De verdade.

— Volte a dormir.

Max puxou Kiki novamente para o catre estreito. A cama dupla era claramente um exagero para o seu dormitório.

— Por que não sou como você? — Kiki se perguntou. — Você nunca tem medo.

Max murmurou, sonado:

— Você jura que eu não tenho medo. De cachorros, das provas em Londres, das pessoas na empresa que esperam que eu saiba tudo, de queda de cabelo, tenho muitos medos.

Kiki se aninhou no braço dele.

— Talvez ajude se tivermos medo juntos.

Max acordou com um estalo. Entendeu muito bem o que Kiki queria dizer de verdade.

— Você quer ficar comigo?

— Você vai se arrepender — ameaçou Kiki. — Eu ronco quando bebo vinho tinto, nunca encontro duas meias iguais, trabalho quinze horas por dia para ser pobre como sou...

Max beijou Kiki, varrendo aquela verborragia nervosa para longe.

— Um simples “sim” bastaria também.

— Você é impossível — Kiki o empurrou. Max sorriu para ela. Kiki sentia mais do que conseguia ver.

— Por isso você se apaixonou por mim.

— Não. Foi por causa do jazz sueco. Quando você botou o CD lá no estúdio. A melodia me emocionou.

– Você sabia que o compositor também fez música para a Píppi Meialonga? O mesmo cara.

Estranho. Isso não se encaixava. Talvez por isso se apaixonara por Max, porque as contradições podem formar um todo. Ela se apaixonou porque Max era diferente, tinha algo poderoso. Porque gostava do mesmo tipo de música que ela, estava lá por ela, porque ela queria estar lá por ele. Kiki correu com o dedo pelo corpo de Max. Ele parecia um gato, musculoso, a pele muito quente, muito suave. Max a abraçou num repente. Não queria a mulher em parte. Queria por completo.

– Vocês fizeram tanto barulho – comentaria Estelle durante o café da manhã no refeitório – que até os monges precisaram de um cigarrinho depois.

E Kiki soltou uma gargalhada sonora. Sua voz alegre ecoou sob os arcos.

– E o que me importa o que os outros pensam?

“Nos encontramos na ponte”, escreveu Eva num papel que jogou por baixo da porta do quarto de Caroline. O ponteiro do relógio na torre batia 5h23 quando a porta pesada de madeira se fechou atrás das duas. Eva e Judith marcharam em ritmo acelerado.

Confusos os pensamentos, aterrorizante a paisagem. A névoa pairava sobre uma lagoa, campos e árvores reluziam num azul esverdeado irreal. O novo dia raiava. Um trator arava pela aurora, atrás dele alguns pássaros madrugadores a quem Deus ajudava. Quando os primeiros raios de sol chegaram ao topo dos ciprestes, o mosteiro já havia ficado para trás.

Eva chegara ao estado com que muitos peregrinos sonhavam. Os pés seguiam sozinhos e ajustavam-se automaticamente às condições do caminho. Apenas a cabeça vazia era ainda uma esperança religiosa. O que esperava de Dominique? Eva não estava em condições de colocar em prática o que gostava de pregar para os filhos: “Cuide apenas dos problemas que você tem e não dos que pode conseguir.”

Por que existem problemas que trazem pessoas do passado?

– Tem certeza que quer fazer isso? – Eva perguntou a Judith. Estavam diante do grande portal. Eva esperava tudo. Uma pequena casa, uma residência numa vila de construções novas, mas não um edifício monstruoso recém-reformado. A fachada do fim do século XIX emanava um brilho novo. Apenas os ferros fundidos do imenso portão de entrada eram pitorescos em seu envelhecer.

Judith não hesitou um segundo sequer. Confiante, tocou a campainha.

– Se Arne tiver me traído... – disse Judith, sem terminar a frase. – Quero saber a verdade, Eva – sussurrou.

– Arne está morto. O que isso vai mudar? – Eva tentou uma última vez.

– Tudo. Tudo. Tudo – declarou Judith. Seu tom soava quase inesperado.

Eva nem chegou a se surpreender com a resposta estranha. O portão principal se abriu. Uma senhora num vestido muito alvo, abaixo do joelho, seguiu com passo enérgico pelo caminho de pedras até a entrada. No cabelo bem preso num coque endurecido entronava-se uma touca de enfermeira. Com cada fibra do seu corpo, expressava o quanto era competente.

A mulher as recebeu com uma enxurrada de palavras incompreensíveis em francês. Sua voz era profunda e rouca pelo fumo, denunciando uma vida agitada, além do uniforme bem cortado. Eva e Judith não entenderam nada, apenas o sinal de interrogação no fim da frase estava bem claro.

– Dominique? – Judith soltou, num engasgo.

A mulher levantou as sobrancelhas com força.

– *Vous êtes Dominique*, a senhora é Dominique – constatou Judith, dessa vez com voz firme.

A mulher irrompeu numa gargalhada poderosa. Quase não conseguiu se conter, pois achou muito absurda a ideia de Judith. Fez um sinal para que a seguissem pelo pátio.

Eva avistou as vans para deficientes no estacionamento, todas de marcas alemãs. Num toldo, algumas cadeiras de rodas. Arne passava as férias aqui? O Arne que conhecia tinha uma alergia grave a hospitais e fazia de tudo para não deixar transparecer sua doença. Mas conhecia Arne de verdade? Conhecia a amiga?

Judith sufocava. Nos altos corredores dominava o cheiro de desinfetante, urina e café fresco. Os tênis de caminhada de Judith e Eva soltavam um chiado a cada passo no chão encardido de linóleo marrom. O era aquilo: um hotel? Um sanatório? Uma espécie de “quarto andar”?

– Nós nos consideramos uma extensão dos albergues para enfermos de Lourdes – explicou a eficiente enfermeira, que nesse meio tempo percebera que Eva e Judith eram alemãs. Seu alemão era muito mais compreensível que seu francês. Sabendo que era necessária em outro lugar com urgência, falava como uma metralhadora enquanto atravessavam rapidamente o corredor. – Cuidamos de peregrinos que querem permanecer alguns dias a mais na região. Para muitos doentes, essas peregrinações são as únicas férias que conseguirão tirar.

Nas paredes, recostavam-se cadeiras de rodas dobradas. Mais à frente, as imagens dos grupos de visitas a Lourdes com seus hóspedes sempre na mesma pose: na primeira fila, os cadeirantes, atrás todos os que podiam ficar de pé nas próprias pernas e, na terceira fileira, sobre um banco, os acompanhantes nos uniformes de diferentes organizações de ajuda. Ao fundo, a basílica do Rosário. E então o choque. Entre as fotos do grupo, um retrato de Arne. Confiante e feliz, sorria para Judith e Eva. Sobre os ombros, carregava casualmente uma mochila na qual estava pendurada uma vieira de São Tiago. Estavam certas. A mulher que não era Dominique abriu com vigor as portas duplas do refeitório.

Judith e Eva olharam ao redor, desconcertadas. Em mesas redondas para oito pessoas, doentes e, em sua maioria, idosas tomavam o café da manhã. Grande parte dos hóspedes precisava de ajuda

prestada por toda uma brigada de mulheres com toucas de enfermeira. Muitos pareciam que não estavam na sua única, mas também última viagem. Eva estava tão emocionada com o que via que nem lhe veio à mente perguntar-se como Arne se encaixaria nessa imagem. Os rostos contavam histórias de doença, velhice e morte. Tocadas, Judith e Eva olhavam as pessoas: uma mulher pálida, de olhos fundos, que precisava de uma máquina de oxigênio permanente; um ancião com inúmeras linhas marcando seu rosto, prendendo suas muletas na cadeira de rodas; uma mulher cujos membros espasmódicos tinham vida própria; um casal grisalho, alimentando calados sua filha deficiente. A menina de trança embutida, sardas e olhos vívidos estava completamente refestelada em sua colorida cadeira de rodas. Letras alegres saltavam do encosto da cadeira: Celine. Eva supôs ser uma doença muscular progressiva. Nenhum milagre no mundo podia curar essas doenças.

– Eles não vêm a Lourdes na esperança de encontrar a cura – explicou a enfermeira, como se pudesse ler pensamentos. – Vêm porque aqui têm consolo. Sentem-se menos sozinhos.

Incansável, a mulher voava pelo salão. Eram mesas para pôr e tirar, pão para cortar, louça para lavar, um queixo para limpar e cadeiras de rodas presas para soltar. Por fim, a palavra redentora:

– Lá está Dominique – apontou na direção da área de distribuição da refeição. Judith ficou boquiaberta. Descrente, olhava fixamente para Dominique. Eva seguiu seu olhar. Não estava menos surpresa.

Dominique era um senhor por volta dos 70 anos. Forte como uma árvore, cabelos grisalhos, ralos e bem curtos, linhas fortes no rosto e movimentos vigorosos. Insistia em parabenizar pessoalmente uma das hóspedes pelo aniversário de 91 anos com um pedaço de bolo, sobre o qual queimava uma única vela, e uma serenata tonitruante. A idosa, uma mulher enrugada de olhar vivaz, afundou de emoção em sua cadeira de rodas. Somente então Dominique foi até as visitantes não anunciadas.

– Judith Funke – apresentou-se a primeira mulher. O homem não era mesmo aquilo que ela esperava e por quem ansiava. Confusa,

estendeu-lhe a mão, que ficou no ar. Dominique não a pegou. O sorriso cortês que ainda estava no rosto do homem desapareceu.

– A senhora errou de endereço – ele a despachou com rispidez.

– É sobre meu marido, Arne. O senhor o conhece – Judith apressou-se em falar, nervosa. – Vimos a foto dele. No corredor. O diário nos trouxe até aqui.

Óbvio que Dominique tinha exato conhecimento de quem estava falando. Também ficou claro que ele não tinha o menor interesse em compartilhar com Judith aquilo que sabia.

– Me desculpe, mas preciso cuidar dos nossos peregrinos recém-chegados.

Assim ele terminou a conversa. Resoluto, tomou as manoplas de uma cadeira de rodas e empurrou em grande velocidade um homem surpreso, que até o momento conseguia se mover bem sozinho, até um lugar livre na mesa para oito pessoas. O cadeirante quis protestar: já havia tomado seu desjejum, mas Dominique olhou com tanta fúria que o homem decidiu, *espontaneamente*, que era hora para um segundo café da manhã.

Judith ficou muda pela rejeição inesperadamente rude. Eva, para ajudar a amiga, correu atrás de Dominique.

– Judith descobriu que algo não batia no diário de peregrinação do marido. Ela quer saber a verdade.

– No passado, a amiga da senhora pouco se lixava para o que Arne fazia.

Dominique era um homem de opinião. Estava longe de ser um idealista benevolente que se esperava encontrar numa instituição como aquela. Eva irritou-se com a grosseria. Quem ele pensava que era? Determinada, tomou partido da amiga, que acompanhava a discussão com pânico cada vez maior.

– Por que o senhor diz isso? Nem conhece Judith.

– Arne era meu amigo – desabafou Dominique.

Sua voz falhou. Apenas com esforço, conseguiu continuar.

– Queria que ele viesse comigo para Santiago de Compostela. Mas não, ele precisava voltar para essa mulher. – Apontou para Judith como se quisesse perfurá-la.

– Quero ir embora, Eva. Vamos – implorou Judith.

Mas Eva insistiu. Ela não se deu por satisfeita com insinuações vagas.

– Do que o senhor está falando todo esse tempo?

– Que Arne era um idiota. Perdoou tudo da mulher, até mesmo o amante.

– Que loucura. Judith, diz para ele que não é verdade – Eva pediu para a amiga. Em vez de responder, Judith fugiu. Tropeçou numa atendente com uma bandeja. Xícaras se estilhaçaram no chão, ovos quebraram, uma bateria de *croissants* mergulhou em uma lagoa de chá. Nem assim Judith parou. Atrás dela estava a enchente, diante dela, a catástrofe, pois Dominique estava apenas começando.

– Achou que ele não percebia quando ela falava ao telefone às escondidas, vestia-se para encontros românticos. Uma vez ele a seguiu até o hotel onde ela encontrava o amante.

– Ele sabia quem era o homem?

– Claro. Era o seu próprio médico!

Eva gargalhou. Era uma risada constrangida, incrédula. Não podia ser verdade, tinha de ser um mal-entendido. Que mais podia ser?

– Arne estava em tratamento com Philipp, marido de uma amiga – ela sussurrou, como se fosse um argumento certo.

– Philipp. Exatamente. Era assim que o homem se chamava – respondeu Dominique.

O sangue pulsava com força contra as têmporas de Eva. Como batidas de um martelo, as palavras ressoavam na sua cabeça. Judith e Philipp? Um caso? Nas costas de Arne? Nas costas de Caroline? Não pensaria algo assim de Judith. Ninguém ousaria pensar. Sentia como se tivesse aterrissado num jogo do contrário. Eva não conseguia parar de negar aquela situação, balançando a cabeça. Essa não era a solução de seus problemas. Era o Armagedom.

– Arne aceitou essa situação – explicou Dominique, triste. – Tinha medo de que, ao perdê-la, perdesse a si mesmo e sua honra. Muito antes de falecer.

Dominique não parecia mais furioso, mas ferido e vulnerável.

– Nós peregrinávamos juntos – contou ele. – Nos conhecemos pouco antes de Colônia. Dois bobos que buscavam vieiras de São Tiago entre os rios Reno e Mosela. Não havíamos trocado uma

palavra sequer, até percebermos uns dias depois que andávamos no mesmo ritmo.

Eva concordava com a cabeça. Entendeu de imediato que um ritmo semelhante formava um elo especial entre duas pessoas.

– O diário de peregrinação não foi mesmo inventado? – Eva buscou uma saída da catástrofe.

– Arne queria mostrar a Judith que ele ainda era um homem forte pelo qual ela se apaixonara. No início ele peregrinava de verdade. Depois ele apenas fingia continuar suas viagens de peregrinação incansavelmente. Fingia como se tivessem um futuro. Na realidade, ele estava muito doente. Após Santiago de Compostela, comecei isso aqui. Arne vinha passar as férias comigo para se recuperar. Até não mais conseguir. Precisou interromper a última estada.

Aos poucos, Eva começava a entender. Muda, concluía os pensamentos.

– Foi sua última peregrinação. A ambulância o buscou. Samu. Às 17h.

– Seis semanas depois, Arne estava morto. – Dominique baixou a cabeça.

– Fiquei sabendo por acaso. Um de nossos peregrinos trouxe um jornal de Colônia.

Por um momento, tudo ficou silencioso, muito silencioso. Eva desmoronou. Dominique deu voz àquilo que Eva estava pensando:

– Judith traiu a todos. Inclusive a senhora.

Onde estava Eva? O que os dois falavam tanto? Inquieta, Judith andava para lá e para cá diante do portão. Seus passos agitados chiavam sobre o cascalho. Dominique devia ser o ex-banqueiro belga de quem Arne falou bem no início do relacionamento. Arne nunca contou muita coisa sobre a peregrinação.

“Nada é tão chato quanto histórias de férias de outras pessoas”, sempre dizia. Quando criança, Arne odiava as noites de slides das diversas tias, que naquela época ainda tinham os tios do lado.

– Você não conhece isso? – perguntou a Judith. – Aqueles textos-padrão com os quais cada slide é apresentado. O engraçado, aquilo que não se reconhece bem em alguma foto, que fica atrás à esquerda, atrás da árvore. É a tia Frieda com um macaco no braço.

Arne odiava esses eventos. Estranhamente, as pessoas nunca viam nesses slides o que realmente era dito. E nunca sentiam nada a não ser o tempo que se arrastava, enquanto aguentavam explicações ricamente ilustradas sobre pessoas conhecidas casualmente nas férias, excursões de ônibus, a flora e a fauna exuberantes em torno da piscina do hotel.

– É preciso sentir países estrangeiros, não capturá-los em slides – insistia Arne. Por isso, levava consigo apenas o diário de peregrinação e nunca uma máquina fotográfica. Judith se arrependia agora. Se soubesse que Dominique era um amigo de peregrinação, nunca teria pedido a Eva para vir até aqui.

Mas era certo que Dominique sabia de alguma coisa? Algo concreto? Algo que podia se transformar numa desgraça para ela?

“Juntos podemos ficar em silêncio”, Arne contou sobre Dominique. Talvez ele tivesse se calado mais que falado. Quem disse que Arne sabia algo sobre Philipp? Talvez tivesse apenas uma suspeita, algo que se podia eliminar facilmente do mundo.

O portão de entrada abriu de uma vez. Judith escondeu-se atrás de um arbusto de buganvílias violeta. Da proteção segura, observou como Dominique acompanhou Eva pessoalmente para a saída. Despediu-se pegando as duas mãos de Eva e animando-a. Judith ouviu o ressoar sonoro da voz dele sem conseguir compreender uma única palavra. Era como se Dominique consolasse um hóspede. Eva mordida os lábios calada e meneava a cabeça sem parar

Por fim, Eva soltou-se de Dominique. E então veio. Direto para ela. Judith não precisou perguntar nada. Podia ler no olhar destruidor de Eva que ela sabia de tudo.

– Um caso. Com o marido da sua melhor amiga. Por meses. Como você pôde? – gritou para Judith.

Judith nem podia culpá-la por ter ficado chocada. Foi assim que ela também ficou, após o primeiro beijo entre os dois. Depois disso, evitou Philipp como pôde. Quase quatro semanas. Até Arne pedir para ela que o acompanhasse no *checkup*.

– Me preocupo com você – disse Philipp num momento furtivo. Uma frase simples e pequena. Que fez bem para ela, pois em casa tudo girava em torno da doença de Arne. Judith tinha medo, pois a frase inofensiva deu a ela a sensação de que tinha um futuro. Ela sozinha. Também sem Arne.

– Philipp sempre me ouviu quando precisei. E a certa altura, isso virou algo mais.

– Você teria gostado se Arne tivesse uma amante! Sua culpa seria menor – Eva jogou na cara de Judith.

– O que eu deveria ter feito? Aconteceu. Não podia dizer a verdade a ninguém. Arne estava à beira da morte.

– Eu te defendi, Judith – Eva disse, balançando a cabeça. – Te consolei, te ouvi quando você falou de Arne. E de seu luto. Dominique tem razão: você fez todos nós de bobos. Principalmente Caroline.

– É a culpa, Eva. A culpa que eu expio.

– Algo assim não é possível expiar, Judith. Não quando suas amigas traídas estão junto de você.

Judith desmoronou.

– Eu sabia que vocês me condenariam se isso viesse à tona. Tive medo de ficar abandonada.

Eva não conseguiu aguentar:

– Você pode ao menos uma vez pensar em outra coisa que não seja você mesma e seus sentimentos?

Eva bufou, parou, virou-se e foi na direção de Judith, que levantou o braço diante do rosto para se proteger. Estava tão transtornada que seria capaz de tudo, até mesmo de agredi-la.

– O caso com Philipp continua? – sibilou Eva.

– Philipp queria começar uma vida nova comigo. Desde que Arne morreu, não consegui mais traí-lo. Talvez Arne fosse o amor da minha vida. E eu não soube dar valor.

E, novamente, as lágrimas rolaram.

– Você vai contar para Caroline – ordenou Eva, fria.

Os olhos de Judith arregalaram-se de pavor. Ela conseguia apenas gaguejar.

– Podemos tratar isso como um segredo nosso. Já passou.

Eva não tolerou nenhuma objeção.

– Eu estou cheia de sua autopiedade. Você vai falar com Caroline. Se você não acertar as coisas até Lourdes, faço eu.

O sol queimava. No horizonte, as montanhas de três mil metros elevavam-se sobre o contraforte. O caminho não era muito íngreme, mas em muitos pontos o sol ardia. Lá, onde havia sombras da floresta, tinha-se o prazer duvidoso de encontrar hordas de porcos alentejanos criados ainda como na Idade Média, pegando seu sustento no matagal. Cheiro de terra forte e quente misturava-se ao cheiro de pinheiros e pasto recém-cortado.

Mesmo que os trechos de peregrinação entre Gîte de Sarlabous e Bagnères-de-Bigorre nesses nove dias não tivessem trazido maiores dificuldades, o número de quilômetros que precisavam atravessar ainda era um desafio. Mas nada se comparava à tarefa que Judith tinha diante de si.

– Caroline não está muito comunicativa – alertou Estelle, quando as duas reencontraram o grupo na imensa ponte de pedra que se estendia na curva alta do rio. – Ao contrário de vocês – lançou ela ironicamente em seguida, quando viu as expressões amuadas de Judith e Eva.

– Nem pergunte. Logo você vai saber – explicou Eva.

Judith não tirava os olhos de Caroline no caminho da peregrinação. Quebrava a cabeça sobre como verbalizar aquilo.

– Caroline, uma coisa idiota aconteceu comigo. Um pequeno erro.

Não seria tarefa de Philipp falar a verdade para Caroline? Era ele quem se casara com Caroline, não ela. Por que perdeu tanto tempo com Judith? Por outro lado, é notório que as mulheres em situações de vida difíceis ficam suscetíveis a qualquer pequena atenção. Todas as mulheres apaixonam-se por seu médico, psiquiatra ou cabeleireiro. Não é justo aproveitar-se disso, exatamente como ele fizera. Philipp explorara sua fraqueza. Ele a bombardeou com telefonemas.

– Como você está?

– Posso fazer alguma coisa por você?

– Precisa de algo?

Alguém a consideraria terrível por ter ficado sobrecarregada com a doença de Arne? Uma olhada para o lado mostrava que havia alguém que a considerava pior que isso.

– Estou falando sério, Judith – lembrava Eva, sem necessidade. O brilho nos olhos por si só mostrava que Eva não se desviaria um centímetro sequer de sua exigência.

Por que precisava enfrentar esse problema sozinha? Era típico: se as coisas ficavam sérias, os homens fugiam. O coração de Judith estava na garganta. Não conseguia. Não era tão forte quanto Caroline.

Buscando ajuda, olhava em volta. Precisava de apoio, de alguém com quem pudesse falar. Alguém que a entendesse. Estelle? Nem pensar. Judith temia sua língua ferina. Como seria com Kiki? Tinha muita experiência, mas com catástrofes de amor. Como proceder com a mulher que quebrou os copos mexicanos? Kiki precisava saber como lidar com tais situações.

Tímida, aproximou-se da amiga, gaguejou um pouco antes de se lançar ao assunto:

– Kiki, que aconteceu com a história do homem casado? Depois que a mulher descobriu?

Kiki não sabia como reagir à pergunta esquisita de Judith. O barulho de uma mensagem de texto distraiu sua atenção.

– Momentinho – desculpou-se Kiki e voltou a digitar no celular de Max.

– Ainda escrevendo para o Thalberg? – surpreendeu-se Judith.

– Kiki é excelente em assuntos da empresa – intrometeu-se Max.

Kiki soltou uma risadinha:

– De alguma forma, agora tenho direito de decisão sobre os negócios.

– Até minha mãe chora as pitangas com Kiki – completou Max.

Judith olhou Kiki, compassiva.

– Mentir nunca é bom – alertou ela em voz baixa. – Mais cedo ou mais tarde tudo vem à tona. E então você não sabe como sair da

lama.

Kiki finalmente terminou com suas mensagens de texto.

– Que você queria saber sobre o México? – retomou ela. Max abraçou Kiki e também ficou curioso.

– Esquece – disse Judith com um aceno. Caroline estava diante dela. Uma pedra havia entrado na sola grossa de seu calçado de caminhada. Era agora. O momento para a confissão.

O medo ajudava, pois impedia que alguém se balançasse no parapeito de uma ponte, acariciasse um cão de briga no boteco da esquina ou provasse toda uma série de drogas psicodélicas. Mas agora sentia-se clandestina e arruinada, uma sensação ruim no estômago. Escorregara no caso com Philipp. Como explicar algo desse tipo? Que nunca quis machucar Caroline? Judith sentia a náusea crescendo. Talvez ficasse até mesmo doente. Se ficasse doente, Eva não poderia exigir que abrisse o jogo.

Com raiva, Caroline batia seu sapato contra uma base de concreto onde havia uma cruz encravada. O barro voava em todas as direções. A pedra continuava firme.

– Caroline descobriu que Philipp tem um caso com outra mulher – sussurrou Estelle, que se aproximou furtivamente, a Judith. – Melhor deixá-la em paz.

– Não – exclamou Judith. Estelle balançou a cabeça. E tinha, inclusive, mais informações. – Ela verificou todas as consultas de Philipp. Se encontrava com outra regularmente.

Outra? Se ela soubesse quem era a outra... Caroline buscou em sua mochila o canivete. A lâmina saltou do cabo e brilhava ao sol, motivo suficiente para Judith trocar o incerto pelo certo e buscar a distância. Longe, apenas longe de Caroline. Quem sabe do que seria capaz num momento de fúria? Quem lida tanto com morte e assassinato pode ter ideias perigosas.

Judith correu, correu e correu. Não conseguia mais. Por trás, uma mão pousou sobre seu ombro. Judith se assustou.

– Preciso te agradecer, Judith – ouviu Caroline dizer atrás dela. Ajuda, esse tom. Por que Caroline falava num tom amigável? Onde tinha deixado o canivete? Judith contava com um ataque a qualquer

momento. No entanto, Caroline continuava a falar nesse tom irritante:

– Sem você eu ainda estaria acreditando que vivo um casamento feliz.

Judith murmurou. Essa amizade indescritível, incalculável a deixava aterrorizada. Precisou pensar no gato do vizinho que trouxe para ela numa manhã de domingo um camundongo quase morto na varanda. Em vez de o animal terminar o serviço, brincou por diversos minutos com a criatura maltratada. Deixou o animal ferido fugir apenas para abatê-lo novamente com as garras. Um jogo cruel que, no fim das contas, o camundongo perdeu. Era como se sentia: um camundongo à beira da execução.

– Sinto muito, de verdade – balbuciou ela.

– Como você descobriu? – perguntou Caroline.

– Que Philipp se apaixonou...?

Como começou? Um dia, Philipp a levou do hospital para casa, porque Arne precisou passar uma noite lá. Judith não tinha carteira de motorista e já estava tarde. Pelo medo imenso de entrar numa casa vazia, ela o convidou para uma taça de vinho. No bar da esquina, lá tudo começou, quando ele a olhou nos olhos por tempo demais para depois ignorá-lo. Era aquele olhar. Duas horas mais tarde, ela foi para casa inebriada sem ter bebido uma gota de álcool.

– Você viu os dois. Ou não? – lembrou-se Caroline de sua pergunta.

Os dois? Do que Caroline estava falando? Demorou alguns segundos até Judith se desligar mentalmente do bar da esquina.

– Não precisa dizer se não quiser – disse Caroline.

As peças se juntaram em Judith e ela soube o que significavam as perguntas de Caroline.

– Você não tem ideia de quem é a amante de Philipp? – conferiu Caroline, surpresa. Caroline negou com a cabeça.

De longe, Eva observava atenta o que acontecia.

“Você precisa falar para ela”, Judith pensava encorajando-se. “Agora. Você precisa.”

– Talvez seja alguém que você conheça. Alguém que esteja próxima de você. Alguém que você nunca esperaria – Judith tateava

cuidadosamente a verdade.

– Soube hoje à noite – respondeu Caroline, brusca.

– É mesmo? – resmungou Judith.

– Mande uma pessoa até o ninho de amor.

– Que ninho de amor?

Caroline pigarreou.

– Por conta do seminário de médicos. Enquanto peregrinávamos, Philipp passou alguns dias românticos com sua vagabunda.

– Philipp tem uma amante? – Judith estourou, horrorizada.

Naquele momento, foi a vez de Caroline olhar para Judith, perplexa. Judith não conseguiu perceber que cometera um grande erro tático. Tinha sido um golpe para ela.

– Agora, enquanto peregrinamos, ele está se encontrando com uma outra? – repetiu Judith, incrédula. A indignação, que se transformava em sua barriga numa ira imensa, era verdadeira e genuína.

– Esse porco traidor – xingou Judith do fundo de sua alma.

– Já tem meses. É uma paciente. Eu também não quis acreditar – reconheceu Caroline.

– Vou matá-lo – disse Judith entre dentes.

Caroline ficou emocionada.

– Obrigada. Mas eu mesma farei isso.

– Faremos em dupla.

Caroline olhou a amiga com alegria.

– Obrigada, Judith. Fico feliz em ter você como amiga.

Judith foi atropelada por uma onda de afeição. Havia muito esquecera o que queria dizer de fato. Pegou Caroline pelo braço.

– Nós duas perdemos nosso homem. Isso nos une – explicou, patética. E quis dizer cada palavra que falou.

Caroline sentou-se, extremamente desolada, numa cadeira de plástico em uma pequena bodega de Bonnemazon, num dos vilarejinhos aos quais o caminho as levou. Eles quase não tinham habitantes, mas tinham um serviço de informações ao turista e, quando se tinha sorte, um bar. Alguns quilômetros ainda precisavam ser percorridos até a meta do dia, em Bagnères-de-Bigorre. De lá, restavam ainda trinta quilômetros até Lourdes.

Embora o sol da tarde iluminasse o local, Caroline congelava. Em torno dela caminhavam apressados homens com panturrilhas firmes, torsos nus e calças brilhantes de ciclistas, que não escondiam nenhum detalhe do equipamento masculino. Um grupo de ciclistas italianos trocaram com uma equipe holandesa as camisetas suadas, como se tivessem acabado de se enfrentar num jogo de futebol. Os peregrinos da nova era tinham mais a ver com esporte do que com religião. Da confusão de vozes empolgadas, Caroline entendeu que alguns ciclistas queriam ir para Finisterra. Até o fim do mundo, o verdadeiro ponto final do caminho de Santiago, que ficava sessenta quilômetros antes de Santiago de Compostela.

Caroline estava um pouco além daqueles peregrinos ciclistas. Já havia chegado ao fim do seu mundo e quebrava a cabeça para saber quando e onde sua vida escapara. Philipp e ela tinham saído de seu caminho conjunto. Tinham parado de cuidar um do outro.

Nem pensou em ligar para Vincent e Josephine. Caroline não tinha a tendência de discutir problemas pessoais com os filhos. Tinha orgulho, pois os dois eram independentes. No fundo era aquilo que também exigia de si mesma: ser forte.

– O que eu fiz de errado? – perguntou a Estelle quando esta veio do bar com duas taças de vinho tinto.

– Nada. Absolutamente nada – confirmou Estelle. – Você é uma mãe fantástica, uma advogada excelente, está muito bem para sua

idade, é uma amiga fiel. Em suma: você é insuportável.

Estelle continuou:

– É isso o que eu acho – disse, com seu tom seco costumeiro. – Você poderia pelo menos às vezes se atrasar, ficar bêbada ou fazer algo embaraçoso, mas você sabe tudo tão bem. Não é surpresa que seu marido tenha procurado uma paciente necessitada para admirá-lo.

– Essa não sou eu. Não sou perfeita – defendeu-se Caroline.

Estelle não estava convencida.

– Tem alguma coisa que você não consiga fazer? – perguntou ela, desconfiada.

Caroline não precisou refletir muito.

– Cantar – respondeu de pronto.

– Você deveria cantar alto de vez em quando. Isso ajudaria. Ao menos a mim – comentou Estelle. Caroline deu um beijo na bochecha da amiga. Estelle era impagável. Tinha uma língua ferina, adorava tirar sarro dos outros, mas era uma amiga esperta e leal.

Cantar? A recomendação bizarra não abandonou Caroline. Entendeu o que Estelle dizia. Coragem para mostrar as fraquezas. Não era mesmo algo que se pedia em sua profissão.

Nenhum cliente queria ouvir “Me desculpe, não sei o que dizer”. Também os juízes tinham uma certa reação alérgica quando alguém confessava que não tinha a menor ideia de como se chegou ao crime que devia ser julgado. Caroline era paga para saber o que fazer em situações difíceis da vida. As dúvidas eram prazer pessoal.

“Os senhores não precisam de uma boa autoestima para uma apresentação confiante no tribunal. Exercitem essa atuação confiante e a segurança virá sozinha”, pregava o professor de direito penal. Talvez essa casca endurecida do autocontrole permanente tenha coberto seu “eu” particular.

“Você deve cantar mais”, decidiu Caroline quando, como em todas as noites, pendurava as roupas recém-lavadas para secar, dessa vez no estábulo da fazenda que encontraram para passar a noite. Com voz trêmula, tentou cantar os Poppys. As vacas pararam de ruminar e lançaram um olhar estúpido para Caroline. Após alguns tons vacilantes, Caroline parou, desmotivada. Será que a amante de

Philipp conseguia cantar? Ela tentou imaginar como era a mulher com que ele tinha se envolvido. O advogado a descreveu como pequena e delicada. Quase uma menina. Foi isso que atraiu Philipp. O sentimento de ser requisitado como protetor?

Não importava. Naquele momento, o negócio era cantar. Caroline retirou-se para o barracão ao lado, onde ninguém podia ouvi-la. Nem mesmo uma vaca.

Caroline não foi a única que naquela noite se isolou do grupo. Uma voz feminina nervosa circulava pelo ar. Por uma fenda na madeira, Caroline olhou para fora. No pasto atrás do barracão, longe da casa grande, uma figura caminhava para lá e para cá e conversava ao telefone. Gesticulava agitada. O vento levava as palavras para longe.

Com cuidado, Caroline aproximou-se do portão lateral, passou pela parede de madeira passo a passo até chegar ao fim do barracão. Atrás do canto do barracão, a apenas alguns metros de distância, Judith falava ao telefone. Ali Caroline conseguiu ouvir cada palavra.

– Você é um maldito, Philipp – enfurecia-se Judith. Sua voz soava mais alto e ofegante que de costume.

– Porque você não me contou tudo. Você queria uma vida nova. Não, Philipp, ouça você. Caroline merece algo melhor que você. Qualquer mulher merece algo melhor que você. Eu, idiota, quase abandonei Arne. Para viver com você. Philipp, vai a merda. Nunca mais me ligue.

Judith desligou, respirou fundo e seguiu na direção da casa grande. O espaço no canto, no qual Caroline estava ouvindo tudo, estava vazio.

Judith se esforçava para não tirar os olhos do prato de café da manhã. Evitava olhar para Eva. Na mesa das mulheres de terça-feira reinava o silêncio. Kiki e Max concentravam-se em juntar numa imagem os pedaços de papel que a catástrofe aquática havia destruído, quando um cantarolar feliz tirou a concentração deles.

– Bom dia a todos. Dormiram bem? – Caroline disse com extrema felicidade quando entrou no pequeno refeitório. Ninguém viu o que havia passado na noite anterior. Seu primeiro impulso após o fiasco de ontem foi fazer a mala e desaparecer. Dessa vez não havia nenhuma porca chamada Rosa que ficaria no seu caminho e impediria a fuga. Apesar disso, Caroline não tinha ido tão longe quanto Eva.

Quando quis deixar a fazenda isolada em roupas desconfortavelmente úmidas, a noite estava caindo. Uma trilha levava em direção à floresta. Diante dela, uma paisagem vasta e montanhosa. Em algum lugar era possível reconhecer uma moradia ou mesmo um vilarejo que poderia ter servido de objetivo. Onde queria chegar ainda naquele dia? Não tinha sentido fugir, terminaria o caminho até Lourdes. E também o caminho que Caroline tinha diante de si com Judith. Além disso: o que ela faria em casa? Ainda existia algo assim? Sua casa?

A noite toda imaginou o que Philipp poderia ter dito a Judith. Como se consolava uma amante?

“Não posso deixar Caroline, pois ela é tão delicada” não serviria mesmo como desculpa. Mas o arsenal das técnicas de postergação oferecia mais variantes. Frases como:

“Eu não amo mais minha mulher.”

“Caroline não me entende.”

“Vivemos como irmãos.”

A imagem de Philipp contando a Judith sua vida sexual causava desconforto físico. Diferente de muitos casais que tinham como objetivo as bodas de prata, eles tinham de fato uma vida sexual. Não importa o que Philipp falasse. Talvez não fosse tão empolgante como no início, quando podiam transar na mesa da cozinha, numa barraca de praia ou no elevador, mas ela existia.

“Ainda estou com Caroline porque...”

Os filhos já eram grandes, não podiam servir de desculpa para não se separarem. Por que ainda estavam juntos? O que os unia além de 25 anos de passado, um punhado de documentos familiares, uma hipoteca conjunta e uma geladeira que era abastecida alternadamente e esvaziada pelos dois? Caroline não tinha uma resposta. Mal sabia como deveria tratar Judith.

Com uma alegria acentuada, Caroline sentou-se à mesa do café da manhã:

– Quem sabe o que nos espera hoje? São Tiago traz todos os segredos à tona.

Judith deslizava inquieta em sua cadeira para lá e para cá. O tom feliz e hipócrita que Caroline apresentava não podia significar nada bom. Seu olhar pairava sobre Eva, que balançava a cabeça.

– Algum problema, Judith? – quis saber Caroline, doce como açúcar.

– Manteiga? Onde está a manteiga? – Judith refugiou-se na normalidade.

– Onde deveria estar? No cinema?

Caroline apontou para as porções embaladas que estavam embaixo do nariz de Judith.

A conversa morreu. Kiki e Max, que desde o mosteiro estavam ocupados principalmente com eles, perceberam que algo não estava bem.

– Vocês sabiam que Judith tem um caso com o meu marido? – perguntou Caroline num tom de fofoca e mordeu com prazer o seu pãozinho. – Parece que Philipp mantém um harém inteiro.

As mulheres precisaram apenas ver os olhos deprimidos e as bochechas queimando de Judith para entender que Caroline falava a verdade.

– Alguém mais dormiu com meu marido? – quis saber ela, interessada.

– Piadinha – soltou Estelle. – Até parece que eu teria um caso. Nunca. Não antes de eu ter feito minha abdominoplastia.

Ninguém riu. A última arma secreta de Estelle, desfazer a tensão com piadinhas, fracassou. Kiki levantou-se tão brusca e repentinamente que sua cadeira tombou. Gesticulava de forma vaga, queria dizer algo e desistiu. Junto com Max, fugiu. Havia momentos que eram particulares demais para que alguém participasse como observador involuntário. A explosão era sentida no ar.

– Tentei falar com você – formulou Judith, com medo. Caroline desviou o olhar como se Judith não estivesse ali. Não queria ouvir por que não era culpa de Judith, que era sua culpa. Estava farta das lágrimas de Judith, os gestos indefesos, os olhos de Bambi.

– Estou curiosa para saber onde o caminho nos levará hoje – anunciou Caroline, exultante. Ela prendeu o pãozinho entre os dentes, agarrou a mochila e saiu do refeitório.

– A religião não é uma boa conselheira – foi a conclusão de Estelle.
– “Ame o seu próximo” está na Bíblia. Esqueceram apenas de avisar que não era para ser pego em flagrante.

—Eu posso explicar tudo – Judith tagarelava atrás de Caroline, que realmente parou e sorriu:

– Alguém disse que, no caso de problemas, devemos tentar falar.
– Caroline fez uma pausa de efeito: – Mas esse alguém deve ser um completo idiota. – E foi embora.

Judith corria atrás dela. A mochila saltava nervosamente em suas costas.

– Desculpe por eu te deixar tão nervosa.

– Me poupe disso, Judith.

Caroline empurrou para o lado um ramo que se estendia no caminho e o soltou intencionalmente. Um galho chicoteou dolorosamente o rosto de Judith. Lágrimas brotaram nos olhos. Caroline aumentava o ritmo sem piedade. Judith sempre atrás.

– Não seja infantil, Caroline. Não podemos conversar como duas adultas?

Caroline fechou os ouvidos. Pena que na França não tinha pão crocante. Às vezes ela comia pão crocante no lanche noturno com Vincent e Josephine, quando estava de saco cheio de tudo. O barulho do pão triturado entre os dentes de trás se sobrepunha à briga da noite entre as crianças cansadas.

– Mamãe! O Vincent chutou minha canela.

– Porque a Fi roubou batata frita do meu prato.

– O Vincent pegou muito mais.

– A Fi tá mentindo. Ela sempre mente.

– E você sempre quer ser o mandão. Você é um bobalhão, isso sim.

– Mamãããe.

Os dois mostravam uma energia criminosa própria de se desculpar com persistência e falsidade. E deveriam apontar o verdadeiro

culpado. Bancar a juíza não era o seu forte. Nessas situações, Caroline sentia como perdia a paciência, então ajudava se prender a alguma coisa. A um pacote de pão crocante, por exemplo. O pão crocante, leu na época, era mais rico em vitaminas, minerais e fibras, bem como em fitonutrientes que o pão branco, e também batia outros pães integrais no que dizia respeito ao teor nutricional. Do barulho agradável que abafava todo o resto o texto no pacote não explicava nada.

Não, não era perfeita. Nunca foi. Era apenas um pouco mais perfeccionista do que as amigas e um pouco menos expansiva com as pessoas ao redor nos momentos "pão crocante" na vida.

E naquele momento queria ser infantil. Gostaria mesmo era de chutar a canela de Judith, mas não queria dar a ela esse gostinho. Conseguia calcular no que isso poderia dar. Judith irromperia em lágrimas e faria carinha de indefesa e ferida. E no fim Caroline precisaria consolar Judith, pois nenhuma mulher adulta chuta a outra impunemente.

Não tinha a menor necessidade de entender Judith. Seu pulso palpitava, ela resfolegava, o coração acelerado, as pernas marchavam e os sentimentos trotavam com ódio. Não conseguia pensar nada de bom sobre a amiga. Judith era uma mentirosa em série. Sempre fora. Passou Kai para trás, traiu Arne e chutou a amizade de todo o grupo. Ao mesmo tempo, conseguiu se vender como vítima desamparada. Pegou o caminho mais fácil, no qual não precisava fazer esforço algum, e tomava desrespeitosamente tudo o que queria. Pelas costas. Metia-se em problemas até que alguém viesse e resolvesse. Não, Caroline não queria ser razoável. Arrependia-se de cada segundo em que tinha ficado ao lado de Judith. Estava cheia do terror dos fracos, que Judith dominava à perfeição.

A simples vontade de ir embora disfarçava tudo. Caroline voltou a acelerar o passo no calor acachapante por espinheiros, urtiga, matagal, até não conseguir mais sentir as imensas pontadas. O suor corria pelo rosto, pelas costas. Caroline lutava para tomar fôlego e

retomar a compostura. Judith, que a alcançara, pegou timidamente a mochila que Caroline tinha derrubado. Achava mesmo que podia acalmar Caroline se diminuísse o peso para ela? Judith não era legal, não queria que a achassem legal. Caroline agarrou as alças. Por um momento, brigou pela mochila. Quando Judith a soltou de repente, Caroline se desequilibrou, tentou se apoiar, tropeçou numa pedra e caiu de lado sobre o chão pedregoso. Com esforço, levantou-se e continuou a lutar.

Seu joelho queimava como fogo. Era agradável que a dor física acompanhasse o sofrimento da alma. Aquele ditado idiota era verdade: o único remédio eficaz para uma ressaca é uma bela dor de dente.

– Você está sangrando, Caroline – gritou Judith.

O sangue escorria sem parar, manchando as calças do joelho até a canela. Caroline não queria assumir qualquer fraqueza, não na frente de Judith. Até que não aguentou mais. Exausta, deixou seu corpo cair no meio-fio. Um segundo mais tarde, Eva estava ao seu lado. Ríspida, empurrou Judith.

– Deixa que eu cuido disso – berrou Judith. – Eu só quero ajudar.

Eva reagiu com impaciência:

– Deixa ela em paz, Judith.

– Você disse que eu precisava dizer a verdade para Caroline – lamentou-se Judith, como se fosse Eva a responsável pela briga.

– Falei sim. Mas o que Caroline vai fazer depois disso é assunto dela, não seu.

– Quero me desculpar.

– Caroline não quer aceitar suas desculpas.

Caroline ficou feliz por Eva ter tomado a palavra por ela. Seus próprios sentimentos não estavam sob controle. Quando ouviu no celeiro a voz de Judith, o chão fugiu debaixo dos seus pés, como se tivesse saído do próprio corpo. A Caroline que dizia frases como “Estou satisfeita com a minha vida” deixou seu corpo e observou a figura miserável que ficou para trás. Sua vida tinha se dividido ao meio. O que sempre acontecia: teria um “antes de Lourdes” e um “depois de Lourdes”.

O antisséptico entrou na ferida e afastou os pensamentos ruins. Eva cuidou do machucado da melhor forma que pôde. Doía, mas Caroline não queria chorar. Não por Philipp, nem por Judith, muito menos pelo rompimento da amizade do grupo.

Judith, indecisa, mordida os lábios e esperava por um sinal reconciliador. Percebeu que não era necessária nem desejada. Sentida, voltou a caminhar.

— Não há nada mais para salvar – murmurou Kiki. Não se referia às amigas. Todas as tentativas de colagem e restauração fracassaram, o desenho estava perdido. Era a noite antes da última etapa e uma reunião que não merecia este nome. A atmosfera estava carregada da catástrofe que se abateu sobre todas. Na fogueira na frente da pousada, Judith queimou, calada, o diário. Página por página. A fumaça lhe ardia nos olhos. Estelle e Eva, ambas com uma taça de vinho na mão, assistiam cansadas. O que poderiam dizer a Judith?

Kiki e Max, sentados e enroscados, ocupavam-se com seus próprios problemas.

– É uma bênção que seus trabalhos tenham desaparecido na água – consolou Max.

Kiki via diferente:

– Eu chamaria de fiasco. Nunca conseguirei fazer algo tão bom de novo.

Sua mão fez alguns movimentos com uma caneta imaginária antes de ela desistir. Sua carreira chegara novamente ao fundo do poço.

– O cérebro é fantástico. Esquece todas as coisas desimportantes – Max comentou.

– O meu também esquece o importante.

Max tirou um bloco de sua bolsa-carteira.

– Desenhe o que você lembrar. Esta é a linha vermelha do desenho.

– As linhas vermelhas eram os detalhes.

– As coisas devem ser simples – disse Max, soando como o pai.

Sem vontade, Kiki tomou o lápis entre os dedos. As ideias eram fugidias. Se ninguém as fixasse no papel imediatamente, desapareciam e buscavam um novo lar. Ela sabia que não poderia prender o esboço pela segunda vez no papel. A silhueta foi recapitulada com rapidez. Mas onde estava a obra de arte

filigranada? Lá, onde havia alguns dias um modelo complicado tomou forma, corriam agora linhas poderosas, fluidas. Max sacudia a cabeça, encorajador. Parecia outra coisa, simples, algo que dispensava um manual de usuário. Parecia alguma coisa que podia convencer Thalberg. Kiki começou a se divertir com aquilo, até Caroline surgir e começar imediatamente a espargir veneno.

– O que é isso, um velório? Alguém morreu? Ah, sim. Arne. Por isso estamos em marcha fúnebre, pois recordamos o amor perfeito de Judith e Arne.

Kiki estremeceu. Ninguém conseguiria trabalhar nesse ambiente. Estava insuportável. Kiki e Max entenderam-se num rápido olhar. Não precisavam de explicações. Obviamente eram dispensáveis. E, além disso, estavam ocupados. Se Kiki quisesse ter uma chance, precisava terminar hoje o desenho.

Caroline acompanhou Kiki e Max com o olhar. Desde a noite no monastério, ficavam literalmente grudados, como se precisassem confirmar com toques incessantes que aquilo importava.

– Frio na barriga, encontros secretos, beijos roubados. Deve ser amor – entusiasmava-se Caroline, em tom cáustico.

Um pequeno demônio assumira o controle sobre ela, e ele não conseguia parar de envenenar a atmosfera com comentários odiosos. Se continuasse daquele jeito, seria um caso para os seminários de gestão da raiva, dos quais forçava seus clientes a participar. Viu-se sentada numa roda, em meio a um grupo de criminosos conhecidos na cidade, que passavam uma bola de lã um para o outro para conhecerem o nome de cada um e se conectarem, se ligarem e se sentirem compreendidos. Mas essa coisa de psicologia era só para Judith.

– Será que existem seminários em que é possível trabalhar quando a gente se sente mal porque arruinou o casamento da amiga? Um seminário para destruidoras de lares? – continuou a atacar.

Sabia que agia de forma baixa, absurda e agressiva. Ouvia a voz suave do terapeuta que a encorajava a encarar suas emoções. “Você, Caroline, talvez queira nos contar como se sente estando sentada com sua amiga Judith em volta de uma fogueira.” Naquele momento ela podia dizer: “É bom dar vazão à raiva.”

Judith estava cheia daquilo. Partiu para o contra-ataque.

– Sinto muito mesmo por Philipp. Mas não fui a única que mentiu.

– Ah, sim! Philipp também. Claro – comentou Caroline, séria. O demônio da raiva estava mais vivo que nunca.

– Quer dizer que nunca percebeu que seu casamento estava em crise? – cutucou Judith.

– Não estou surpresa. Se minha amiga dorme com meu marido...

Era uma rápida troca de insultos. Não deixavam nada escapar. Não restava nada da Judith pequena, indefesa, que queria ser levada pelo braço. As duas terminariam no seminário da raiva.

– Você estava se enganando, Caroline.

– Vocês me enganaram. Você e Philipp.

– E as outras mulheres que Philipp tinha.

– Elas não eram minhas amigas.

– Eu cometi um erro. Mas só se entra numa casa se a porta está aberta.

Estelle, que ficou sentada e calada o tempo todo, quebrou o silêncio. Foi demais até para ela.

– Esclareçam isso de uma vez. Mesmo sem meus comentários ao vivo – ela juntou à observação de Caroline.

– Não há nada a esclarecer – falou Caroline.

– Eu gostaria que você soubesse como aconteceu – pediu Judith, o que serviu apenas para fazer Caroline perder de vez a paciência.

– Poupe-me dos detalhes. Ou você quer trocar figurinhas comigo sobre suas posições preferidas?

Contra a força verbal de Caroline, Judith ficava impotente. Não importaria o que dissesse, Caroline teria uma resposta. Não era um processo a ser ganho. Judith lançou o resto do diário no fogo e seguiu o exemplo de Estelle. Não tinha sentido.

Eva, que até aquele momento tinha permanecido calada, ficou do lado de Caroline e simplesmente pegou a mão dela. Um gesto simples, pequeno, que deixou claro que não precisava de seminário sobre a ira e nem de um terapeuta sabe-tudo. Caroline tinha suas amigas. Ao menos ainda tinha uma.

– Não faz sentido exigir de alguém que faça outra pessoa feliz – começou Eva, cuidadosa. Não julgava nem condenava. Falava de si e das coisas que aconteceram nesses nove dias que passou com as amigas. – Eu gostaria de responsabilizar o Frido por eu ter me tornado uma matroninha chata. Mas não é certo. Eu entrei no jogo. Dia após dia. A gente sempre entra no jogo.

Caroline sabia que Eva tinha razão. A companhia tranquila havia se tornado um porto seguro. Seu casamento com Philipp parecia

confiável, natural e sossegado, e exatamente por isso fracassou, por causa da falta de esforço, que resvalou para falta de amor sem que percebessem.

Caroline voltou seu pensamento ao que aprenderam e vivenciaram nos seminários. Tinha perguntado nos últimos meses como ia a vida de Philipp ou como ele se sentia? Devia se sentir preso, entediado, como se tivesse chegado ao fim. Ela não viu nada, pois não percebia mais Philipp.

– Talvez Judith tenha razão – admitiu Caroline. – Meu casamento não estava bem. Apenas nos escondíamos num cotidiano que funcionava.

Virou as costas para Eva, e ninguém poderia ver suas lágrimas.

Os picos dos Pirineus brilhavam brancos. À noite, a neve caiu sobre as montanhas. O vento trazia o ar frio para os vales. O gerente do albergue teve pena das mulheres que planejavam passar o dia lá fora, nessas temperaturas polares. Para um francês sulista, os 13°C que predominavam no sopé dos Pirineus se equiparava a uma frente fria aguda. Ele não enxotaria nem um cão para fora da porta. Caroline gostava do frio. Achou que o frio repentino se encaixava em sua última etapa.

Em silêncio, mancava pelo caminho. Às margens da trilha surgiam as primeiras placas: Lourdes a doze quilômetros, então sete, por fim, três. Caroline sentia dor. Deixou a mochila no chão e virou-se para Judith.

– Pode carregar se quiser.

Judith jogou a carga adicional nas costas como um castigo justo.

– Por meses tive medo. Medo e remorso. Agora o pior passou.

Caroline entendia bem o que Judith sentia. Ela implorava por absolvição, pela amizade de Caroline, pela certeza de que tudo ficaria bem. Mas Caroline não foi tão longe. Perguntava-se se algum dia teria condições para tanto. Estava cansada demais, exausta demais para brigar e perdoar.

– Vamos conversar depois, Judith. Preciso primeiro botar ordem na minha vida.

– Falou com Philipp?

Caroline sacudiu a cabeça:

– Tem coisas que são impossíveis de esclarecer por telefone. Principalmente quando não se sabe como se vai reagir.

A grande raiva se esfumara nos quilômetros que passaram, mas também não havia o que dizer. Judith e Caroline tinham um caminho a percorrer, e já não mais o fariam juntas.

Eva insistiu para que pegassem o desvio pelo Pic du Jer, um topo de montanha nas cercanias de Lourdes. Sob a grande cruz de madeira que se erguia para o céu, era possível sentir-se novamente a mais de mil metros de altura, próximas ao firmamento, antes de iniciarem a descida para o ponto de peregrinação.

O vento soprava gélido sobre o mirante, que talvez por isso estivesse tão vazio. Além das cinco e Max, havia apenas um casal solitário, que não parecia ligado por mais nada além das alianças. Calados, bebiam algo de uma garrafa térmica. A disposição era fraca, o panorama, impagável.

Nada bloqueava a vista dali de cima. Podia-se olhar 360° sem impedimentos: na direção de Tarbes, a cidade de Pau, o vale de Argèles Gazost e os pontos nevados de três mil metros. Antes deles, a paisagem montanhosa típica, com suas florestas densas e vastos prados. Lourdes ficava entre eles. Podia-se reconhecer as torres pontudas da Basílica do Rosário e, antes delas, estendia-se uma grande superfície asfaltada, que parecia ter sido construída para os montes de pessoas do distrito de peregrinação.

Teria sido o momento para comemorar em júbilo o final da viagem, bradar com os punhos, tirar a camiseta do time pela cabeça. Teria sido o momento de abraçarem-se às gargalhadas, mas ninguém estava em condições para isso.

Max registrou o momento memorável com a câmera de Kiki. Que diferença da foto tirada no primeiro dia, no modo automático da câmera, um retrato do grupo relaxado. Naquele momento, Judith e Caroline estavam tão distantes nas margens esquerda e direita que quase caíam para fora da foto. No meio, de braços dados, Estelle, Eva e Kiki. Os acontecimentos dos últimos dias se refletiam nos olhares. Os rostos estavam marcados pelas dificuldades do caminho, a pele bronzeada pelo sol, as roupas empoeiradas. Havia muito Eva não era a única com o prático rabo de cavalo. Ninguém sorria.

Caroline sentia-se extenuada e vazia. Sabia o que a esperava: lá embaixo não estava apenas a gruta de Bernadette. No vale esperavam os telefones sem chiados, hotéis com conexão rápida de internet, trens e ônibus de traslado para os aeroportos de Pau e Lourdes. Uma única noite a separava da volta a Colônia e do

encontro com Philipp. Algo parecido era iminente também para Kiki. Max deu a entender sem dúvida que manteria seu plano: apresentaria Kiki aos seus pais.

– Você vê até onde as mentiras e os segredos levam – disse. E Kiki concordou com a cabeça.

– Aqui em cima tem uma caverna que podemos visitar – Eva tentou segurar o grupo. Soou tão entusiasmada como se tivesse percorrido centenas de quilômetros apenas para explorar essa caverna.

– Nós conseguimos – gritou Estelle. – Eu sobrevivi! Meu reino por uma banheira de espuma quentinha!

Estelle deu o sinal para lidar com os últimos metros. Kiki e Max seguiram na frente, pois precisavam passar imediatamente por fax para Thalberg em Colônia os desenhos que estavam claros, inconfundíveis e fortes no papel.

– Podíamos ao menos beber algo aqui em cima, não? – tentou Eva novamente.

– Fazemos isso em Lourdes – comentou Estelle. – Quem tem vontade de uma boquinha quando o fim do sofrimento está ao alcance das mãos?

Eva sentiu que uma mão se encaixava na sua.

– Medo da chegada? – sussurrou Caroline, sabendo exatamente o que Eva sentia. Eva balançou a cabeça, agradecida.

– O quem vem mesmo depois do fim? – perguntou.

Caroline deu de ombros. Bom que ainda tinham uma última noite. Dariam um fim festivo à peregrinação na procissão das luzes que acontecia todas as noites no local. “Deveis vir em procissões”, Maria revelou por meio de Bernadette. E assim as mulheres viriam.

—Que é isso? A Disneylândia dos católicos?

Estelle estava perplexa. A luz neon azul das lojas de souvenir reluzia sobre as vielas estreitas. Azul como a cinta da Virgem Maria, que esperava pelos compradores em milhares de versões. A cada duas lojas, uma música diferente tocava. Após dias de solidão e silêncio, Lourdes foi um choque. Boquiaberta, Estelle caminhava pela longa sequência de lojinhas que se chamavam *Alliance Catholique*, *Palais du Rosaire* ou, mais sóbrio, loja alemã, que queriam encher os peregrinos de todos os mesmos itens devocionais. Na apertada Rue de la Grotte, a Virgem Maria era representada de milhares de formas que surgiam em cartões-postais, santinhos, medalhões e balas de menta, garrafas de plástico em cestos de vime, orando mudas como estátuas de plástico, gesso e madeira. A maioria das estátuas de Maria eram circundadas por uma faixa de luzes coloridas piscantes, outras estavam em grutas de plástico que imitavam o local das aparições. Para aqueles movidos por necessidades mais profanas que religiosas, havia batata frita, chocolate e outros petiscos.

As aparições, que eram um espetáculo com mais de 150 anos, naquele momento eram puro comércio. Para quem não bastava uma Maria, poderia comprar na mesa de saldão um rosário, um Jesus crucificado ou um porta-chaves do papa Bento XVI, que ainda era ofuscado pela popularidade do seu antecessor. Com senso para o drama religioso, uma mendiga estava acorada sob um retrato de tamanho real de João Paulo II, a bengala apoiada no muro vermelho, as mãos juntas, suplicantes, em oração.

Max saiu de uma das lojas sacudindo a cabeça. Na mão, tinha os desenhos de Kiki.

– Aqui é mais fácil conseguir um milagre do que uma máquina de fax.

Kiki fuçava as garrafas de plástico transparentes com a forma e a imagem de estátuas de Maria. No final, decidiu-se por uma garrafa com Maria e Bernadette de joelhos, em cuja base havia a inscrição dourada: *Que soy era Immaculada Concepción*. Como em todas as garrafas, a coroa azul podia ser desrosqueada para encher Maria e Bernadette com água benta, e assim levá-las para casa. Para aqueles que tinham necessidades maiores de água da fonte, galões estavam à disposição e, apesar da estampa religiosa e a tampa de rosca azul, lembravam galões de gasolina.

– Devemos levar água-benta? – ponderou Kiki.

– Você está perguntando para um ateu. No avião eu acredito em Deus. Após o pouso, não mais.

Mas Kiki já havia puxado sua bolsinha de dinheiro.

– Se não ajudar, prejudicar também não vai.

Max tomou o braço de Kiki e a beijou.

Estelle estava impaciente. Onde quer que estivesse, sempre havia um cadeirante no caminho. Em grupo, eram empurrados para a gruta das aparições. Quem não tinha trazido sua própria cadeira era puxado em cadeiras azuis com rodas parecidas com riquixás na direção do ponto de peregrinação. Se em outras cidades existiam cicloviarias, Lourdes tinha uma via marcada em vermelho para o povo de cadeiras de roda.

– A gente se sente quase culpado por não andar no mínimo de bengala – reclamou Estelle.

Eva comprou velas e distribuiu entre as amigas.

– Para a procissão das luzes hoje à noite – explicou.

– Fiquei feliz por ter chegado até aqui – disse Estelle, recusando.

– Minha necessidade de rituais católicos já está satisfeita pelos próximos 150 anos.

Seu estoque de compromissos nos quilômetros que percorreu na peregrinação havia sido totalmente esgotado. Peregrinou até Lourdes, não era possível exigir mais nada dela. De qualquer forma,

suspeitava das pessoas saudáveis que passavam para ver que outros estavam ainda piores.

– Eu vejo as fotos depois – gritou Estelle, desaparecendo na direção do hotel. Enquanto acenava para as amigas, percebeu que não era a única que desertara. Judith desaparecera. Sem uma palavra.

—A luz desta vela é o sinal da minha oração – leu Judith. A frase estava estampada no grosso prato de aço que formava a parede traseira do ofertório. Além disso, um segundo barril com a mesma inscrição, dessa vez em inglês. E, então, em francês, holandês e italiano. Os ofertórios ficavam dos dois lados e formavam um corredor de aço e luz. Judith viu que muitas das velas eram compradas apenas na Rue de la Grotte. Apenas lá havia essas velas características com a base azul. Alguns tinham trazido consigo para Lourdes trambolhos de um quilo com inscrições religiosas em cera; Judith, a vela do túmulo de Arne.

Ao fundo, o alto-falante já chamava os peregrinos para a procissão de luzes daquela noite. Um guardião das velas, que cuidava dos costumes ordeiros dos ofertórios e da reciclagem dos restos de cera, mostrou a Judith onde ficava o local para a vela de Arne. Solene, acendeu o pavio em uma vela já queimando e a encaixou com cuidado na ponta de aço.

Tantas luzes, tantos pedidos. Dentro de Judith, tudo era silêncio. Não tinha mais nenhum desejo. Chegou a Lourdes, tinha resistido até o fim. Judith havia posto as cartas na mesa e aguentou as consequências. Como disse o peregrino demoníaco: “A verdade que está dentro de nós nem sempre é agradável.”

Nesse meio-tempo, percebeu que não tivera medo do peregrino, mas de seus próprios segredos. Tinha se confessado, mas a redenção não veio. Sua vida antes dali fora varrida por uma tempestade. Aqui, no mar de luzes, tudo estava calmo, como no olho do furacão. Cada passo que desse a partir daquele ponto a levaria de volta aos ventos agitados.

Judith já estava na gruta, deslizou as mãos sobre a pedra envolta em lendas e perguntou-se por que Maria lhe havia trazido para Lourdes. Maria, que olhava de cima a baixo para peregrinos e turistas curiosos de seu nicho na parede do rochedo, permanecia calada, como durante todo o caminho. A elevação espiritual do peregrino era ainda negada a Judith, inclusive na gruta de Lourdes. Não tinha ideia para onde o caminho a levaria. Tudo parecia em aberto.

Quando Judith olhou para as velas votivas, percebeu que não estava mais sozinha. Descobriu ao lado dela Celine, em sua cadeira de rodas colorida. Compenetrados, os pais acendiam uma vela. As luzes amarelas dançavam no rosto da criança, que dormia pela exaustão. Suas tranças úmidas balançavam para fora de uma touca de lã. Tinha acabado de vir de uma das banheiras.

“Bebais da fonte e lavai-vos nela”, ouviu Bernadette da boca de Maria. Judith olhava surpresa a disputa das pessoas para conseguir um dos lugares desejados nos bancos de madeira, o que garantia que de fato mergulhariam em uma das banheiras com água da fonte fria, a 12°C. Aqui também, como em todos os lugares em Lourdes, cadeirantes, doentes e crianças tinham preferência.

“O verdadeiro milagre é que em Lourdes não tenha ainda mais gente doente”, Estelle brincou algumas horas antes. “A água é trocada apenas duas vezes ao dia. Só o pensamento de entrar nesse *caldo* me deixa enjoada.”

Quando Judith avistou o casal, percebeu que Estelle estava errada. Eles agiam de forma bem diferente do que alguns dias antes, no café da manhã na pousada de Dominique. O cinza dos rostos havia sumido. Pareciam agitados, quase alegres. O estado de saúde da filha não havia mudado nem um pouco. E, mesmo assim, suas expressões estavam mais iluminadas.

O casal passou por Judith empurrando a cadeira de rodas sem reconhecê-la ou sequer percebê-la. Nunca saberiam que a pequena Celine ajudara a mostrar um caminho para Judith. Mas ela sabia o que devia ser feito.

Os sinos na torre da Basílica da Imaculada Conceição repicaram. “*In nomine Patris, et Filii, et Spiritus Sancti*” ecoava de alto-falantes sobre a ampla praça. Na última meia hora, apareceram milhares de pessoas. Kiki e Max encontraram um bom local na balaustrada da basílica de cima, do qual tinham um panorama sobre todo o local sagrado. Entre turistas e curiosos, sentiam-se melhores do que entre os fiéis que lá embaixo formavam a procissão. Em todos os lugares, bandeiras, bandeirolas, insígnias, placas de madeira e plástico, muitas iluminadas com pilhas.

Caroline acenou para os dois. Tinha se enfileirado com Eva na procissão e ficou colada a um grupo de peregrinos italianos da UNITALSI, de Ravenna. As cores esmaecidas da faixa arcaica que elevavam ao céu noturno testemunhavam uma longa tradição peregrina. Na espera, acabaram começando uma conversa. Caroline divertiu-se ouvindo histórias de Giovanni Battista Tomassi, fundador da organização peregrina, que em 1903 viajou para Lourdes, com uma grave artrite nas juntas e uma arma na cintura. O homem tinha uma ideia clara do que aconteceria em Lourdes: “Ou Maria me cura, ou eu me mato com um tiro.”

No final, nem uma coisa, nem outra aconteceu. Tomassi foi conquistado pela atmosfera do lugar e transformou na tarefa de sua vida possibilitar que pessoas doentes e necessitadas fossem até Lourdes. A organização sobreviveu a ele, até os dias de hoje. Caroline riu da história. Simpatizou com o radical Tomassi.

Como Tomassi cem anos antes, ficou impressionada com as pessoas e as massas que se reuniam ali. Caroline estimava que havia vinte mil pessoas reunidas na praça. Nunca tinha visto tantos idosos, doentes e desvalidos, tampouco milhares de cadeiras de rodas de uma vez só. Eram necessárias centenas daqueles riquixás

azuis e centenas de voluntários prontos para conduzi-los. Diante delas, havia membros da Associação de Lourdes da Vestefália, que chegaram pela manhã da Alemanha em doze carros-leito para doentes graves. A maioria dos peregrinos estava tão doente que era carregada em macas na procissão com a infusão balançando sobre a cabeça. Em todos os cantos, os voluntários em seus uniformes corriam para ajudar. Pareciam saber exatamente como a praça devia ser preenchida para que todas as cadeiras de rodas e carros azuis pudessem ser levados. O lugar à frente da procissão era reservado aos necessitados, bem atrás da *Madonna* iluminada que guiava os fiéis.

Caroline ficou emocionada pela delicada canção de Maria que soava dos alto-falantes. À voz límpida, clara que entoava a canção uniam-se cada vez mais vozes. A contida canção de Maria inflava-se num coro poderoso, que seguia claudicante a voz predominante sempre um pouco atrás e a fazia flutuar. No refrão, as milhares de velas, cujas chamas eram protegidas por rosas azuis e brancas de papel, elevavam-se para o céu sem estrelas.

Ave. Ave. Ave. Ave Maria.

Caroline fundia-se no mar de luzes das velas e na canção que a envolvia calorosamente. Não podia negar: ela, que nunca quis peregrinar e não se importava nada com o catolicismo, estava tocada pela atmosfera da noite e pela magia da praça em torno da grande basílica. Eva desapareceu na multidão, e era bem provável que Kiki e Max ainda estivessem na balaustrada. E, mesmo assim, estavam ligados pela cerimônia religiosa.

E lá estava de novo a imagem de Maria, carregada pelas pessoas, e dessa vez parecia sorrir abertamente para Caroline. As lágrimas, que ela limpava com rapidez, corriam pelo seu rosto. Até perceber que seu vizinho, um padre grande e negro em vestes coloridas, também chorava. Não importava mais se alguém visse suas lágrimas. Chorava e sorria ao mesmo tempo.

Não importava também se a história das visões de Bernadette era real. Não importava o que as lojas de souvenir em torno do campo santo faziam de Bernadette e Maria. O que viveu naquela noite na praça tinha sua própria veracidade. Não se tratava de dogmas

incompreensíveis e curas espetaculares, tratava-se de pequenos gestos da humanidade. Acompanhar um doente, empurrar uma cadeira de rodas, puxar os riquixás, pegar uma mão. Talvez fossem esses os verdadeiros milagres que as pessoas levariam para casa.

A despedida de Lourdes veio mais rápido do que Caroline desejou no momento mágico na praça. A chegada no hotel foi apressada. O La Solitude quase a engoliu com sua balbúrdia de peregrinos. Caroline teve a sensação de que todos os 356 quartos do hotel estariam ocupados. Em grupos, os peregrinos predominantemente mais velhos se acotovelavam no bar, na loja de souvenir e roupas no *lobby* e diante dos cinco elevadores de alta velocidade. O único lugar calmo era o terraço, onde havia uma minipiscina. Apenas um menino holandês sardento, apesar da hora adiantada, gritava animado na piscininha e mergulhava incansavelmente atrás de objetos que sua mãe lançava para ele na água. O que essa dupla alegre procurava em Lourdes? Após uma hora, esses dois também tinham sumido.

Bem abaixo reluzia o rio Gave. As fachadas iluminadas dos hotéis e as propagandas em neon das lojas refletiam-se na água. Um grupo caminhava pela ponte na direção de suas acomodações noturnas.

Seguiram-se à última taça de vinho no terraço uma noite inquieta e um café da manhã às pressas no dia seguinte, entre centenas de peregrinos. Caroline respirou aliviada quando saiu para a rua. Um carro buzinou.

– Surpresa – gritou uma voz conhecida. Os olhos de Eva se encheram d'água de pronto. Frido viera com os quatro filhos. Insistiram em trazer Eva de volta pessoalmente para o seio familiar. Comovida, abraçou os cinco de uma vez. Ficou muito feliz ao rever a família.

– Eles parecem saudáveis e nada famintos – sussurrou Caroline para Eva.

– Anna está tão grande. Acho que cresceu alguns centímetros – comentou Eva, enxugando uma lágrima.

Atrás do carro de Frido, um táxi freou. Estelle saiu do hotel. De *tailleur* e salto alto. De onde tinha tirado aquilo?

– Para onde você vai? – gritou Caroline.

– Para o aeroporto. Reservei duas semanas de *spa* no sul. Preciso disso para me reencontrar.

Não houve uma hora certa para as despedidas. O hotel não tinha recuo e a avenida Bernadette Soubirous era tão estreita que o carro de Frido causou um congestionamento. Atrás dele buzinau um carro de entrega, cadeirantes reclamavam que não podiam passar, o dono da relojoaria informou sobre a proibição absoluta de estacionar ali. Após dez dias de desaceleração, de repente tudo ficou fora de controle e rápido demais.

Quando Kiki e Max saíram do hotel recém-banhados e de braços dados, conseguiram ainda acenar para despedirem-se de Eva e Estelle.

Caroline olhou em volta, procurando:

– Cadê a Judith?

– Foi embora – disse Kiki, séria. – Ontem à noite.

Caroline deu de ombros:

– Talvez seja melhor assim.

Com o coração apertado, pôs-se a caminho de Colônia. A caminho de Philipp.

Hesitante, Judith entrou na pousada para doentes, onde Dominique arrumava as mesas para o almoço. Se ficou pasmo ao ver Judith, não deixou transparecer. Não tinha vontade alguma de conversar com ela. Tinha mais o que fazer.

– Posso falar com o senhor? – tentou Judith, em voz baixa.

Dominique fuzilou-a com um único olhar. Sob suas sobrancelhas grossas não havia sinal algum de perdão e clemência.

– A senhora tem um talento imbatível de aparecer em momentos inadequados – rosnou com rispidez. Deixou-a para trás e voltou-se para o trabalho.

Judith não se deixou impressionar. Tinha tantas perguntas. Sobre Arne, sobre o tempo que ele passava ali. Talvez quisesse também apenas convencer Dominique de que não era uma pessoa má.

– Posso esperar até ser um bom momento para o senhor – disse ela, cuidadosa. – Tenho tempo.

Em vez de uma resposta, Dominique deu a ela uma pilha de pratos. Sem pergunta, nem explicação.

Por um momento, Judith hesitou, então aceitou o desafio. Distribuiu os pratos nas mesas para oito pessoas. E então os talheres, os guardanapos e as cestas de pães. Tinha muito a fazer. E toda mão era útil. Não se virou nenhuma vez para olhar Dominique e sua reação. Não era uma questão de aprovação, e naquele momento Dominique ficou pasmo.

Eva passou um dia fantástico com a família. Para a despedida, foram com a locomotiva de cremalheira ao Pic du Jer. Para Eva era importante que a família no mínimo tivesse uma leve ideia da grandiosidade da paisagem e do caminho que ela havia percorrido. Tomaram sorvete no mirante e trocaram histórias. Eva contou da porca Rosa, dos peregrinos que encontrou, das brigas entre Judith e Caroline, de Max e Kiki e do *cassoulet*. Mesmo Jacques, o cozinheiro *easy rider*, voltou em suas histórias. Omitiu apenas o beijo. Tinha aprendido nos últimos dias que ninguém precisava saber de tudo, nem contar tudo. Frido olhava sua mulher com curiosidade. Tinha um brilho no olhar, uma luz que não percebia havia tempos. Soube novamente por que havia se apaixonado por Eva.

Meia hora depois, Eva estava sentada no carro. A paisagem pela qual se afeiçoara passava por ela em ritmo acelerado. Sentiu falta dos cheiros e da sensação que a brisa morna deixava na pele. O ar-condicionado filtrava a singularidade da terra. Vilarejos e campos voavam rapidamente por sua janela. Nenhum detalhe ficava. A mão de Frido tocava a sua e ele a enchia de olhares e elogios apaixonados.

– Que bom que você voltou. Senti sua falta.

Eva balançou a cabeça, feliz. Lá atrás, todos falavam com ela.

– Sabe que eu me atrasei muito para o tênis – gritou David. – Nenhuma mãe é tão responsável quanto você, mamãe.

– Transferiram a culinária de mãe e filho para amanhã. Não é legal? – Anna interrompeu seu irmão mais velho. – Você ainda precisa fazer compras.

Eva tomou um susto. Compras? Cozinhar amanhã? Ela esperava que sua alma, que se esforçou para acompanhar aquele ritmo, tivesse um pouco de tempo para encontrar seu caminho de volta

para Colônia e para o dia a dia. Antes que ela pudesse responder, Lene protestou.

– Não é justo. Mamãe precisa falar com meu professor. Ele quer me fazer repetir de ano.

Eva olhou para Frido:

– Pensei que você tivesse ido na reunião de pais.

Frido contorceu-se um pouco.

– Você é muito melhor nisso – elogiou ele. – Ninguém consegue lidar melhor com professores. E se eu pudesse pedir algo para o café da manhã. Seu *crème caramel*...

Ele não prosseguiu, pois Eva gritou:

– Para! Para tudo!

Apavorado até a alma, Frido freou o carro. Os passageiros voaram em seus cintos. Os freios atrás deles chiaram. Em todos os lugares, carros buzonavam.

– Você quer matar a gente? – berrou Frido quando parou no acostamento e desligou o carro. – Ficou louca?

Tudo ficou claro na cabeça de Eva. Tão claro como nunca antes.

– Eu amo vocês. Vocês cinco. Mas assim não dá para continuar.

Num ímpeto, abriu a porta do carro de uma vez e desceu. Frido não conseguia acreditar.

– O que está acontecendo com você?

Eva deu a volta no carro, abriu o porta-malas e tirou sua mochila de lá. Em uma estrada dos Pirineus bem movimentada, uma ação bastante perigosa. Irado, Frido foi até sua mulher:

– Eva? Que você tá fazendo? Onde você vai?

– Para Santiago de Compostela – respondeu Eva, como se fosse a coisa mais normal do mundo.

– Vai o quê? – Frido não podia acreditar no que tinha ouvido. – Mas não pode.

Eva lançou para ele um olhar crítico. Se ele dissesse naquele momento “Eu tenho reunião do conselho amanhã”, ela cometeria um assassinato. As quatro crianças grudaram o nariz na janela do carro. Frido abriu a boca e voltou a fechá-la. Supôs que nenhum argumento do mundo convenceria Eva a reassumir o papel da

senhora “passe de mágica” para sua família ou de saco de pancadas para sua mãe, Regine.

– Estou apenas no início do meu caminho – admitiu ela. – É melhor vocês acostumarem a ter no futuro uma mãe independente.

Ela se sentia como uma alcoólatra que acabara de receber alta da reabilitação e, com temor, tira do caminho qualquer tentação. Tudo era muito recente. Muito novo. A Eva mudada estava muito frágil. Se fosse agora para casa, em três dias tudo seria como antes. Os dias na peregrinação despertaram algo nela, mas precisava de mais tempo. Tempo para si, tempo para refletir sobre si, sobre Regine, sobre tudo. A família aprenderia a viver com a lacuna. Com a lacuna na vida familiar e na geladeira.

– Livrei você de todo o peso da família por quinze anos. Agora é sua vez.

Indeciso, ele insistia. Frido sabia que Eva tinha razão.

– Eu não sabia que era tanto trabalho – confessou Frido. – Quatro filhos, todos os compromissos, compras todos os dias, cozinhar. Para você, tudo parece tão fácil. Como se tudo acontecesse sozinho – desculpou-se ele.

Eva balançou a cabeça. Nada acontecia como por encanto.

– Eu aprendi. Você também pode aprender. E se algo der errado, tenho um ótimo segurador comigo...

Frido sorriu. O recurso maravilhoso de atenuar conflitos ameaçadores com humor também ajudou Eva.

– Não quero um marido novo. Apenas um pouco de tempo. Talvez uma babá...

Não conseguiu continuar.

– Nós ficaremos bem – interrompeu David, indignado. – Não somos mais crianças.

Todos os quatro filhos sacudiram a cabeça com veemência. Eva não completou seu pensamento. Sabia que as crianças tinham razão. Era hora de deixar um pouco a barra da saia materna.

– Eu te amo. Nós te amamos – disse Frido por fim para ela. E então deu-lhe um beijo nos lábios que levou todos os quatro filhos a um suspiro coletivo, como se dissessem “Pais são simplesmente constrangedores”.

– Eu sei – respondeu Eva. Naquele momento ela precisava apenas voltar a se amar. Tinha algumas centenas de quilômetros à frente.

No banco de trás estava Anna, sentada com seu laptop desenhando o caminho da peregrinação das mulheres de terça-feira, que agora haviam se espalhado por todas as direções. Duas flechas, no entanto, seguiam para Colônia: as de Kiki e de Caroline.

Estranho. O escritório não estava fechado? Àquela hora? Caroline girou irritada a chave na porta de seu escritório. Junto com Kiki e Max, voltou de trem. Temia que Philipp, que sabia exatamente quando deveria aterrissar, pudesse esperá-la no aeroporto. Tinha decidido pegar o carro, que esperava na garagem, num outro momento. Mais importante era ter um pouco mais de tempo para pensar. Caroline esperava que doze horas de trem bastariam para chegar a uma decisão. O que era correto? Falar? Perdoar? Entrar imediatamente com o pedido de divórcio?

Na baldeação em Paris Montparnasse, de onde queriam seguir de metrô para Paris Nord, ela se perdeu de Kiki e Max. Kiki convencera Max a passar uma noite em Paris. Caroline invejava o carinho que demonstravam desbragadamente um pelo outro. Era um belo casal, apesar da diferença de idade. Mas Caroline tinha a leve suspeita de que Kiki queria ir para Paris também a fim de postergar mais um dia o confronto com Thalberg. Max não fazia segredo de que colocaria fim aos segredos assim que chegassem em Colônia. Mentiras eram bumerangues, foi o que aprendeu.

A partir de Paris, restavam quatro horas para Caroline. Quando o trem Thalys chegou na estação central de Colônia, Caroline decidiu fazer o mesmo que Kiki. Passaria a noite no escritório e se encontraria de manhã com Philipp. Depois dos dormitórios franceses, uma noite no sofá do escritório não assustava.

Enfurecida, fez uma pausa. Que era aquilo? Luz? A essa hora? Colegas curiosos eram a última coisa de que ela precisava. Uma das

imponentes poltronas giratórias no lobby moveu-se. Com esforço, Philipp levantou-se.

– Sabia que primeiro você viria ao escritório – disse ele num tom amigável. Parecia mais magro, suas bochechas estavam caídas, sob os olhos despontavam olheiras escuras. A ligação de Judith tinha soado o alarme para ele. Caroline se esforçava para digerir o choque. Não queria cumprimentá-lo, não queria falar com ele, não queria absolutamente nada. Não queria ser atacada daquela forma. Após a viagem de peregrinação, não podia aguentar nenhuma outra surpresa de Philipp.

– Fiz algo muito idiota. E agora procuro uma boa advogada que ajude a botar minha vida em ordem – abriu a conversa.

Quanto tempo teria levado para pensar na introdução adequada? Seu texto soava como se tivesse treinado diante do espelho. Com a cara adequada de penitente.

– Não serei eu – engasgou Caroline. Não gostou de Philipp surpreendê-la daquela forma.

– Eu terminei tudo – explicou Philipp num tom que sugeria que ele estava orgulhoso.

– Com todas? Ou apenas com as amigas das quais eu sei?

Philipp percebeu que não podia continuar daquele jeito.

– Que preciso fazer para te convencer de que estou sendo honesto?

Philipp pensou de verdade que havia uma receita fácil? Ele esperava realmente uma resposta?

– Não é você. Não apenas – confessou Caroline. – Somos nós. O trabalho, amigos, esporte, congressos, as minhas amigas. Tudo era mais importante para nós que passar tempo juntos. Levamos vidas separadas há anos, Philipp.

Custava muito para ela ver a verdade nos olhos. Não tinha sentido furtar-se à responsabilidade. Judith tinha razão: havia uma porta que continuava aberta. Philipp viu suas esperanças afundarem.

– Aquilo com Judith não significou nada para mim – afirmou com os olhos fiéis de um cachorro salsicha. – Estou na crise de meia-idade.

Judith assumiu a responsabilidade. Caroline estava disposta a se responsabilizar pela sua parcela no desastre particular. E seu marido apela para os hormônios aos quais um homem estaria desesperadamente a mercê após os melhores anos. Se fosse pelo menos amor, algo grande, uma força da natureza. Mas Philipp veio com a crise da meia-dade. Não gostou de como ele falou sobre sua amiga. Como se Judith não contasse. Caroline, que até aquele momento conseguira de alguma forma manter a compostura, sentiu como a fúria quis tomar conta dela.

– Queria que você fosse embora – falou ela, dura.

Philipp não conseguia acreditar.

– Você vai jogar fora 25 anos de casamento?

– Você quem fez isso, Philipp. Com seus casinhos.

– Isso é passado, Caroline – suplicou Philipp.

Sua presunção a atingiu em cheio. Estava claro que Philipp achava que o casamento funcionava de acordo com o princípio do desconto. Segundo o número de anos juntos, conseguia automaticamente uma segunda chance.

– Preciso de tempo para pensar. E para os meus hobbies – falou ela, de improviso.

– Desde quando você tem hobbies, Line?

Não, ela não explodiria. Não, não, não.

– Desde hoje – anunciou e buscou o celular na mochila. Max tinha gravado para ela no trem números de seu celular via Bluetooth. Música era ainda melhor que pão crocante. Era só enfiar o fone de ouvido na orelha e despedir-se de todos os ruídos incômodos. Caroline aumentou bem o volume. Os Poppys cobriam com suas vozes alegres de meninos tudo que Philipp tinha a dizer.

Non, non, rien n'a changé.

Nada havia mudado, que bobagem. Após Lourdes, não restou pedra sobre pedra. Deveriam lidar com aquilo. Amanhã. Depois de amanhã. Mas não hoje. Hoje ela cantava com os Poppys e afirmava que tudo continuava igual.

Philipp já estava com a maçaneta na mão quando a voz de Caroline ressoava pelo escritório. Alta e muito peculiar. Philipp nunca soubera

que sua mulher podia cantar. Começou a perceber que não sabia de muita coisa.

Caroline dançava e cantava pelo escritório e buscava entre os textos jurídicos, pastas de casos e as edições reunidas da revista jurídica *Neue Juristische Wochenschrift* um lugar adequado para o souvenir mais importante: uma estátua de Maria em madeira que podia ser comprada em Lourdes aos milhares e barato. Artigo de massa *made in* Extremo Oriente. E ainda assim, ela emanava um brilho mágico que iluminava a sala escura. Aquilo não era comprovável, mas para Caroline imaginável. Maria havia marcado sua biografia. E para isso ela não precisou acreditar, nem mesmo ser católica.

— Isso é necessário? — perguntou, lamentosa.

Max simplesmente continuou a puxar Kiki. Ela conhecia os Thalberg o suficiente para imaginar como reagiriam quando Max a apresentasse no meio do campo de golfe. Kiki lera na internet que pesquisadores suecos descobriram que jogadores de golfe viviam cinco anos a mais que não jogadores de golfe do mesmo sexo e idade. Kiki temia que fosse apenas para jogadores suecos de golfe, pois aquilo que estava diante do distinto casal no buraco nove provavelmente não contribuiria para o prolongamento de sua vida.

De longe, ela reconheceu o chefe. Johannes Thalberg vestia uma calça quadriculada, um colete branco com gola V de contraste azul e um óculos de armação branca *hype* com design assinado; sua mulher, ao lado, estava toda de branco. A primeira vez que Kiki encontrou a senhora Thalberg foi quando precisou buscar algo na nobre mansão de Marienburg. Na ocasião, também estava vestida toda em cores claras. Ela se encaixava de forma tão harmônica à decoração creme assinada que Kiki quase não a viu.

Kiki quase não percebeu nada de tanto nervosismo e não se deu conta de que Max não estava mais ao seu lado. O *greenkeeper*, um grande fã de Max, descobriu-o, abraçou-o efusivamente e não quis mais largá-lo de tanta felicidade pelo reencontro.

— Kiki — gritou Thalberg. Ficou claro que seu desenho liberara o tratamento informal. — Que coincidência, Kiki — comentou. — Os vasos. Desenhos incríveis. Simples, claros, convincentes. Não queira saber que porcarias cheias de detalhe eu recebi de seus colegas.

Kiki balançou a cabeça calada, buscou a mão de Max e pegou no vazio. Somente naquele instante ela percebeu que estava sozinha com os Thalberg.

– Em geral, esse é um motivo para um brinde – continuou Thalberg. – Mas infelizmente temos assuntos pessoais.

Max ainda estava ocupado com o *greenkeeper*. Ela caíra numa armadilha.

– Estamos esperando nosso filho com a nova namorada – explicou a senhora Thalberg, que não ligava para a discrição que o marido visivelmente mantinha em assuntos particulares. – Você nem reconhecerá nosso Max. Está tão mais aberto.

– Max tem mostrado até mesmo interesse na direção da empresa – Thalberg interrompeu a esposa. Não ajudou muito. A senhora Thalberg, tão falante, continuou falando.

– E o meu marido pensava que ele tinha um caso na empresa – riu a mulher.

Por fim, Max chegou e parou ao lado de Kiki.

– Não consigo. Não dá – sussurrou para ele.

Max abraçou Kiki gentilmente. As feições dos pais congelaram.

– As propostas de racionalização, as ideias para a nova linha de produto, as dicas de casamento, tudo vem de Kiki – explicou ele com piscadelas conspirativas para a mãe. Talvez não fosse uma apresentação diplomática, mas era eficiente. Dentro de poucos segundos Max deixou claro para os pais o que estava acontecendo. – O bom – continuou Max, impassível – é que vocês não precisam conhecer minha namorada. Já conhecem.

A mãe deu um fim ao episódio apavorante. Com perfeita compostura, apertou a mão de Kiki.

– Nos dê licença, por favor.

Fugindo e em discussão ferrenha, os pais de Max deixaram o campo de golfe. Kiki parecia infeliz. Era exatamente o que sempre temeu.

Max sorriu para ela:

– Acho que eles gostaram de você.

—Novamente para quatro? – perguntou Tom, cuidadoso.

– Exatamente como nos últimos meses – respondeu Caroline. Era a primeira terça-feira no mês e Caroline ainda estava sozinha na mesa da lareira do Le Jardin.

Tom tirou a placa de reserva e o quinto serviço de mesa. Luc olhou para o filho com uma expressão indiscernível. Demorou algumas semanas até que pudesse, de certa forma, juntar as peças sobre o que podia ter acontecido na viagem para a França. Até hoje não consegue se acostumar. Se ele sentia tanto o vazio do quinto lugar, como as mulheres deviam estar?

No corredor estava pendurada uma série de cartões-postais que elas tinham enviado nos últimos meses. Uma mostrava o Massif de la Clape e tinha sido assinado por todas as cinco. Ao lado havia um cartão de Judith, que havia meses trabalhava como voluntária em uma pousada para doentes. Em outro Eva escrevera durante seu caminho para Santiago de Compostela. O último veio do cabo Finisterra. “É um costume deixar algo do equipamento na escarpa, como sinal de que o caminho terminou. Deixei uma foto antiga minha lá”, escreveu no verso. De fato, Luc precisou olhar duas vezes quando uma Eva elegante, com frescor na aparência, entrava vívida no estabelecimento. Com casaco da moda e sem o rabo de cavalo relaxado, parecia dez anos mais jovem.

– Estou faminta – sussurrou para Luc quando ele, todo galante, a ajudou com o sobretudo.

– Não comeu em casa?

Eva balançou a cabeça.

– Nem cozinhei. Eles esquentam uma sobras no micro-ondas.

Ultimamente, conseguia viver com a perda de antioxidantes. Melhor ainda: estava no melhor caminho para dar mais um passo.

Orgulhosa, apresentou a Caroline seu novo tailleur. Não tinha perdido um grama, mas não escondia mais suas formas arredondadas.

– Tem algum compromisso mais tarde? – perguntou Caroline, surpresa.

– A médica, você sabe, com quem peregrinei os últimos 120 quilômetros. Estão buscando uma substituta de férias para ela no hospital. Amanhã posso me apresentar. Estou bem?

Ela deu uma pirueta perfeita diante de Caroline que, empolgada, aprovou com um balançar de cabeça. Luc pegou-se fazendo sinal de joia com o dedão.

– Se precisar de uma diarista, pense em mim! Estou à disposição – gritou uma voz atrás delas. Era Kiki, que entrou apressada. Como sempre, parecia um pouco desgrenhada.

– O velho Thalberg não se acalmou?

Kiki balançou a cabeça, triste:

– Não tinha tanto tempo livre há anos.

Luc sabia que Thalberg mandou Kiki embora uma semana após o lendário encontro no clube de golfe. Na mesa das mulheres de terça-feira, foi discutido à exaustão se Kiki deveria tomar medidas jurídicas contra isso. No fim, decidiu não fazê-lo. Até aquele momento, não quis provocar a vingança familiar. Esperava que a série de vasos facilitasse sua entrada em uma nova agência, pois tinham sido produzidos. Luc esperava todos os dias que os vinte exemplares que ele encomendou para o restaurante fossem entregues.

– Por isso ela se mudou com Max. Não se fala de outra coisa no clube de golfe – comentou Estelle, que nesse meio-tempo tinha entrado no Le Jardin. Vestida com perfeição, como sempre. Com manicure perfeita nas unhas. Achava que devia isso ao seu pai, que a vida toda deu duro com suas mãos castigadas. Muitos visitam o cemitério para lembrar dos parentes falecidos. Estelle ia à manicure.

– Compramos os móveis juntos – comentou Kiki. – Max a poltrona, eu, o sofá. Para o caso de não dar certo.

Luc sorriu por dentro. Depois de Matthieus, Michaels, Roberts e outras catástrofes, era um passo imenso para Kiki. Era meio caminho andado.

– E você? – Eva perguntou, olhando para Caroline.

Um silêncio pousou sobre a mesa da lareira. Todos os olhos voltaram-se para a advogada descolada que, nos últimos meses, não estava tão descolada assim. Luc, que estava a caminho da cozinha para servir as entradas, parou por um instante. Aquilo interessava a ele mais do que todo o resto. Havia preparado algo especial para suas mulheres de terça-feira. Algo que ia contra as regras implícitas às quais ele obedeceu por quinze anos. Algo que as surpreenderia. Tenso, ouviu como estava a vida de Caroline.

– Ainda falta tudo na casa nova – contou ela. – Um fogão, estantes, quinquilharias. Na última semana estive numa loja de móveis com a Fien. E Vincent trouxe o restante das caixas da mudança no fim de semana. É isso.

As amigas olhavam para ela, caladas. Aprenderam com Caroline. Se quiser saber de algo, precisa aprender a calar.

– Agora, Philipp e eu nos encontramos às vezes. Conversamos bastante – continuou Caroline. – É difícil.

Uma bateria de copos de champanhe tombou e derramou-se sobre Caroline. Luc se desesperou. Não era assim que imaginava a entrada da nova garçonete.

Ao lado da mesa da lareira estava Judith, enrubescida, olhando com vergonha. Nas mãos, girava constrangida a bandeja.

– Dominique me ensinou como servir, mas não tinha champanhe lá.

Caroline a encarava como se ela tivesse acabado de descer de uma nave espacial. Luc esfregava as mãos, nervoso. Esperava conhecer bem o suficiente suas meninas e ter interpretado bem os fiapos de conversa que conseguiu agarrar da mesa da lareira. Quando Estelle, Caroline e Kiki jantaram, as três, duas semanas após o fim da viagem, não tocaram no nome de Judith. Com o passar dos meses, as arestas afiadas da raiva foram polidas. “Como está Judith”, sempre se perguntava. Desde Lourdes, nenhuma delas

teve contato com a amiga. Quando, no último encontro de terça-feira, flagrou Caroline lendo às escondidas no corredor os cartões-postais de Judith, soube que devia agir. Fez algo que não ousou fazer em quinze anos. Intrometeu-se na vida de suas clientes. Escreveu um cartão-postal para Judith, que estava na França. Nele, anotou aquela data. E, embaixo dela, poucas palavras: "Não esqueça novamente que é a primeira terça-feira do mês." E 19h40, Judith surgiu no Le Jardin. Estava nervosa, insegura.

Eva foi a primeira a interromper o silêncio que dominava a mesa da lareira desde a aparição de Judith.

– Você falou com Dominique? – perguntou ela.

Judith negou com a cabeça.

– Nunca conversamos de verdade. Fiquei feliz por ele ter me aceitado como parte da equipe. Já foi muito.

– E você aguentou por quatro meses? – questionou Kiki.

– O bom é que ninguém tem tempo de resmungar. Você precisava ver nossos hóspedes. Pela primeira vez tive a sensação de estar fazendo algo útil.

O silêncio voltou. Caroline limpava com papel-toalha o último resto de champanhe de sua calça. Mesmo quando não havia mais nada a limpar. Judith olhou para Luc, insegura. Ele a encorajou com um balançar discreto com a cabeça.

– Toda primeira terça-feira eu pensei em vocês. Senti saudades – confessou Judith.

Caroline ainda estava pensando em como lidar com a situação.

– Eu me perguntava sempre como você estaria – Judith falou diretamente com Caroline. – Nunca me senti à vontade para te ligar.

Luc segurou a respiração. Naquele momento comprovaria se tinha avaliado bem as circunstâncias. Caroline levantou-se calada e puxou a quinta cadeira debaixo da mesa.

– Vocês ainda me aceitam? – perguntou Judith.

– Sem você a mesa não fica completa – admitiu Caroline.

Judith estava emocionada. Então, abraçou Caroline como se quisesse amassar sua nova velha amiga.

Luc sorriu de orelha a orelha. Deu um sinal para Tom encher novamente as taças de champanhe. Pouco depois, Estelle levantou sua taça:

– Às mulheres de terça-feira.

As taças tilintaram. Num instante, as vozes das cinco mulheres encheram o ambiente. Apenas naquele momento Luc percebeu como sentia falta da confusão que havia quinze anos preenchia seu restaurante toda primeira terça-feira do mês.

– Quando se pode peregrinar junto, consegue-se tudo na vida – declamou Eva, um pouco patética. Luc a entendeu. Se não era aquele o momento de ser patética, quando seria?

– O que vocês conseguiram com a peregrinação? Ela não me trouxe nada – Estelle comentou, indignada.

– Você só não admite – interrompeu Kiki.

– Calos na sola do pé – respondeu Estelle. – Isso conta como mudança?

– Você acha que eu teria falado tudo aquilo com Frido se tivesse desistido na primeira manhã? – intrometeu-se Eva.

Estelle não estava convencida.

– Coisa de Deus uma ova. Rosa, a porquinha, salvou sua vida.

Luc retirou-se sorrindo para sua cozinha, lá, onde se sentia melhor, nos bastidores. Antes de desaparecer na porta vaivém, virou-se novamente para Caroline.

Caroline recostou-se na cadeira e olhou para as amigas, o modo como falavam, gesticulavam, brigavam, sorriam, comiam e bebiam. Nada havia mudado, mesmo que tudo tivesse mudado. Caroline sorria em silêncio. Naquele momento, estava satisfeita. Consigo e com o mundo. E com tudo que estaria no seu caminho. Amanhã.

Agradecimentos

A Marc Conrad, que acompanhou as mulheres de terça-feira do primeiro momento com conselhos, ajuda e entusiasmo. Sem ele, a ideia desta história ainda estaria planando, sem rumo, no ar.

A Kerstin Gleba pela confiança, abertura e amizade, pelos novos conhecimentos e novos mundos. Não existe coincidência.

A Peter Stertz (sua teimosia era minha obrigação) e Michaela Röhl.

A Marie Amsler e Rudi por sua carona entre Lourdes e Carcassonne, pela busca conjunta pelas vieiras de São Tiago nos Pirineus e pelas ajudas francesas de toda sorte.

Ao padre Uwe Barzen, pela pastoral alemã em Lourdes, Sophie Loze e os voluntários do Hospitalité, que compartilharam seu olhar sobre Lourdes.

A Jörn Klamroth, que possibilitou a filmagem, e Claudia Luzius, que supervisionou o roteiro.

A Haide e Karl-Heinz Peetz, pelo apoio constante.

A Peter Jan Brouwer, Lotte e Sam. Por tudo.

Índice

CAPA

Ficha Técnica

1

2

3

4

5

6

7

8

9

10

11

12

13

14

15

16

17

18

19

20

21

22

23

24

25

26

27

28

29

30

[31](#)
[32](#)
[33](#)
[34](#)
[35](#)
[36](#)
[37](#)
[38](#)
[39](#)
[40](#)
[41](#)
[42](#)
[43](#)
[44](#)
[45](#)
[46](#)
[47](#)
[48](#)
[49](#)
[50](#)
[51](#)
[52](#)
[53](#)
[54](#)
[55](#)
[56](#)
[57](#)
[58](#)
[59](#)
[60](#)
[61](#)
[62](#)
[63](#)
[64](#)
[65](#)
[66](#)

[67](#)

[68](#)

[69](#)

[70](#)

[71](#)

[72](#)

[73](#)

[74](#)

[75](#)

[76](#)

[77](#)

[78](#)

[79](#)

[80](#)

[Agradecimentos](#)

NICHOLAS MONTEMARANO

O Livro do Porquê

a vida se encarrega
das respostas

ROMANCE



"O Livro do Porquê explora os profundos poderes do coração e da mente que moldam o mundo à nossa volta, borrando as fronteiras entre perda e amor, destino e livre-arbítrio, desespero e alegria." Goodreads

leYa

O livro do Porquê

MONTEMARANO, NICHOLAS

9788580448900

272 páginas

[Compre agora e leia](#)

Eric Newborn está acostumado a lidar com pessoas cujas vidas estão em crise. É um aclamado autor de diversos livros motivacionais e também um inspirado palestrante. No entanto, quando sua esposa morre, a angústia o toma de forma inescapável. Não existe cura fácil, nenhum clichê é capaz de consolá-lo, nada preenche o enorme vazio deixado pela perda. Ele se recolhe com sua cadela, Ralph, em sua isolada casa em Martha's Vineyard. Cinco anos mais tarde, em uma noite agitada de tempestade, um carro sofre um acidente em frente a sua casa e uma mulher bate à porta, procurando ajuda. Sam é uma admiradora que estava a procura de Eric, convencida de que ele saberia dar sentido às coincidências que, simultaneamente, destruíram e deram nova cor à vida dela. À medida que Eric e Sam orbitam um em torno do outro, como constelações em um gigantesco universo, eles se põem a buscar respostas para suas perguntas, e encontram significados em sinais que às vezes ignoramos diariamente. Uma poderosa história de amor e um mergulho profundo no funcionamento da alma, O Livro do Porquê é um romance delicado e instigante, que nos faz refletir sobre a natureza da felicidade humana.

[Compre agora e leia](#)

**a
bruxa
não vai para
a fogueira
neste livro**

amanda lovelace



A bruxa não vai para a fogueira neste livro

Lovelace, Amanda

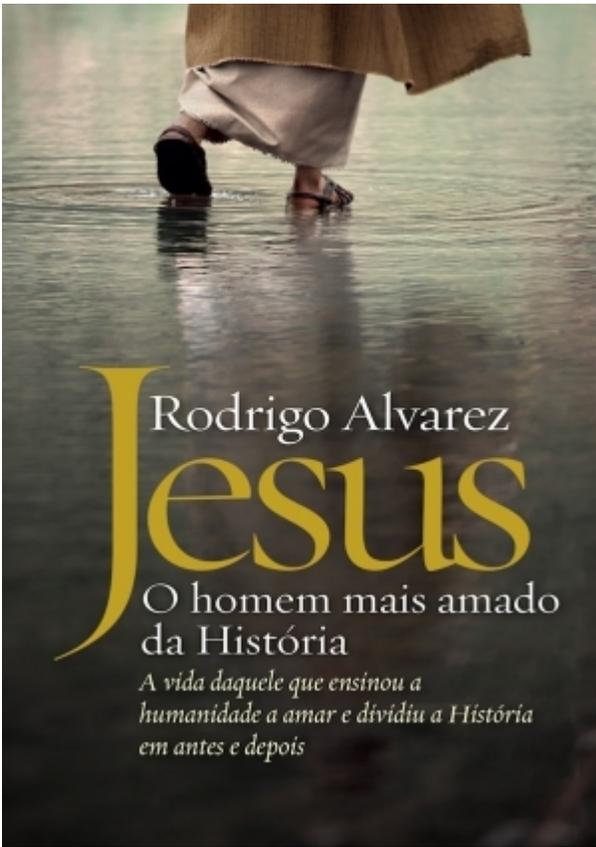
9788544107027

208 páginas

[Compre agora e leia](#)

Aqueles que consideram "bruxa" um xingamento não poderiam estar mais enganados: bruxas são mulheres capazes de incendiar o mundo ao seu redor. Resgatando essa imagem ancestral da figura feminina naturalmente poderosa, independente e, agora, indestrutível, Amanda Lovelace aprofunda a combinação de contundência e lirismo que arrebatou leitores e marcou sua obra de estreia, *A princesa salva a si mesma* neste livro, cujos poemas se dedicavam principalmente a temas como relacionamentos abusivos, crescimento pessoal e autoestima. Agora, em *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro, ela conclama a união das mulheres contra as mais variadas formas de violência e opressão. Ao lado de Rupi Kaur, de *Outros jeitos de usar a boca* e *O que o sol faz com as flores*, Amanda é hoje um dos grandes nomes da nova poesia que surgiu nas redes sociais e, com linguagem direta e temática contemporânea, ganhou as ruas. Seu *A bruxa não vai para a fogueira* neste livro é mais do que uma obra escrita por uma mulher, sobre mulheres e para mulheres: trata-se de uma mensagem de ser humano para ser humano – um tijolo na construção de um mundo mais justo e igualitário.

[Compre agora e leia](#)



Rodrigo Alvarez
Jesus
O homem mais amado
da História

*A vida daquele que ensinou a
humanidade a amar e dividiu a História
em antes e depois*

Jesus, o homem mais amado da História

Alvarez, Rodrigo

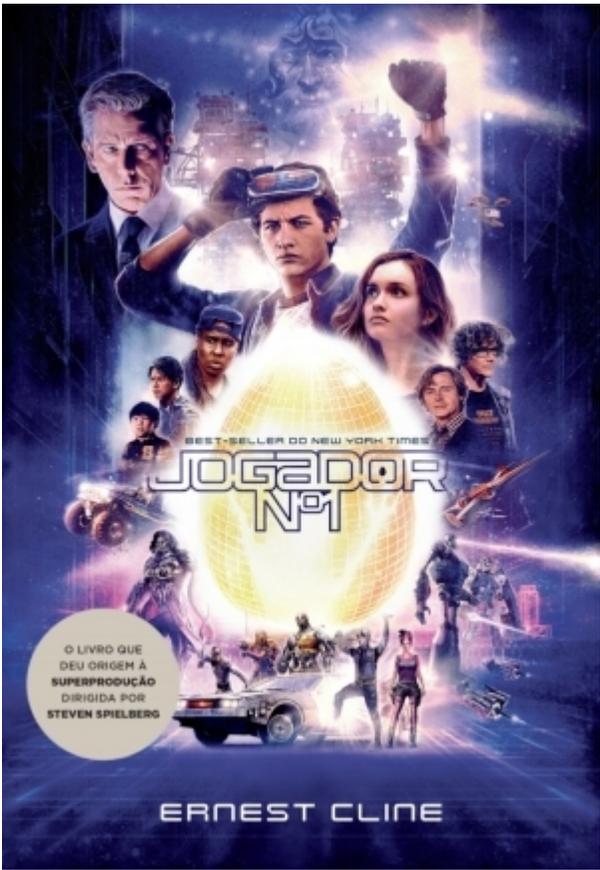
9788544106440

368 páginas

[Compre agora e leia](#)

Escrito pelo autor laico brasileiro que mais vende livros de temática religiosa no Brasil, Jesus – O homem mais amado da História: a biografia daquele que ensinou a humanidade a amar e dividiu a História em antes e depois é o livro mais atual sobre a vida do homem cuja história mantém seu vigor e interesse há mais de dois mil anos. O escritor e jornalista Rodrigo Alvarez tomou como base as fontes arqueológicas e bibliográficas mais recentes, além das mais antigas (entre eles diversos manuscritos originais), e viajou pelos mesmos lugares percorridos por Jesus em seu tempo para reconstituir os passos do pregador que, ao mesmo tempo Deus e homem, ensinou a amar, mudou o curso da humanidade e dividiu a História em antes e depois. Com uma narrativa elegante, acessível e guiada pelos fatos, além de ricamente ilustrado, Jesus – O homem mais amado da História é um livro sobre um Jesus de antes do cristianismo e de todas as suas divisões futuras – e que mostra a todos os leitores, cristãos ou não, a relevância e a permanência de sua trajetória e de seus ensinamentos.

[Compre agora e leia](#)



BEST-SELLER DO NEW YORK TIMES

JOGADOR Nº1

O LIVRO QUE
DEU ORIGEM À
SUPERPRODUÇÃO
DIRIGIDA POR
STEVEN SPIELBERG

ERNEST CLINE

Jogador nº 1

Cline, Ernest

9788580444728

464 páginas

[Compre agora e leia](#)

Agora uma megaprodução de Steven Spielberg para os cinemas. Cinco estranhos e uma coisa em comum: a caça ao tesouro. Achar as pistas nesta guerra definirá o destino da humanidade. Em um futuro não muito distante, as pessoas abriram mão da vida real para viver em uma plataforma chamada Oasis. Neste mundo distópico, pistas são deixadas pelo criador do programa e quem achá-las herdará toda a sua fortuna. Como a maior parte da humanidade, o jovem Wade Watts escapa de sua miséria em Oasis. Mas ter achado a primeira pista para o tesouro deixou sua vida bastante complicada. De repente, parece que o mundo inteiro acompanha seus passos, e outros competidores se juntam à caçada. Só ele sabe onde encontrar as outras pistas: filmes, séries e músicas de uma época que o mundo era um bom lugar para viver. Para Wade, o que resta é vencer - pois esta é a única chance de sobrevivência. A vida, os perigos, e o amor agora estão mais reais do que nunca.

[Compre agora e leia](#)